Rocco
DIÁRIO DE TRABALHO BERTOLT BRECHT

DIÁRIO DE TRABALHO

BERTOLT BRECHT

Volume II
1941-1947

Rocco

Mesmo sem resvalar para o *pathos* do diário íntimo, o Brecht que circula nas páginas deste volume não consegue se esquivar ao impulso de tratar em vários momentos de assuntos ditos pessoais. Dez dias depois do desembarque no porto de San Pedro deparamos com este desabafo: "Em quase nenhuma outra parte minha vida foi mais difícil do que aqui neste mausoléu do *easy going*. ... E justamente aqui me falta Grete. É como se me tivessem tirado meu guia bem na entrada do deserto." A partir daí se sucedem os registros de embates e colisões do diarista com sua circunstância. Note-se desde logo que Brecht, por sua vez, não procura aliviar a barra nem para si nem para os outros. Na verdade pega pesado o tempo todo. O pano de fundo da Segunda Guerra Mundial, que é entrevisto e comentado por ele com a argúcia que lhe é própria, concorre para alimentar essa visão hostil a qualquer tipo de complacência. O forasteiro nascido em Augsburg, na Baviera, é desde 1933 um nômade forçado mas infatigável, que aprendeu a ver o mundo à sua volta com desapego e distanciamento. Daí a luz mordente e causticante que esse cultor da dialética (o mesmo que disse certa vez "necessitar sempre da espora da contradição") faz incidir sobre seus companheiros alemães de exílio. Dos efeitos corrosivos dessa luz

provaram, por exemplo, os escritores Thomas Mann, Erich Maria Remarque, Emil Ludwig e Franz Werfel, os mestres Max Horkheimer e Friedrich Pollock do célebre Instituto de Pesquisas Sociais de Frankfurt e alguns atores e diretores de teatro e cinema que emigraram para os Estados Unidos após a chegada dos nazistas ao poder. Ainda assim, é deste círculo de refugiados que vêm os acenos de boa vontade e os gestos de acolhida. Só que, para quem espera ganhar a vida escrevendo argumentos e roteiros para o cinema, Hollywood não demora a mostrar sua natureza insondável e suas intrincadas e imbatíveis regras de cooptação-rendição. Seguem-se desapontamentos e frustrações em série. Um acontecimento positivo e auspicioso como a montagem de *Galileu* em Nova York ocorre muito tarde e coincide com a convocação de Brecht para depor perante a Comissão do Senado que investiga atividades anti-americanas. Isto soa como um alarme. Um dia depois da audiência no Senado americano, e nove dias antes da estréia de *Galileu* na América, Brecht empreende a viagem de volta para a Europa.

Volume I: 1938-1941 (Dinamarca, Suécia e Finlândia)
Volume II: 1941-1947 (América)
Volume III: 1947-1955 (Suíça e Berlim)

Que estas notas contêm tão pouca coisa pessoal decorre não só do fato de que eu mesmo não me interesso muito por assuntos pessoais (e não disponho realmente de um modo satisfatório de apresentá-los), mas principalmente do fato de que desde o começo previ ter de levá-las através de fronteiras cujo número e qualidade era impossível predizer. Este último pensamento me impede de escolher quaisquer outros tópicos que não sejam literários.

– BERTOLT BRECHT

ISBN 85-325-1885-0

DIÁRIO DE TRABALHO

LER
Rua [illegible]rante [illegible]
Centro - Niterói
Tel.: 2622-7333

BERTOLT BRECHT

DIÁRIO DE TRABALHO

Organização de Werner Hecht

Volume II
1941-1947

Tradução de
REINALDO GUARANY e
JOSÉ LAURENIO DE MELO

Rocco

Título original
ARBEITSJOURNAL

Copyright © Stefan S. Brecht 1973
Todos os direitos reservados a Suhrkamp Verlag, Frankfurt am Main
© Notas Suhrkamp Verlag, Frankfurt am Main, 1973

Direitos para a língua portuguesa reservados
com exclusividade para o Brasil à
EDITORA ROCCO LTDA.
Rua Rodrigo Silva, 26 – 4º andar
20011-040 – Rio de Janeiro – RJ
Tel.:(21) 2507-2000 – Fax: (21) 2507-2244
rocco@rocco.com.br
www.rocco.com.br

Printed in Brazil/Impresso no Brasil

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte.
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

Brecht, Bertolt, 1898-1956
B841d Diário de trabalho, volume 2: América, 1941-1947/Bertolt Brecht;
v. 2 organização de Werner Hecht; tradução de Reinaldo Guarany e José Laurenio de Melo. – Rio de Janeiro: Rocco, 2005.

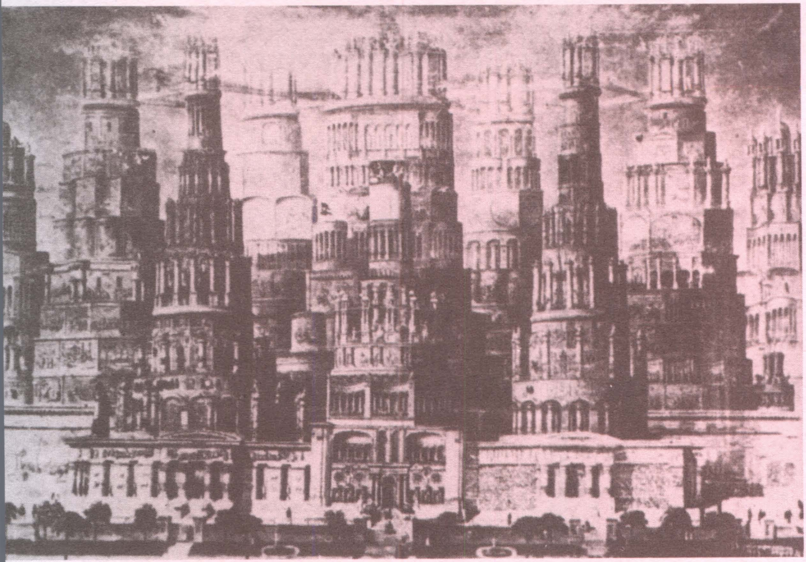
Tradução de: Arbeitsjournal
ISBN 85-325-1885-0

1. Brecht, Bertolt, 1898-1956. – Diários. I. Hecht, Werner, 1926-. II. Título.

CDD – 838
05-0902 CDU – 821.112..2-94

América

21 jul. 41 – 31 out. 47



MONUMENTO AMERICANO DE ERASTUS FIELD
O artista admitiu que podia haver imperfeições.

21. 7. 41

Chegamos a San Pedro, o porto de Los Angeles. Martha Feuchtwanger e o ator Alexander Granach nos esperavam no cais. Elisabeth Hauptmann conseguiu por meio de uma amiga alugar um *flat* para nós. Ela mesma tem um *job* perto de Nova York.

22. 7. 41

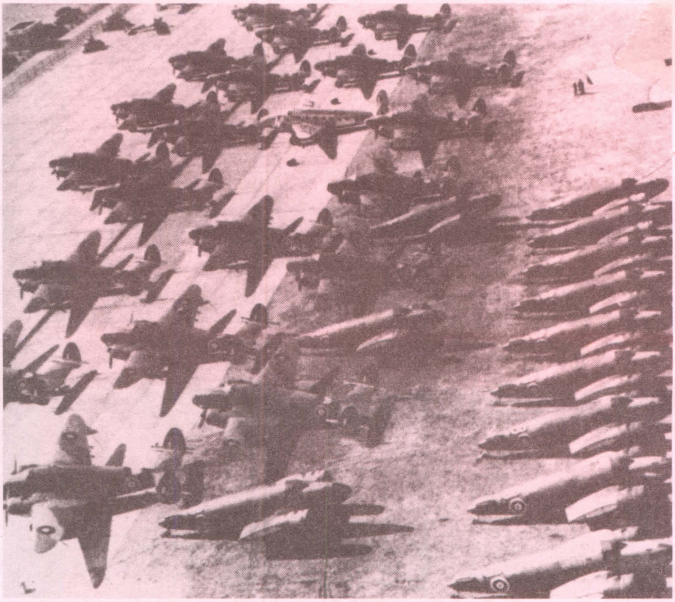
Feuchtwanger mora em Santa Monica numa casa grande em estilo mexicano. Sua personalidade não mudou, mas a aparência envelheceu. Está trabalhando numa peça sobre um astrólogo e charlatão alemão para o teatro daqui. Seu conse-

A América tem muito que aprender com o que sucedeu à Democracia Francesa. Uma de nossas melhores reportagens é a de Lion Feuchtwanger, "Lost Souls Limited", em que ele descreveu a tragédia da queda da França. No centro da foto Lion Feuchtwanger num campo de internamento: ele esteve em Les Milles e Nîmes até a capitulação da França.

lho é que fiquemos aqui, onde é mais barato do que em Nova York, e onde há mais oportunidades de ganhar dinheiro.

1.8. 41

Em quase nenhuma outra parte minha vida foi mais difícil do que aqui neste mausoléu do *easy going*. A casa é bonita demais, e aqui minha profissão é cavar ouro; os felizardos garimpam na lama grandes pepitas do tamanho do teu punho e de que todo mundo fala durante algum tempo; quando ando, ando nas nuvens como uma vítima da pólio. E justamente aqui me falta Grete. É como se me tivessem tirado meu guia bem na entrada do deserto.



Bombardeiros Hudson construídos pelos americanos para a RAF aguardam embarque.

Winston Churchill em sua casa em Chartwell em 1938.
Foto de *Life*.

Churchill (continued)

A third and somewhat irreverent picture of Mr. Churchill mischievously refuses to be forgotten. It is a still life of a plump, middle-aged gentleman looking at an array of bottles of whisky, brandy, champagne and liqueurs. When he was in America he liked to have his little stock of bottles so arranged that he could see it from his bed.

Mr. Churchill enjoys a drink. I have noticed that it seems to renew his strength and energy; it brings a sparkle to his eye and added fire to his manner. "You can't make a good speech on iced water," I have often heard him say.

At home or on travel, at work or on holiday, Churchill drinks a glass of dry sherry at midmorning and a small bottle of claret or Burgundy at lunch. To Mr. Churchill a meal without wine is not a meal at all. When he is in England he sometimes takes port after lunch, and always after dinner. It is at this time that his conversation is most brilliant. In the late afternoon he calls for his first whisky and soda of the day. Like most Englishmen he drinks it without ice. He likes a bottle of champagne at dinner. After the ritual of port, he sips the very finest Napoleon brandy. He may have a highball in the course of the evening.

Mr. Churchill, though never a heavy eater, is a connoisseur of good food. But one cannot exactly call him a gourmet because he has not the gourmet's love of complicated and exotic dishes.

He enjoys a perfectly done lamb chop and considers soups "a good culinary institution." He is fond of seafood, especially clams and American oysters which are larger than those in Europe. When in the U. S., he would often build a whole meal around fish. He insists upon having his meat roasted, because in roasting none of the juices and none of the flavor is lost.

"I want some solid, substantial sandwiches," he once announced to a head waiter who was preparing him a picnic lunch. "Get hold of a large loaf, and don't cut the slices too thin—or too thick, either. Trim the crust off the edges and put plenty of butter on the bread. Please see to it there's enough beef for us to know it's a beef sandwich. And make certain that the beef comes clear to the edge of the bread. I don't like to bite twice into a sandwich before I can tell what's inside of it."

All this was rattled off with a very pronounced lisp, which left the unfortunate waiter completely bewildered. "Never mind," said Mr. Churchill impatiently, when he realized the man had not taken in a word, "bring me some paper and a pencil." And then and there he proceeded to illustrate the exact size and thickness of the sandwiches with a series of quick sketches, little blueprints of gastronomical architecture.

9. 8. 41

Sinto-me como se me tivessem exilado de nosso tempo. Isto aqui é Taiti na forma de uma cidade grande; neste exato momento estou vendo um jardinzinho com gramado, arbustos cheios de flores vermelhas, uma palmeira e móveis brancos de jardim; uma voz de homem canta alguma coisa sentimental acompanhando-se ao piano – não é um rádio. Eles têm natureza aqui, realmente, e já que tudo é tão artificial, exibem uma exagerada ternura pela natureza, que chega a ser alienada. Da casa de Dieterle avista-se o vale de San Fernando; um contínuo e ofuscante fluxo de automóveis atravessa barulhento a natureza; mas dizem que todo o verde é extraído do deserto pelos sistemas de irrigação. Esfole a superfície e o deserto aparece: pare de pagar as contas de água e tudo pára de florescer. A 15 mil quilômetros de distância o sangrento massacre, que está decidindo nosso destino de um lado a outro da Europa em seu ponto mais largo, é só um eco na gritaria do mercado de arte daqui.

[agosto 41]

Walter Benjamin se envenenou em alguma cidadezinha da fronteira espanhola. A guarda nacional deteve o pequeno grupo de que ele fazia parte. Quando os outros foram lhe dizer na manhã seguinte que tinham permissão de seguir viagem encontraram-no morto. Li o último artigo que ele enviou ao Instituto de Pesquisas Sociais. Günther Stern me deu o artigo, comentando que é complexo e obscuro, acho que também usou a palavra "belo". O pequeno ensaio trata de pesquisa histórica e podia ter sido escrito depois da leitura do meu *César* (que B[enjamin] não achou grande coisa quando o leu em Svendborg). B[enjamin]

rejeita a noção de história como um *continuum*, a noção de progresso como um poderoso empreendimento levado a cabo por cabeças frias e lúcidas, a noção de trabalho como fonte da moral, dos operários como *protegés* da tecnologia etc. Ridiculariza a opinião corrente que acha espantoso o fato de o fascismo "ainda ser possível neste século" (como se não fosse o fruto de todos os séculos). Em suma, o pequeno ensaio é claro e enfoca questões complexas com simplicidade (apesar de suas metáforas e seus judaísmos) e é assustador pensar que são poucas as pessoas preparadas até para compreender mal esse trabalho.

[agosto 41]

E agora aos sobreviventes! Numa *garden party* na casa de Rolf Nürnberg encontrei a dupla de palhaços Horkheimer e Pollock, os dois tuis do Instituto de Sociologia de Frankfurt. Horkheimer é milionário, Pollock apenas vem de uma família próspera, o que quer dizer que Horkheimer pode comprar para si uma cátedra universitária que sirva de "fachada para as atividades revolucionárias do

O Marechal Semyon Timoshenko, à direita, instruindo oficiais do Exército Vermelho.

instituto" onde quer que ele esteja; por enquanto está em Colúmbia, embora, desde que a caça aos vermelhos começou em grande escala, Horkheimer tenha moderado o impulso de "vender a alma, que é mais ou menos o que você sempre tem de fazer nas universidades", e tenha ido para o Oeste, onde o paraíso espera. Chega de louros acadêmicos! – Conseguem sustentar uma dúzia de intelectuais com seu dinheiro, e estes em troca têm de produzir colaboração para a revista sem nenhuma garantia de que será publicada. Isto lhes permite afirmar que "poupar o dinheiro do instituto tem sido sua principal tarefa revolucionária todos estes anos".

4. 10. 41

Tentando pensar em assuntos para filmes falo a Reyher do plano para *Joe Fleischhacker in Chicago*, e duas horas depois o transformamos num argumento do filme *O rei do pão aprende a fazer pão.* Não existe pão de verdade nos Estados Unidos e eu gosto do meu pão. Minha principal refeição é à noite, pão com manteiga. R[eyher] é de opinião que os americanos ainda são nômades, e nômades não sabem nada de comida. Para isso é preciso estudar o que o solo produz etc. Eles não têm o que fazer com pão de verdade, já que não se pode vendê-lo fatiado, que é como ele tem de ser para que possam comê-lo andando ou em pé onde por acaso tenham parado. Realmente são nômades, trocam de profissão como quem troca de sapato, constroem casas para durar 20 anos e nem ficam nelas tanto tempo, de modo que o lar não é nenhuma localidade específica. Não é sem razão que a *grande bagunça* cresceu aqui com tanta exuberância.

A greve geral na Bethlehem Steel começou às 9 da noite.

5. 10. 41

Churchill com o Sargento Thompson, seu guarda-costas.

O conflito de interesses entre diversos grupos da França e da Grã-Bretanha em relação à política externa se tornou rápida e progressivamente mais agudo nas últimas décadas. Esses países quase não lutam mais como nações. O Banco

da França passou das mãos dos conservadores ingleses para as dos industriais do Ruhr (em plena guerra), porque pensavam que estando do lado alemão podiam derrotar melhor o povo francês. – *The wrong war* é como a história realmente chamará esta guerra.

O cavalheiro de Omsk. Os trabalhadores cantavam "Levantai-vos, escravos".

7. 10. 41

7.10.41

Hitler hurls 6000 planes, 2 armies against Moscow

This explosive phase of the current controversy coincided with return from Rome of Myron C. Taylor, who is Roosevelt's special emissary to the Vatican, and with some remarks on the subject by Mrs. Eleanor Roosevelt.

Mrs. Roosevelt's reference to the dispute came during her regular Sunday broadcast which is sponsored by coffee interests. She said there never had been any question in Russia of preventing people from getting together to form a church but that the difficulty arose in connection with education, especially education of young men for the priesthood.

She remarked also that there is no real difference in the form of the Soviet Union government today and "the other dictatorship governments."

Father Walsh issued a statement demanding an end to "shadow boxing" on the question of religious freedom and calling on Roosevelt indirectly to compel Stalin to make good on constitutional guarantees.

Exchange of prisoners cancelled

By JOHN A. PARRIS JR.

NEWHAVEN, England, Tuesday, Oct. 7.—(UP)—British authorities today canceled the scheduled start at dawn of an exchange of British and German war prisoners after a new hitch in the repatriation plans developed over an apparent misunderstanding of the number affected.

"The German government have declared themselves ready to exchange about 100 prisoners," the broadcast was quoted. "These are aboard ship at Newhaven. With regard to further development of this scheme, diplomatic negotiations still are in progress."

Anti-Religious Red Paper Quits

MOSCOW, Oct. 6.—(AP)—The Soviet magazine "Anti-Religioznik," bi-monthly organ of the militant Atheist League, suspended publication today.

The magazine served as a guide of the same society which published the newspaper Bezbozhnik (Godless), which previously had ceased to appear. The reason given in both cases was to conserve paper.

MINER: ✶ WAR

CANTERBURY 'PROUD' OF RUSS

LONDON, Oct. 6—(AP) The Archbishop of Canterbury told the Canterbury Diocesan Conference today that "we may well be proud of our new ally," Soviet Russia, because of the manner in which she was waging "the battle for world freedom" with "heroic courage and tenacity."

"The true soul of Russia has just emerged," declared the archbishop, who is the ranking prelate of the church of England.

"Can we doubt that with this rising up of a whole people there will come a revival of their deep and ineradicable sense of religion?"

The archbishop foresaw "closer relations between, on the one hand, a new Russia, united by affliction and emancipated from the errors of the past, and, on the other hand, the British commonwealth and the United States" after the war.

DETROIT, Oct. 6.—(UP)—The Ford Motor Co. today announced 20,000 workers in its River Rouge plant and other units would be dismissed tomorrow because of curtailment in civilian automobile production.

It was the motor industry's first major discharge of civilian workers.

The company indicated the men would not be recalled until the firm begins large scale production of defense orders—probably in six months.

Recortes dos diários americanos.

8. 10. 41

Discuti com Feuchtwanger sobre a onipotência dos historiadores. Ele diz, com um misto de espanto e triunfo, que acha notável o modo como os narradores assumem o comando da história, como Horácio "fez" Augusto, como os profetas bíblicos "construíram" os reis. Precisa de tudo isso para chegar à noção de que *ele* "no final das contas" determinará a opinião da posteridade sobre Hitler. Nosso ponto de partida é a fama póstuma de César. Quando ponho o retrato de Maquiavel ao lado do de Mommsen tudo o que ele é capaz de ver são escritores, indivíduos, gostos em ação. A "qualidade" das formulações deles é o que é então decisivo. Que Maquiavel veja um *condottiere*, Mommsen um monarca esclarecido, marchando com a burguesia etc., interessa pouco a F[euchtwanger], já que isto rouba ao Tui sua onipotência.

A partir da esquerda, Mussolini, Göring, Hitler na frente russa.

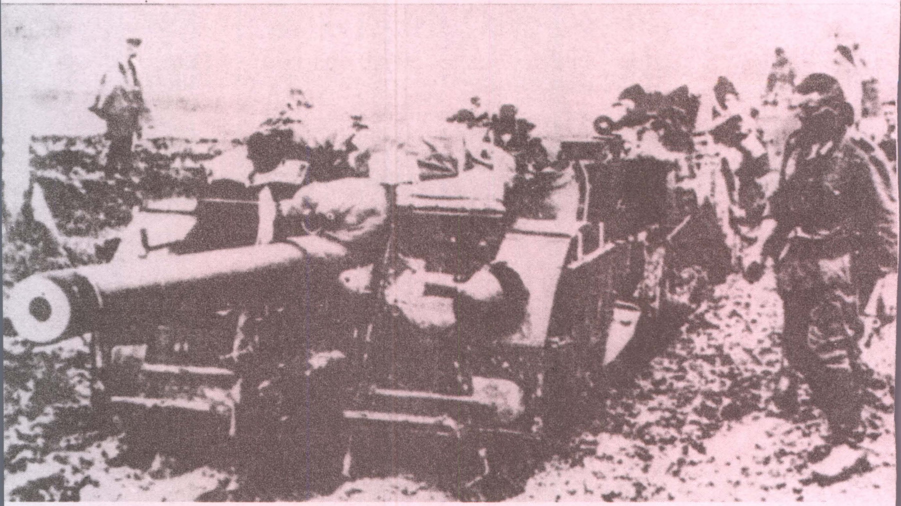
20. 10. 41

Noite em casa de Mankiewicz, que trabalha com O[rson] Welles, cujo filme *Cidadão Kane* (sobre Hearst, o magnata dos jornais) está sendo muito comentado.

Ben Hecht que veio de NY faz a Mankiewicz um delicioso relato de todos os *flops* de N[ova] Y[ork]. É uma espécie de presente para seu anfitrião. "Ninguém escreve mais peças sérias", diz ele. O efeito da crise de 29 e do New Deal parece esgotado, era fraco demais para pôr de pé a arte dramática. A Broadway triunfou e demonstrou ter um estômago como o de Mitridates para venenos mais fracos. Os exumadores de escândalos se transmutaram em *golddiggers*.

21. 10. 41

The wrong war continua. A carnificina das cabeças de Jano. A cada semana a guerra é prolongada por um ano. As únicas pessoas que ainda lidam com o futuro são os astrólogos. Na *villa* de Lang marmanjos, refugiados, escutam refestelados o astrólogo da corte britânica (um ex-autor de noveletas publicadas nos semanários ilustrados de Berlim), um meninão gordo que identifica a configuração dos astros em maio de 1940 como a causa da vitória de Hitler sobre a França. Ele fica muito zangado quando alguém insinua que, com a superioridade de Hitler em tanques e aviões, abril ou junho provavelmente apresentaria o mesmo resultado.



Canhões alemães atolados na frente russa.

22. 10. 41

Nota-se como a situação da arte dramática é bem diferente aqui e na Escandinávia. Lá os obstáculos eram todos nitidamente políticos, e isso não impedia ninguém de escrever. Aqui são agravados pelos decorrentes de um teatro totalmente comercializado. Digamos que Ben Hecht entra num bar e fala do plano de uma peça, isto é, dá uma idéia do ambiente (a morgue) e conta algumas *gags*. Logo aparece um colega que diz "*put me down with $1000, Ben*". Ainda que monstruoso, esse sistema poderia funcionar se a situação política fosse outra (talvez a situação no berço do capitalismo, na época elisabetana, não fosse muito diferente da de agora, no seu túmulo). Mas precisa-se da grande tábula rasa para dar certo, da sensação do começo e da platéia que está produtivamente preocupada com os negócios públicos, com a *res publica*.

22. 10. 41

Aqui a atitude para com o dinheiro denuncia o capitalismo colonial. Tem-se a impressão de que todo mundo aqui está onde está porque está de partida. Só está nos Estados Unidos para ganhar dinheiro. É nômade o teatro, feito por quem está de passagem, para quem está perdido. *Time is money.* Tipos pré-fabricados se reúnem no palco, os ensaios são simples trabalhos de montagem. Ninguém mora nas colônias.

25. 10. 41

Noite em casa dos Döblin. Casinha alugada com móveis por 60 dólares por mês da qual vão ter de sair, agora que ele foi *fired* junto com outros 8 que conseguiram contratos de *picture-writer* quando chegaram da França, inclusive Heinrich Mann. Ele não tem nada nem tem para onde ir, mas ainda mostra seu velho senso de humor berlinense. Que fazer? Para abrir um consultório teria de passar um ano estudando, para trabalhar de *healer* teria de falar inglês (não dá pra hipnotizar um homem e pedir a ele que me diga a palavra que eu quero dizer a ele). Talvez fosse possível extorquir alguma coisa da indústria cinematográfica se a gente pudesse montar um bordel para senhoras idosas, pois isso contribuiria para abrandar a censura que está em grande parte nas mãos dessas senhoras. – Sugiro a ele que modernize meia dúzia de clássicos.

26. 10. 41

Tarde em casa de Reichenbach. Ele é físico, trabalha na Universidade da Califórnia, empirista, lógico, discípulo de Einstein. Me cumprimenta pelos trechos sobre física no

Galileu e sobre o que há de história na peça, mas aí aparecem uns psicanalistas e eu desvio a conversa para a astrologia. E a crença na astrologia se transforma instantaneamente num complexo de mãe – a crença em Hitler é também uma coisa assim; depois há um pouco de narcisismo nisso, já que você faz com que as estrelas se envolvam com você etc. etc. R[eichenbach] fala de *wishful selection* em associação com as previsões, mas ele com sua nova lógica é indulgente também com os totemistas. Por minha vez quase não participo mais de discussões se não posso transformá-las em discussões de lógica.

26. 10. 41

Peças como as peças históricas de Shakespeare, dramatizações de capítulos de crônicas, sempre me parecem as mais próximas da realidade. Não há "idéia" nelas, nenhuma preocupação com o delineamento de um enredo, praticamente nenhuma atualidade. Tudo que a gente consegue é uma radioscopia de fatos estabelecidos com ocasionais correções no mesmo gênero de "qualquer outra coisa é praticamente impensável". Os cursos de arte dramática deviam começar por uma comparação entre *Rei João* de Shakespeare e a crônica da qual foi presumivelmente extraído. Em seguida as peças de Strindberg sobre reis. Seria naturalmente imperioso estudar onde ocorre glorificação ou desglorificação.

27. 10. 41

Korsch envia alguns ensaios de *Living Marxism*. Num deles faz um breve apanhado do estado da monopolização nos EUA, à luz do qual parece que os princípios democráticos não podem mais ter de fato função alguma. Em certo sen-

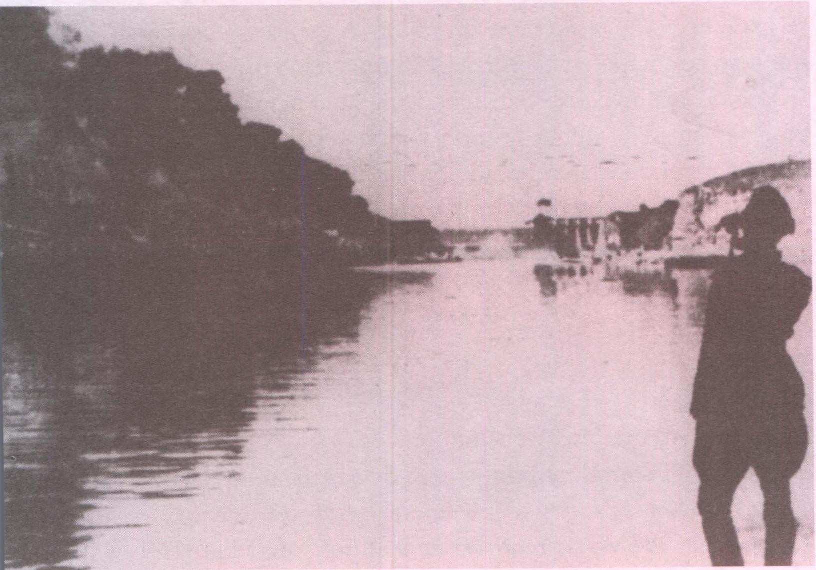
tido as similaridades dos dois grandes movimentos, fascismo e bolchevismo, que criaram as novas formas de Estado de acordo com a tendência comum para as economias planificadas, aparecem mais claramente do que as dissimilaridades. Há os partidos todo-poderosos, operando no parlamento e com formações paramilitares, as formas revolucionárias, as hierarquias, os sistemas policiais, os planos qüinqüenais, os métodos de propaganda, a militarização da juventude, os mitos, os preços controlados, as ondas de terror etc. etc, mas são também muito diferentes as classes sob cujo comando esta centralização (que custa muito caro a essas classes diversas) vem sendo implementada. A propósito, é possível que a própria contra-revolução fascista esteja poupando o proletariado de algumas medidas duríssimas ao executá-las (nos dois sentidos). Este é o tipo de coisa que as corporações fascistas fazem melhor do que os soviéticos. Pena que K[arl] K[orsch] não veja isso.

27. 10. 41

Salka Viertel, que escreveu muitos dos grandes filmes de Garbo, conta como, num filme que devia narrar a vida de Mme Curie, a cena que originalmente seria a principal foi cortada. Nela os Curie recusam uma vultosa oferta americana pelo método, por eles inventado, de produção do elemento químico chamado rádio, uma vez que, como cientistas, não podem transformar invenções em produtos de monopólio. A indústria não quis filmar a cena, apesar do entusiasmo inicial. É imoral fazer uma coisa por nada.

27. 10. 41

Os nazistas penetram na Criméia, ameaçam o Cáucaso, Leningrado e Moscou, os ingleses observam "com preocupação", mas Feuchtwanger demonstra o maior espanto se alguém duvida de que os russos ainda possam vencer. Qualquer dúvida lhe parece puro desvario. Estou muito contente.



Avançando sobre a Criméia.

27. 10. 41

Comemos em casa de Ludwig Hardt, o declamador, e a conversa gira em torno de Rilke ou da evolução do gosto à custa do apetite. Temos aqui novamente a "delicadeza" da burguesia alemã, a delicadeza do novo-rico que não é provocado por ninguém. O salão feudal, aquela escola da

burguesia, não existiu na Alemanha. Nem existe uma capital, com um mercado literário central, um fórum. A arte não tem vida, a vida é o pretexto para a arte. O que obtemos não são poemas com sentimento, mas poemas a respeito de sentimentos. O exemplo característico é o "famoso" (naturalmente não há essa coisa de fama autêntica nesse contexto) poema de Rilke sobre a pantera. Entra em cena uma criatura oprimida, privada de sua liberdade: o aristocrata! A beleza da fera, a inocência num plano superior, a natureza que é incontestável. O filisteu transforma o assunto em poesia, declara sua própria incompetência, mas pergunta o que deve estar sentindo, tendo caído em nossas mãos? – Não é, sem dúvida, a aristocracia alemã, mas a francesa, a estrangeira.

Depois a conversa se volta para Goethe, que, quando é delicado, pelo menos não transforma tudo em *delicatessen*. Sua insegurança em questões de gosto é interessante, e, mais interessante ainda, é como sua ocasional escorregadela na banalidade, como no verso "esse eterno morrer e vir-a-ser" do grande poema inspirado em Hafiz, empresta ao conjunto uma certa qualidade elementar.

1. 11. 41

Feuchtwanger conta que *Colliers* rejeitou um artigo seu sobre Hitler porque continha *wishful thinking*. Ele tinha apresentado Hitler como uma nulidade, um insignificante porta-voz do exército alemão, um ator fingindo ser o *Führer* etc. Em resumo, H[itler] não devia ser considerado uma "personalidade". Eu, embora faça todo tipo de objeção ao culto da personalidade, acho importante considerá-lo como tal. Mas os americanos não podem entender como um homem que os EUA estão dispostos a gastar 40 bilhões para eliminar seja uma nulidade. Obviamente ele é

uma personalidade de uma ordem diferente dos Laval, Daladier, Chamberlain, Halifax, Stresemann, Brüning etc. F[euchtwanger] acusa-os de julgar pelo sucesso. Com que outro critério devem julgar? Certamente será lembrado o velho disparate que diz que qualquer romance barato faz mais sucesso do que Shakespeare. Suponho, quando se pensa bem nessa questão, que o modo como Hitler é julgado só é importante porque, para todos os que acham que ele é uma nulidade, isso constitui a base de seu julgamento a respeito de toda a convulsão ocorrida na Alemanha. Isso faz do nacional-socialismo uma deformidade, uma guinada desastrada, um equívoco. Então o que dizer da parte saudável do corpo, do caminho reto, da solução?

1. 11. 41

Em nenhuma outra parte é mais difícil escrever sobre teatro do que aqui, onde tudo que eles têm é o naturalismo teatral.

14. 11. 41

É difícil para o emigrado resistir à tentação tanto de falar mal dos "americanos" como de "falar com o cheque semanal na boca", como diz Kortner quando quer criticar aqueles que ganham bem e falam bem dos EUA. Em geral a crítica deles se dirige a certos aspectos do alto capitalismo, como a avançadíssima comercialização da arte, a presunção das classes médias, a promoção da cultura por seu valor de troca e não por seu valor real, o caráter formalístico da democracia (cujo fundamento econômico – a saber, a concorrência entre produtores independentes – se perdeu pelo

caminho). Assim Homolka põe Bruno Frank na rua porque ele se levanta e grita "Não permitirei que o presidente seja criticado aqui", Kortner acusa Lang de ser a fonte de um comentário anti-semita, Nürnberg detesta Lorre etc.

16. 11. 41

Comprei em Chinatown um pequeno amuleto chinês por 40 cents. Penso numa peça, *As viagens do Deus da Fortuna.* O deus daqueles que gostariam de ser felizes sai viajando pelo continente. Por onde passa deixa um rastro de assassinatos e atentados. Não tarda a atrair a atenção das autoridades como instigador e co-autor de muitos crimes. Obrigado a se esconder, torna-se um fora-da-lei. Finalmente é denunciado, detido, julgado e condenado. Na iminência de ser executado, descobre-se que é imortal. Reclina-se contente na cadeira elétrica, estala a língua quando toma veneno etc. Confusos, os carrascos, capelães etc. vão embora exaustos, enquanto do lado de fora do corredor da morte a multidão que temerosa viera assistir à execução retira-se cheia de renovada esperança...

16. 11. 41

Deutsch, Thimig e Kortner fazem leitura pública de poesia num clube judaico. Kortner lê quase todos os poemas da "Cartilha de Guerra Alemã", e o efeito é surpreendentemente forte. (A platéia é constituída por emigrantes judeus, prósperos em sua maioria.) K[ortner] não os lê como poemas isolados mas faz do conjunto uma rapsódia, lendo com serenidade, musicalmente, um pouco triste a princípio, e terminando agressivamente, um desempenho magistral.

17. 11. 41

Comentário lacônico de Korsch sobre *A cruzada das crianças* de 1939 diz que houve mudança de tom desde os *Três soldados*, mas quanto ao mais não poupa aplausos. Hedda Korsch anexou uma tradução inglesa.

18. 11. 41

Kortner, que geralmente é temido aqui como o grande Tersites, por esbravejar com vigor e intensidade bíblicas (ou talvez luteranas), é exemplar em sua capacidade de resistir à assimilação. Chega até a denunciar o clima: as brisas da primavera que aqui *in God's own country* podem de repente se converter em tornados que assolam vastas áreas do interior, a chuva "rara" que vira um dilúvio, o eterno brilho do sol que desseca o cérebro de tal modo que as pessoas acabam sendo capazes apenas de escrever filmes hollywoodianos etc. etc. Firmemente decidido a um dia representar *Lear* no teatro estatal de Berlim, achou oportuno em 1940 participar da campanha eleitoral de Roosevelt. Persuadiu a colunista Dorothy Thompson (ex-Sra. Sinclair Lewis) a largar Wilkie e apoiar Roosevelt, acontecimento da maior importância. Redigiu discursos e artigos para ela etc. Até *Der Stürmer* publicou uma charge em que ele aparece como um demônio semita ditando discursos para Thompson. Mas Kortner não ganhou a passagem para ir tomar chá na Casa Branca depois da eleição...

18. 11. 41

Os presidentes das siderúrgicas Youngstown Steel, Bethlehem Steel e U. S. Steel.

O líder dos sindicatos do CIO e sua filha Kathryn.

20. 11. 41

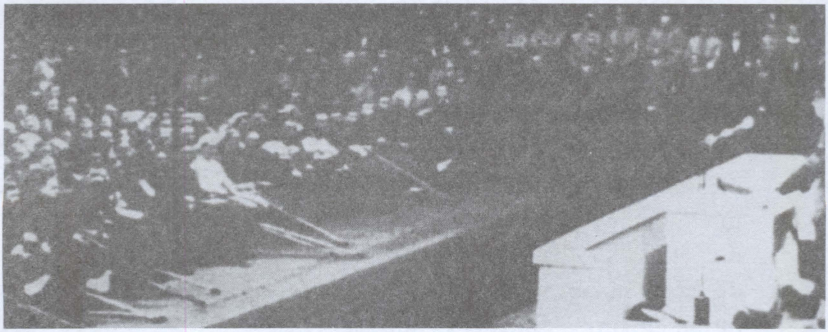
Bergner leu *A alma boa de Se-Tsuan*. Achando que ela iria gostar, Helli contou o enredo antes. Bergner ficou bastante decepcionada ao ler a peça, achou-a "tão entediante quanto é grandiosa". Tudo muito estranho e exageradamente teatral, podia parar a leitura a qualquer momento, ninguém teria o menor interesse por aquilo etc. etc. Aconselho-a a ler de novo. Pergunto-lhe se gostaria de estar numa versão de *Uma mulher morta com carinho* de Heywood, dirigida no estilo elisabetano como um petisco raro, exótico. Ela não pareceu desinteressada.

21. 11. 41

Em conseqüência do sucesso da noite no c[lube] j[udaico], o organizador Reuss quer promover uma noite só de Brecht em dezembro. Massary recebeu *A mulher judia* e Max Reinhardt queria montar a peça com ela. Fui contra, já que Helli era muito melhor e *A Sra. Carrar* não parecia certa. Mas de qualquer modo Massary já se recusara a aparecer numa noite de Brecht; queria apresentar o *sketch* num programa variado, mas no fim decidiu-se por *Garotos levados* (?). Não há nada certo a respeito da noite-Brecht, há opositores...

22. 11. 41

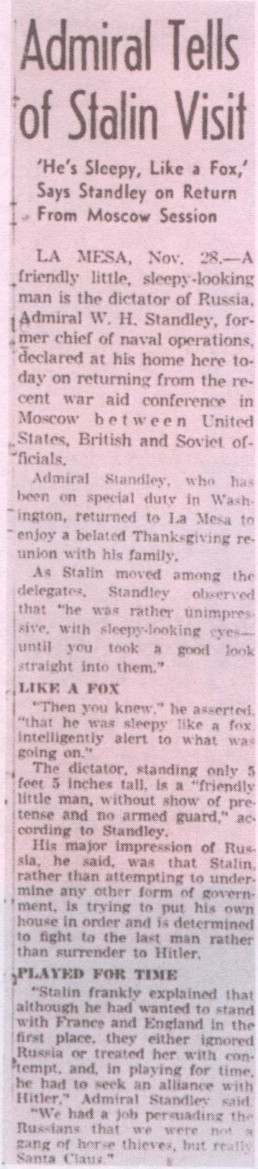
O negro Clarence Muse fez uma adaptação da *Ópera de três vinténs* e quer montar uma produção negra.



Hitler: "Por um triz não fomos todos destruídos." O Führer assume a direção da guerra.

2. 12. 41

Trabalho num assunto para uma comédia cinematográfica com o ator e animador alemão Robert Thören. Ambiente fantástico, métodos fantásticos! Ele é redator nos estúdios da Metro Goldwyn Mayer, a maior companhia cinematográfica do mundo. Tem uma casa luxuosa e um aviário como *hobby*. Durante as interrupções no trabalho ele telefona o tempo todo, busca o aplauso de quem está na sala, posa de marido encantador e jovem pai, beija demoradamente a mulher, que é filha de um pintor alemão e portanto seu modelo a vida inteira, e tagarela sem parar, sem qualquer plano, cuidadosamente evitando pensar de verdade (o herói agora enfrenta as seguintes possibilidades: pode ou esbofetear a mãe ou engravidá-la ou pedir dinheiro ou agüentar firme ou arriscar a vida por ela. Admitamos que ele escolhe a primeira... etc.). Não há leis de psicologia, de bom-senso, de economia, de moral, de probabilidade. O que está correto é o que já foi filmado e está enlatado, o que é bom é tudo que redunda em aumento de salário. Todo esse negócio de adivinhar a resposta, resolver o enigma, pavonear-se, a constante relação inces-



Admiral Tells of Stalin Visit

'He's Sleepy, Like a Fox,' Says Standley on Return From Moscow Session

LA MESA, Nov. 28.—A friendly little, sleepy-looking man is the dictator of Russia, Admiral W. H. Standley, former chief of naval operations, declared at his home here today on returning from the recent war aid conference in Moscow between United States, British and Soviet officials.

Admiral Standley, who has been on special duty in Washington, returned to La Mesa to enjoy a belated Thanksgiving reunion with his family.

As Stalin moved among the delegates, Standley observed that "he was rather unimpressive, with sleepy-looking eyes—until you took a good look straight into them."

LIKE A FOX

"Then you knew," he asserted, "that he was sleepy like a fox, intelligently alert to what was going on."

The dictator, standing only 5 feet 5 inches tall, is a "friendly little man, without show of pretense and no armed guard," according to Standley.

His major impression of Russia, he said, was that Stalin, rather than attempting to undermine any other form of government, is trying to put his own house in order and is determined to fight to the last man rather than surrender to Hitler.

PLAYED FOR TIME

"Stalin frankly explained that although he had wanted to stand with France and England in the first place, they either ignored Russia or treated her with contempt, and, in playing for time, he had to seek an alliance with Hitler," Admiral Standley said.

"We had a job persuading the Russians that we were not a gang of horse thieves, but really Santa Claus."

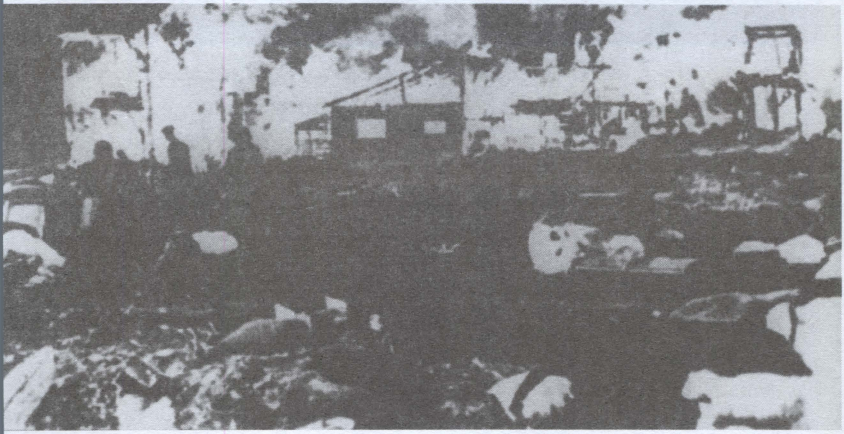
tuosa entre aqueles que recebem pagamento e aplausos e os que receberão pagamento e aplausos na rodada seguinte foi tão longe que as comédias mais simples (como o novo filme de Garbo) gastam US$250.000 só com o roteiro, uma vez que é necessário reunir um exército de redatores e produtores para remendar um enredo medíocre, todos eles sem inibições, como os negros pobres e dopados que não param de tremer em todos os membros, sem excluir a cabeça, todos eles desesperados! Ninguém agüenta mais ouvir uma história, as grandes companhias se limitam a rodar qualquer velha porcaria que têm no estúdio, e depois verificam se funciona e talvez joguem tudo fora e comecem outra vez. O lucro anual que a MGM retira de tudo isso é de US$17 milhões...

3. 12. 41

Com Kortner, Heinrich Mann, L[udwig] Marcuse em casa de Feuchtwanger. Está todo mundo irritado com o péssimo início da ofensiva britânica na Líbia, anunciada com a maior fanfarra. Feuchtwanger está otimista, acha que o nazista Rommel será derrotado no fim, que os britânicos trabalham devagar, sem *showmanship*, *without expenses in reason* etc. Eu expresso a opinião de que não há arma tão nova que não falhe nas mãos de uma classe tão velha quanto a aristocracia britânica. Depois o velho Heinrich Mann me apóia, radiante, quando eu acentuo que a primeira derrota militar dos nazistas na bacia do Donets está ligada à resistência da população civil de Rostov, de que os nazistas se queixam amargamente. Os operários de Rostov parecem ter aniquilado todas as unidades blindadas com frigideiras nas escadas. Eles encaram a guerra como coisa pessoal, e já que dispõem de armas... Os nazistas estão injuriados e chamam isto de "violação

das normas da guerra", e Mann diz com uma risadinha: "Sim, tanques são permitidos, mas não frigideiras." – Toda semana ele vai pegar seus US$18,50 de auxílio-desemprego, já que seu contrato com a companhia cinematográfica, como o de Döblin, terminou. Ele está com mais de 70. Seu irmão Thomas está construindo uma enorme mansão no campo.

Soldados alemães exaustos. Alguns estão infestados.



A Rússia muda o curso da guerra.

Moscovitas treinam com pás.

4. 12. 41

Dei a Fritz Lang um deus da fortuna com epigrama:

Sou o deus da fortuna, à minha volta incréus
De cuja sorte cuido neste val'de lágrimas.
Sou agitador, sim, e promovo escarcéus,
Portanto tranque a porta: aqui sou ilegal.

5. 12. 41

Faz alguns meses Lilli Laté deu a Barbara uma cadelinha branca que chegou do canil muito intimidada. Trêmula, não olhava à sua volta, vivia se contorcendo ao longo das paredes e debaixo dos móveis de um jeito tão cômico que a batizamos de Mrs Wriggles. No segundo dia eu estava sentado no jardim com Viertel quando ouvi um latido ameaçador. Wriggles, parada na soleira da porta, atirava ofensas a um mastim enorme que teve a petulância de vir perambular no jardim. Ela defendia seu *job*. Quando Barbara adoeceu, Wriggles foi tudo o que ela teve por algum tempo. Depois Wriggles ficou no cio e nós a trancafiamos, já que era jovem demais para as alegrias do amor; cães inconformados rondaram a casa durante semanas. Mas um dia Steff entrou em casa correndo: tinha levado Wriggles para passear e a amarrara a uma árvore; aí apareceu um cachorrão que montou em cima dela e não queria mais sair. A gente ouvia os uivos de dor dentro de casa. Um balde de água separou os amantes e o dia todo Wriggles esbanjou alegria: dava saltos no ar, corria feliz em círculos e se divertia em todos os cantos da casa. Depois começou a se arrastar com uma barriga cada vez mais pesada, suspirando baixinho e de olhar tristonho, e uma noite Helli e Steff a levaram ao veterinário. Ela está

carregando uma ninhada de filhotes mortos e está muito doente, *but has a fighting chance*. Tudo isto anuviou meu dia, mas Barbara está serena.

O carro da morte do Novo México.

8. 12. 41

Estava trabalhando com Kortner numa *filmstory* para Boyer quando entrou o filho dele com a notícia de que o Japão começou a atacar o Havaí. Ligamos o rádio e ficou claro para nós que estávamos "no mundo" novamente. Uma nação gigantesca se levantava, ainda semi-adormecida,

para ir à guerra. Nas ruas motoristas estavam estranhamente acocorados sobre seus rádios. Numa farmácia Kortner viu um jovem soldado tirar uma coisa do bolso (pensou que era um amuleto, mas deve ter sido sua chapa de identidade) e pendurá-la no pescoço enquanto falava, sorrindo um pouco.

IT'S WAR!

Hostilities Declared by Japanese;
350 Reported Killed in Hawaii Raid

8. 12. 41

Berlin Declares Cold Weather Paralyzing All Fighting on Northern Front

From the battlefields of Europe, reduced to secon[d] popular attention because of dominant developments in [the] Pacific, last night came word that the Russian defenders [had] pierced the German lines in two places on the Moscow front. [That] was from London. From Berlin came the declaration that [cold] weather had virtually paralyzed fighting on the northern Rus[sian] front. From Cairo came reports of a pitched tank battle betw[een] Nazi and British columns which may be the make-or-break ba[ttle] of the Libyan desert.

The dispatches from these fronts told:

Berlin

Nazis Claim Zero Weather Blocks Red Battle

BERLIN, Dec. 7.—(AP)—sub-zero weather virtually paralyzed both armies on the Moscow front today, German war reports indicated.

Extremely reticent, the German high command passed in silence both the Moscow front, where the heaviest Nazi push was reported underway yesterday, and the Rostov front, where the Russians were on the offensive.

Musings

They laid him out in his Sunday best,
A pure white lilly across his chest.
She mused as she sat by the candle's light,
"Thank God I know where he is tonight!"

MINA SHAFER.

Só no dia em que a maior potência industrial do mundo entra na guerra Hitler nota que o inverno na Rússia é frio.

8. 12. 41

Interessante verificar se a Rússia vai aproveitar a oportunidade para uma *lull* como fez a Inglaterra neste verão; vai dizer que se interviesse teria de suportar o principal peso desta guerra (e desta também) e não pode fazê-lo? Ou vai declarar guerra de imediato? Isso seria empilhar carvão em brasa na cabeça da Inglaterra, que, cedo ou tarde, teria de ser removido...

9.12. 41

Feuchtwanger acha que a guerra era necessária para impor a *closed shop* e o limite do lucro em 6%, e também para fomentar a produção. Não havia outro meio de pôr em movimento o "arsenal da democracia".

De Adolf para Hiro: Seja o que for que vocês pretendem fazer, irmãos, façam no *weekend*! – Isto tem a ver com a catástrofe no Havaí. É terrível.

10. 12. 41

Blackout em toda a costa californiana. Desembarques japoneses nas Filipinas e uma batalha naval perto dali. Boatos de que dois encouraçados americanos foram afundados. Londres confirma que dois dos maiores e mais modernos navios de guerra da frota britânica foram afundados por bombardeiros. Hitler convocou uma sessão do Reichstag para amanhã. Precisa fazer alguma coisa depois da derrocada no Leste. É bem possível que os ingleses venham a lamentar seus seis meses de férias. Se houvesse uma segunda frente na Europa, os russos poderiam distribuir suas tropas na Sibéria de outra maneira. Naturalmente tudo isso é apenas especulação no *blackout*.

Estão prendendo nazistas aqui também, espero que peguem todos eles.

O Arsenal no oeste.

17. 12. 41

Estou ou estive trabalhando nas seguintes *filmstories*: com Kortner *Days on Fire*, um texto para Boyer, e *Karussel*, uma paráfrase de *La Ronde*; com Thören *Bermuda Troubles*; com Reyher *Der Brotkönig Lernt Backen*; com Ruth *Der Schneemann*.

Cruzada das crianças acabou sendo uma balada em vez de uma *filmstory*.

Agora estou planejando uma *Jeanne d'Arc 1940* para o teatro.

18. 12. 41

Kortner conta uma história clássica sobre Hollywood. Curt Goetz, o ator e comediógrafo, começou com um polpudo contrato com a MGM. Um dia mencionou na cantina que não conseguia encontrar um parceiro para sua cadela premiada. Um diretor famoso se levantou na mesa ao lado, apresentou-se a Goetz e ofereceu os préstimos de seu cachorro. A cadela é levada ao cachorro num *streamlined car*, depois volta num carro menos *streamlined*. A Sra. Goetz manda flores para a Sra. X, um ano se passa. Goetz telefona outra vez ao diretor; sua cadela está novamente no cio e precisa do reprodutor. Goetz não consegue falar com X, mas finalmente a secretária lhe dá a entender que o cão não está bem. A cadela não pode mais ter um parceiro. O contrato de Goetz com a MGM não é renovado, ele está desempregado.

19. 12. 41

As vozes. Tenho 9 cenas, 4 delas sonhos. Sonhos permitem um estilo não naturalista, que é difícil de ser aceito aqui (um sonho tem ao menos uma base naturalista). O material social: a) as "vozes" são as vozes do povo, Jeanne representa o que o povo diz. *La voix de Dieu est la voix du peuple*. – b) nossas circunstâncias sociais são de tal ordem que em tempo de guerra os governados mas também os governantes dos dois países hostis têm interesses comuns.

Os proprietários e os ladrões estão unidos contra aqueles que não reconhecem a propriedade. – os patriotas. (Isto esclarece entre outras coisas as dificuldades que uma política de *scorched earth* deve enfrentar em certos países.)

20. 12. 41

As vozes. Para a primeira cena tenho até agora: Jeanne lê um livro (a lenda). Um soldado ferido e o velho *prieux* falam da situação na França. O dono do posto de gasolina quer que se misture chumbo ao óleo, mas seus empregados não lhe obedecem mais. O *maire* também não pode forçá-los. Isto rende muito pouco em gestualidade, ainda não é teatro em nenhum sentido, carece de qualidade, está morto, é mero conflito sem contradições. Assim a cena não pode por enquanto ser escrita.

23. 12. 41

Os russos destroçaram o que Hitler considerava "o maior exército do mundo": Hitler demite seus generais e assume pessoalmente o comando. Churchill voa para Washington para conferenciar com Roosevelt.

24. 12. 41

Leio o manuscrito alemão de *Unholdes Frankreich* (*Devil in France*) de Feuchtwanger. Provavelmente seu mais belo livro. Notável epicurismo entre pinheiros, arame farpado, montes de excremento, decisões nascidas do ócio e da inteligência, pouca iniciativa pessoal, enorme coragem cívica. No meio da horda reunida ele continua a ser o

senhor, com um ou dois servos, e por ocasião de uma fuga quando a vida estava em perigo, não esquece de escolher cuidadosamente o vinho do jantar. Seu humanismo tem base sólida.

25. 12. 41

Em Los Angeles ontem às sete da manhã para comprar um espelho de maquiagem para Helli. Encontrei num chinês uma moldura em quatro partes e mandei encaixar os espelhos. Noto mais uma vez como é importante aqui dizer aos operários por quê, como e para quê, em suma, tornar pessoal a coisa.

À noite, em volta da árvore, Elisabeth Bergner, Czinner, os Feuchtwanger, Granach e mais tarde Lang.

25. 12. 41

Churchill discursa no Senado. Aplausos bem demorados quando fala da Rússia, demorados quando fala da China, muito curtos quando fala dos ingleses na Líbia. A todo momento acentua que a guerra será muito longa. Tudo isso parece direcionado contra o *wishful thinking*, mas é em si mesmo *wishful thinking.* Alvo da guerra: o *status quo ante.*

26. 12. 41

Os Dieterle e Reyher aqui. Reyher: "As guerras não terminam por causa da escassez de material, terminam antes que o material acabe." Ele tem mais medo de Hitler no posto de comandante-chefe do que de Brauchitsch. "Os generais transformam a guerra num negócio dos fabrican-

tes. Só o volume do material é decisivo. O louco não dá a mínima para as leis da guerra, que, evidentemente, não são obrigatórias. Ao tentar o impossível, ele está apenas fazendo o que os generais julgam ser impossível." Há alguma verdade nisso. A república francesa realmente ganhou a Grande Guerra no curso do caso Dreyfus. Ela precisou derrotar seus próprios generais antes que eles pudessem vencer os estrangeiros. (Os generais mandaram Hitler embora do *front* e espalharam o boato de que ele precisa descansar por motivo de saúde. Ele os demitiu e forçou Brauchitsch a dizer que tinha um coração fraco.) Rimos do apelo nazista à população civil para abastecer o exército de artigos de lã. Mesmo que as coisas nunca chegassem (elas chegarão, sim), o interior ainda está sendo atraído, convencido a aceitar responsabilidades, envolvido à força de tricotar meias. Não é verdade que as mulheres de Charkov dizimaram as tropas das divisões blindadas alemãs nas escadas de suas casas? Este é o lance do adversário, sem dúvida inteiramente pequeno-burguês, mas, nem por isso, engraçado.

26. 12. 41

Dizem que no dia primeiro de dezembro os russos realizaram o primeiro congresso de prisioneiros de guerra alemães.

27. 12. 41

Homolka aparece e jogamos xadrez. Falo de *Galileu* com ele. E é como se estivesse recordando um estranho teatro afundado em tempos antigos num continente submerso. – Aqui a preocupação geral é vender um divertimento noturno. Você tem de saber o que se entende aqui pelo

conceito de "vender" [*to sell*] antes de falar em vender. Você vende uma piada, por exemplo, a princípio nenhum dinheiro muda de mãos, a piada foi vendida se alguém ri dela. O comprador é o patrão, difícil de contentar, desconfiado, *blasé* ou atormentado por estranhos desejos, sempre pronto a afugentar vendedores como se fossem moscas importunas. Hierarquias inteiras de especialistas e agentes se posicionam entre vendedor e comprador (servo e senhor), afirmando conhecer as necessidades e os desejos dos compradores; desse modo os vendedores nunca chegam aos compradores, que por sua vez nunca encontram os vendedores cara a cara. Tudo a que têm acesso realmente é às mercadorias: estropiados, mutilados objetos de suspeição e elogio, moldados para se ajustarem a um corpo que nunca se materializa. Todo ato de venda se torna assim uma frustração, ou para o comprador ou para o vendedor, dependendo da realização da venda ou não. O sucesso de um autor significa o fracasso de um público. A idéia de que as questões que preocupam a nação poderiam ser tratadas no palco é totalmente fantasiosa, já que nada disso acontece em parte alguma da indústria do entretenimento.

28. 12. 41

O filho de Berthold Viertel, Hans, que trabalha numa fábrica em Frisco, Winge, que trabalha numa fábrica em Los Angeles, e dois franceses chamados Dacharry vêm nos visitar. Acham *Cidadão Kane*, o filme sobre Hearst, eclético e desigual em estilo. Considero incorreto aplicar o adjetivo eclético a técnicas, e moderno empregar uma quantidade de estilos variados a uma quantidade de funções variadas. Eles criticam a teatralidade de Orson Welles. Mas ele revela coisas interessantes de um ponto de

vista social, embora se possa dizer que como ator ainda não conseguiu transformar sua teatralidade num elemento estilístico. Sem dúvida o solo aqui não é propício ao cultivo do talento.

29. 12. 41

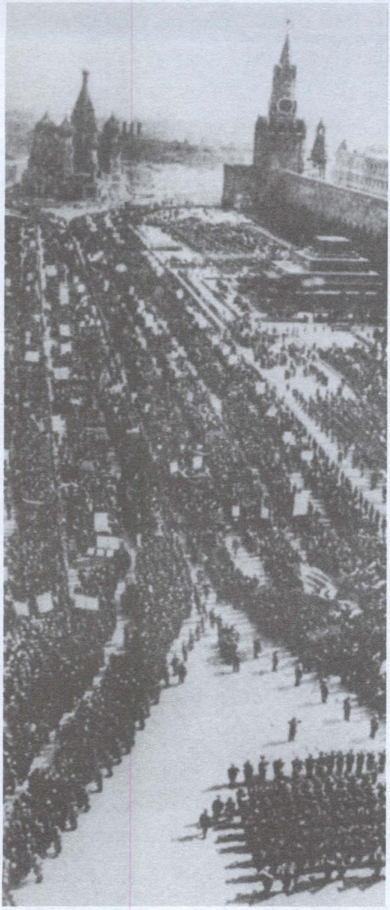
Kortner me telefona. Alguém lhe disse que Hitler é um segundo Napoleão. Ele se irritou, pensou no assunto e encontrou a verdadeira resposta: Hitler é um segundo Mussolini.

30. 12. 41

Alguém diz: "Temos de deixar a Alemanha para os russos. Por que ela não deve se tornar comunista? Um único país comunista não vai interferir no comércio internacional. E quanto à hegemonia na Europa, por que sempre se presume que dois países comunistas terão que ser unha e carne um com o outro? Por que não poderá ocorrer algum tipo de equilíbrio?" Talvez numa conferência de paz que se realizasse hoje os americanos desempenhassem o papel que os ingleses fizeram na anterior.

31. 12. 41

Véspera do ano-novo na casa de Bergner. Granach, os Feuchtwanger. De repente entra Remarque com uma estrela mexicana de Hollywood, Lupe Velez. R[emarque] de *smoking* parece Hanns Heinz Ewers, mas falta alguma coisa na cara, provavelmente um monóculo.



PRAÇA VERMELHA
Vinte e quatro anos tinham passado...

6. 1. 42

Lang desconsolado me mostra um livro de um educador americano sobre a educação da juventude na Alemanha nazista (*Education for Death*). Trata-se na verdade da mais desenfreada aberração do idealismo alemão. Tudo que se faz decorre do "espírito". Pelas regras da velha escola,

segundo as quais o espírito não pode perecer, essa conversa fiada podia continuar durante 1.000 anos. Na realidade tudo que sobreviverá a este ano serão aquelas coisas para as quais os nazistas estabeleceram alicerces sociais, ou seja, muito pouco.

Terrível como é o fato de crianças estarem sendo pervertidas dessa maneira aos milhões, o efeito prático será nulo. Este é outro germe que só pode sobreviver no meio em que foi criado.

7. 1. 42

Os físicos da relatividade consideram as propriedades do espaço dependentes da distribuição da matéria. Quando leio frases como estas não posso deixar de pensar numa coisa como "espaço social".

8. 1. 42

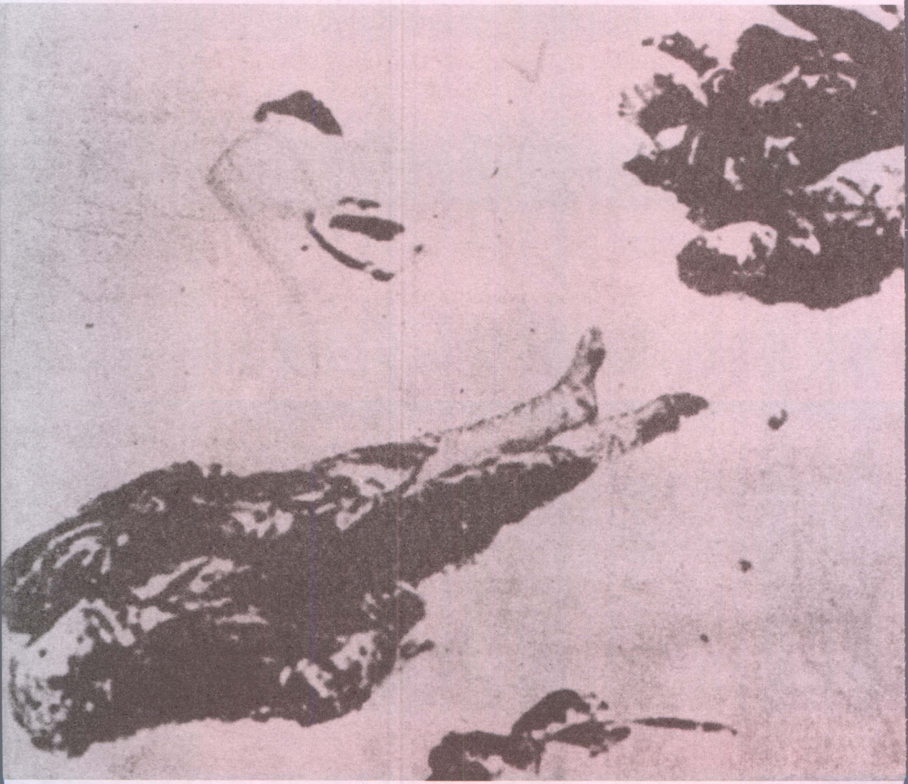
Também o conceito de classe, talvez por ter chegado até nós tal qual foi constituído no século passado, é usado hoje de maneira demasiadamente mecânica. Não há o que aproveitar de um conceito puramente estatístico de uma classe operária alemã do nosso tempo; mas este conceito está profundamente arraigado. Sindicatos e partidos políticos estão habituados a contar filiados. O conceito político está depreciado também, já que pressupõe organizações e "formas democráticas de Estado", uma "livre interação de forças" que pode ser orientada pela classe dominante. O fechamento do mercado de trabalho no interesse da economia de guerra arruinou o termo "classe" como conceito econômico. O que resta é a classe em si. Ela, felizmente, não é apenas um conceito.

O fato de as guerras não poderem ser levadas adiante sem o proletariado (enquanto força produtiva) não significa que uma guerra desagradável para o proletariado não pode ser empreendida. Uma situação revolucionária só se cria quando, por exemplo, faz uso da iniciativa do proletariado de promover uma guerra que ele próprio apóia, ou quando uma guerra perdida pode ser liquidada pelo proletariado. Etc. etc.

Goebbels, o homem de propaganda de Hitler.

9. 1. 42

Escrevo "Aos soldados de Hitler na Rússia" depois de se falar muito do envio de material para a rádio de Moscou.



O General Inverno.

14. 1. 42

Leio com interesse *The Soviets in World Affairs* de Louis Fischer. A questão russa dominou realmente toda a conferência de paz em Paris. Interessante como os exércitos aliados se mostraram inaptos para combater os soviéticos.

"Na nova casa de [Peter] Lorre." Brecht (centro), com Lorre (embaixo) e Max Gorelik (direita).

A moda de inverno.

16. 1. 42

Aqui diretores e atores querem histórias com "mensagem", i.e., com uma moral, um evangelho da Metro-Goldwyn-Mayer para a arraia-miúda. Veja-se o caso de Bergner; ela tem em mente uma história mais ou menos assim: uma moça é hipnotizada, sai por aí em transe hipnótico, faz alguma coisa nesse estado, mas na verdade está só fingindo etc. Supõe-se que isto contém uma mensagem. Difícil.

16. 1. 42

Em nossa sociedade arte e moral não andam bem juntas. Quando a moral de uma sociedade se torna associal, é até bom que a arte crie a moral de seu próprio artista, mas sob outros aspectos permanceça "amoral". Uma ordem social produtiva criará uma moral social ao lado da moral do artista como parte integrante de suas habilidades. Um modo de agir que reproduz o comportamento humano, de tal maneira que a sociedade possa reagir produtivamente a ele, exige algo como senso de responsabilidade, isto é, um atributo moral. É obviamente necessário converter as proposições de "dever" em proposições de "ser possível". Para o ator é uma questão de emancipação, de adquirir o direito de exercer influência sobre a formação da sociedade. Ele tem de passar da condição de objeto moral para a de sujeito moral. A moral se torna produção. O artista então não só tem responsabilidade perante a sociedade como induz a sociedade a enfrentar as próprias responsabilidades. Em suma, a sociedade perde o caráter de autoridade infalível e o artista tem de representá-la cabalmente.

17. 1. 42

Noite em casa de Ludwig Hardt. É um declamador da velha guarda que reveste de atmosfera cada palavra, uma espécie de acompanhamento musical ("palavras recheadas com molho de maçã"). Declaro-me favorável a uma declamação aberta, não-sacerdotal, que evite todas as cadências sonorosas, os crescendos e trêmulos. Mas aí dou de cara com o *Mahomets Gesang* [Cântico de Maomé] de Goethe, e sou repelido por sua mistura de panteísmo, prosaísmo e música de programa (uma coisa meio assim como uma correnteza, sacou?). Em compensação desenterro no *Divan* [Divã] o poema sobre a luta sangrenta entre duas famílias árabes, que muito me agrada.

Hardt se queixa de que num salão esse poema pediria um comentário. Acho comentários uma boa coisa porque separam um poema do outro, dotam os poemas de um efeito-d e os assentam em terreno firme. Poemas são seres insociáveis. Em geral são desagradáveis quando agrupados e não se dão bem juntos. Suas cores também se desvanecem com o atrito e cada um deles tende a interferir na conversa do outro.

18. 1. 42

Wiesengrund-Adorno aqui. Engordou, arredondou-se, e traz um artigo sobre Richard Wagner, não desinteressante mas limitado a cavoucar, ao modo de Lukács, Bloch, Stern, à procura de complexos, inibições, repressões na consciência do velho fabricante de mitos. Todos eles estão apenas reprimindo uma antiga forma de psicanálise.

19. 1. 42

Na casa de Lang. Ele mais uma vez põe o Atlante nos supostos cornos da Lua e vê um estilo de vida especial onde eu vejo apenas capitalismo avançado. É possível que o capitalismo avançado não me permita enxergar o Atlante "real"; mas este o oculta. Aqui temos diante de nós a versão autêntica: desenvolvimento, sem que nada realmente se desenvolva.

21. 1. 42

Esquisito: não consigo respirar neste clima. O ar é totalmente inodoro, pela manhã e à noite, dentro de casa e no jardim. Não há estações aqui. Fazia parte de minha rotina matinal debruçar-me na janela e inspirar o ar fresco; aqui suprimi isto da minha rotina. Não se tem nem fumaça nem cheiro de grama. As plantas me aparecem como os galhos que plantávamos na areia quando éramos crianças. Dez minutos depois as folhas pendiam murchas. O tempo todo nos perguntamos se poderão cortar a água. Isto mesmo, e agora? Uma vez ou outra, especialmente indo de carro até Beverley Hills, sinto como que um leve bafo de paisagem, que parece "realmente" agradável. Linhas suaves de morros, bosques de limoeiros, um carvalho da Califórnia, até um ou outro posto de gasolina podem ser de fato divertidos. Mas tudo isso está por trás de um vidro laminado, e eu involuntariamente procuro em cada morro ou limoeiro uma etiqueta de preço. Procuramos essas etiquetas de preço nas pessoas também. – Não estar feliz no meu ambiente não é uma coisa que me agrade, sobretudo nestas circunstâncias. Dou muita importância à minha condição, a ilustre condição de refugiado, e é sem dúvida indecente ser tão servil e ávido de agradar os refugiados

como é o ambiente aqui. Mas provavelmente são as condições de trabalho que me deixam impaciente. O costume daqui exige que você tente "vender" tudo, de um dar de ombros a uma idéia, i.e., você tem de estar sempre de olho num possível freguês, de tal modo que você ou é um comprador ou um vendedor, você vende seu mijo, por assim dizer, ao penico. O oportunismo é tido como a maior virtude, a polidez se torna covardia.

21. 1. 42

Nos últimos dias tenho passado os olhos por este diário. Naturalmente está bastante distorcido, com receio de leitores indesejados, e terei dificuldade em seguir sua diretriz um dia. Ele se mantém dentro de certos limites, precisamente porque os limites estão aí para serem excedidos.

22. 1. 42

Verdadeiro uso da dialética: permitir trabalhar com unidades contraditórias. I.e., não ser apenas relativista. A dialética mais ou menos força a gente a procurar o conflito em todos os processos, em todas as instituições, idéias (aliança anglo-russa, aliança anglo-americana, aliança teuto-japonesa, democracia soviética, estratégia *tory* etc. etc.) e usá-la. Por outro lado (ao mesmo tempo) as classes antagônicas operando juntas na Alemanha nazista etc.

23. 1. 42

Wriggles, a ladra do pão-doce. Helli observou a cadela roubar três pãezinhos de uma sacola de papel na soleira da porta e enterrá-los no jardim. Ela não come esses pães.

Quando os pãezinhos são desenterrados ela demonstra grande indecisão e desalento, claramente se sente culpada, ou pelo menos é assim que vemos seu comportamento (Helli não fica indignada com ela e até ri). Depois, à noite, quando aponto para o local em que os pães foram enterrados, Wriggles vira a cabeça para o outro lado e se agacha toda no chão.

Raramente resisto quando os cães vêm pedir que lhes façamos cócegas debaixo da mandíbula. Parece-me que o apelo deles não deve ser ignorado, já que é um apelo que, não atendido, possivelmente não se repetirá, e isto poria fim a qualquer relacionamento e na verdade apagaria a própria razão. Nenhuma resposta, nenhuma pergunta.

24. 1. 42

Encontrei Emil Ludwig na casa dos Feuchtwanger. "As pessoas esperam de mim uma previsão. Ótimo, faço uma previsão. Posso fazê-la com perspectivas bem diferentes das de um astrólogo. Prevejo que este ano Hitler será assassinado por seus generais. Digo este ano, mas bem que pode ser na primavera do ano que vem, isso eu não posso saber, mas será em breve." Depois o homem que atribuiu a Primeira Guerra Mundial ao complexo de inferioridade do Kaiser Guilherme, complexo motivado pelo fato de ter um braço esquerdo curto, faz mais tentativas para se igualar aos astrólogos que são muito apreciados nestas bandas. Em seguida me conta histórias a respeito de Goethe, muito boas por sinal, com o orgulho do colecionador que não se detém diante de nada para conseguir espécimes raros, um sujeito muito inibido, um tanto arrebatado, não muito autoconfiante, mas alguém que tem a "centelha", completamente destituído de filosofia pessoal, nada original mas inteiramente escravizado à originalidade, bobo mas

cheio de respeito pela sabedoria. Pergunto por Frank Warschauer, um tipo muito sensível, não muito produtivo, que é incomensuravelmente superior a ele no plano humano, e ele diz com brusquidão, contrariado: "um sobrinho meu que nunca fez nada, insignificante, nunca vi nada nele. Ouvi dizer que se matou na Holanda quando Hitler invadiu o país. Por isso não posso dizer nada contra ele, agora que pagou o mais alto preço." Pegou o copo e com um "se me permite, cara senhora" deixou cair um pouco de vinho tinto no parquete, consumando uma libação na sala de estar. Martha F[euchtwanger] enxugou-a depois com um pano de chão para evitar mancha no tapete. Tal é o mundialmente famoso historiador da República de Weimar.

25. 1. 42

Sempre me interessei pelos relatos de testemunhas oculares das aparições públicas de Lênin. É óbvio que muitos tentam simplesmente romantizar a ascensão dele, de "refugiado obscuro" a "czar vermelho", exagerando o quanto ele se mostrou "incolor" na Suíça. Mas há demasiados relatos do tempo em que ele já se tinha estabelecido no Kremlin e continuava "incolor". Em seu caso grandes feitos não parecem ter produzido nenhuma capacidade de comunicar uma impressão espontânea de grandeza. Os colegas não tinham uma impressão dele; tinham experiências com ele. O fato de quase sempre ter razão emprestava peso a seus conselhos, mas ele continuava a dá-los respaldando-os em testemunhos. Sua inteligência nada tinha de sobre-humana, mas o sobre-humano é sempre inumano. Ele era autoritário, tinha a autoridade da utilidade. Era sobretudo um funcionário e dava prova disso funcionando.

30. 1. 42

JANUARY 28, 1942

Sonnets to the Critics

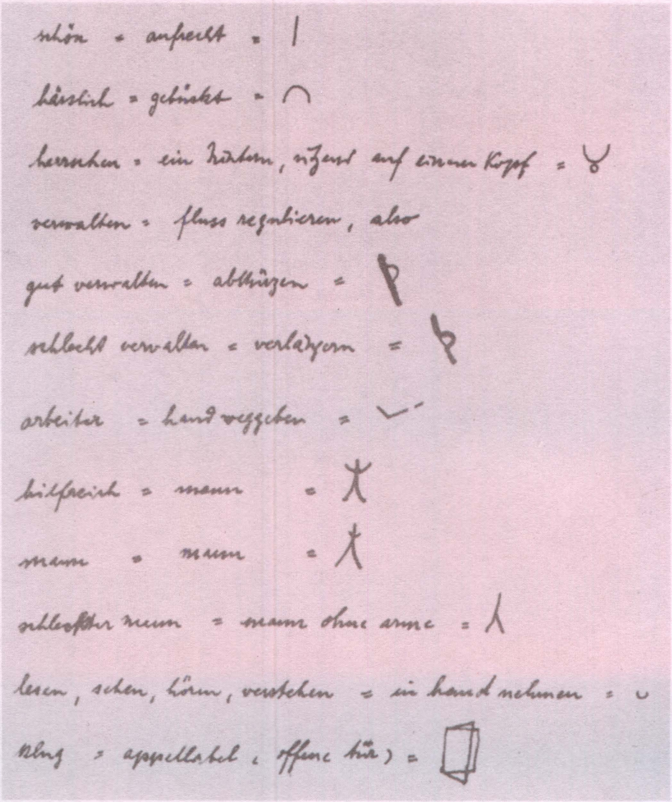
In Rebuttal

Good critics who reject my fairest song
And spatter my fine shirt with printer's ink
I'd bellow bitterly you do me wrong
Were I not suffocated by your stink.
Imperfect am I, full of faults, I know;
And when I sing, a shade off key at times—
As who is not who rashly tries to blow
A paean from his lungs; but all my crimes
Are amiable when matched beside your own—
You theatre moles with inattentive ears,
A cough and now and then a kidney stone,
Abristle with your dull but fearsome spears—
Who come to drama not to drink or sup
But more to shine your little egos up.

Ben Hecht

1. 2. 42

Ruth acha os caracteres chineses muito bons e propõe um poema sobre alguns deles. *Paz* é uma mulher com um telhado por cima; *lar* é um porco embaixo de um telhado; *harmonia* é uma boca próxima do arroz etc. Talvez eu mesmo deva organizar um *catálogo de caracteres*. Como este:



Tradução: belo = vertical; feio = curvo; dominar = chifre montado numa cabeça; administrar = controlar o fluxo de um rio, portanto. . .; boa administração = prolongar; trabalhador = dar uma mão a; prestativo = homem; homem = homem; homem ruim = homem sem braços; ler, ver, ouvir, compreender = tomar nas mãos; inteligente = acessível (porta aberta).

Consultando-se muita gente seria possível bolar uma escrita social. No *Buch der Wendungen* [Livro das mutações] as discussões em torno de uma escrita poderiam render um bom capítulo.

7. 2. 42

Kline, que fez um filme sobre o México com Steinbeck (música de Eisler), esteve aqui à noite. Acredita que se pode esperar do senso de democracia dos americanos uma certa resistência ao fascismo. Leonhard Frank e Kortner são céticos. Bom, é verdade que há aqui uma coisa chamada "conduta democrática", provavelmente porque toda a sociedade daqui foi improvisada desde o início, não houve feudalismo e o militarismo era supérfluo. Mas isso apenas significa que a luta de classes aqui prossegue sem futricas de salão, i.e., que o vencedor não circula de sobrancelha franzida para expressar desprezo pelo perdedor, e que os lucros são malbaratados com certa vulgaridade. Um fascismo americano levaria em consideração essas formas ou a ausência de formas e seria correspondentemente democrático à maneira americana (também os *vigilantes* não faziam isto só pelo uniforme).

9. 2. 42

Kline exibiu para nós suas reportagens cinematográficas (*Crisis*, Tchecoslováquia 38, Espanha, Grã-Bretanha 39), material documental realmente grandioso. Difícil esquecer como os camponeses da Polônia após a declaração de guerra cavaram pequenas trincheiras com pequenas pás, ou até com as mãos nuas, a fim de parar os monstruosos tanques alemães.

13. 2. 42

Reyher nos convida para jantar. Fez suas compras no *farmer's market* e preparou uma sopa contendo todos os legumes do mundo. Serviu também um *meatloaf* de Virgínia com macarrão. Tudo em honra da frota alemã adentrando o Canal da Mancha, o que ele espera venha a resultar no enfraquecimento dos *tories*. Naturalmente ele vê o fim da guerra em 1948-50. Reyher é um bom guia para os Estados Unidos quando, acocorado na perna esquerda com a mão direita coçando o sovaco por baixo da camisa e os olhos bem pretos cintilando na cara de raposa amarela, explica as peculiaridades dessa criança gigante que é a América. Casualmente comento que é uma indignidade ver um grande número de mulheres americanas sexagenárias indo de um canto para outro arrumadas e vestidas como *flappers*, forçadas pela indústria de cosméticos e pelos filmes a continuar sexualmente competitivas até a morte. Ele se apresssa a dissipar minhas preocupações ao responder que a América estendeu a juventude das mulheres em 10-20 anos para que elas não joguem 45 anos no monte do lixo etc. Ou defende o sistema judiciário e explica como advogados com gordas clientelas (US$100.000 por ano) aceitam postos de juízes com remuneração de US$8.000, e não pára de se referir ao *businessman* americano do tipo Knudson, cujo único desejo é organizar e que faria isto para qualquer sistema social capaz de achar um nicho para esses operadores de alta potência. Em toda parte você topa com apóstolos do grande cadinho, propagandistas da cidade-paraíso de Nova York (gente que eu via nos panoramas da feira de Augsburgo em quadros que datavam da década de 1850). E os emigrados alemães, soturnos e exasperados com esses convites para se deixarem fundir nesse crisol, cospem bíblicas invectivas.

18. 2. 42

A oportunidade especial que o marxismo teve na Europa não existe aqui. O sensacional desnudamento das práticas comerciais nos países burgueses indicou que o marxismo surgiu como um iluminismo, efeito que não é possível aqui. Aqui você se vê diante de um Estado instituído diretamente pela burguesia, que em nenhum momento se envergonha de ser burguesa. O congresso é mais ou menos uma agência e fala e atua como tal. Quase não existe corrupção, pois quase não há ideais. Os representantes do povo não vestem simbolicamente roupas sem bolsos aqui, como na antiga Roma. Agora que uma guerra está em curso o *business as usual* é às vezes posto no pelourinho (na verdade tudo vai para o pelourinho, o pelourinho é apenas um quadro público onde se afixam anúncios) por ser ruim para a guerra, mas qualquer reforma não será mais do que *business as usual*, e é precisamente desse espírito que se podem esperar certas derrotas para Hitler, derrotas caras, mas ainda assim derrotas.

19. 2. 42

Ludwig Renn faz na revista alemã publicada no México, *F[reies] D[eustschland]*, uma conclamação em prol do movimento "Alemanha Livre". Última frase: "Thomas Mann disse recentemente num discurso irradiado de San Francisco que o povo alemão retomará sua tradição democrática. O movimento A. L. não tem nenhum desejo mais ardente do que o de atuar nesse sentido." Na mesma edição um ataque de Kisch a Gustav Regler que, ao que consta, criticou a política espanhola da URSS e colaborou com a liderança fascista do campo em Le Vernet e, junto com outros trotskistas, teria formado um grupo de ação da

quinta-coluna dedicado a produzir propaganda "contra a frente mundial democrática, difamar os governos que lutam contra Hitler" e proclamar "a necessidade de uma 'revolução' no interior das democracias, o que, enfraquecendo estas últimas, favoreceria a vitória do fascismo".

A guerra no deserto. Tanques e bombardeiros médios do Oitavo Exército.

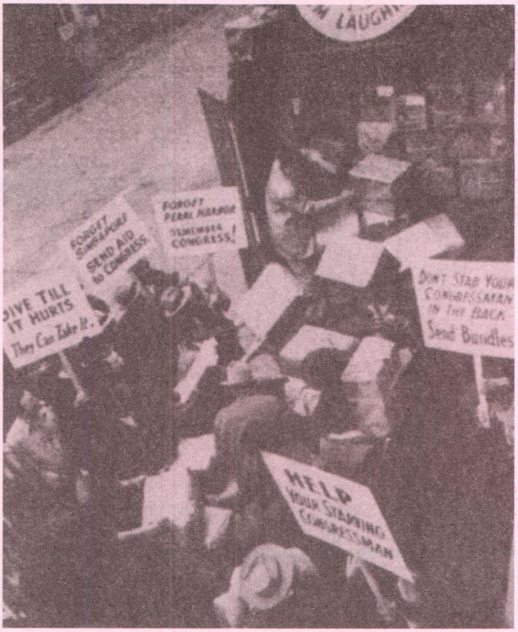
20. 2. 42

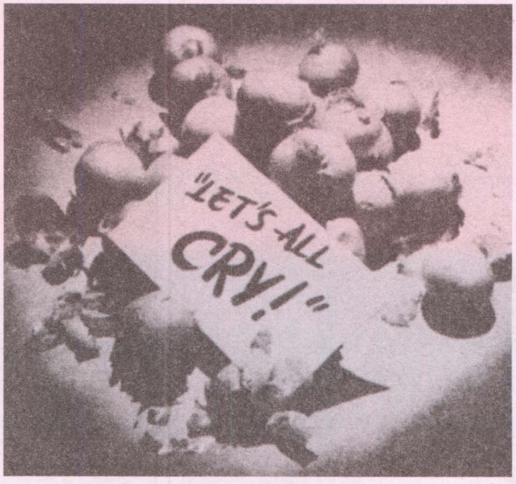
As guerras estão assumindo um caráter revolucionário e desenvolvendo uma capacidade produtiva própria. As classes dirigentes se mostram incapazes de conduzir esse negócio por outros meios. A ineficácia das restrições à destruição é mais perigosa do que a das restrições à produção em tempo de paz. É difícil no boxe, como disse aqui um *writer* americano, golpear o adversário de tal modo que ele só permaneça caído até a contagem chegar a 9. Cingapura defendeu a Índia, em particular contra os indianos.

O Coronel Blimp não entende mais o mundo. A perspectiva hoje é de uma guerra longa, mantida até que as nações e classes poderosas envolvidas atinjam o esgotamento. Para os *tories* uma guerra curta significa sua própria mobilização como esquadrão suicida.

25. 2. 42

O congresso votou uma pensão para si. Um movimento foi iniciado com o fim de enviar pacotes de donativos para os famintos congressistas.





Caridoso auxílio ao Congresso.

They haven't
a leg to-
Stand On!

26. 2. 42

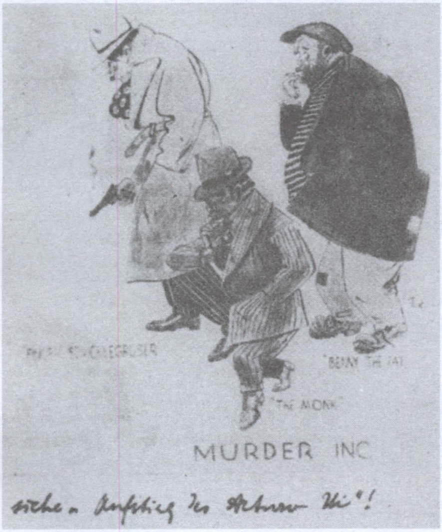
Sendo de origem alemã, somos *enemy aliens*, e teme-se que tenhamos de deixar a costa, a menos que se faça uma exceção para os inimigos de Hitler. Aqui os pescadores e lavradores japoneses estão sendo postos em *camps*. Os agricultores americanos locais sempre os detestaram, e agora há o receio de que sejam desleais. Exceção e regra.

Uma família branca da Califórnia se candidata a assumir as terras antes exploradas pelos nipo-americanos internados.

27. 2. 42

Feuchtwanger e outros não conseguem dar conta do fenômeno de Hitler porque não vêem o fenômeno da "pequena burguesia dominante". A pequena burguesia não é uma

classe independente no plano econômico. É sempre um objeto da política, no momento o objeto da política da alta burguesia. (Os social-democratas no exílio, p.ex., agarram-se às camadas superiores da burguesia na Grã-Bretanha e na América.) Isto leva a conceber Hitler como um boneco preso a um cordel. Ele é "só um ator" que está "apenas representando" o grande homem, o "ninguém" ("qualquer outro serviria"), o "homem sem nada no centro", justamente porque representa a pequena burguesia, que sempre é apenas joguete na política. Para a arte dramática isto indicaria que Hitler só podia ser apresentado como um figurante (um testa-de-ferro). Isso, porém, seria inadequado. Pois ele só é *phony* enquanto representante da pretensão de poder da pequena burguesia, não como pessoa. Dentro da pequena burguesia ele não é *phony*. Tão logo permitimos sua colisão com os limites das possibilidades pequeno-burguesas, o destino dele é real e ele subitamente se torna um "personagem" e um protagonista.

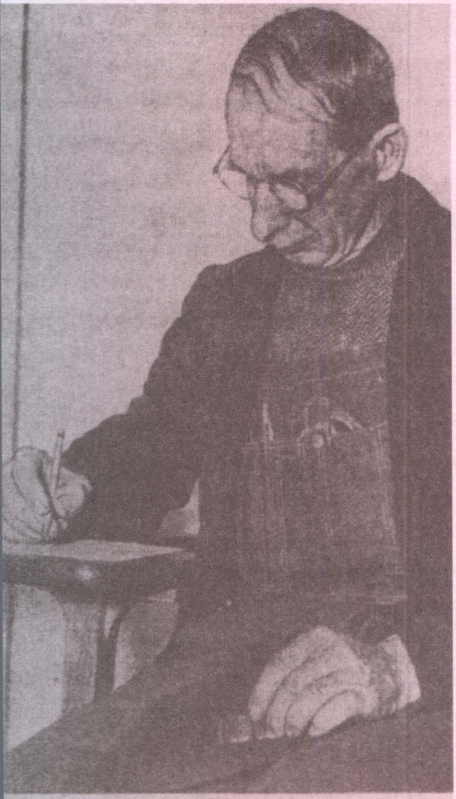


Caricatura em estilo gângster de "Schickelgruber", "Benny the Fat" e "The Monk" (i.e., Hitler, Goering e Goebbels). Comentário de Brecht: "Ver *A ascensão de Arturo Ui*".

28. 2. 42

Feuchtwanger aqui para jantar. Outra vez a questão: *Hitler é um títere?* O ponto de vista de F[euchtwanger] e da maioria dos opositores de Hitler é que H[itler] é um ator absolutamente insignificante que o exército alemão escolheu para cuidar dos seus negócios. Argumento principal: o estilo é o homem. Nenhum plano, nenhuma idéia original, hostilidade ao pensamento etc. Mas à parte o fato de que, no que me diz respeito, Hitler *o grande homem* é totalmente bem-vindo, e que para mim a necessidade de uma revisão da concepção burguesa do grande homem (isto é, da grandeza burguesa, do que um grande político burguês é ou podia ser) parece urgente – razão pela qual estou disposto sem mais formalidades a tratar H[itler] como um grande político burguês –, à parte isso tudo, a concepção de Feuchtwanger, que é justamente a concepção burguesa, parece não fazer muito sentido tanto do ponto de vista propagandístico quanto do ponto de vista histórico. Apresentar Hitler como especialmente incompetente, como uma aberração, uma perversão, um embuste, um caso patológico peculiar, enquanto se adotam outros políticos burgueses como modelos, modelos de algo que ele não conseguiu chegar a ser, não me parece o modo adequado de combater Hitler. Da mesma forma que não se pode combater o fascismo isolando-o da burguesia "saudável" (exército e indústria) e eliminando-o simplesmente. A população apreciaria Hitler se ele fosse "grande"? O fato é que qualquer apresentação dramática inteligente me parece impossível se deixa de reconhecer que ele é um fenômeno verdadeiramente nacional, um "líder do povo", um político astuto, vital, insólito e original, e somente quando isto é reconhecido é que sua extrema corrupção, insuficiência e brutalidade etc. entram em foco adequadamen-

te. A mais desvalida de todas as classes, a pequena burguesia, instaura sua própria ditadura quando a situação do capitalismo é mais inauspiciosa. A ditadura é mais aparente do que real na medida em que se estabelece ao lado de outras classes que continuam a existir e assim faz sentir de modo particularmente intenso o peso "natural" (econômico) da alta burguesia (latifundiários) e não governa "no interesse" da pequena burguesia; dá uma mão, ou um punho, mas esse punho goza de certa independência; a indústria consegue seu imperialismo, mas tem de aceitá-lo do jeito que vem, versão hitleriana. A patologia é totalmente condicionada pela classe. A neurastenia de Hitler é a neurastenia do funcionário dos correios. Tudo que é dirigido para um objetivo é necessariamente pura ideologia, mito falso, irreal. A besta-fera, muito doente, muito perigosa, muito forte, pensa corretamente no detalhe, expressa-se da maneira mais sagaz quando se expressa confusamente (o estilo é a situação), age desordenadamente, morbidamente, "intuitivamente", a todo instante transforma as necessidades do momento em virtudes, as famosas "investidas" não passam de contra-investidas às previstas investidas do inimigo. "Desembainhar a espada" pode ser ridículo; contra os *tories* não é ridículo mas apropriado. Nem o anti-semitismo é algo sem sentido, ainda que seja abominável. A nação lidava ali com um espectro. A burguesia, que nunca havia chegado ao poder, criava assim um sentimento nacional ("contra os judeus" significava "por nossos irmãos da região dos Sudetos").



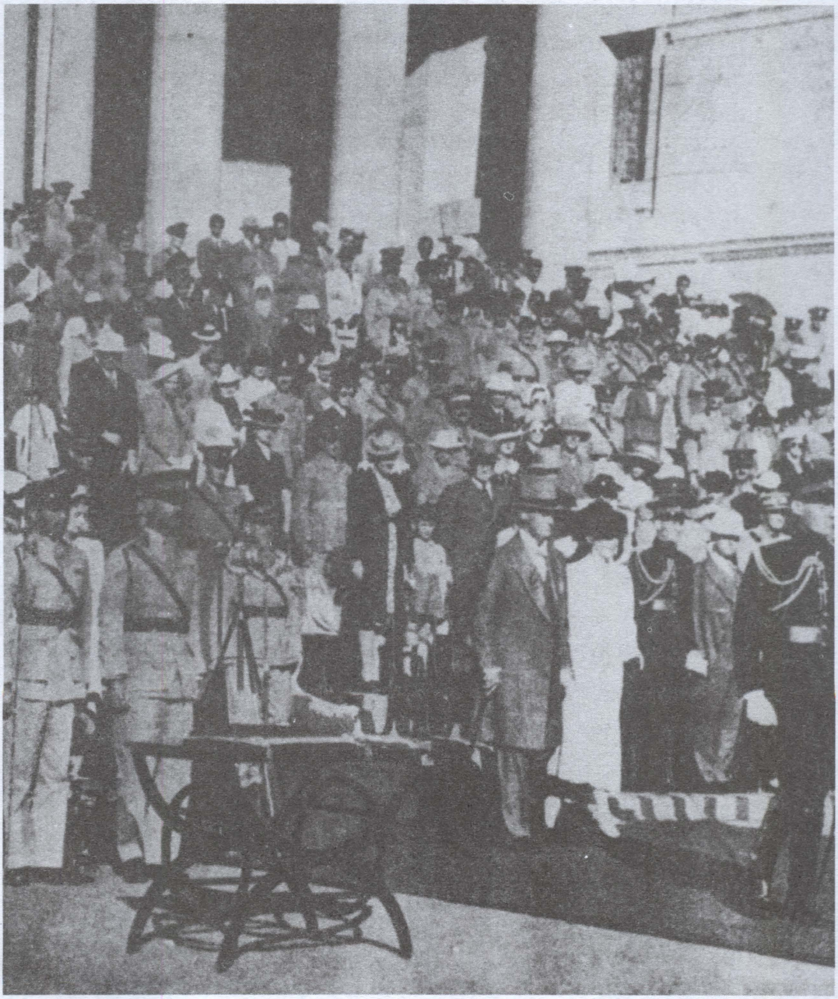
Cyrus Wallace, 65, was a farmer in Ohio 40 years ago. He now wants to go back to farming and this is his chance. He is shown applying for a farm at the county agricultural office on North Spring street.

8. 3. 42

A *grand strategy* dos aliados, que provavelmente previa efetivo apoio à Rússia este ano, parece estar enfrentando enormes dificuldades na Grã-Bretanha. Permitir a penetração de navios de guerra alemães no Canal da Mancha, o que deve embaraçar enormemente as operações no Atlântico Norte e a futura invasão da Noruega e Finlândia e posteriormente o bombardeio de Paris, o que por sua vez deverá deixar Vichy e sua frota mais perto de Hitler, fazem pensar em tentativas de sabotagem por parte dos círculos conservadores britânicos no exército. A demora na outorga do estatuto de *dominion* à Índia, o que significa que mais tropas britânicas são necessárias no leste, faz parte também da mesma tendência, e a censura britânica libera notícias de comboios de tropas americanas para a Austrália.

13. 3. 42

A guerra, grande mestra da dialética, põe todos os órgãos à prova.



Nova Délhi no tempo da invasão japonesa de Rangun.

15. 3. 42

Ontem à noite na casa de Bergner após conversa iniciada à tarde sobre *teatro épico*. Ela é a mais bem-sucedida expoente do teatro reinante. Por isso interessa conhecer sua reação. Ela gosta de *Um homem é um homem* e detesta as notas que acompanham a peça. Desaprova Wedekind que determinava que um pai que tivesse algo a dizer ao filho o dissesse à platéia. Trato de explicar que Wedekind apenas precisava de um efeito-d e o criou de modo um tanto primitivo. O principal obstáculo, obviamente, reside no fato de que ela não vê a platéia como um conjunto de pessoas que desejam mudar o mundo, escutando um informe sobre o mundo. Assim o tom básico desse tipo de teatro lhe é estranho, o gesto de começar, o entusiasmo por um novo milênio, a paixão pela pesquisa, a vontade de desencadear a criatividade de *todos*. Ela vê a coisa toda como um novo "estilo", uma questão de moda, um capricho, e não reconhece que o que ela mesma faz é apenas um "estilo" etc.

Mais tarde chega Oboler, o mais destacado autor americano de peças de radioteatro, um tipo que lembra Kolzov, contador de piadas obscenas, *smart*, não desinteressante quando fala de técnica.

16. 3. 42

Freqüentemente vejo Grete com as coisas que ela estava sempre colocando dentro da valise. O pano de seda com o retrato pintado por Cas; os pequenos elefantes de madeira e marfim das várias cidades por onde andei; a camisola chinesa; os manuscritos; a foto de Lênin; os dicionários. Ela compreendia as coisas belas, como compreendia a beleza da língua. Quando a levei do hotel para a clínica em Moscou, ela estava deitada com a almofada de oxigênio;

mesmo assim fazia questão de levar sua capa finlandesa marrom com capuz e só se acalmou quando mostrei a capa a ela. Descobri mais tarde que, escondidas nessa capa, estavam 15 libras esterlinas que ela havia economizado durante anos e contrabandeado através de várias fronteiras; destinavam-se a ser seu passaporte para a liberdade. Amei-a ternamente quando soube disso.

16. 3. 42

Registro previsões com o objetivo de conferi-las mais tarde:

O exército alemão está muito mais fraco do que no ano passado. Começar uma nova ofensiva será mais difícil, visto que são mais extensas as linhas de comunicação. Os grupos etários recém-recrutados devem ser menos confiáveis.

Uma verdadeira segunda frente não acontecerá. Para embarcar dez a quinze divisões será necessário aproximadamente um milhão e meio de toneladas de espaço de carga e mais uma escolta naval. Até outra Dunquerque neste verão seria suficiente para enxotar Hitler do campo de batalha. Mas ainda que a Grã-Bretanha estivesse preparada para tal risco, os *tories* não estão. Nos últimos tempos Washington parece querer eliminar outras inibições de Londres (derrota de Hitler sem um exército britânico no continente) negociando diretamente com a URSS.

Hitler provavelmente ocupará primeiro a Islândia.

1942 verá uma decisão sobre se a guerra será travada no norte ou no sul. Uma ofensiva aliada no norte ameaçaria Berlim, uma campanha defensiva no sudeste do Cáucaso e no Irã.

O Japão terá de atacar a URSS. Isto esgotará sua força militar, e só uma política britânica conservadora na Índia franqueará novos recursos para o Japão.

17. 3. 42

Conferência de Reichenbach na Universidade da Califórnia sobre *determinismo*. Nosso sistema de causas é limitado por uma espécie de reprodutibilidade que Einstein certa vez exprimiu deste modo: descreveu com o dedo movimentos bastante irregulares e ritmicamente instáveis e disse: por exemplo, se as estrelas se movessem assim, não haveria astronomia. (Embora elas sem dúvida tivessem boas razões para fazê-lo.) Os filósofos se irritaram com a proposição de Heisenberg, segundo a qual pontos no espaço e pontos no tempo não podem ser coordenados. Mesmo que isto tivesse identificado um limite além do qual os métodos descritivos não podem ser "melhorados",

restaria ainda aos filósofos a questão da possibilidade de descrição, de modo que o postulado deles, de que nada acontece sem causa, continuaria de pé. Os físicos o derrubaram ao demonstrar a inanidade dele; simplesmente o abandonam. Fundamentos que não podem ser estabelecidos teoricamente não são fundamentos para eles.

A incapacidade dos filósofos de imaginar o *nada* naturalmente não impede mais os físicos de tratar o *nada* como *nada*. Ainda assim, seu costume de acolher o *0* como uma "ordem de grandeza" sugere que têm a consciência pesada. Num sistema de grandeza o *0* pode talvez ser aduzido como uma grandeza – ou melhor, dificilmente poderá ser designado de outra maneira. Mas sem certo "senso" de dialética é impossível dar o salto lógico de outras ordens de grandeza para a da *não-grandeza*. Assim o espaço como atributo da matéria é algo que os filósofos não podem conceber. Eles consideram estranho que o espaço deva ser aquilo que é ocupado pela matéria.

Infelizmente R[eichenbach] não diz uma única palavra sobre tudo isso.

18. 3. 42

Gosto do mundo dos físicos. Os homens modificam-no e aí ele se torna espantoso. Podemos nos apresentar como os jogadores que somos, com nossas aproximações, nossos propósitos de fazermos-o-que-estiver-ao-nosso-alcance, nossa dependência para com outros, para com o desconhecido, para com coisas completas em si mesmas. Assim mais uma vez muitas coisas podem conduzir ao sucesso, mais de um caminho está aberto. Por estranho que pareça, me sinto mais livre neste mundo do que no antigo.

18. 3. 42

Começou ontem o sorteio dos alistados. Tive de me alistar em 16.2, já que ainda não fiz 45. Essa loteria parece um tanto esquisita para os europeus, embora provenha da Europa. Essa escolha cega entre milhões, esse jogo de azar entre Estado e cidadão!

Horkheimer e Adorno ainda estão ruminando a conferência de Reichenbach. O anúncio dos físicos, de que descobriram no microcosmo processos que não se mostram receptivos às relações causais com que estamos acostumados, irrita-os visivelmente, porque os físicos passaram também ao ataque, remetendo desdenhosamente à metafísica – com tenazes incandescentes – o postulado que diz que a lei de causalidade poderia ser reconhecida mesmo onde não pode sequer ser teoricamente admitida. Os filósofos insistem obstinadamente em que é possível conceber premissas que não podemos conceber. Os físicos parecem estar irritados com a presunção dos causacionistas ferrenhos e passaram a trabalhar com a teoria da probabilidade.

21. 3. 42

A "natureza" se reflete de maneira estranha em meus textos. Em *Baal* paisagem e sexualidade são vítimas do grande associal. Em *Tambores* e *Selva* a cidade é um campo de batalha. Em *Eduardo* existe uma paisagem para a representação, em *Um homem é um homem* ela é um mecanismo anárquico. Em *Santa Joana* é outra vez um campo de batalha (a nevasca é um fenômeno social). *Mãe* não tem paisagem, *Cabeças pontudas e cabeças redondas* também não, *Galileu* tem um pouquinho de interior (na cena do monge), a peça de *Se-Tsuan* tem uma certa vista de cidade, *Ui* utiliza *cartoons* de *Selva* e *Eduardo*; *Coragem* apresenta paisa-

gem como *Santa Joana*. Mas *Puntilla* tem uma paisagem quase do mesmo tipo de *Baal*. Relações humanas de caráter direto só são reproduzidas em *Mãe*.

22. 3. 42

Em certo sentido os nazistas têm razão de chamar suas façanhas de revolução. Os burgueses alemães estão realizando sua revolução na forma de uma tentativa de conquistar o mundo. Um dia se emanciparam da condição de feitores de escravos e no dia seguinte se apresentaram ao serviço... como salteadores armados. Mas no fundo eram ainda incapazes de liquidar de uma vez sua aristocracia, e assim deflagraram de imediato uma guerra de rapina. Ignoraram seu Robespierre e submeteram-se diretamente a seu Napoleão (que é, na verdade, um feto de um Napoleão!). Daí as condições rigidamente miseráveis, as carnificinas minuciosamente planejadas, essa Potsdam schwabingesca.

23. 3. 42

Incrível como neste lugar uma afetação barata e perversa impede que as pessoas vivam de maneira razoavelmente civilizada, i.e., vivam com dignidade. Na minha casa com quintal e jardim em Utting, e mesmo "debaixo do meu telhado de colmo dinamarquês", era possível folhear o *Bellum Gallicum* de manhã. Aqui seria um tremendo esnobismo. Lidingö viu os debates dos 20 sobre os erros cometidos na Espanha, alguns debates com Ljungdal sobre a dialética de Hegel, o pequeno teatro de máscaras dos jovens trabalhadores que encenaram *Quanto custa o ferro?* A Finlândia tinha Marlebäk com o bosque de bétulas em

volta da casa, a hora do café na casa-grande da fazenda depois da sauna, e o apartamento de dois quartos na zona portuária de Helsinque, abarrotada de gente interessante. Havia espaço para Diderot e os epigramas de Meleagro, e também para Marx. Aqui a gente se sente como Francisco de Assis num aquário, Lênin no Prater (ou na Oktoberfest de Munique), um crisântemo numa mina de carvão ou uma salsicha numa estufa de plantas. O país é suficientemente grande para expulsar de nossa memória todos os outros países. A gente podia escrever dramas como se o país não tivesse nenhum ou precisasse de algum, mas ele tem tudo isso, ainda que na condição mais desprezível. O mercantilismo produz tudo, mas na forma de bens vendáveis, de modo que aqui a arte tem vergonha de sua utilidade, mas não de seu valor de troca.

23. 3. 42

A questão de *determinismo ou indeterminismo* é inteiramente desesperada. Se tudo que acontece é predeterminado, então as cadeias da determinação são infinitas, e não podemos ter uma visão geral de cadeias sem fim. A determinação total é impossível. A probabilidade-causalidade empregada pelos físicos, porém, pode resultar em certas proposições, mesmo onde há irregularidades e eventos complexos. "O mundo é totalmente determinado" é um enunciado vazio, porquanto não é válido para os seres humanos e apenas diz que poderíamos sempre encontrar causas, se ao menos conseguíssemos achá-las. No caso de ações humanas, as coisas estão neste ponto: acumulados e reconhecidos certos motivos, manifesta-se uma nova qualidade e segue-se uma decisão ou ação. Nesse estágio os motivos não podem mais ser reconstituídos por mudança da qualidade.

24. 3. 42

As perguntas nem sempre são igualmente urgentes, mas há sempre o desejo de produzir respostas: que outra coisa significa escrever? É como um moinho de vento, que trabalha mesmo sem grão. Mas o homem inteiro é como um Estado, que pode às vezes estar completamente desunido, sem governo, meio devastado, incapaz de dar uma resposta coerente ao mundo exterior. Às vezes você escreve movido por certas forças e às vezes você tenta ganhar força escrevendo. Aqui nos Estados Unidos você é um objeto da literatura, não o sujeito. Durante semanas trabalhei diariamente com Czinner e Bergner numa *filmstory*, e agora ela está em Washington, ele está trabalhando num filme, e a *story* não está terminada. Foi, sim, posta no gelo. Dieterle me mostra seu último filme que conta a história do jazz. Ele é o produtor, o que quer dizer que ele mesmo lida pessoalmente com os bancos, e agora eles o estão forçando a cortar o maior número possível de negros e introduzir outro tanto de *boy meets girl*. Tudo que resta do filme é uma coleção de retalhos. Pensei nisso e anotei algumas sugestões, mas ele não me ligou de volta e está provavelmente correndo de um banco para outro. Enquanto estou sentado na cadeira indiana de madeira debaixo do limoeiro do jardim e um imenso bombardeiro de vez em quando cruza o céu, olho para uma trepadeira e penso: ela não sabe nada de determinismo, provavelmente opera com base num sistema de causas. Aí aparece um homem, estica um braço e amarra a trepadeira num arame – uma vez na vida dela. Nesse sistema esse tipo de coisa não pode parecer determinado. Depois eu penso: estes são pensamentos sombrios. E me levanto para ir buscar um charuto.

25. 3. 42

Cerca de 100 mil japoneses (inclusive cidadãos americanos) estão sendo evacuados daqui da costa por razões militares. Maravilhoso como a humanidade se sai bem de todas essas psicoses e pânicos. Na repartição onde também tivemos de nos registrar como *enemy aliens* vimos uma japonesa velha, meio cega, que não parecia em nada perigosa. Ela obrigou sua acompanhante, uma mocinha, a pedir desculpas às pessoas que estavam esperando pelo fato de precisar de muito tempo para escrever. Todo mundo sorriu: os funcionários americanos eram muito corteses. Pela primeira vez gente do povo está comprando legumes aos nisseis (japoneses nascidos aqui), coisa que nunca fizeram antes porque não achavam o produto higiênico. Os mercados deles estão muito vazios. Agora está em construção uma cidade para dezenas de milhares. Os militares frisam o tempo todo que as escoltas só estão ali para prevenir hostilidade da parte de americanos. Os japoneses sabem se policiar. Um protesto nas colunas de correspondência do *Times* mostra o que as autoridades têm de enfrentar:

Mad?

What is the matter with this country that we are paying the Japs union wages to build their barrack buildings where they are to be concentrated? When our boys are inducted into the Army at $21 a month and are made to put up buildings, etc., with one saw and one hammer to 150 men, and a superior officer comes around and gives a command to finish it in a week—it's about time the people got mad.

E. JACKSON,

Los Angeles.

26. 3. 42

Uma boa contraparte de *Ui* e *Terror e miséria* poderia chamar-se *O mercado das nações*. Benes, que anuncia com fanfarra ter um plano; depois se vem a saber que se trata de um aeroplano usado por ele para fugir. Daladier, que tem de vender a Tchecoslováquia porque vendeu a frente popular francesa. Os *tories* mandam sua força expedicionária para a França sem aviões porque Nuffield, o rei do carro, quer um monopólio para fabricar bombardeiros. Manchucuo, Espanha, Abissínia são vendidos, depois a França (pelos franceses). De cambulhada com tudo isso *scrap-iron*, petróleo, borracha. Em Munique a União Soviética é vendida, a Finlândia também em 1939 (à URSS). Depois Daladier já está na prisão e Chamberlain na Abadia de Westminster, e Hess voa para a Inglaterra. O inverno na Rússia é frio, mas o tempo no Canal da Mancha é ruim durante oito meses. O nevoeiro baixa e os vasos de guerra alemães deslizam pelo Canal para ameaçar as linhas de suprimento do Atlântico. Cingapura, o posto policial do Pacífico, cai, as tropas britânicas nunca realizaram manobras em arrozais e seringais. A Índia só está fortificada contra o Norte, um bilhão de libras foi ali investido. Se houvesse uma *clearing house* para todas as vendas, alguns postos oficiais teriam sido vendidos lá para "segundos filhos".

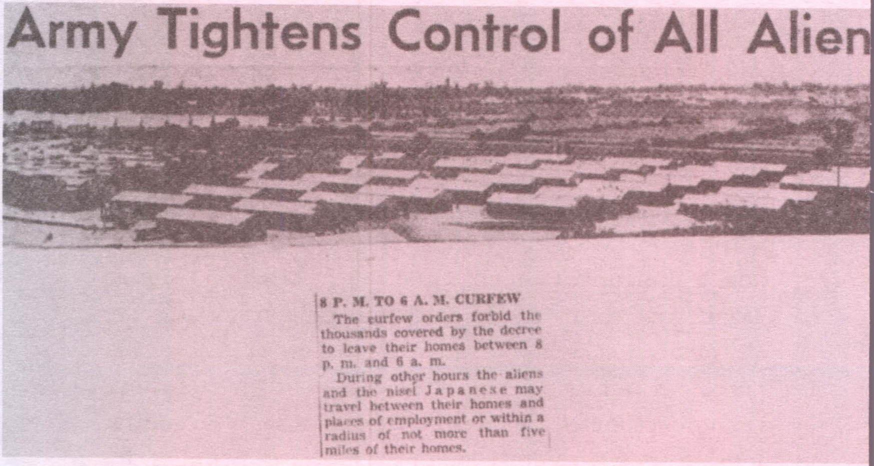
26. 3. 42

De *Determinismo ou Indeterminismo* (1938) de Planck:

"Assim é estatística a lei que rege o reflexo dos elétrons no cristal. Determina o comportamento de grandes quantidades de elétrons, mas falha quando se trata do comportamento de elétrons isolados."

"É impossível sondar o interior de um corpo se o instrumento de sondagem é maior do que o corpo todo."

O materialismo histórico também mostra esta imprecisão em relação ao indivíduo.


Army Tightens Control of All Alien

8 P. M. TO 6 A. M. CURFEW

The curfew orders forbid the thousands covered by the decree to leave their homes between 8 p. m. and 6 a. m.

During other hours the aliens and the nisei Japanese may travel between their homes and places of employment or within a radius of not more than five miles of their homes.

26. 3. 42

Na casa de Reichenbach ontem à noite antes do *curfew*. Ao menos esses físicos levam a sério suas experiências. No microcosmo deles as coisas são inteiramente anárquicas. Os elétrons não precisam de causas para seu comportamento. Claro que um prato de porcelana não está sob nenhuma obrigação estrita de não voar para o teto quando é posto sobre a mesa.

27. 3. 42

Conversa com Wiesengrund-Adorno, que anda muito *jumpy* desde que começou o *curfew*, sobre a natureza espe-

cial do teatro em relação ao cinema. – Não se pode exceituar por completo a *lehrstück*, já que os atores representam a si mesmos. O que o teatro tem e o cinema não tem é em primeiro lugar drama, i.e., separação entre peça e representação. Em teoria seria obviamente possível fazer uma porção de filmes sobre determinado assunto. Mas até agora nenhuma "peça" desse tipo existe. Hoje, com o cinema nas mãos de fabricantes de roupa e banqueiros, é difícil imaginar um filme artístico. Na realidade é muito mais provável que a URSS produza filmes que possam ainda ser levados a sério dentro de cinco anos. Chaplin também usa um estilo que historiciza os temas de tal modo que ainda são apreciados anos depois. Há objeções técnicas que são lançadas à música e que se aplicam também à linguagem. "The microphone is monaural (one-eared) and thus unable to communicate music conceived in binaural terms with its inherent sound perspective. Moreover there is a legally imposed limit to the number of cycles per second which are transmitted. Finally, the problem of the hearstripe [O microfone é monaural e assim é incapaz de comunicar música concebida em condições biaurais com a perspectiva sonora que lhe é inerente. Além disso há um limite legalmente imposto ao número de ciclos transmitidos por segundo. Finalmente o problema da faixa de audição.]" Em tudo isso ainda se podem encontrar melhoramentos técnicos, mas eu mesmo não acredito que *todos* os problemas técnicos sejam em princípio solucionáveis. Acima de tudo, acho que o efeito de uma representação artística sobre uma platéia não pode ser independente do efeito da platéia sobre o artista. No teatro o público regula a representação. Em detalhe o cinema tem falhas tremendas que em princípio parecem ser irremediáveis. Há o deslocamento do som (o ouvinte deve ligar cada frase à boca que a está emitindo). Depois há a perspectiva fixa: só

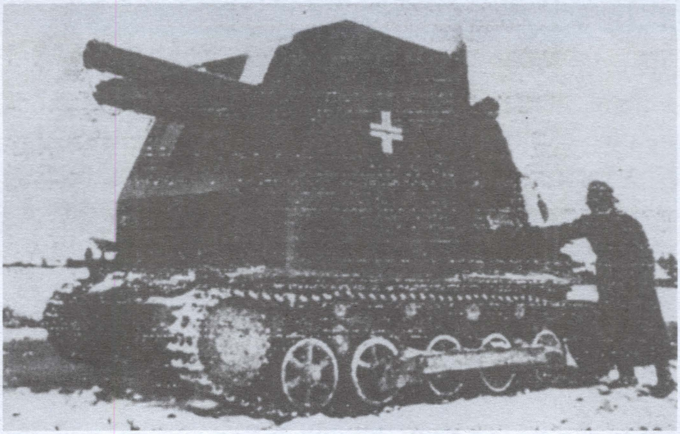
vemos o que *um único* olho (a câmera) vê. Isto significa que os atores têm de representar para um olho único de maneira que todos os acontecimentos se tornam unilineares etc. Uma fraqueza mais sutil: a reprodução mecânica faz com que tudo pareça encerrado, definitivo, inalterável. Isto nos restitui à objeção básica: o público não tem mais oportunidade de ajustar o trabalho do ator, não está diante de uma produção mas de um produto final que foi realizado em sua ausência.

29. 3. 42

Ruth deu a Bergner para entregar a Oboler uma peça radiofônica sobre a luta de libertação na Noruega. Acontece que Oboler se apoderou da peça e apresentou-a em seu próprio nome. Não ganhou dinheiro com isso, já que a peça era para a *Defence*, mas ganhou fama. Quando Ruth se queixou do roubo, ele se disse surpreso de que ela não quisesse colaborar com a *Defence*. Diferença entre fazer sacrifícios e exigi-los.

30. 3. 42

Os elementos que constituem o modo de viver daqui são ignóbeis. Deve ser a falta de dignidade nas condições de produção que torna tudo aqui banal. Aqui, mais até do que em qualquer lugar, o distanciamento é necessário, mas ninguém o respeita. Comer, contemplar uma paisagem, conversar, escrever um livro, ler um livro, negócios, todas essas coisas têm um propósito bem diferente aqui, um propósito que não cheira lá muito bem e por isso não é digno nem suficiente em si mesmo.



Da frente russa.

3. 4. 42

Em torno de uma boa refeição na casa de Ludwig Hardt, rodeados de fotos de Baudelaire, Poe, Kafka e Heine e das caixas de borboletas do dono da casa, falávamos da evacuação dos japoneses da costa oeste e do modo como a democracia sobrevive em sua luta constante contra a inflexibilidade, a *red tape* e a "disciplina férrea", quando um ator alemão emigrado diz: "em períodos como estes não há mesmo tempo para considerações humanitárias". Cabeças goebbelizadas. A velha crença prussiana que diz que a desumanidade compensa!

4. 4. 42

Os comentaristas de jornais e rádios estão ficando cada vez mais inquietos com os *tories* que na Índia preferem perder um subordinado a ganhar um aliado.

4. 4. 42

Tento interessar Hardt numa nova maneira de recitar. Embora admire Wedekind, Hardt o vê como um fenômeno único e considera a contribuição técnica de Wedekind para as artes de interpretar e recitar como um estilo pessoal. Em sua concepção, a arte declamatória de Wedekind era não apenas inimitável mas também primitiva. Friso que, pelo contrário, está aberta à adoção e ao desdobramento, e que é extremamente refinada e variadíssima. Hardt só podia ouvir as sincopações no padrão rítmico; ouvia-as sem se dar conta do cuidado com que eram colocadas. Wedekind estava de fato se antecipando a certos aspectos do jazz; ritmos complexos de sapateado fundamentavam sua declamação das poesias e canções mais simples (na época eu era um garoto de quinze anos). Sugeri que Hardt tentasse recitar alguns poemas de Goethe à maneira de Wedekind, mantendo o padrão rítmico que aprenderia por imitação direta do "fenômeno único", completado com todos os seus maneirismos, e que depois livrasse seu desempenho de todo elemento realmente particular de tom ou gesto.

5. 4. 42

Escrever poesia, mesmo poesia de circunstância, aqui é como se isolar numa torre de marfim. É o mesmo que praticar a arte do ourives. Há nisso algo de exótico, algo de excêntrico, algo de limitado. É como meter uma mensagem dentro de uma garrafa. A batalha por Smolensk é uma batalha pela poesia também.

O grito silencioso de Cingapura.

8. 4. 42

Os Dieterle aqui. A Sra. Dieterle é ligada em astrologia. Dieterle, dizem, só inicia suas superproduções em dias propícios. Escolho apenas dois pontos. Se Hitler de fato acredita em astrologia, talvez seja possível prever por seu horóscopo o que fará num dado momento. (Admitindo a possibilidade de mais de um astrólogo apresentar o mesmo prognóstico.) Para mim o mais engraçado é determinar o caráter pelo mês do nascimento, principalmente porque dificilmente ouço uma das doze caracterizações que não se ajuste a mim. Basta escutar essas coisas para compreender como é hoje em dia incrivelmente antiquada a caracterização estática de acordo com as qualidades.

Dieterle sempre me pergunta a respeito de *Os últimos dias de César*, tema de um filme de que lhe falei uma vez. Faço um esboço para ele, embora não haja a menor chance. A indústria não está fazendo filmes de trajes de época. Desconfia das camisolas de dormir com que os Meininger vestiam todos os romanos. Na verdade podiam-se tingir as túnicas de cores escuras e dar a elas um corte elegante. A plebe podia usar calças e camisas. O público viria ver esse tipo de coisa desde que se tivesse despertado seu interesse pela história e pela política em geral. Mas antes de chegar ao público é preciso passar por seus donos, os distribuidores e os proprietários de cinemas que "conhecem" o público. Todo mundo sabe que são eles os trampolineiros. Este é um exemplo realmente bom de pseudodemocracia.

9. 4. 42

E a chuva caía todo dia
E a luz do sol era fraca e lívida
E em silêncio viram as águas cobrir
O monte Ararat.

10. 4. 42

Sir Stafford Cripps, o grande amigo da Índia, volta para a "capital do mundo" sem ter conseguido nada e cuspindo fogo. Não encontrou nenhum regime fantoche. Para os *tories* o principal parece ter sido impedir a formação de uma milícia popular indiana. Magoado assombro na imprensa ante a ingratidão desses indianos para com seus libertadores. Será que realmente preferem os patrões japoneses aos britânicos? Os indianos dizem que não. Mas não acreditam que os britânicos possam protegê-los contra os

japoneses. Se tiverem êxito na deflagração de uma guerra popular (contra a vontade de alguns coronéis embriagados de chá e uísque nos hotéis de Délhi), terão prestado a si mesmos e às nações aliadas um serviço melhor do que um equivocado compromisso com os *tories.*

11. 4. 42

Meses atrás Czinner me contou o começo de um filme (com cenas de hipnose) e me perguntou se eu queria continuá-lo. Trabalhei com ele algumas semanas e com Bergner também. No fim completei minha história. Bergner contou-a a alguns americanos, apenas, como me disse, para saber o que achavam dela. Depois disso, cheia de dúvidas, perdeu o elã, embora esteja em sérios apertos financeiros, com dívidas a pagar. Aí Czinner foi ajudar Billy Wilder (*filmwriter*, alemão) na realização de filmes e não teve mais tempo. Agora Bergner me conta que meu filme acaba de ser vendido por outro sujeito, amigo de Wilder, com todos os detalhes da história, só que com outra ambientação e sem as cenas de hipnose da parte introdutória. US$35.000. Mais bem desenvolvido, Bergner achou-o encantador. Ela leu a *story*...

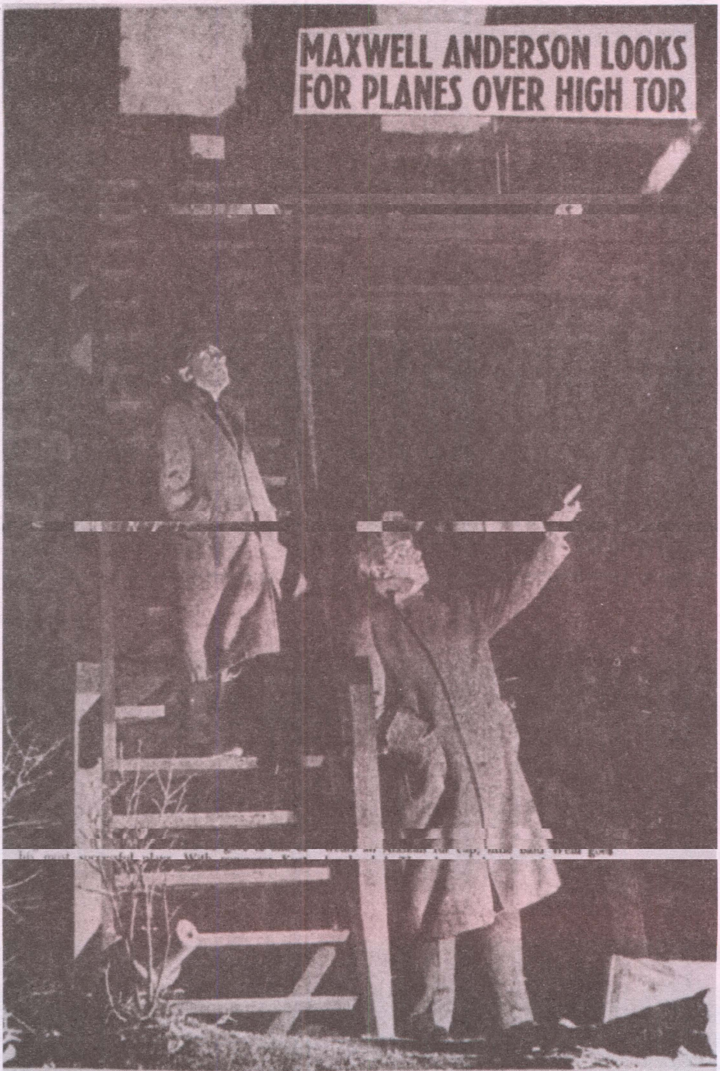
12. 4. 42

Enquanto isso, dia e noite nos campos cobertos de neve de Smolensk, prossegue a batalha pela dignidade do homem.

14. 4. 42

Os Döblin aqui em casa. Ele concluiu o 2° volume de um romance sobre o fim da guerra em 1918 (mais de 1.100

MAXWELL ANDERSON LOOKS FOR PLANES OVER HIGH TOR



FROM THIS TOWER on a hilltop between New City and Haverstraw, N. Y., Maxwell Anderson, the playwright (pointing) listens for enemy planes over High Tor—the hill whose name he gave to one of his most successful plays. With composer Kurt Weill (on steps), his friend and next-door neighbor on South Mountain Road three miles away, he makes the windy, 10-minute climb every other week; watches four hours. On duty, Anderson wears an Alaskan fur cap, little bald Weill goes bareheaded. They haven't heard a plane—not even a friendly one. Photo by Mary Morris.

páginas). Nenhuma chance de publicação. Um filho desaparecido no exército francês, outro indigente em Marselha, mendigando. D[öblin], como sempre, espirituoso e cáustico. Tendo sido por muito tempo extremamente anti-russo, acaba de ser convertido pelos livros escritos pelo Deão de Canterbury e pelo embaixador Davis dos Estados Unidos. Ainda falam francês com o filho mas estão pensando novamente em voltar para Berlim. Ele não espera muita luta da parte dos indianos. Cravarão mais alguns pregos nos estrados das camas em que dormem.

15. 4. 42

Como Weill estava criando dificuldades para a produção, por uma companhia negra, da *Ópera dos três vinténs,* pedi a Wiesengrund-Adorno que lhe escrevesse. Weill respondeu com uma carta desaforada cheia de ataques a mim e elogios à Broadway, que encena tudo desde que seja bom e que vem dando prosseguimento às experiências em que a Europa foi pioneira. A última peça para a qual fez a música ficou 14 meses em cartaz. Chamava-se *Lady in the Dark*. (Dizem que é uma coisa divertida feita pra ganhar dinheiro.) A carta começa chamando a atenção para o fato de que ele a está escrevendo em inglês: "It's easier for me and I like it better."

15. 4. 42

No social-democrático *Neuen Volkszeitung*, que sai em NY sob a direção de Gerhart H. Seger, há um artigo de R[udolf] Katz em que os sucessos do inverno russo são considerados "não muito auspiciosos". Os membros mais importantes das Nações Unidas são Inglaterra e Estados

Unidos. A guerra levará outros 2 a 6 anos. Katz chama Leningrado de Petersburgo.

16. 4. 42

Hoje de manhã recebemos a visita de pessoas que vieram no mesmo navio que nós. A mulher de Otto Bauer e Brainer, um jovem trabalhador austríaco que ganha US$45 por semana como montador na Southern Railway e tem um carrinho e uma bonita louça. Queixa-se amargamente do nível político de seus colegas de trabalho. Todos primam pelas declarações anti-semitas. No momento desfrutam de um pequeno *boom*. Grande hostilidade à Grã-Bretanha.

17. 4. 42

A diferença entre os romances de Conan Doyle e os de Simenon é a mesma que existe entre o drama aristotélico e o não-aristotélico. S[imenon] intensifica a atmosfera até seu caráter físico desaparecer completamente, os personagens se tornam fenômenos naturais, o nexo causal se apaga, os destinos seguem seu curso, o detetive intui mais do que raciocina, o ato de pensar se torna um fenômeno físico. D[oyle] é muito mais moderno.

18. 4. 42

Este país reduz a pó meu *Romance dos tui*. É impossível exibir a venda de opiniões aqui, onde é praticada abertamente. A comédia daqueles que pensam que estão guiando mas na verdade estão sendo guiados, o quixotismo de

uma consciência que trabalha sob a ilusão de que está determinando a existência social – tudo isto só se aplica à Europa.

20. 4. 42

Eisler aqui. Com uma bolsa da Fundação Rockefeller (tema: música de filme). "15 maneiras de descrever a chuva" (filmete de chuva, acompanhado de música apropriada). Talvez afinal meu romance dos tui não esteja totalmente... Eisler continua o mesmo em espírito e sabedoria.

21. 4. 42

Mandei um artigo sobre Hitler para a série "Meu personagem inesquecível" do *Reader's Digest* (3 milhões e meio de exemplares vendidos). Foi prontamente devolvido. Me diz Feuchtwanger que Thomas Mann e Werfel, que têm feito muito sucesso aqui, tiveram suas colaborações devolvidas também. A revista submete a colaboração dos leitores a meia dúzia de especialistas. Um verifica se a coisa é marrom, um segundo se fede, um terceiro se não há nela torrões duros etc. E assim é severamente examinada para se ter certeza de que é merda de verdade antes de ser aceita. (Especialista em suspense, especialista em caracterização, especialista em "fidelidade à vida" etc.)

LÜBECK

21. 4. 42

Quando vejo Eisler é mais ou menos como se tivesse me metido sem querer no meio de uma multidão e de repente alguém me chamasse por meu velho nome. Na verdade há muitas coisas desde junho de 41 com que não consegui me entender direito, coisas como a perda de Grete, o novo meio em que vivo, até mesmo o clima ameno daqui. E depois o jogo de roleta com as *stories*, os confrontos com os bem-sucedidos e os malsucedidos, a falta de dinheiro. Como conseqüência de tudo isso, pela primeira vez em 10 anos, não estou trabalhando a sério em coisa alguma, com os resultados que seriam de esperar. Não me lembro de um único hausto de ar fresco em todos esses meses. É como se estivesse sentado um quilômetro embaixo da terra, sujo e com a barba por fazer, esperando o desfecho da batalha por Smolensk.

23. 4. 42

Homolka tornou a falar em montar *Galileu*. Pergunto a ele por material histórico mais atual – ele lê muito. Menciona H[enri] Dunant, o fundador da Cruz Vermelha.

24. 4. 42

Ouço discos de Eisler com os poemas da chuva na casa de Adorno. São muito bonitos, lembram desenhos com tinta-da-china. Enquanto o disco toca eu penso: no decurso de três séculos de desenvolvimento a música européia terá sido marcada por algumas obras maravilhosas, e chega o dia em que os chineses dirão: agora é música.

Depois disso sinto que tenho de atacar Schönberg, só para chocá-los. Um dos instumentos mais importantes para julgar música é um termômetro clínico. A temperatura normal do corpo humano é de aproximadamente 37 graus. Depois de música apaixonada, ardente ou simplesmente intensa é bom averiguar se essa temperatura permaneceu constante. No caso de Bach, mesmo com as peças mais apaixonadas, permanece.

26. 4. 42

Kortner indaga de Eisler como vai o teatro em Nova York. Eisler: só sei que tento tampar os ouvidos para não escutar as queixas de minha mulher a esse respeito. – Kortner conta que um cômico vienense, recém-chegado a Nova York, beija o chão diante dos fotógrafos reunidos. Kortner diz: não se aflijam com isso, é só uma formalidade; em Viena ele teria beijado todas as mãos que estivessem a seu alcance.

27. 4. 42

Da *Vida do Filantropo H[enri] Dunant* poderia resultar algo do gênero *Timão de Atenas*, tragédia de um monumental resmungão.

27. 4. 42

Schönberg é um velho tirano e Eisler confessa com um sorriso que treme e se preocupa com o estado da gravata e com a idéia de chegar 10 minutos adiantado. Depois conta, feliz da vida, que Schönberg recebeu as 14 descrições

de chuva com palavras de elogio e que irá apresentá-las numa de suas aulas na universidade. Ocorreu-me que podíamos tentar escrever novas canções populares, compostas na nova maneira. Por que as pessoas não devem cantar assim, com sua temperatura em 37 graus, é claro?

Lang, depois de uma série de sucessos de bilheteria, foi afastado de dois filmes, um depois do outro, porque se meteu em desentendimentos, ou porque um ator francês exigiu um diretor americano. Apreensivo, pediu a Rolf Nürnberg que lhe devolvesse os US$80.000 que lhe entregara para investir, suas economias. N[ürnberg] fez uma ridícula tentativa de suicídio e confessou que fazia alguns anos vinha usando o dinheiro para pagar suas próprias despesas. Enquanto cumpria o último mês de seu contrato, Lang foi a um oftalmologista. O médico lhe tapou um olho e mandou-o ler em voz alta as letras projetadas. Lang disse: "Acenda a lâmpada, por favor." A lâmpada estava acesa o tempo todo. Agora sabe, ou suspeita, que seu outro olho está ameaçado de cegueira também, como aconteceu com seu pai. Com ele estava Laté, sua amiga e secretária há alguns anos; agora ela começou a andar com Winge, e disso também está ciente Lang.

1. 5. 42

Coisas maravilhosas esses comunicados ingênuos quando os ditadores se encontram, anunciando surpresas iminentes. Uma frase: "Esta confiança se baseia nas vitórias esmagadoras das potências do Eixo." Assim se diz à Alemanha que ela é esmagada pelas vitórias de Hitler!

RAF eases raids; Nazis seek truce

LONDON, May 1.—(U.P.)—British night fighters and ground gunners aided by girls shot down 11 of 50 German planes that raided Britain last night and RAF bombers took a rest after eight nights of attacks so devastating that the Germans are seeking an "air truce," it was revealed today.

2. 5. 42

Dunant podia ser apresentado como uma espécie de Santo Antônio na busca vã de fugir à sedução da lasciva Caritas, que o tenta, o mantém afastado dos negócios, o arruína. A família, reconhecendo a situação difícil em que ele se encontra, faz tudo que pode para trazê-lo de volta ao bom caminho, arranca dele confissões, obriga-o a prometer sob juramento que vai mudar para melhor, impõe períodos de autopunição, mas ele não sai nunca da vala comum da generosidade, até que no fim a mão do socorro se recolhe. A magnanimidade na sociedade atual é um vício, e não um vício tolerado.

Dollar-a-Year

Washington Post

The nagging of our dollar-a-year men has become so intolerable that Congress should issue a cease and desist order to its investigating committees. Donald M. Nelson has again been impelled to protest. He has 437 dollar-a-year men in various agencies of the W.P.B., and they are invaluable aides in the gargantuan job of converting industrial America to war production. Nobody else could do their work. In fact, if they were not in the organization, the bottom would fall out of the production side of the war effort. Yet, just because they are businessmen, they are made to feel like pariahs in Washington. It is no wonder, therefore, that some of them are beginning to think nostalgically of their private lives of ease and convenience.

2\. 5. 42

Vi *O deputado da frota do Báltico* e fiquei muito abalado, já que essa historinha reflete a atitude clássica dos socialistas para com a ciência. – Como estou redigindo algumas notas sobre música de filme para Eisler, reparei que o filme só emprega música em dois ou três lugares, nos momentos de clímax emocional. Assim o final (o velho sábio volta para seu gabinete após discursar perante o soviete de Petrogrado, que está prestes a se deslocar para a linha de frente, e retorna a seus livros) tem música de fundo. A música se contenta em reforçar as emoções da platéia, e além disso de maneira generalizada e vazia, como emoção pela emoção. Estou certo de que o som das tropas soviéticas saindo em marcha, possivelmente seguido por um silêncio absoluto e pelo som de páginas sendo viradas, teria tido maior efeito. A música generalizada, abstrata tor-

na a emoção geral, abstrata e vazia de conteúdo concreto, de modo que se alimenta de si mesma.

3. 5. 42

Barbara de volta de um acampamento de crianças nas colinas. Depois disso e do tratamento de repouso no inverno engordou 15 quilos. Sedimentação do sangue normal, não se ouve mais som algum.

5. 5. 42

Uma coisa como a missão de Cripps na Índia só poderia ser retratada por um drama épico. O Lord vermelho, amigo da Índia, chega. Aí os velhos clichês do Coronel Blimp (que Low acabou de enterrar num cartum... de Blimps em todos os tipos de uniformes e funções) saem de sua boca. E o Lord vermelho regressa a Londres ofendido porque os indianos "desunidos" recusaram-se a receber qualquer coisa de mão tão amiga.

6. 5. 42

As coisas de Grete que me foram remetidas estão agora, devemos presumir, definitivamente perdidas. Ouvi dizer que carregamentos inteiros de navios foram queimados aqui naquele tempo. Lembro-me de seus pertences. As maletas dos pobres, abarrotadas de pentes quebrados, meias incerzíveis, pedaços de papel, cotocos de lápis, sapatos cheios de buracos, fotos de descoradas excursões. Não se atrevia a jogar nada fora.

7. 5. 42

Kalser, o ator, nos fala do teatro de Zurique onde foram contratados atores alemães refugiados. Ele ainda recebe cartas, 4 meses depois, contendo análises de papéis e relatos de frenéticas discussões sobre questões de estilo. Responde pontualmente, enchendo laudas e laudas. Na terrível primavera de 40, quando a Suíça temia uma invasão, os refugiados ficaram trancados no teatro durante 2 dias num fim-de-semana, ensaiando sem parar só pra não ler as edições extras dos jornais. Ensaiavam a segunda parte do *Fausto*.

7. 5. 42

A pobreza semifeudal na Finlândia, embora a privação em matéria de bens fosse provavelmente pior, certamente tinha mais dignidade humana do que tem a pobreza neste país. A privação vinha existindo ao longo de séculos, e portanto a indigência tinha em si algo de clássica, pois os movimentos do povo foram simplificados e enobrecidos pela pobreza, como o são pelo trabalho árduo e prolongado. Os moradores das cabanas e os homens que tangem as toras de madeira rio abaixo ainda nos faziam recordar os pastores de epopéias homéricas, e em certo sentido sua vida se tornou como que parte integrante da literatura: vivem em narrativas e suas vidas seguem cursos conhecidos deles mesmos e da aldeia. Nem mesmo os trabalhadores das cidades se tornaram especuladores. Lutaram contra Mannerheim.

7. 5. 42

Em Marlebäk, propriedade de Hella Wuolijoki, contavam a seguinte história: o capataz e a moça suíça, manejando os remos, transportavam bois numa balsa para o outro lado do estreito. Por alguma razão a balsa começou a afundar. Para reduzir a carga o capataz atirou a moça na água. Ela não sabia nadar. Então ele teve de ir buscá-la assim que pôs os bois em terra. E ela quase se afogou. Naquela mesma noite os dois foram de bicicleta ao cinema do povoado. Eram namorados. A moça suíça não era inculta. Tinha passado dois anos na escola de agricultura de Helsinque.

8. 5. 42

Os finlandeses ainda estão lutando. A paciência humana é suficiente para nos levar ao desespero. Quando penso na fome ali há coisa de um ano! A batalha para pôr as mãos numa laranja para Grete, ou num ovo – eu levava a laranja ou o ovo como se a vida dela dependesse disso.

9. 5. 42

Eisler não gosta da canção "Und was bekam des Soldaten Weib [E o que recebeu a mulher do soldado]". Desagrada-lhe o sarcasmo. Diz ele: "E se eu tivesse mandado para minha mãe um pedaço de salame da Itália em 1917? Os generais roubam pianos e tapetes, os praças aproveitam a oportunidade para comprar sapatos para as mulheres com quem estão casados. Isso é o que conseguem tirar da guerra, muito pouco." – É uma situação difícil. Eu podia dizer que não fiz o soldado mandar comida para a mulher, mas só roupas, trapos saqueados. Mas isso realmente não faz

muita diferença, a mulher precisa disso também. Eu podia dizer: não teria escrito o poema se o véu da viúva tivesse vindo de Paris. Mas a pergunta está de pé: como posso apoiar a pretensão do proletariado a comandar e ao mesmo tempo tolerar sua irresponsabilidade? O que eu tinha em mente quando escrevia era provavelmente: e o que o correio trouxe para a mulher do homem das SA? É assim que terá de ser chamado.

9. 5. 42

Eisler tem razão de lembrar como era perigoso quando púnhamos em circulação inovações puramente técnicas, desligadas de qualquer função social. O postulado era então música instigante. Você pode ouvir música instigante no rádio daqui 100 vezes por dia, coros estimulando a compra de coca cola. É suficiente para fazer você exigir *l'art pour l'art* em desespero.

Quando zombei da declamação antinatural de textos pela escola de Schönberg, Adorno defendeu-a dizendo ter sido provocada pelo "desenvolvimento da música", que reclamava grandes e bruscos intervalos. Assim são considerações exclusivamente construcionais, quase matemáticas, e postulados de pura lógica na conjunção de material tonal que obrigam os músicos a rinchar como agonizantes cavalos de batalha...

10. 5. 42

Com que frieza se desenrola esta guerra! Podia-se dizer que a condução da guerra se congelava. Tão logo dá lucro, essa portentosa maquinaria para aniquilar material tem tão pouca necessidade de inspiração ideológica quanto a

maquinaria para produzir aquele material. Apelar para o desejo de vingança seria tão supérfluo quanto o apelo à alegria da criação na indústria "normal". Como são estúpidas essas batalhas de tanques em que se investe tanta inteligência técnica. Uma formação de tanques avança contra outra e quando as duas se defrontam atiram uma na outra; o velho corpo-a-corpo virou máquina-a-máquina, e à noite os tanques rodam de volta para restaurar sua capacidade destrutiva etc. etc. A hostilidade na linha de frente é igualzinha à hostilidade entre firmas rivais que buscam definir as condições da fusão.

10. 5. 42

O tema de Dunant provoca dificuldades tremendas. O aspecto satírico (neste mundo o humanitarismo é tão perigoso para um burguês como, digamos, o alcoolismo) não abre nenhum caminho para a fase de Timão. Um problema de aquecimento. O que temos é a transformação do moço bem-criado num macróbio impiedoso, a dialética filantopo-misantropo, o personagem oportunista da Cruz Vermelha. O jovem Dunant se lança à conquista de uma concessão para a exploração de moinhos em Argel e se vê forçado a lutar por uma concessão para explorar a compaixão pelas vítimas do imperialismo. Vivencia a colisão de suas duas metas e se afunda numa loucura parecida com a de Lear.

11. 5. 42

Revy, o ator, acha que a menção a uma criança esperada no desfecho de *A alma boa de Se-Tsuan* poderia dar ao final aquele elemento positivo mínimo de que todos sentem

falta. A meu ver bastaria que Shen Teh, ao suplicar aos deuses que não a abandonem, mencionasse a criança que ela não ousa trazer a tal mundo. – A todas as peças que não foram produzidas falta isso ou aquilo. Peça nenhuma pode receber os últimos retoques sem ser posta à prova numa produção.

(*Um homem é um homem* na montagem do teatro estatal de Berlim não recebeu os últimos retoques, embora o texto seja a versão das *Obras reunidas*. As duas últimas cenas da primeira versão, publicada na edição da Arkadia Verlag, devem ser reintegradas, com alterações, é claro.) A propósito, Eisler ataca as notas às peças. Para ele são positivistas demais. Ora, essas notas são sem dúvida apenas indicações para a produção, necessárias porque sem elas os teatros tendem a refundir o estilo das peças e despojá-las de seu efeito especial, mas por outro lado são também fragmentos de um sistema de estética teatral que ainda deverá ser escrito. Em tempos como estes soam peculiarmente arbitrárias, pseudocientíficas, doutrinárias, áridas. A escola parece ter sido destruída. Não conseguiu ir além da primeira série. Foram escritas na percepção do início de uma nova era, como pequenas amostras de uma gaia ciência, num desejo de aprender e experimentar. Todas essas instruções destinadas a um teatro mundano (secularizado), produtivo, humano e sábio, com a platéia como representante do "destino", não são, é claro, apenas ideologicamente especulativas na origem; são também ditadas pelo gosto, que toma como marcos novos edifícios, novas máquinas, novas formas de linguagem, novas instituições públicas etc. Seria, porém, uma indiscutível capitulação ideológica se estas fossem, como Eisler propõe, as únicas coisas levadas em consideração.

12. 5. 42

Com Eisler na casa de Horkheimer para o *lunch*. Depois Eisler sugere um enredo para o romance dos tuis: a história do instituto de sociologia de Frankfurt. Um rico ancião (Weil, o especulador do trigo) morre, angustiado com a miséria no mundo. Em seu testamento deixa uma quantia imensa para a criação de um instituto que se encarregue de investigar a fonte dessa miséria. Que é, obviamente, ele mesmo. As atividades do instituto ocorrem num período em que o imperador também gostaria que se desse um nome à fonte do mal, uma vez que a indignação popular está aumentando. O instituto participa das deliberações.

15. 5. 42

A esta altura a ofensiva da RAF, interrompida desde 1º de maio, desapareceu por completo de todas as conversas.

15. 5. 42

Fui almoçar um dia destes com Feuchtwanger na casa de Max Reinhardt, que reside num palacete à beira-mar com todos os móveis e objetos de arte trazidos de Berlim. O velho mágico, pequeno, sólido nas duas pernas, pálido como um desenho a tinta enxugado com mata-borrão, os movimentos majestosos e lentos, a voz grave, o ar ainda irônico; e Thimig, um cansado e alquebrado anjo da morte.

Dos bávaros ele tem isto a dizer: "não querem ver teatro, querem é representar". – Isto serve a qualquer historiador que queira partir em busca das raízes antropológicas da *lehrstück*.

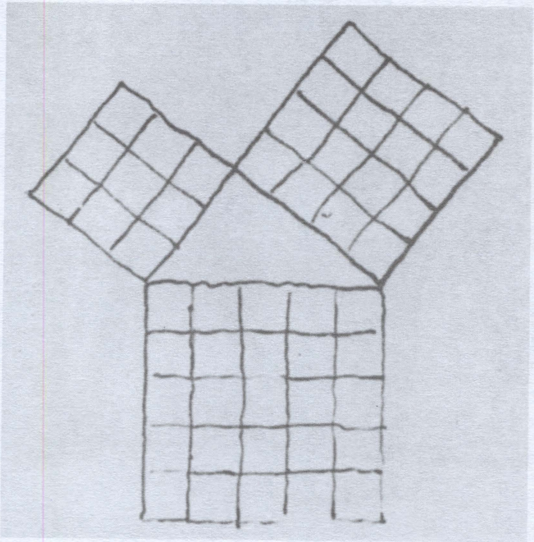
15. 5. 42

Quanto maior for a duração da guerra total, mais difícil, claro, será demonstrar plausivelmente a diferença entre a Alemanha e a Alemanha de Hitler ("Hitler não é a Alemanha"). Os compêndios escolares ainda dizem que o povo alemão, ou pelo menos o proletariado alemão, é contra esta guerra, mas esta visão está cada vez mais em desacordo com a fúria terrível dos gigantescos exércitos alemães, as pujantes realizações da indústria e a estabilidade interna da Alemanha. A resistência do exército de Hitler durante a ofensiva soviética no inverno passado não indica exatamente o colapso do "moral" da tropa. É relativamente fácil para nossos pequenos Coriolanos rejeitar o ponto de vista dos compêndios escolares e exigir que a nação alemã seja para sempre policiada, isolada, dividida e discriminada. Poucos exemplos colhidos na história demonstram, tão nitidamente como a invasão da União Soviética pelo exército do povo alemão, a verdade da proposição segundo a qual o ser social determina a consciência. Como qualquer um pode ver, a burguesia alemã soube explorar uma situação social específica e neutralizar a consciência de classe dos trabalhadores ao adotar certas medidas sociais. A classe operária se acostumara a ter seus interesses representados por instituições democráticas, a saber, o parlamento e os partidos parlamentares, mais os sindicatos. A dissolução dessas instituições privou a classe operária de representação organizada e deixou-a desamparada. Achando-se fraca demais para executar suas próprias políticas internacionalistas, sucumbiu às políticas nacionalistas da burguesia. Eliminando o desemprego, introduzindo algumas instituições pseudo-socialistas e atraindo a juventude para organizações "comunitárias populares", enquanto instituía ao mesmo tempo um reinado de terror

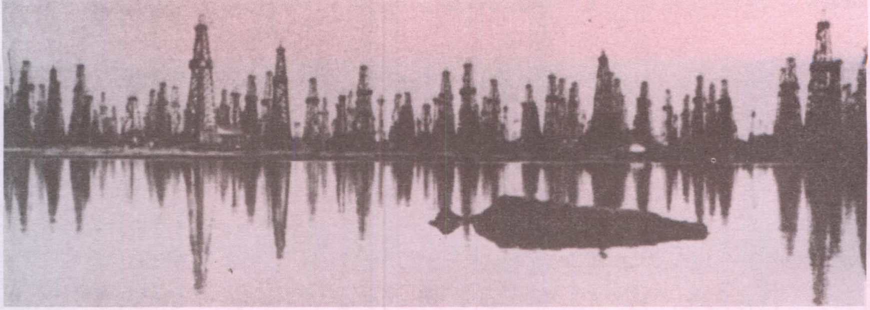
político e econômico, a burguesia criou um campo de existência social que terá de ser demolido por uma guerra de destruição antes que se possa restabelecer a estrutura clássica da sociedade. Mas uma comparação entre o comportamento da classe operária em 1914 e em 1939 mostra que o campo profundo do ser social está emitindo impulsos ainda mais fortes agora do que então. O fechamento do mercado de trabalho livre que transferiu o ímpeto central da luta de classes da esfera econômica para a política mergulhou a classe operária na confusão por tornar suas instituições antiquadas e obsoletas; ao mesmo tempo forçou finalmente a classe operária a entrar na esfera política – de início com efeito apenas negativo. As queixas de nossos Coriolanos pequeno-burgueses, de que a classe operária "reincidirá" sempre em aventuras imperialistas, e portanto constituirá sempre uma ameaça à ordem mundial, só são válidas evidentemente se o plano visa manter o imperialismo como base político-econômica. De fato, os opositores burgueses nada têm contra esse plano. Temem é que as massas alemãs, tendo incorporado "novos" componentes (pacifismo, democracia) em sua consciência, sejam incapazes de resistir ao apelo inevitável de uma base político-econômica semelhante àquela que existiu de 1918 a 1933. Naturalmente – e isso eles nem sabem nem desejam saber – tal base, policiada e repartida em regiões, produziria novamente as próprias tendências de que têm medo.

16. 5. 42

Lendo a *Short History of Science* de Singer descubro que nunca vi este diagrama quando nos apresentaram o teorema de Pitágoras na escola. Exigiam apenas que o aprendêssemos de cor.



Hitler, fotografado em conversa com o Cel. Engel na frente russa, parece agitado. Deve estar – não está vencendo.

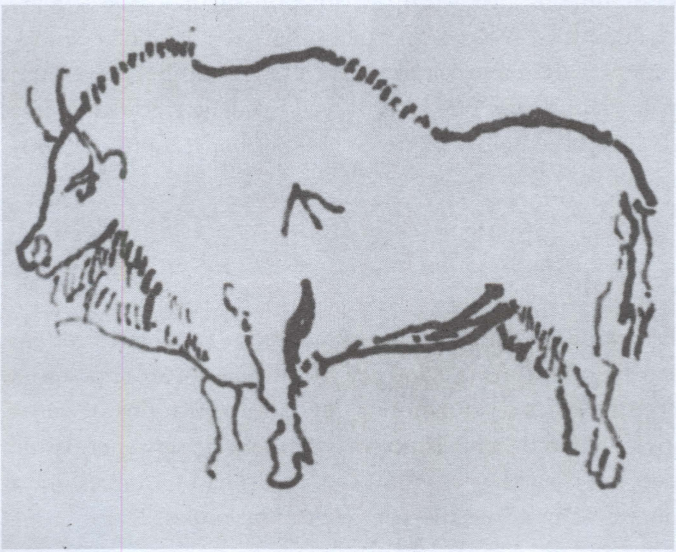


Os poços de petróleo de Baku, distantes centenas de quilômetros da zona de combate.

16. 5. 42

Encontro ao acaso em Singer *magdalenian drawings of bison with arrows embedded in the heart, from the cavern of Maux on the Ariège* [desenhos magdalenianos de bisão com flechas encravadas no coração, provenientes da caverna de Maux no Ariège].

Estes são bons exemplares de definições práticas em arte. Se o homem da idade da pedra realmente acreditava que "*the mere representation of these animals, in the act of being slain, might result in their falling within his power*" [a simples representação desses animais no instante em que eram mortos podia deixá-los à disposição dele], então esta era uma superstição prontamente explicável. Saber, porém, onde se situava o coração do búfalo dava ao caçador poderes mágicos.



17. 5. 42

Kortner conta que enquanto cortava o cabelo ouviu o negro que lhe engraxava os sapatos dizer: "*I don't like* Camminism, *I like the Russian system*".

20. 5. 42

Considerei a possibilidade de criar uma moldura teatral para *Terror e miséria do Terceiro Reich* para Reinhardt, que pretende montar uma produção em NY, uma espécie de *Private Life of the Master Race*. Podia-se pôr no palco o veículo clássico do *blitzkrieg* com os soldados e seus capacetes de aço que estão apresentando a Europa à nova ordem, e esta seria vista depois nas cenas principais em funcionamento na Alemanha. O veículo podia ser tratado à maneira de uma balada, acompanhada por uma barbaresca marcha de Horst-Wessel, ao mesmo tempo abrutalhada e sentimental. Reinhardt gostou da idéia e também me disse pela segunda vez que acha *Woyzeck* o mais vigoroso drama da literatura alemã, e que essas cenas lhe trazem à memória a peça.

27. 5. 42

Esta tarde passei uma hora sentado com Feuchtwanger em seu belo jardim. Ele me diz que o exército conta agora com injeções de hormônio que eliminam todos os vestígios de homossexualismo (mas elas têm de ser repetidas de dois em dois meses). Assim o exército não tem mais graça nenhuma nem mesmo para os homossexuais.

28. 5. 42

Com Lang, na praia, pensei num filme de refém (movido pela execução de Heydrich em Praga). Um rapaz e uma moça estavam deitados juntinhos ao nosso lado debaixo de uma enorme toalha de banho, o rapaz em cima da moça num determinado momento, e uma criança brincando por perto. Não longe dali está um imenso aparelho de escuta todo de ferro, com asas colossais, que gira em arco; um soldado está sentado atrás dele num assento de trator, em mangas de camisa, mas à frente de um ou dois edifícios pequenos há uma sentinela fardada com um fuzil. Grandes caminhões-tanque cheios de gasolina deslizam silenciosos pelo asfalto da estrada litorânea e dá para ouvir o pesado canhoneio do outro lado da baía.

29. 5. 42

À noite Kline, a mulher e o cunhado estão aqui quando 2 homens do FBI vêm ver meu documento de registro, aparentemente um tipo de controle que tem a ver com o *curfew*.

30. 5. 42

Eisler traz Odets, a *white hope* do teatro americano. Ele se senta aí num canto, gorducho, relaxado, e com os olhos brilhando diz: "Há 20 anos venho observando o desmoronamento de tudo que este país representava: moral, arte, caráter, personalidade. Hoje tudo está num mesmo nível. Ninguém sabe mais quem é, onde está, o que pensa. Não sabe o próprio endereço, não conhece a mulher e nem o paletó que veste. Entre uma atriz, a filha de um diretor de banco e uma prostituta quase não há diferença alguma.

Como se espera que eu caracterize um *salesman* no palco? Qualquer um podia ser igual a ele. Esta é a única coisa que o caracteriza. Quando a gente chega em Hollywood, todo astro que encontra vai logo dizendo: 'Olha, eu sou igualzinho a todo mundo, não estou corrompido pelo dinheiro que ganho, penso o que você pensa, não sou nem um pouco notável, *just nice*.'" Respondo a ele: Um pouco de fascismo e você terá de novo tudo que precisa para um teatro. Acima de tudo as diferenças. E as grandes personalidades. Streicher. Goering, Goebbels, Thyssen. E as numerosas histórias. O incêndio do Reichstag. O assassinato de Röhm. O *Putsch* da cervejaria. 'Você está despedido' rende um iambo pior do que 'Meta uma bala no peito'." No meio de tudo isso ele disserta sobre o que o "povo" quer na América; sobre uma peça que escreveu com vários cenários que custaram US$44.000 e que foi um fiasco, e por isso agora escreve peças com um único cenário. Em suma, a diferença entre ele e qualquer velho roteirista de filme começou a desaparecer (coisa de que evidentemente não se dá conta). Me lembro da ótima impressão que me ficou de muitas cenas de *Waiting for Lefty*, quando a peça foi apresentada num *meeting* no Madison Square Garden. Essa estrutura leve, elegante, íntima se adapta maravilhosamente ao teatro de massa. (Kortner diz que acha Nova York íntima comparada, digamos, com Hollywood.) A peça usou a única forma que tem alguma tradição aqui, o vaudeville. Odets descreveu esse vaudeville com muita verve e escutou assombrado os paralelos que eu tracei. No momento está mergulhado numa peça psicológica (à maneira de Tchekov). "Não posso escrever se não sei para quê", diz ele. "Escreva para a Broadway", eu disse feito um demagogo, "mas lembre-se de que em breve ela estará no centro do mundo. A América pela primeira vez tem um papel na política mundial."

31. 5. 42

John Lewis é agora uma figura interessante para o dramaturgo, sendo considerado um personagem forte e sinistro. Seus movimentos aqui e ali só são noticiados como boatos. Dizem que anda recrutando aprendizes de barbeiros, *dirtfarmers* e madeireiros para o seu sindicato de mineiros, e muita gente se espanta com o número de pessoas que se dizem *miners* atualmente. Era contra Roosevelt e sua filha participava do grupo *America First*. Até agora não fez nenhuma declaração sobre a guerra. Muitos o chamam de gângster, muitos de fascista, os mais cautelosos dizem: "*he is at least too ambitious*". Acusam-no de ter sede de poder. Os próprios mineiros, segundo se diz por aí, não o consideram um anjo, mas reconhecem que ele é um defensor tenaz dos interesses dos trabalhadores. O slogan "abaixo Hitler" não deve significar "abaixo os nossos salários", é o que devem estar dizendo. O caso é que provavelmente o movimento trabalhista americano é primitivo demais para seguir uma política dialética. Assim os líderes representam opostos flagrantes. Seus antagonistas na grande indústria, porém, bem que podem estar seguindo uma política dialética. Do ponto de vista do dramaturgo, se o último ato do gigantesco drama do New Deal tivesse de ser trágico ou desapontador, Lewis seria seu Fortinbras.

1. 6. 42

A cidade de Colônia vem sendo arrasada pela RAF. 1.000 bombardeiros a sobrevoaram durante uma hora e meia. Alguém comentou: se isto é o início de uma segunda frente, então é uma coisa boa, porque pode destruir Hitler. É claro que se não se seguir uma segunda frente, não é uma coisa boa, porque destruirá a Alemanha.

1. 6. 42

"Chances": 1) se a MGM pensasse seriamente em filmar *A ópera dos três vinténs*. 2) se Jean Renoir quisesse escrever um filme comigo. 3) Se May Wong quisesse montar *A alma boa de Se-Tsuan* na Broadway. 4) Reinhardt, *Terror e miséria*.

4. 6. 42

Aniversário da morte de Grete.

5. 6. 42

Com Eisler e Odets em almoço na casa de Lang. Esboçamos um arcabouço cinematográfico para cenas de *Terror e miséria*. Odets tenta pensar em *something uplifting*. Falo do tanque preso no gelo; deveria haver uma tripulação nazista que sofre uma transformação psicológica, diz ele. Proponho: um tanque se desgarra (durante uma batalha de blindados). É deixado de lado e precisa de reparos. Então chegam o frio, os guerrilheiros e a exacerbação da disciplina. No ritmo de trabalho se tem um indício do estado psíquico. Terminado o conserto, o tanque passa para o lado russo e se rende. – À tarde, por iniciativa de Granach, na casa da atriz chinesa Anna May Wong, a quem ele falou da *Alma boa*. Ela atuou no *Círculo de giz* de Klabund em Londres. – À noite Thören, Kortner, Eisler, Hans Viertel, Winge. Thören conta como um húngaro tentava vender Guilherme Tell a um produtor daqui: "*You know, I have written* Zola. *It was a picture for liberty and humanity. Now I have written another picture, titled* William Tell. *In this picture there is much more liberty and much more humanity.* [Sabe, eu escrevi *Zola*. Era um filme pró liberdade e humanidade. Agora escrevi outro filme, intitulado *William Tell*. Nesse filme há muito mais liberdade e muito mais humanidade.]"

Russos retornam a uma aldeia reconquistada.

5\. 6. 42

Tento esboçar com Lang uma história: "Silent City." Sobre Praga, a Gestapo e os reféns. Toda essa coisa é sem dúvida puro Monte Carlo.

7\. 6. 42

Nos jornais são cada vez mais numerosos os artigos que alimentam grandes esperanças em relação ao pós-guerra. A capacidade produtiva, que vem sendo plenamente empregada para a guerra e está razoavelmente bem plane-

jada, se revela imensa agora, e a tecnologia se desenvolve com todo o vigor pelo fato de haver apenas um objetivo, ao menos com referência a esse objetivo. As guerras são necessárias para manter nossa indústria funcionando e as nações olham com assombro para aquilo de que poderiam ser capazes...

8. 6. 42

Aufbau é um dos dois jornais alemães nos EUA (o outro é o social-democrático *Volkszeitung*). Kesten é um romancista da escola de Josef Roth. Durante algum tempo foi leitor da editora Delange, e sua atitude hostil me levou a lhe negar permissão de dar uma olhada em meus planos para o *Romance de três vinténs*. A caracterização literária que ele faz de mim dá uma impressão bastante satisfatória do que pensa o círculo formado em torno de Thomas Mann.

A linha seguida pelo grupo é mais ou menos a mesma do diário oficial alemão de N[ova] Y[ork]. Interessante como eles procuram banir certas obras de arte da literatura e alojá-las em campos de concentração especiais. A literatura dos humildes não pode ser alta literatura.

9. 6. 42

Visita de um jovem professor da UCLA que pretende publicar poemas em alemão e inglês. No momento trabalha no poema "Guerra" de George. Como soa presunçoso esse tom de sumo sacerdote! E esses empréstimos forçados da literatura francesa e da italiana. Ainda por cima a nada desprezível purificação da linguagem... num charco. Ilustrações chiques (retrato de Hindenburg!). E como dão valor às notas de rodapé!

Friday, June 5, 1942 AUFBAU

Furcht und Elend des Dritten Reiches

Bert Brecht-Aufführung der "Tribüne"

Es liegen hundert Millionen Flüche auf dem Dritten Reich. Einer dieser Flüche ist seine künstlerische Sprödigkeit.

Das mächtige Gesindel hat Bücher verbrannt, Galerien purgiert, die Opfer gefoltert, die neutralen Völker dezimiert. Die Musen wurden ausgetrieben, als wären sie Juden. Von den Dichtern, die im Dritten Reich blieben, büssten einige ihr Leben, und alle ihr Talent ein.

Sogar mancher ausländische Schriftsteller in der freien Welt verlor über der Darstellung des Dritten Reiches sein hübsches Talent oder gar seinen Charakter.

Hitler ist in seiner blutigen und absurden Realität eine Figur von einer kolossalen Schrecklichkeit. Als literarische Figur wird er vielmehr die komische Literatur bereichern, als die tragische.

Es ist ein Vorzug dieser Szenen Brechts aus dem Dritten Reich, dass sie einen volkstümlichen Humor haben.

Bertold Brecht, der Verfasser eines Dreigroschenromans im Exil, der Autor populärer Songs und Balladen im Stil von Wedekind, Villon und Kipling, der beliebte Textdichter einiger Operetten von Kurt Weill, hat vor mehreren Jahren diese lustigen Szenen aus dem deutschen Volksleben unter dem Bären-Führer und Afterhelden Hitler geschrieben: "Rechtsfindung" — "Das Kreidekreuz" — "Die jüdische Frau" — "Der Spitzel". (Die versprochene "Kiste" fiel unter den Tisch.)

Ein Richter ist zu jeder der "Partei" gefälligen "Rechtsfindung" bereit, nur findet er sich im Interessenkonflikt der regierenden Strassenräuber nicht zurecht.

Ein Dienstmädchen glaubt das denunziatorisch "Kreidekreuz" des Gestapovigilanten schon a Rücken zu tragen, nachdem ihm sein S.A.-Mann nic nur sein Sparbüchlein, sondern auch seinen blind Glauben unterschlagen hat.

Ein christlicher Arzt entlässt seine "jüdisch Frau" nach Amsterdam, um nicht von seinem Kra kenhaus entlassen zu werden. Ein Gymnasiallehr und seine Frau kommen schier um, vor Angst, ih Sprösling, "der Spitzel", werde ihre unbedachte Aeusserungen im Familienkreis bei der Hitlerjugen denunzieren.

"Die Tribüne für Freie Deutsche Literatur un Kunst in Amerika" hat unter der ausgezeichnet Regie von *Berthold Viertel* und mit schönem Ideali mus die "amerikanische Uraufführung" dieser vi Szenen im Fraternal Clubhouse unternommen. De treffliche *Ludwig Roth, Lotte Stein, Elisabeth Ne mann, Eleonore von Mendelsohn, Marx, Preses* un die andern Darsteller haben ihren Part mit Hum und Schärfe gesprochen. Rev. *Ver Lynn Spragu* hat seine Rolle — im mittlern Teil der Ansprache und der Geldsammlung — mit Herz und Glü gespielt.

"Der Reinertrag ward für die Rettung bedroht antifaschistischer Flüchtlinge verwendet durch Ve mittlung der Austro-German Division des Joint Ant Fascist Refugee Comitee."

Karin Michaelis, die vor mir sass, war begeiste — wie sie mir sagte. Das Publikum, das sehr zah reich erschienen war, schien ihre Begeisterung, nac der Grösse seines Beifalls und seiner Beiträge z schliessen, vollkommen zu teilen.

Hermann Kesten.

12. 6. 42

Folheio volumes de poesia de Eliot e Auden. Verdadeira profecia poética. Catolicismo (ou marxismo) + revelações íntimas. Observam o vôo dos pássaros – no crepúsculo – e das entranhas das aves sacrificadas extraem maus presságios para os governantes. Quanto ao mais, só convivem com seus pares, mas não sorriem quando se encontram.

ENTERTAINMENT—BY THE HOUR

7 A.M.

7:30 A.M.

7:45 A.M.

8 A.M.

8:15 A.M.

8:30 A.M.

8:45 A.M.

9 A.M.

9:15 A.M.

9:30 A.M.

1 P.M.

1:15 P.M.

1:30 P.M.

1:45 P.M.

2 P.M.

2:15 P.M.

2:30 P.M.

2:45 P.M.

3 P.M.

3:15 P.M.

6:30 P.M.

6:45 P.M.

7 P.M.

7:15 P.M.

7:30 P.M.

7:45 P.M.

8 P.M.

8:15 P.M.

8:30 P.M.

8:45 P.M.

9 P.M.

9:45 A.M.

10 A.M.

10:15 A.M.

10:30 A.M.

10:45 A.M.

11 A.M.

11:15 A.M.

11:30 A.M.

12 NOON

12:15 P.M.

12:30 P.M.

12:45 P.M.

3:30 P.M.

3:45 P.M.

4 P.M.

4:15 P.M.

4:30 P.M.

4:45 P.M.

5 P.M.

5:15 P.M.

5:30 P.M.

5:45 P.M.

6 P.M.

6:15 P.M.

9:15 P.M.

9:30 P.M.

9:45 P.M.

10 P.M.

10:15 P.M.

10:30 P.M.

10:45 P.M.

11 P.M.

11:15 P.M.

11:30 P.M.

11:45 P.M.

12 MIDNIGHT

[The information contained in this schedule is furnished by the stations broadcasting the programs]

16. 6. 42

O Instituto de Frankfurt começa um seminário em casa de Adorno. Adorno, Horkheimer, Nürnberg, Eisler, L[udwig] + H[erbert] Marcuse, Pollock. Horkheimer cita, um pouco alarmado, uma declaração do Vice-Presidente Wallace, que disse que depois desta guerra cada criança no mundo deve ganhar 1 *pint* de leite todos os dias. Ele quase não

conseguiu *publicity* para seu slogan: "a guerra é uma revolução das nações, e o século do *common man* está chegando". Mas o Instituto já se pergunta se não seria uma colossal ameaça à cultura se o capitalismo distribuísse (como é perfeitamente capaz de fazer, segundo o economista Pollock) tanto leite (não só da bondade humana). O Instituto precisa apenas olhar em volta para ver que a riqueza sozinha não cria cultura, pois não há riqueza aqui? E há cultura?

18. 6. 42

Uma parte do jardinzinho proporciona uma vista nobre. Lá você está cercado de verde, arbustos e figueiras de grandes folhas (as atletas entre as árvores). Se você põe direito a cadeira, não vê nenhuma das reformadas casas pequeno-burguesas com seus deprimentes embelezamentos. Só se avista uma casinha de verão, um metro e meio por um metro e meio, mas já em ruínas, dignificada pela decadência.

18. 6. 42

A poucas centenas de passos daqui há um teatro para alugar, muito barato. A mulher de Henried, um ator austríaco que aqui faz muito sucesso no cinema, não compreende por que Kortner não o arrenda e "monta alguma coisa", já que há aqui uma sede de *bom* teatro. "As únicas pessoas que admitem se interessar por arte aqui são os negros", explica Kortner, "os brancos têm de salvar as aparências."

É para nós surpreendente ver quanto custa encenar uma peça. O ambiente político é apenas uma parte da questão. (Somente em 4 países havia teatro depois da

Grande Guerra: no primeiro houve uma revolução total, no segundo a metade de uma, no terceiro um quarto e no quarto um oitavo de revolução – o terceiro é a Tchecoslováquia, o último a América depois do grande craque da Bolsa.) Mas além disso há ainda a tradição que parece ser indispensável. Da mesma forma, no material da arte deve haver alguma coisa a ser radicalmente transformada. Fora a beleza de uma cena de Neher, havia ainda uma lembrança do que ele não fazia; assim se podia ver a inovação.

20. 6. 42

Alguém nos diz: quando esta mulher começou a ameaçar minha capacidade de trabalho com seu egocentrismo, resolvi me livrar da influência dela. Tomei tal decisão da maneira mais trivial possível, sem, por assim dizer, me dar conta disso, e arquivei os pensamentos a seu respeito entre as questões que são por natureza insolúveis. Mas tive o cuidado de não pensar mal dela; ao contrário, até me forcei a pensar bem dela, embora de uma forma objetiva e portanto estranha, como pensamos em pessoas que não estão perto de nós. Em vez de ter raiva de seu capricho, descobri que podia aprovar sua esporádica amizade, em vez de ficar feliz com sua afeição, aplaudi sua independência etc. Nada é mais difícil do que abandonar uma pessoa sem desvalorizá-la, e no entanto esta é a única coisa certa a fazer.

21. 6. 42

Enquanto estava de pé à porta acariciando ou, melhor, coçando Wriggles julguei ver alguma coisa de Orion em meio à neblina e pensei: devemos transferir a benevolência que sentimos pelos mortos para os vivos, sejam pessoas ou

animais. Assim – durante algum tempo – contaríamos com o agradecimento dos que se foram por nossas boas ações.

27. 6. 42

Parece que a *story* que estou escrevendo com Lang (os reféns de Praga) tem uma chance. Lang leu-a para um produtor que ficou impressionado. Como odeio essas pequenas ondas de calor que atacam todo mundo logo que o dinheiro surge no horizonte (ganhar tempo para trabalhar, morar melhor, lições de música para Steff, nenhuma necessidade mais de caridade).

28. 6. 42

Rommel parece estar indo longe demais no Egito. Compreensível que no meio de uma guerra ele queira bater à porta do Shepperd's Hotel no Cairo, agora que a RAF bombardeou Colônia e Essen, só para mostrar aos americanos que faz sentido enviar suprimentos para lá. Mas se Rommel chegar a Suez, Hitler poderá se ver engasgado com uma segunda frente.

28. 6. 42

H[erbert] Kline, o documentarista, diz que é cada vez maior o número de pessoas (*"liberals, intelligent people")* que se recusam a distinguir entre os nazistas e os alemães. "Eles todos estão juntos nisso, ou pelo menos deixam que isso aconteça", dizem. Pergunto-lhe se não pode mencionar outras pessoas para quem essa opinião é muito conveniente; gente que prefere não fazer distinção entre os fascistas e as populações porque ela mesma é fascista. Com

GERMANY

Göring's Empty Mouth

Hermann Göring did more than report last week what Adolf Hitler had said last March: that Germany was no longer crusading for world domination, but was fighting for its very life.

Indirectly but strikingly he confirmed reports that Europe is facing the worst crop failure in years—that not only subject peoples but the *Herrenvolk* may taste real starvation.

It was the German home front which collapsed in 1918 under food and spiritual deficiencies. It was this same front that Göring addressed last week, for 80 minutes. He blamed the weather ("Nature really has treated us very unkindly") for crop shortages and the need for a new "temporary reduction" in ration cards. A second broadcast of Göring's speech was suddenly canceled. The text of it was released, then halted in transmission to neutral countries.

Noteworthy facts: It was announced that Argentine-born Food Minister Richard Walther Darré had gone on "a prolonged leave of absence." Perhaps either Hitler's food policy or the worst weather in a century needed a scapegoat.

Bad Weather—or Worse? Göring admitted that the weather could not be held solely accountable for the bashing the Nazi war machine received in Russia. The decision to invade Russia, said he, had been caused by the Russian speed-up in tank production, by the Russian construction of "nearly 1,000 airdromes in one year in the newly occupied Polish territories."

When winter came, "the Russians were able to break through in the night over frozen rivers, lakes and morasses. . . . One bad report followed another. . . . In the south the Russians were in our rear; and in the center the Russians were in our rear; and in the north the Russians were in our rear. Guerrillas blew up our railways and ambushed our supplies. Our troops nearly froze to death in the grim cold. . . ."

Press Alliance

HERMANN GÖRING
Warned Germany.

Marechal Hermann Goering, herdeiro presuntivo de Hitler. Ministro da Aeronáutica, chefe do Plano Quadrienal, Primeiro-Ministro e Ministro do Interior da Prússia, era a segunda figura mais importante da Alemanha durante a guerra.

sua propaganda do ódio desviam as pessoas do problema do fascismo. Os soldados naturalmente não odeiam ninguém, salvo talvez essa gente. O ódio não é nem mesmo especialmente necessário para as guerras modernas. Não prejudica nem ajuda o esforço de guerra. Nem é necessário que os operários de uma fábrica amem seu trabalho. Isso é desnecessário. – Proponho a ele a seguinte fórmula: o fascismo é uma forma de governo que possibilita que as pessoas sejam subjugadas ao ponto de poderem ser impropriamente usadas para subjugar outros povos.

29. 6. 42

O "moral elevado" das tropas alemãs é uma enorme dor de cabeça para muitos bravos antifascistas. Eles nunca descobriram os elementos de violência nas formas parlamentares de governo: parlamentos representam o consenso popular. Agora que o mecanismo parlamentar foi destruído e o que vem à superfície é a violência "nua" (despida de todos os véus)... eles não reconhecem essa nudez... Para as ordens inferiores a escravização pelos nazistas parece apenas relativa, i.e., o acréscimo não tem efeito real sobre o comportamento desses grupos, pelo menos na medida em que esse acréscimo não tornou vulnerável todo o sistema de escravidão.

29. 6. 42

Habitualmente trabalho com Lang na história dos reféns de nove da manhã até sete da noite. Há uma expressão notável que sempre aflora quando a lógica dos acontecimentos ou da continuidade pede para ser discutida: "O público aceitará isso." O público aceita que o mentor da

resistência se esconda atrás de uma cortina quando a Gestapo dá busca numa casa. E que os cadáveres dos comissários caiam de dentro de guarda-roupas. E que se realizem comícios populares "secretos" durante um período de terror nazista. Lang "compra" esse tipo de coisa. Interessante também que ele esteja bem mais interessado em surpresas do que em construir o suspense.

29. 6. 42

Eisler musicou quase todos os poemas finlandeses para um *Hollywooder Liederbüchlein*. Cantou-os para Odets, que disse: "Esse é o tipo de coisa que você só pode fazer quando é pobre."

29. 6. 42

Faço uma visita a Jean Renoir. Sua casa parece inteiramente francesa. Conseguiu isto comprando uma casa americana autêntica (uma caixa de madeira, do tipo que a gente vê em filmes históricos, não uma imitação) e velhos móveis americanos. Usou essas peças com certa parcimônia, desbastou o estuque da lareira com um machado e agora vive num ambiente civilizado. Conta, aliás, que o anti-semitismo está grassando nos estúdios ("os judeus sabem como se safar do serviço militar"). Karl Koch foi com ele à Itália para fazer um filme baseado na *Tosca* visando incrementar as relações franco-italianas. Renoir regressou a Paris, mas Koch ficou lá e parece não ter sido importunado, embora tivesse sido oficial de artilharia do exército alemão na Grande Guerra. "Gosto de trabalhar na Itália", diz Renoir, "os italianos são antifascistas tão exaltados."

30. 6. 42

Não fiz nada e não farei nada para "superar" a perda de Grete. Que bem isto faz, reconciliar-se com coisas que aconteceram? Há ainda muitas pontas nessa corda, à espera de que as coisas se prendam nelas. Hitler e a fome mataram-na. Hitler ainda está vivo e a fome governa o mundo. Meus esforços para salvá-la foram derrotados, e não fui capaz de tornar as coisas mais fáceis para ela. Devemos esquecer os sucessos mas não os fracassos.

Malta e seu porto em Valletta foram duramente atacados pela Luftwaffe.

30. 6. 42

Os *tories* estocam os tanques americanos debaixo do colchão. E os povos sangram até morrer. Em toda parte a vaga suspeita de que a política militar para uma segunda frente é uma continuação da política diplomática adotada em Munique.

1. 7. 42

Hong Kong e Cingapura caíram sem luta, a Birmânia está perdida, deixando a China cercada e isolada. Borracha e petróleo caem nas mãos dos japoneses. Vasos de guerra alemães navegam pelo Canal da Mancha e ameaçam a linha de suprimentos do norte. A Índia está proibida de se armar, e soldados estão sendo levados da Líbia para defender a Índia contra os japoneses. Há anos, durante os quais a Grã-Bretanha não esteve combatendo, embora (alguns dizem porque) os exércitos de Hitler (300 divisões) estejam lutando na frente oriental, três divisões ficaram estacionadas na África, e agora se deslocam em direção ao Egito; Tobruk caiu sem luta e as fortificações de fronteira foram destruídas, também sem resistência. O parlamento *tory*, reforçado pelos chefes trabalhistas, brinda a liderança da guerra com uma "ovação tumultuosa".

O Gen. Sir Claude Auchinleck, comandante-chefe das forças britânicas no Oriente Médio, à esquerda, conversa com o chefe do 8º exército, Maj. Gen. Sir Neil M. Ritchie. Tentam agora impedir que Rommel chegue a Suez.

2. 7. 42

No *Information Bulletin, Embassy of USSR*, leio: "*In the near future we shall also see* The Face of Fascism, *based on short stories of the well-known German anti-fascist writer Bertolt Brecht* [Em futuro próximo também veremos *The Face of Fascism*, texto baseado em contos do conhecido escritor alemão antifascista Bertolt Brecht]."

3. 7. 42

A gente hesita antes de recusar quando um cachorro deseja ser coçado porque receia que ele pare de ter tais desejos, e isso perturbaria permanentemente todo o razoável relacionamento entre homem e cachorro: a manifestação desse desejo e de nossa parte o reconhecimento de nossa responsabilidade.

5. 7. 42

Enquanto dito a *story* Lang negocia lá em cima no estúdio com os homens do dinheiro. As cifras e os gritos de agonia podem ser ouvidos cá embaixo, como num filme de propaganda: "US$30.000" – "8%" – "*I can't do it.*" Saio para o jardim com a secretária. Canhoneio em alto-mar...

6. 7. 42

Partindo da expressão "*They overdo it*" ou "*They overact*" Kortner cunhou uma nova expressão aplicada aos alemães: "*They overfight*".

8. 7. 42

Foi noticiado recentemente pela imprensa que círculos londrinos vêem no exército insurreto sérvio, agora que foi "reconhecido" pelo exilado Rei Pedro, de 15 anos, a segunda frente que toda a gente vem pedindo.

9. 7. 42

Emil Ludwig

macht die deutsche Bevölkerung voll mitverantwortlich und erklärt in den New York Times: "Wir können uns gegen die Kriegsleidenschaft des deutschen Volkes nur schützen, indem wir ihm drei Dinge aus den Händen nehmen: Waffen, Erziehung und Regierung. Die Erziehung soll von Nichtdeutschen ausgeübt werden, die die deutsche Sprache beherrschen." Der Vorschlag bedeutet nach Ludwigs Umschreibung keine Bestrafung, sondern eine zeitweise Erklärung der Unreife für das deutsche Volk.

11. 7. 42

Kortner não está em condições de conseguir papel algum. Eisler conta que o pessoal da RKO caiu na gargalhada quando o teste para o cinema foi mostrado: Kortner revirava os olhos. A verdadeira representação é aqui objeto de zombaria e só é permitida aos negros. Astros e estrelas não atuam, participam de "situações". Seus filmes formam uma espécie de *comics* (um romance de aventura em folhetins), que mostram um sujeito em apuros. (Até as reportagens que saem na imprensa dizem coisas como: Gable detesta Garbo, mas como um repórter... etc.) Mas o próprio desemprego força Kortner a representar muito mais, mesmo na vida particular, do que representava no palco. Eu o observo com um misto de divertimento e horror quando ele conta um fato corriqueiro qualquer com um excesso de gestos e expressões.

12. 7. 42

Os chamados *poll tests* do Gallup desempenham aqui um papel especial. Utilizando um certo sistema para obter uma seleção representativa de diversos grupos sociais, conseguem uma amostra das opiniões da população (sobre problemas políticos, mas também sobre a formação do elenco de filmes baseados em romances populares). Considera-se que isso é uma instituição democrática. Na verdade é um teste da eficácia da publicidade e da propaganda.

Um homem com um copo d'água aproxima-se de um homem que está morrendo de sede no deserto: que marca de bebida você prefere?

13. 7. 42

Não é verdade que os *tories* não querem distinguir entre Hitler e o povo alemão. Só que quando dizem povo alemão estão pensando nos industriais e generais.

15. 7. 42

Gorelik aqui com Candel, também Homolka. Gorelik fala das dificuldades do Theatre Union em 1935, lembra que todos achavam que faltava clímax à *Mãe* e que ele veio ao nosso encontro do lado de fora do teatro: "*humbly*" nós lhe pedimos que fosse apanhar nossos chapéus no teatro, a hostilidade crescera demais. Contei a eles como foi a produção de *Petróleo* que encenamos com Piscator. Precisam de uma coisa assim aqui, e eu gostaria de montar *Schweik* novamente com interpolação de cenas de *Os últimos dias da humanidade*, para que todos vissem os poderes dominantes no alto e, embaixo, o soldado que sobrevive aos grandiosos planos por eles concebidos.

16. 7. 42

Agora temos uma chance de nos livrarmos desta infame casinhola pequeno-burguesa com seu minúsculo jardim. Meu quarto mede 11 pés por 12 pés, é abafado e tem portas cor-de-rosa. Como há mesas encostadas em três das paredes e uma *chaise-longue* ao lado da quarta, só posso dar três passos quando estou trabalhando. Há alguma coisa indescritivelmente atraente e desprezível neste lugar, que não pode sequer usar sua exigüidade para causar bom efeito. Meu baú militar preto, um móvel épico, que dominou a casa nos bosques de Lidingö e nas casernas do cais de

Helsinque, parece desvalorizado neste lugar e sem dúvida é "*not a nice thing*".

18. 7. 42

A conversa gira em torno de D'Annunzio. Para mim é impossível escutar seu nome ser tomado em vão na vizinhança de gente como Werfel, Hecht, Odets. Seu objetivo na vida não era afinal apenas um cheque semanal assinado por L. B. Mayer. Ele conquistou Fiume, Eleonora Duse e uma propriedade no lago de Garda, e não somente um crédito num filme. Era um charlatão, mas um charlatão que escreveu poemas pastorais que não serão esquecidos, e sua carta aos navegantes será por muito tempo um documento interessante. Até suas provocações mereciam publicacão com o número de cada *opus.* Sua vaidade é infinitamente superior à costumeira enfatuação hollywoodiana, da mesma forma que seu gosto, ainda que um pouco desigual demais, juntamente com todo o seu estilo de vida, que confere não só à sua obra mas também a seus excessos pessoais alguma coisa de positivo. Também está à frente deles em matéria de ganhos, e isto é o que mais deve impressioná-los. Se bem que tenha de tolerar ser comparado com eles, embora favoravelmente.

20. 7. 42

Com Lang o tempo todo, trabalhando na história dos reféns para ganhar o pão. Devo receber US$5.000, mais US$3.000 pela colaboração futura.

26. 7. 42

Eisler me conta que acabou de musicar os últimos dos *Poemas finlandeses*. Deixou para o fim "O Ladrão de Cereja" e "Hoje, Domingo de Páscoa, Manhã". Diz que os poemas saíram ganhando com o trabalho que dedicou a eles. Vejo sua música do mesmo modo que uma representação é para uma peça: o teste. Eisler lê com imensa precisão. No último desses poemas desaprovou a palavra "*werk* [obra]" e só ficou satisfeito quando a substituí por "*gedicht* [poema]" ou "*vers* [verso]". No poema "Nos Salgueiros à Margem do Estreito" cortou as palavras "*über die herrschenden* [sobre os que estão no poder]", argumentando que isso tornaria mais limpo o poema; não estou seguro de que a limpeza resultante não está exposta à crítica. Poderia significar que o poema perdeu sua auto-suficiência histórica. Também atacou o terceiro poema "Nevoeiro em Flandres", no ciclo "1940", por ser ininteligível e não ficou contente enquanto não troquei o título para "Paisagem de Flandres 1940".

27. 7. 42

Este diário sozinho contém muitos registros que mostram as tremendas dificuldades em que estou metido, largado no centro mesmo do narcotráfico mundial, no meio dos maiores tuis desse negócio.

Que invencionice infinitamente melancólica é esse filme de reféns com que tenho de me ocupar estes dias. Que carga de intrigas e situações gastas, de notas falsas! A única parte respeitável dessa coisa é que tenho me limitado rigorosamente à moldura de uma revolta nacional-burguesa. E agora, para culminar, tenho que pensar no elenco. Examinei um livro com fotos de todos os atores com que

podemos contar, ou melhor, que estão nos livros daqui: caras saídas do programa do teatro municipal de Ulm.

28. 7. 42

Aqui vivencio pessoalmente como é ridículo e descabido recomendar a um operário que leia a grande literatura. Nem eu mesmo consigo fazer isso aqui, neste meio.

28. 7. 42

Agora estão na moda aqui os cenários da Rússia. É possível botar uma história de amor dentro de um carro blindado. Guerrilhas tomam o lugar dos filmes do oeste selvagem: filmes do leste selvagem.

Lang to Produce, Direct 'Never Surrender'

Not everything is to be Russian these days, because plans are maturing for a feature of Czechoslovakian locale, titled "Never Surrender," with Arnold Pressburger, who did "Shanghai Gesture," as the sponsor. The film is to be produced and directed by Fritz Lang, who recently left 20th Century-Fox, and will prominently feature the character of Heydrich the Hangman.

Engagement of Lang for this picture is regarded as a coup since he directed that notable offering, "Man Hunt," during his sojourn at 20th, as well as "Return of Frank James" and "Western Union." He also directed "Fury" for M.G.M. in an earlier era.

Lang has been collaborating on the story for the new picture with Bert Brecht, famous for his "Beggar's Opera." The picture will be released through United Artists.

Arnold Productions, the Pressburger organization, is avoiding controversy with another company, apparently by eschewing a title connected with Heydrich the Hangman. It was the new Angelus Pictures, Inc., which claimed priority on such a title and was reported as protesting its use by any other outfit.

28. 7. 42

É interessante o que dizem os jornais a respeito da segunda frente. A tomada de posição, a luta entre os prós e os contras, dá a entender que o problema está sendo discutido meticulosamente e depois será resolvido com base em argumentos racionais. Na realidade só a oposição usa argumentos, e os mais fortes destes não são de grande valia já que mesmo eles são fracos.

29. 7. 42

Com Eisler numa conferência de Schönberg na UCLA sobre composição moderna. O homem é muito vivo e sua atitude é polêmica. Fala de emancipação em relação à dissonância. Explica que a brevidade e o excessivo emocionalismo das primeiras composições de sua escola se deviam à técnica excessivamente exigente e não de todo desenvolvida do início. Os trechos sobre técnica musical não entendi mas davam a impressão de ser perfeitamente claros. Lamentável não termos sido educados em música até o ponto de podermos entender o que não entendemos. – Mais tarde na casa de Schönberg, uma *villa* em Sunset com crianças em volta do setentão com cara de passarinho, dono de grande charme, agradavelmente seco e severo. Quando Eisler insta-o a completar suas duas grandes obras, uma delas uma ópera, ele diz: "Não será executada mesmo, ao menos enquanto a habilidade manual continuar a ser aqui a ordem do dia em música." E faz uma imitação cômica dos violentos esforços de um flautista e um violoncelista. Não demonstra grande apreço pela sinfonia *Leningrado* de Shostakovitch, ouvida no rádio daqui recentemente, extensa demais, 35 minutos com material para 12 minutos. Em seguida contou uma história a respeito de como comprou bom equipamento no

exército, uniforme, sapatos, em especial excelentes luvas de couro. O suboficial era malvado e obrigava os recrutas a fazer exercícios "deitados de cara" na lama. Alguém viu Sch[önberg] tirar as luvas cada vez que ia começar esse exercício e lhe perguntou por quê. "'Minhas mãos", eu disse, "pertencem ao Kaiser, mas as luvas são minhas'", nos disse ele secamente. – Aí Eisler contou um episódio interessante. Quando o filho pequeno de Sch[önberg] precisou fazer uma operação, Eisler deu ao mestre US$300 para esse fim. Sch[önberg] não quis aceitar o dinheiro e sugeriu reembolsá-lo em pequenas prestações. Eisler, de brincadeira, disse que podia receber algumas aulas em troca, ao que Sch[önberg] se apressou em dizer: "Se você ainda não aprendeu, eu posso lhe ensinar."

Gostei muito do velho. Ele se vê num contexto histórico. Quando alguém mencionou que fulano tinha terminado a *Inacabada* de Schubert para um concurso, ele disse prontamente: "Eu podia fazer isso bem melhor, mas não me atreveria."

4. 8. 42

Steff põe na vitrola para mim a gravação de um velho *blues* de St Louis, em que há um solo de clarinete. Primeiro o clarinete toca sozinho, depois entram outras vozes. "Aqui está a resposta", diz ele.

5. 8. 42

Estou trabalhando agora num escritório da United Artists em Laspalmasstreet (*sic*) em Hollywood. Salas quentes com secretárias. Um escritor americano, John Wexley, ganha US$1.500 por mês. Consta que é bem de esquerda e decente. Primeiro vou até o fim de uma seqüência com

ele, depois ele dita o texto em inglês para a secretária. Ela tira 4 cópias, e quando peço uma ele dá desculpas infantis. No alto da página se lê "John Wexley" e a data, mas a autoria das *"suggestions"* não é mencionada. Numa cena ele precisa de uma tradução para o alemão; então faz anotações manuscritas numa cópia que passa depois para mim. Levo o papel comigo. Aí me telefona, diz que eu peguei o papel de que ele precisa e por isso não pode continuar o trabalho. Parece que esses truques são pagos regiamente.

12. 8. 42

Nos mudamos para a Rua 26 em Santa Monica. A casa, uma das mais antigas, cerca de 30 anos, caiada, revestida por fora com sarrafos à maneira da Califórnia, tem 4 quartos no andar de cima. Tenho uma comprida sala de trabalho (quase 7 metros), que logo tratamos de caiar e mobiliar com 4 mesas. Há velhas árvores no jardim (uma pimenteira e uma figueira). Alugada por US$60 por mês, US$12,50 a mais do que na Rua 25.

De tarde uma *party* na casa de Homolka. Eisler, que não tinha comido nada de manhã, tomou um porre de aguardente de pêssego e correu sério risco de dizer todas as verdades desagradáveis que recalcou durante meses na expectativa de conseguir um emprego. À noite chegaram os Döblin. Alguém disse que Toch, o compositor, tinha chorado quando viu o filme de *Mrs Miniver* [*Rosa de esperança*]. (Este filme mostra a "nova Inglaterra" com muito sucesso: durante anos uma duquesa ganhou o primeiro prêmio por suas rosas, mas no ano seguinte a Dunquerque ela deixa que o prêmio vá para um homenzinho que na verdade o merece.) Eisler toma a defesa de Toch, desculpa-o amplamente invocando inexperiência nas coisas do mundo etc. e conclui: "Ele é só uma criança, e para

dizer a verdade uma criança porca." Elogia Döblin por ser o médico dos pobres das ruelas de Frankfurt, mas também descreve o apartamento pequeno-burguês do amigo, especialmente uma escrivaninha com volutas entalhadas e pés curvos, e um *brandy* que lhe deram lá. Rimos sem parar até nos doerem as costelas.

13. 8. 42

Na casa de Adorno. Horkheimer, Pollock, Adorno, Marcuse, Eisler, Stern, Reichenbach e Steuermann discutem o livro de Huxley, *Admirável mundo novo.* Huxley, incomodado com certos fenômenos modernos, estabelece um certo rebaixamento das necessidades culturais. Quanto mais *iceboxes,* menos Huxley. Quando as necessidades físicas estão saciadas (o Vice-Presidente Wallace já anunciou a possibilidade de um copo de leite por dia para toda a humanidade), as necessidades espirituais sofrem. O sofrimento foi criado pela cultura; assim será a barbárie provável depois que se tiver posto um ponto final no sofrimento? O Dr Pollock, economista do Instituto de Pesquisa Social (anteriormente de Frankfurt, agora de Hollywood), está convencido de que o capitalismo pode se livrar das crises simplesmente promovendo obras públicas. Marx não podia prever que um dia os governos apenas construíssem estradas. – Eisler e eu, um pouco cansados do modo como as coisas estão indo, perdemos a paciência e aí "hostilizamos todo mundo" à falta de outro lugar para onde ir.

14. 8. 42

Hoje, pela primeira vez, me sinto quase bem aqui. Estou sozinho no térreo, é uma e trinta da madrugada. Posso até ir para o jardim sem passar pelo quarto de ninguém. Da

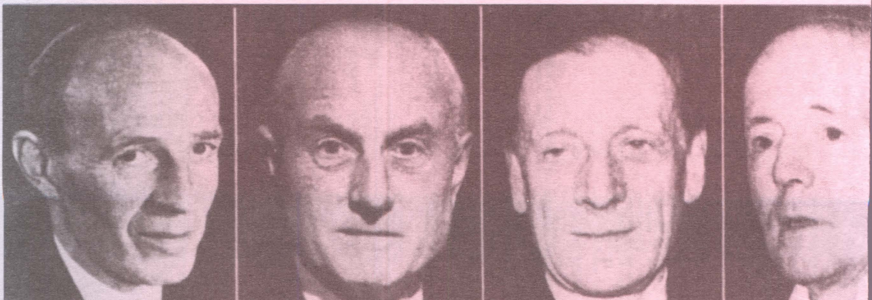
minha escrivaninha vejo os automóveis descendo a rua. Ainda estou trabalhando no *Messingkauf*.

16. 8. 42

Reyher fala da técnica cinematográfica japonesa. Enquanto empregamos *close-ups* depois das ações e só os usamos para mostrar reações, parece que os japoneses empregam primeiro os *close-ups*, pondo-os em movimento (uma seqüência, com um depois do outro), e só depois entram na ação. ("Nós agimos", diz Reyher, "depois refletimos sobre o que fizemos. Eles pensam primeiro e depois agem.") Segundo ele os filmes japoneses são mais emocionantes do que os nossos.

17. 8. 42

A casa é muito bonita. Neste jardim torna-se possível ler Lucrécio outra vez.



Associated Press, Margaret B

HALIFAX, HOARE, WILSON, RUNCIMAN

19. 8. 42

Diariamente no escritório de Hollywood. Pego o carro às oito e meia da manhã e dirijo 12 milhas. Almoço no escritório por volta de 1 hora: sanduíche levado de casa e um gole de vinho branco da Califórnia. Está quente mas temos ventiladores.

Trabalho escravo na Ucrânia conquistada, enquanto Hitler avança para Stalingrado.

20. 8. 42

Não paro de me espantar com o primitivismo da estrutura dos filmes. Esta "técnica" se sustenta com um assombroso mínimo de inventividade, inteligência, humor e interesse. Passa-se desordenadamente de uma situação para outra e introduz-se um velho personagem. Admite-se que os atores não sabem representar e que o público é incapaz de pensar.

21. 8. 42

Eisler, Morgenstern e Gina Kaus aqui à noite. Falam dos "matusquelas" da Primeira Guerra Mundial. Karl Frank, o cabeça do grupo Novo Começo, escreveu uma carta ao Imperador Karl: "Caro Kaiser Karl, por favor tenha a bondade de abdicar imediatamente, seu dedicado soldado Frank." Foi logo despachado para um asilo. George Grosz conseguiu o mesmo resultado. O tempo todo desenhava pequenas figuras pornográficas com o dedo, mesmo enquanto era interrogado pelos oficiais, esforçando-se por simular uma luta interior contra essa compulsão. O prêmio maior vai para o soldado que escreveu uma carta em que, após fazer uma lista de todas as ações em que havia tomado parte, solicitou que fossem costurados botões de madrepérola em sua farda em reconhecimento pelos seus serviços. Este surpreendente mas moderado requerimento retirou-o do banho de sangue e atirou-o no hospício.

22. 8. 42

Com os frankfurtistas. Reichenbach, como todos os social-democratas, está empenhado em manter incólume a "tradição" numa sociedade sem classes. Salvar as obras de arte da nação deixa-o insone à noite, ao passo que isso me faz adormecer. Em vão lhe explicamos que as obras de arte assumiram o mesmo caráter dos artefatos em geral, isto é, tornaram-se artigos comerciais. Uma sinfonia de Beethoven apenas subordina o proletário ao restante da "cultura" e isto para ele é próprio de bárbaros. É claro que só as artes que de alguma forma contribuem para salvar a humanidade serão salvas. A cultura deve perder o caráter de mercadoria para tornar a ser cultura outra vez. "Mas como se pode preservar nosso entendimento da arte?" São as artes que o preservam (produzem). A música de Schön-

berg torna a de Beethoven compreensível. Cabe aos proletários libertar de seus grilhões a produção artística assim como todas as outras formas de produção.

22. 8. 42

Desde a adoção do *curfew* Feuchtwanger adquiriu o hábito de telefonar à noite para falar demoradamente dos assuntos mais variados. Hoje me leu uma carta de Zurique. Depois do sucesso de *Mãe Coragem* (que ganhou cerca de 800 francos suíços "congelados"), o Zurich Schauspielhaus quer montar *A alma boa de Se-Tsuan*. Thornton Wilder viu *Coragem* em Zurique; segundo Feuchtwanger, ficou muito impressionado com a peça. Essas coisas ainda acontecem naquele recanto do mundo...

22. 8. 42

E quando aquele povo risonho das praias do norte,
Que antes que o tirano inclemente o manietasse
Cultivava em paz e tranqüilidade suas flores,
Conseguir com punho firme alijá-lo do poder,
Encontrarei então palavras e melodia.

Quando a pátria amorável dos homens livres
Com olhar inflexível e sobranceiro reduzir a pó
Com os punhos de ferro de milhões e milhões
As astutas manobras do bandido insolente,
Então minhas rimas construirão pontes outra vez.

Quando o povo alemão entender o que está em jogo
E se negar a ser defraudado de sua honra
E por fim assestar suas armas contra o impostor
E eu me engajar no combate a seu lado,
Então meu verso se erguerá e dará frutos outra vez.

(Klara Blum, "O poeta e a guerra")

Isto e assemelhados no fascículo 9 de *Internationalen Literatur*, 1941. Numa carta a poetas alemães Becher escreve: "Não existe grande poesia cujo conteúdo mais profundo e mais íntimo não seja determinado pelo compartilhamento no destino do povo a que o autor está ligado. Em tudo que tentei criar, em tudo que amaldiçoei e destruí enquanto criava, em tudo que louvei e enalteci no ato de criação... havia sempre aquela nota sombria e ao mesmo tempo radiosa que soava o tempo todo: minha Alemanha!"

3. 9. 42

Às vezes, quando é preciso julgar atores, vejo filmes no *office*. Freqüentemente penso nos *handicaps* impostos aos pobres Kortner e Homolka. Não é só uma questão de *overacting*. Os americanos também super-representam todo o tempo e quase todos são bastante teatrais. Só que a deles é uma outra teatralidade, daí resultando que nossa gente aqui parece teatral enquanto os locais parecem naturais. Em suma, os atores americanos estão teatralizando um outro gesto básico, o dos americanos. Nossos atores consideram-no *hammy* porque o músculo que levanta as sobrancelhas está em uso constante. Nos americanos isto é parte da ação. Os movimentos dos alemães são na maior parte das vezes bruscos demais para a tela, "angulosos" demais. Há nos americanos algo de fluido e maleável que fotografa melhor. Gesto e expressão facial precisam ser espremidos numa escala de 1 a 10, uma vez que os elementos principais são a cabeça e os ombros: nesses cinemas gigantescos os *close-ups* parecem minúsculos.

7. 9. 42

Vi um bom filme, *The Remarkable Andrew* [*Sombra amiga*]. Um funcionário municipal descobre falcatruas nos livros de contabilidade. Criado na leitura de textos de Jefferson e Franklin, recebe um dia a visita do General Jackson que lhe dá conselhos sobre como conduzir o processo contra a administração municipal. O rapaz é por sua vez acusado de ter falsificado os documentos. Franklin, Washington etc. aparecem no tribunal como advogados. – O trabalho da câmera prima pela falta de imaginação. Ninguém mais pode ver as constantes conversas que o notável Andrew (notável por sua honestidade) tem com essas figuras históricas, e por isso ele parece ensandecido. São fotografados de maneira incrivelmente melosa e amadora, como são os ilustres advogados presentes no tribunal. – De mais a mais o filme não é nenhum sucesso.

14. 9. 42

O trabalho em nosso filme (que eu gostaria que se chamasse *Trust the People*) está indo melhor agora que é com Wexley e não com Lang que eu discuto como converter o *outline* num roteiro (ao fazer isso também corrijo o trabalho dele). Antes de mais nada convenci Wexley a vir para minha casa comigo à noite e juntos escrevermos um *ideal script* totalmente novo, que mais tarde será mostrado a Lang. Naturalmente atribuí maior peso às cenas com povo.

20. 9. 42

Winge, que sai do *downtown*, onde trabalha numa fábrica de roupa de baixo, para vir me visitar pelo menos uma vez por semana, lê algumas das *Hollywooder Elegien* que escrevi

para Eisler, e diz: "É como se tivessem sido escritas em Marte." Descobrimos que esse "distanciamento" não é uma peculiaridade do escritor, mas um produto desta cidade: quase todos os habitantes daqui têm isso. Estas casas não se tornam propriedade de alguém por serem moradias, mas por meio de um cheque; para o dono o que importa não é morar nelas e sim tê-las à sua disposição. As casas são extensões das garagens.

3. 10. 42

Eisler toca as elegias e alguns dos epigramas finlandeses para Winge e H[erbert] Marcuse. Quando fala dessas composições, embora não quando trabalha sobre elas, ele ou não se livra do ponto de vista convencional de que são pequenas peças circunstanciais, um tanto insignificantes, aparentadas às anotações feitas num diário, ou então pode estar apenas esperando ser contestado quando fala dessa maneira "modesta", e que alguém diga, por exemplo, "para o compositor essas importantes peças são bagatelas, não para nós" (gesto de modéstia à la Bruckner). Mas na verdade as composições são com toda a probabilidade realmente importantes como música também. Certamente são importantes para os epigramas, porquanto obrigam as pessoas a estudá-los enquanto lêem, e estudá-los com atenção. Estes são poemas de pleno direito; o fato de serem lacônicos não significa que contêm menos do que um poema longo.

5. 10. 42

Procedimento bem típico. Ouvi dizer que Wexley exigiu um bônus por trabalhar à noite e nos domigos. Conseguiu

e Lang me disse que eu devia fazer a mesma coisa. Fiz e após algumas idas e vindas me foi concedido, as idas e vindas tendo a ver com a minha exigência no sentido de que o meu bônus fosse igual ao dele. Mas no dia seguinte Lang veio me ver e exigiu que escrevêssemos o roteiro principal à noite e deixássemos o "polimento" para o fim. O resultado é que eu não posso mais fazer com que Wexley trabalhe no *ideal script*. Só 70 páginas estão prontas.

10. 10. 42

Para o *Messingkauf* a questão do *teatro aplicado* precisa ser equacionada, i.e., cumpre descrever alguns exemplos básicos colhidos no dia-a-dia de pessoas empenhadas em demonstrar-alguma-coisa-umas-para-as-outras, assim como alguns elementos de atuação teatral na vida privada e na vida pública. *Como* as pessoas mostram ter raiva de outras, porque acham que isso é adequado ou vantajoso, ou mostram ternura ou inveja etc. etc. Também na vida privada o agrupamento posto em prática em diversas situações é importante. Como as distâncias mudam numa discussão entre marido e mulher: na altura de que frase um homem se afasta da mulher, quando se senta etc.? O papel do agrupamento na dramatização cotidiana das relações sociais: onde o seu superior se senta, e como? Análises de registros fotográficos de acontecimentos históricos. Ou melhor, é da máxima importância reconhecer que o que as pessoas fazem quando usurpam ou reivindicam para si uma posição social elevada (acomodando a expressão e aderindo a costumes mais ou menos recomendados etc.) é teatro (em parte inconsciente, mas ainda assim real). Se há nisso qualquer coisa natural, sua natureza é mutável.

16. 10. 42

Não foi má a semana que passou: Stalingrado resistiu, Wilkie em Chunking pregou a criação de uma segunda frente. Aviões dos Estados Unidos participaram do ataque à Alemanha – e Wexley e eu estamos dedicando "o melhor de nosso talento e de nossa capacidade" ao *script* de *Trust the People* (título nosso). Agora mesmo, em cima da hora de *shooting*, Lang arrastou o pobre Wexley para seu escritório e aos gritos por trás das portas fechadas avisou que quer fazer um *Hollywood picture* e que está cagando para cenas que mostram povo etc. A mudança no homem ante a possibilidade de descolar US$700.000 é extraordinária. Senta-se atrás da mesa de chefe com todos os ares de ditador e veterano diretor de cinema, cheio de *drugs* e ressentimento com qualquer sugestão interessante, compilando "surpresas", pequenas idéias de suspense, toques sentimentalóides espalhafatosos e imposturas, e se permite todas as *licenses* em favor do *box office*. Durante uma hora ou duas – estou obviamente condensando tudo isso – sentado em meu jardim perfidamente acolhedor e enquanto me obrigo a ler uma história de detetive, sinto a decepção e o terror do trabalhador intelectual que vê o produto de seus esforços arrebatado e mutilado.

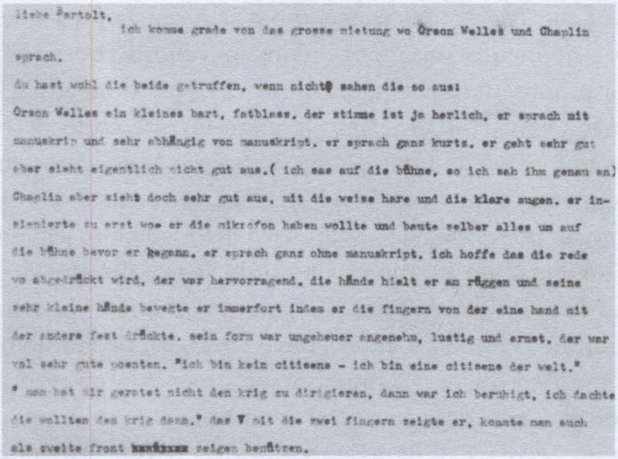
17. 10. 42

Leio Bloch, Ehrenburg, Van Paassen sobre o colapso da França. A única força combatente efetiva era a *garde mobile*. O inimigo interno unido com o inimigo externo. Qualquer homem do povo que fosse contra a guerra era preso por ordem dos generais e banqueiros, que eram contra a guerra. A associação Langnam e o Herrenklub compraram a polícia a preço de banana, os senhores da França tinham de pagar mais. O povo estava encurralado na Linha Maginot, durante anos encerraram os adversários políticos

em lugares seguros, o parlamento devia ter carta branca. Os alemães não precisam de gás, só de talões de cheques. E tudo isso com a liberdade de imprensa...

17. 10. 42

Ruth escreve de N.Y.:



liebe Bertolt,
ich komme grade von das grosse mietung wo Orson Welles und Chaplin sprach.
du hast wohl die beide getruffen, wenn nicht sehen die so aus:
Orson Welles ein kleines bart, fatbless. der stimme ist ja herlich. er sprach mit manuskript und sehr abhängig von manuskript. er sprach ganz kurtz. er geht sehr gut aber sieht eigentlich nicht gut aus.(ich sas auf die bühne, so ich sah ihm genau an) Chaplin aber sieht doch sehr gut aus, mit die weise hare und die klare augen. er insienierte zu erst woe er die mikrofon haben wollte und baute selber alles um auf die bühne bevor er begann. er sprach ganz ohne manuskript. ich hoffe das die rede wo abgedrückt wird, der war hervorragend. die hände hielt er am rüggen und seine sehr kleine hände bewegte er immerfort indem er die fingern von der eine hand mit der andere fest drückte. sein form war ungeheuer angenehm, lustig und ernst. der war vol sehr gute poenten. "ich bin kein citisens - ich bin eine citisene der welt."
" man hat mir geratet nicht den krig zu dirigieren, dann war ich beruhigt, ich dachte die wollten den krig dann." das V mit die zwei fingern zeigte er, konnte man auch als zweite front xxxxxx zeigen benützen.

17. 10. 42

Kortner está sentido comigo porque não lhe consegui um papel no filme de Lang, embora eu tenha feito tudo que podia para obter o papel de Czaka para Homolka; melhor dizendo, conseguir Homolka para o papel. Lang alimenta todos os tipos de prevenções pessoais contra Kortner, que uma vez lhe disse coisas desagradáveis em público quando defendia a liberdade de opinião nas democracias, p.ex., que Lang falava com o cheque-salário semanal na boca. Aparentemente Lang tem menos prevenção contra Homolka, sobretudo pelo fato de que ele é um bom ator. Na semana passada Kortner estava praticamente certo de ter obtido o papel de Litvinov em *Missão em Moscou* e no fim quem ficou com o papel foi Homolka, que, apesar de malsucedido no teste a que se submeteu, foi escolhido, segundo se comenta, graças à intervenção do sogro, um dos figurões mais influentes de Washington. De fato Kortner encontrou Homolka aqui algumas vezes, já que Homolka, valendo-se do *curfew*, andava sempre por aqui. Agora K[ortner] vive falando de "uma atmosfera de milhões, de intriga, e mais algumas coisas" que diz que não pode suportar. Lang, que se recusa a lhe dar um papel, é chamado de assassino, e eu naturalmente estou muito ligado a ele no trabalho... É complicado. Pequena a barca que nos poderia salvar...

Bom, pensando bem, há algo problemático aqui. Para mim um ator é quase sempre algo para além da moral; ele colhe sua moral exclusivamente na atitude para com o que produz como ator. Seu egocentrismo me diverte quando adquire expressão física; características que são associais em si mesmas, como covardia, servilismo, brutalidade, quando são esteticamente formuladas me enriquecem instantaneamente. Homolka me diverte imensamente quan-

do ao falar do personagem qualifica-o de "meu irmão" e, com prazer contagiante, desenterra todas as suas fraquezas, ilusões, sua desfaçatez e dissimulação. Me transforma de imediato em platéia, i.e., em alguém que não tem o que temer de seus ataques.

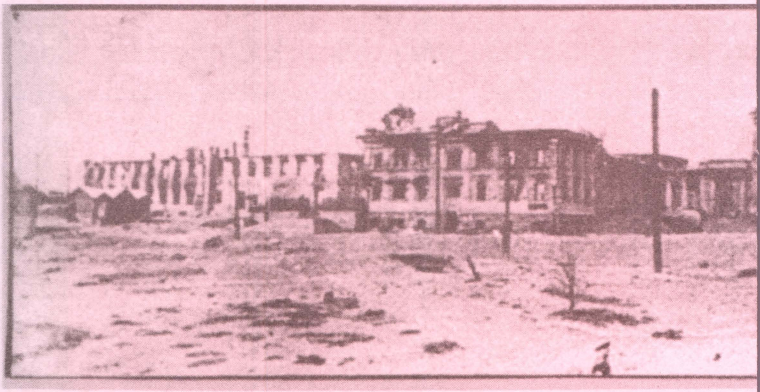
18. 10. 42

Se pudesse continuar os *Versuche*, pegaria os epigramas e os poemas curtos à maneira da cartilha de guerra e imprimiria algumas cenas do roteiro de *Trust the People* junto com eles. Digamos a primeira cena, antes do atentado à sua vida, em que Heydrich mostra aos industriais tchecos os panfletos com a tartaruga símbolo do *slowdown* que foram encontrados nas fábricas de munições. Esta é uma apresentação inteligente de um tirano moderno: o terror é acionado porque os operários tchecos estão sabotando a produção destinada à guerra de Hitler no Leste. Assim o terror alemão tem o mesmo caráter impessoal do assassinato tcheco. – Depois há várias cenas com os reféns onde são mostradas as diferenças de classe no campo de concentração. Apenas cinco minutos antes dos nazistas levarem os reféns para execução, há manifestações de anti-semitismo no meio deles etc. – O filme é construído à maneira épica, com três histórias que se sucedem: a história de um assassino, a história da moça cujo pai é feito refém e que sabe de alguma coisa, e a história de um *quisling* que derrota uma cidade inteira. Esse exemplo não é mau, como não é a parte sobre o movimento secreto que comete erros corrigidos pela ampla massa do povo etc. etc.

19. 10. 42

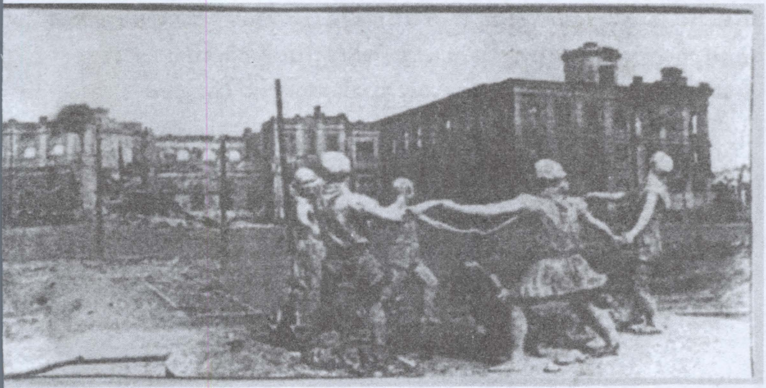
Interessante como uma pessoa se desintegra se uma função é estrangulada. O ego se torna amorfo se não é mais convocado, abordado, comandado. Instala-se a alienação do eu.

No curso do trabalho tive aqui e ali muita dificuldade em evitar o envolvimento na solução de problemas pequenos e mesquinhos como encontrar aquelas *lines* astutas e escorregadias e as transições de uma situação disparatada para outra, e em geral escrever frases derramadas; tudo isso eu deixei para os outros. Esse tipo de coisa pode prejudicar seriamente nossa escrita, pelo menos era isso que eu sentia.



20. 10. 42

Uma coisa que eu gosto de fazer é aguar o jardim. Curioso como todas essas ocupações do dia-a-dia são influenciadas por nossa consciência política. Por que outra razão deve a gente se preocupar com a possibilidade de alguma parte do jardim ficar esquecida, da plantinha lá do canto não receber bastante água ou receber menos, daquela velha árvore ficar de fora porque parece muito forte? Erva daninha ou não, tudo que é verde precisa de água, e a gente descobre tanto verde no chão mal começa a regar.



22. 10. 42

Vejo agora que esse trabalho em torno do filme quase me deixa doente. Essas "surpresas" que consistem em fazer com que coisas impossíveis aconteçam, esses "momentos de suspense" que consistem em sonegar informações à platéia, esses líderes do movimento clandestino que se esvaem em sangue atrás das cortinas enquanto a Gestapo vasculha a casa, esses gritos indignados de "por que tenho

de dar esta frase a um operário que recebe US$150 quando ao lado dele está um professor a quem estou pagando US$5.000!", esses efeitos do Teatro Rose *anno* 1880, essas erupções de uma imaginação depravada, de sentimentalismo que cheira a dinheiro, de arraigada reação triunfante, do persistente e desvairado ressentimento de ter supostamente de fazer um grande filme quando na verdade apenas se é parte de uma produção heterogênea... e depois eles borram as imagens que você se esmerou em criar, distorcem os personagens, revertendo-os a tipos arquimanjados, e edificam sólidos pilares na estrutura em que não há nada para apoiá-los, os inteligentes se tornam broncos, os progressistas reacionários, os nobres indignos, os indignos simpáticos. O cliente pega o pincel e lambuza o quadro, de modo que ninguém jamais saberá como realmente era.

O indivíduo, que cada vez mais tem de deduzir sua postura (ou: fibra moral) da produção, atravessa aqui um mau pedaço, já que a produção está sendo sufocada e manipulada. Acostumado a extrair minha própria dignidade da dignidade da tarefa em execução, minha importância da importância que eu tenho para o povo em geral, minha energia das forças com que estou em contato, onde me situo se a tarefa é indigna, a atmosfera geral depravada, e nenhuma energia pode ser acumulada no meio em que me encontro?

24. 10. 42

Os *tories* nesta guerra estão dando ao mundo uma gigantesca lição numa nova forma de greve, a chamada *slowdown*, ou melhor, a *stay-in strike*. Neste contexto, nenhum crime é planejado sem um álibi, nenhuma promessa é feita a menos que os meios de quebrá-la já estejam à mão. Navios carre-

gados partem e não chegam nunca, e aquilo que você mesmo não pode fazer, você deixa para o inimigo. Certos êxitos são obtidos por meio de reveses, como quando, por exemplo, navios de guerra alemães penetram no Atlântico onde estão passando os comboios para Murmansk. Outra coisa é que somente determinados elos da cadeia se mantêm fracos. Um pequeno e oportuno erro num lugar sem importância acarreta a desativação de todo um plano colossal. A luta é conduzida anonimamente ou incógnita. A iniciativa pessoal desempenha um papel decisivo. A classe operária deve muito ao sabotador desconhecido.

25. 10. 42

Mesmo os escritores mais tarimbados de Hollywood, que há 10 anos fabricam um roteiro após outro, mesmo assim, num estágio qualquer de cada roteiro, afagam a esperança de poderem, dessa vez, por meio deste ou daquele subterfúgio, graças a algum acaso feliz, realizar algo melhor, algo que não seja tão reles. Esta esperança sempre se frustra, mas sem ela não poderiam trabalhar... e esses filmes medíocres e infectos não seriam realizados.

30. 10. 42

Discuti com Feuchtwanger meu plano de uma peça, *Santa Joana de Vitry* (*As vozes*). Examinamos vários projetos (*As viagens do deus da fortuna* e *Uma mulher morta com carinho*), depois paramos numa Joana em que as lendas patrióticas assumem as feições de seus superiores nos sonhos de sua mente confusa, e ela fica sabendo como e por que os tais superiores se empenham na guerra e por quanto tempo pretendem continuar.

2. 11. 42

Depois de duas semanas em que não tive notícia de Lang – uma vez Eisler arrastou Wexley para cá após terem jantado juntos, e ele era uma má consciência ambulante – a secretária de Lang telefonou para dizer que a filmagem estava começando e que eu era "*invited, more than invited*". A primeira cena filmada por Lang foi uma que Wexley e eu havíamos cortado; a heroína está discutindo com a tia a respeito de seu vestido de noiva: ela quer um decote mais cavado. A heroína é feita por uma atriz inglesa de quinta classe, uma boneca melíflua sem nenhuma qualidade marcante. O senhor das lentes está sentado ao lado da câmera, inabordável, enquanto a meu lado um médico alemão refugiado espera o momento de lhe dar injeções de vitamina. Lang, como era de esperar, me faz um aceno nada convincente e diz a meia voz um "Oi, Brecht! Você receberá um roteiro amanhã!"

4. 11. 42

Por causa de dois cheques-salário semanais (US$3.000) Wexley demoliu o que levou dez meses para construir. Eu tinha quase conseguido eliminar as principais imbecilidades da história e agora estão todas de volta.

Vejo a cena em que o assassino, depois de perambular durante horas, chega à casa do historiador à procura de um lugar para se esconder. Antes de sua entrada os cabeleireiros e alfaiates precipitam-se sobre ele, untam-lhe os cabelos e soprando limpam os vestígios de poeira presos no paletó. E a moça, a mãe, a tia, o pai são deixados a sós pelos cabeleireiros quando a campainha toca e a tomada se inicia. Os quartos são vastos salões, o mobiliário imita peças de museus (cujos originais eram falsificados). Em

suma, um mundo "ideal". Por um momento podia-se até pensar no esteticismo do palco chinês, onde a pobre pescadora usa retalhos de seda nas roupas. Mas nesse caso não se faz nenhuma tentativa de dar a impressão de que o que está acontecendo é naturalismo. Em Hollywood tudo é brilho e esplendor da pior espécie.

4. 11. 42

Entre os governos alemão e britânico há um sério conflito legal acerca dos constrangimentos impostos aos prisioneiros. Esse tipo de coisa favorece a animosidade. Falta de tato em plena guerra.

O *lecturer* Lewis Brown esteve aqui. Narra episódios horripilantes no meio da ralé dos fascistas de Los Angeles. Amargam a maior miséria. Um dia desses precisavam de US$14,50 para um panfleto muito importante, que deveria incitar o povo a se submeter a um *führer.* Conseguiram apenas US$12. Assim sofrem por seus ideais sanguinários, e os maiores crimes deixam talvez de ser cometidos simplesmente por falta de apoio financeiro.

5. 11. 42

Winge foi ao *US Employment Service* para ver se havia vagas na *defence industry*. O funcionário da divisão industrial, um homem magro e pacato usando óculos e um colarinho meio puído, examinou seu cartão e disse: "*You're a refugee? See, our defence industry is owned by big money, got me? And big money doesn't like people who don't like Hitler, got me? And big money doesn't like a certain racial minority either, got me? And so they are not taking people like you.*" Winge *got him*. ["Você é refugiado? Veja bem, nossa indústria da defesa tá

na mão do dinheiro graúdo, tá me entendendo? E o dinheiro graúdo não gosta de gente que não gosta de Hitler, tá me entendendo? E o dinheiro graúdo também não gosta de certa minoria racial, tá me entendendo? E por isso mesmo não emprega gente como você." Winge entendeu.]

15. 11. 42

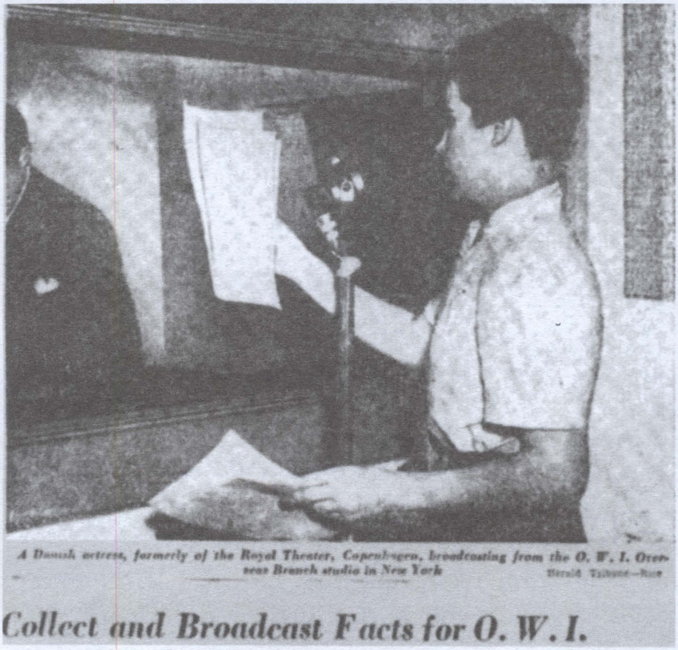
Alta probabilidade de abertura da segunda frente na África, embora os arranjos políticos sejam um pouco surpreendentes.

Trabalho com Feuchtwanger pela manhã na *Joana d'Arc de Vitry*, uma vez ou outra dou um pulo no estúdio. Quando Lang encena uma luta entre o comissário da Gestapo e o noivo da heroína surge algo que quase se assemelha à arte, e a obra ganha a dignidade e a respeitabilidade do artesanato. Não é tecnicamente desinteressante ver a precisão e elegância com que uma bota de cano alto desfere um pontapé primeiro no peito e depois nas costelas de um homem deitado no chão. Naturalmente essa luta é inserida aqui e não no ponto mais nobre que havíamos indicado, quando o pessoal da cozinha de um restaurante impede a Gestapo de capturar uma célula clandestina...

16. 11. 42

Leio o drama soviético *Floresta de Ruza* de Konstantin Finn. Raramente se encontra tanto brilho e esplendor como nesse "naturalismo". O acampamento guerrilheiro no fundo da floresta lembra vagamente *Fra Diavolo* ou os ciganos em *Carmen*. O retrato do exército alemão baseado no modelo russo é tocante. Um major que fala como um

sargenteante, e seu tenente, que, embora nazista, é na verdade mais parecido com um comissário político. Os efeitos principais decorrem do conflito entre o contínuo burocratês falado por todos os russos e os "traços individuais" ("Camarada comissário, lamento informar que liquidei meu alcagüete."). O declínio do mundo, segundo Borchardt, em conseqüência do discurso antinatural é, esperemos, apenas o declínio da literatura. Patético ver como essa literatura se ergue na ponta dos pés para segurar um espelho para o proletariado.



Ruth Berlau ao microfone. Residindo então em Nova York, tinha sido contratada pelo Office of War Information como locutora para a Dinamarca ocupada.

17. 11. 42

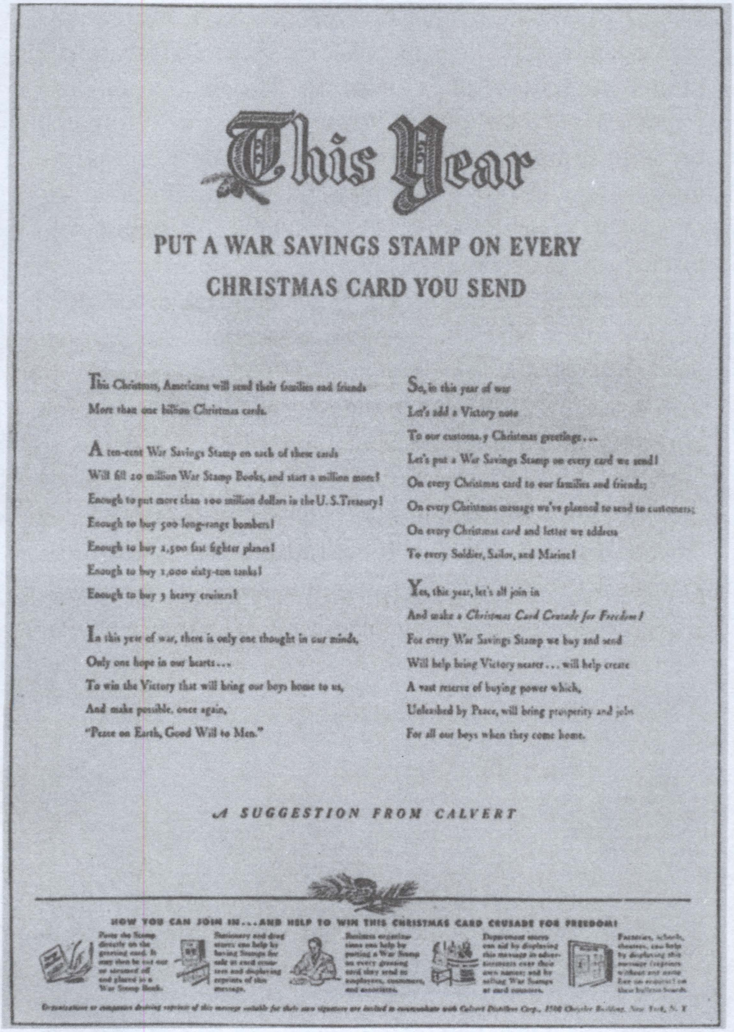
Wriggles teve dois filhos mestiços há alguns meses. Na amamentação ela favoreceu um deles, que agora está roliço e gordo, e nós ficamos zangados com a parcialidade dela. Mas logo se viu que Johnson, o gordo, era mazelento. Coxo das patas traseiras, mal conseguia se arrastar. Mesmo assim era um combatente. Embaraçado por sua deficiência, superava-se para acompanhar o irmão irrequieto e se oferecia para enfrentá-lo, e gostava de lutar comigo também, sem morder, só agarrar. Aí a mãe começou a cuidar dele. Lambia as debilitadas patas traseiras e parecia quase mastigá-las. E o tempo todo empurrava-lhe o traseiro com o focinho para fazê-lo correr. Quase sempre ele caía, mas conseguia realizar alguns movimentos e então meio que se arrastava e meio que corria. Suas lutas se tornaram mais fáceis. Agora tem patas traseiras sadias e por ter mostrado que é um batalhador não queremos nos desfazer dele.

19. 11. 42

O ator vienense Henried teve uma rápida carreira no cinema daqui, e jantamos em sua nova casa, uma construção espaçosa de estilo *cottage*. Sua mulher, filha de Glück, o historiador da arte cujo livro sobre Breughel já andou meio mundo comigo, vem comprando velhos móveis californianos com Helli, que tem faro para essas coisas. Excelentes mesas antigas com surpreendente tratamento da madeira e escarradeiras de cobre que foram convertidas em luminárias. Até parece que a América *foi* um dia uma nação com uma cultura...

20. 11. 42

Versos sem rima com ritmos irregulares parecem ter sido úteis aqui:



24. 11. 42

A maneira particularmente rude como Lang rompeu nosso acordo expresso no sentido de dar a Weigel o papel de uma verdureira em nosso filme – ele insistiu em que o papel não tivesse sotaque estrangeiro, declarou que uma ou duas falas supérfluas que Wexley tinha acrescentado à minha construção quase silenciosa da personagem eram essenciais, realizou um apressado teste de voz, prometeu um teste completo de câmera, fez com que ela esperasse e trabalhasse para isto, e depois simplesmente filmou a primeira cena com outra pessoa sem mesmo nos comunicar – suscita a questão de como encarar esse tipo de coisa. A velha obrigação de reagir com violência à falta de escrúpulo nas relações pessoais deve, à luz das condições reinantes, ser considerada ineficaz; esse preceito recíproco foi descartado como inútil. Até um amigo chega rapidamente a um ponto em que não tem mais nenhum direito à indignação moral. No que se refere aos artistas, as condições são de tal ordem que toda insuficiência de talento requer e produz seu próprio peso em inescrupulosidade. Por outro lado a indignação, socialmente uma emoção das mais produtivas,

RED ARMY SKI TROOPS
The possibilities are immense.

War Artist's Exhibition Depicts Heroic Defense of Leningrad

Yar-Kravchenko Reaches High Degree of Mastery In Portrayals of Men and Events During Epic Days of War

From Moscow News Correspondent

SVERDLOVSK, RSFSR (by mail)—What is undoubtedly one of the most glorious pages in the annals of this war rises vividly before you as you walk from drawing to drawing at the exhibition of the work of Lieutenant Anatoly Yar-Kravchenko opened recently at the local House of the Red Army. On display are 100 sketches, depicting the heroic defense of Leningrad from the air and Red Air Force men operating on this sector.

The drawings cover a wide range of themes: flyers joking over a game of dominoes in their dugout after a hot engagement with enemy aircraft; men on a flying field in the midst of a Russian winter's raging blizzard; a heated discussion at a meeting in a frontline dugout; burning planes hurtling earthwards in a power dive that will crash them into the heart of an enemy tank column; a Soviet pilot skillfully ramming a Nazi air raider, and portraits upon portraits of young flyers, the artist's comrades-in-arms.

STYLE CHANGED

One of the things this exhibition shows is that the war has brought about a definite change in Yar-Kravchenko's style and technique. He used to work slowly, unhurriedly, weighing each detail in his mind's eye dozens of times before setting it down. But now his time came in short snatches between combats and raids: time and again he had to discontinue work on a portrait when the flyer sitting for him was called out on an urgent assignment.

Now that the young artist's work has passed through the crucible of war we find it tempered to that great degree of expressiveness which makes itself felt in simplicity of line and form, in the economy of means characteristic of true mastery.

Not that Yar-Kravchenko was an indifferent artist before the war. A recent graduate of the Leningrad Academy of Arts, he had earned a reputation as a portrait painter already during his student days. His first major effort, a lithograph showing Stalin smiling down at a dark-eyed little girl was published in a big edition. Copies of his diploma work, an oil painting showing Maxim Gorky at home reading a story to Stalin, Molotov and Voroshilov, were made by 60 museums and art galleries.

Comparing his work then and now we find that his drawing has taken on greater clarity. His group composition has improved, while the faces of his portraits show a much greater individuality and character.

When the war broke out, Yar-Kravchenko had to lay his pen and brush aside for a time. Weeks of intensive military training followed. In September, however, portraits of flyers defending Leningrad, drawn by Lieutenant Yar-Kravchenko, began to appear in "Attack," a frontline newspaper put out by one of the air units.

HERO OF THE SOVIET UNION A. SEVASTYANOV. Portrait by Anatoly Yar-Kravchenko

"POWER DIVE." Drawing by Anatoly Yar-Kravchenko

Wait for Me

By Konstantin Simonov

Translated by Nathalie Rene

Wait for me, and I will come,
Wait, and wait again.
Wait when you feel sad and numb
And dreary is the rain.
Wait, when snows fall more and more,
Wait when days are hot;
Wait when others waited for
Yesterday were forgot.
When from places far away
You receive no mail
Wait, when others, waiting, say
They tire, they fail.

Wait for me, and I will come.
Give no kindly thought
To those so sure that I am gone,
That waiting brings back naught.
Should even mother and my son
Believe that I'm no more,
Should weary friends with waiting done,
Turn from the empty door,
And pledge my soul in bitter wine,
A friend, grown somewhere chill. . .
Wait still and let it be not thine
The last-come glass they fill.

Wait for me and I will come,
Mocking many deaths,
So let them say—and there'll be some—
"What luck. He came out best."
Could they ever comprehend,
Those who did not wait,
How your waiting to the end
Saved me from my fate?
How I came through hell on earth
Just you and I will know,
You who waited as no one did
Through rains and winter's snow.

Recorte do *Moscow News*, sem data.

não pode ser dirigida apenas contra as condições, uma vez que isto despersonalizaria totalmente as condições, despojando-as da participação humana e tratando-as como se estivessem fora de alcance e não mais alteráveis.

25. 11. 42

Trabalhando regularmente na peça sobre Joana D'Arc, agora *As visões de Simone Machard,* das 11 às 2 na casa de Feuchtwanger em Sunset. Trabalhando exclusivamente na estrutura, para o que a defesa obstinada de F[euchtwanger] da probabilidade naturalista é muito útil. Sua antiquada psicologia "biológica" resiste um pouco. Já as leis propostas por Marx da luta de classes são válidas, mas só para as classes, i.e, não para os indivíduos. Ele resiste mais à idéia de esconder a gasolina (Simone guarda a gasolina proveniente dos tanques alemães, negando-lhe o caráter de propriedade), ele quer que Simone a incendeie imediatamente. No início o estalajadeiro lucra com isso, porque os locais freqüentam a estalagem (por conta do patriotismo do dono), mas logo que o patriotismo deixa de ser compensador, ele dá as costas a Simone. Como é impossível fazê-lo perceber que os lucros da estalagem não são uma fonte adequada para o patriotismo do estalajadeiro, ele finalmente apela para o instinto de poder. O argumento elucida muita coisa e é extremamente benéfico. F[euchtwanger] está bem mais receptivo quando na segunda semana, principalmente porque não consigo motivar o patriotismo de Simone, sugiro fazer dela uma criança.

2. 12. 42

Quanto ao enredo, a peça inteira está definida: dois terços estão construídos, mas ainda não sou capaz de formular uma única frase para Simone. A abordagem que F[euchtwanger] sugere, calcada na psicologia da personagem, não é uma ajuda, eu não preciso disso, eu preciso de elementos estilísticos, tons literários para a voz. Devem ser tons latinizados, uma linguagem sumamente desenvolvida tratada sensorialmente; isto é necessário para a ânsia exibicionista, que no teatro substitui a ânsia de ser etnograficamente fiel. A respeito da figura de Simone, estou brincando vagamente com a idéia de que sua infantilidade deve ser acompanhada por um efeito-d, talvez mostrando como a garota de treze anos é despachada para o trabalho antes do tempo e forçada a realizar serviço de adulto, forçada também a falar, pensar e se comportar como adulto; isto faz com que suas feições infantis se mostrem como dolorosas inadequabilidades, como o desamparo de alguém que na verdade ainda precisará de ajuda por muito e muito tempo. Ela está, por assim dizer, fazendo as vezes de uma criada habilitada cujas roupas são compridas demais para ela.

2. 12. 42

Uma grande descoberta: a necessidade de comprar vitaminas aqui na forma de pílulas. Eu já estava devidamente cônscio do péssimo funcionamento do meu cérebro, da celeridade com que me cansava, do baixíssimo grau de vitalidade, e assim por diante. Cinco dias de ingestão de vitaminas e estou em forma de novo. Que prova impressionante da origem social da "incapacidade de pensar" do proletário!

Oficial alemão capturado. Rommel foi mais rápido na fuga.

Most highly organized are the British officers' camps in Germany. One typical camp has a library of 16,000 books; courses in 70 different subjects, including 23 foreign languages, all taught by prisoners; regular self-staged theatrical and musical shows; flower and vegetable gardens; painting; woodwork; a sports program; bridge drives, spelling bees and debates. "One debate," reports Y-man Strong, "was: 'Resolved, That in the opinion of this house it would be better to be married to Ginger Rogers than to Mrs. Beaton' [the British Fanny Farmer]."

There is also great interest in religious services by captured chaplains which has resulted in over 7,000 acts of Communion from Anglicans, Presbyterians and Roman Catholics in a six-month period. Ten candidates for ordination are studying under an Anglican chaplain.

Among the supplies this camp asked for: 50,000 gramophone needles, conjuring tricks, roulette wheels, daffodil bulbs, water colors, saccharine, 10,000 sheets of examination paper (British universities are giving credit for these prison courses), cricket equipment, cigaret holders, 100,000 razor blades, Communion wine and bread, 50 dice.

7. 12. 42

Comemos em casa de Homolka, junto à lareira que dá para o jardim outonal com as torres de perfuração de petróleo ao longe. Imaginamos uma peça baseada na observação de que no México a prática da religião é realmente ilegal, e introduzimos um vasto mercado negro de

religião. Em becos escuros aliciadores sussurram "confissão?" nos ouvidos dos transeuntes, e crucifixos são vendidos disfarçados de metralhadoras. Os bairros estão divididos entre os muambeiros que encenam violentas batalhas entre si. O mais bem-sucedido deles só pode ser autuado por evasão fiscal. Nem um só objeto religioso é encontrado em sua casa. Os elementos da classe superior sofrem terrivelmente. Não podem ir à bolsa de valores sem suas doses habituais de religião...

8. 12. 42

Temos a estrutura, e eu comecei a escrever, primeiro a segunda cena real, que parece ser a mais difícil.

A dificuldade reside em que estou escrevendo a cena sem ter nenhuma idéia da figura principal, Simone. No início eu a via como uma pessoa um tanto desajeitada, mentalmente retardada e inibida; depois me pareceu mais prático usar uma criança. Só me restam, portanto, as funções elementares e nada para compensá-las no que diz respeito à individualidade. Não seria melhor talvez fazer então *A mulher zangada*?

10. 12. 42

Lendo o livrinho de Trotsky sobre Lênin (publicado em 1924) com imenso prazer. Bacana o modo como Lênin mostra ao jovem a Westminster "deles". Assim se refere à artilharia alemã, à aviação francesa, à abundância de informações do *Times*, como coisas que "eles" compreendem, realizaram, conseguem fazer. "'Será que concordam com uma solução conciliatória?', me perguntou Lênin com um olhar penetrante. Expliquei que deliberamos dar informa-

ções tranqüilizadoras na imprensa e que isso foi apenas um estratagema para o momento em que lançávamos o ataque geral. 'Ah, isso é booom', disse Lênin deliciado, saboreando o som das palavras. Esfregou as mãos animado e começou a andar de um lado para o outro da sala. 'Isso é muuuito bom!' Ilitch gostava especialmente de estratagemas engenhosos. Enganar o inimigo, passar a perna nele... o que podia haver de melhor?" Depois a parte trágica: "Uma vez, num momento particularmente difícil de 1918, Vladimir Ilitch me disse: 'Uma delegação de operários veio me ver hoje. Depois de ter conversado com eles, um deles disse: é fácil ver que você também, camarada Lênin, está do lado dos capitalistas. Quer saber? Esta foi a primeira vez que ouvi dizer uma coisa dessas. Confesso que fiquei desconcertado e não soube o que responder. Se aquele homem não estava mal-intencionado... não era um menchevique, então isso é um sintoma perturbador.'"

11. 12. 42

Os jornais estão dizendo que Jhering se tornou diretor do Hofburgtheater. Para os emigrados isso o transforma num diretor nazista. Por outro lado, está fazendo dez anos que todo esse povo, arrastado para uma guerra insana pela escória governante, viveu toda essa fase como viveu qualquer outra, e a diferença entre padeiros nazistas e diretores de teatro nazistas é provavelmente menor do que estamos inclinados a pensar. As broas fazem menos mal do que as peças de Johst, i.e., a classe teatral é mais perigosa. Seja como for, não posso dizer que estou chocado. Nada disso. Só não suporto esses juízos emitidos por gente da mesma laia. Pessoas como Jhering – se somos farinha do mesmo saco – não são, acredito, o inimigo principal. Qualquer juízo há de ser interno.

12. 12. 42

Feuchtwanger concordou em escrever para Emil Ludwig um ensaio sobre Ovídio para um livro de exilados sobre exilados, e, apesar de minhas objeções a escrever para L[udwig], que quer que o povo alemão seja educado por professores americanos durante várias décadas, F[euchtwanger] não admite, como homem de caráter, quebrar sua promessa. Além do mais descobriu que Ovídio foi exilado por engano.

13. 12. 42

Canção para o filme *Trust the People*:

Irmão, é hora
Irmão, esteja preparado
Passe adiante a bandeira invisível!
Ao morrer você será o mesmo que era em vida
Não se renda a eles, camarada.
Hoje está derrotado, o que faz de você um escravo
Mas a guerra só termina quando finda a última batalha
Mas a guerra não termina até findar a última batalha.

Irmão, é hora
Irmão, esteja preparado
Passe adiante a bandeira invisível!
Violência ou lei, ainda está pau a pau
Mas terminada a escravidão um novo dia se seguirá.
Hoje está derrotado, o que faz de você um escravo
Mas a guerra só termina quando finda a última batalha
Mas a guerra não termina até findar a última batalha.

Escrita para a melodia da canção KI (Eisler), e transcrevo-a porque do contrário é pouco provável que fique registrada.

17. 12. 42

Como se obtêm efeitos cinematográficos: Lang emprega um *hitparademan* "muitíssimo bem pago" para traduzir a canção acima, e por US$500 o sujeito imediatamente produz um inacreditável monte de merda. Lang combina os versos do sujeito com os versos de Wexley; a coisa toda tem a ver com uma *invisible torch* que passa de mão em mão. Insinuações de que lâmpadas elétricas invisíveis não atraem o olhar ficam sem resposta. Segue-se então um efeito real (em pequena escala) como resultado da estocagem de lixo. A canção é escrita no acampamento dos reféns por um operário, que a lê para um poeta famoso. Por um segundo o poeta se pergunta se deve corrigir expressões como "tocha invisível", depois deixa-a ficar por achá-la apropriada e digna de registro. Ora, Lang fez do poeta não um alcoólatra gordo (o tipo Diktonius) mas um tipo Ganghofer (amável, pálido, frívolo) que agora tem de achar maravilhosa aquela mesma expressão "tocha invisível". Desse modo a cena se torna quase realista: um proletário se expressa nos clichês descartados da burguesia e a burguesia os engole com gosto. Lang não nota coisa alguma.

20. 12. 42

Trabalho agradável com Feuchtwanger na peça *Simone Machard*.

24. 12. 42

À noite vêm os Eisler, Reyher, os Feuchtwanger e mais tarde os Homolka.

31. 12, 42

Na casa dos Kortner. Entre os presentes os Eisler, Viertel, os Henried, os Thören, os Donath.

3. 1. 43

Trabalho todas as manhãs com L[ion] F[euchtwanger] nas *Visões de Simone Machard*. A colaboração vai bem e é como umas férias após o trabalho no filme, embora F[euchtwanger] não queira ter nada a ver com os aspectos técnicos e sociais (descrição épica, efeito-d, personagens constituídos com ingredientes mais sociais que biológicos, conflitos de classes embutidos na história etc.) e tolere tudo isso apenas como meu estilo pessoal. Depois de ter completado a estrutura da peça, com ele atento para a probabilidade naturalista (o estabelecimento era um centro fornecedor, o valor monetário da gasolina era baixo demais para se tornar objeto de disputa séria), eu escrevia as cenas em casa e depois fazia junto com ele as correções. Ele tem sensibilidade para questões de estrutura e aprecia refinamentos lingüísticos, é também capaz de fazer sugestões poéticas e dramatúrgicas, conhece bastante literatura, presta atenção nos argumentos e é agradável no trato, um bom amigo.

5. 1. 43

Para a última cena da vida real duas versões terão de ser escritas, já que a correta não é exeqüível. Na realidade os Wendel e os Pétain estão usando a derrota e a ocupação estrangeira para reprimir seus opositores sociais. Simone deve portanto ser solta pelos alemães (com base no falso testemunho do pessoal da estalagem) e depois recolhida a uma casa de correção por Mme Mère e Capitão Letain por conduta irregular. A versão para ser encenada deve camuflar isso; a prisão de Simone por incêndio premeditado em razão do ódio ao patrão significa que ela não terá de enfrentar um esquadrão de fuzilamento alemão. Nesta versão só posso contar com o efeito da última cena de sonho, que é em vestes sacerdotais e suscita a questão da autoridade (a voz de Deus é a voz do povo e é atropelada pela voz da Igreja).

20. 1. 43

A vista da mutilação espiritual me faz muito mal: não é possível permanecer na mesma sala com esses aleijões espirituais e inválidos morais. Uma sessão da associação dos roteiristas de cinema, a que tive de recorrer porque Pressburger e Lang não me deram crédito por meu trabalho no roteiro – Wexley foi contra isso. Compareceu com uma papelada colossal e sustentou que não havia falado comigo. – O crédito possivelmente me habilitaria a conseguir um *filmjob* se as coisas ficassem realmente difíceis.

12. 2. 43

Chego em Nova York. Trem cheio de soldados, suboficiais em sua maioria, realmente *nice boys* de muito boas

maneiras, jogando cartas, tomando cerveja e limonada, ouvindo rádio. Desligavam o rádio instantaneamente sempre que começava um boletim de notícias. No meio deles velhas senhoras com distintivos, sempre com dois ou três jovens às suas ordens, conversando, rindo. Maternais harpias. Os banheiros são o único lugar a salvo delas. Imagina-se que servem para manter elevado o ânimo (o ânimo das velhas senhoras). – Arizona e Texas, vistos do trem, lembram muito a Sibéria. As casas de madeira de dois andares, rústicas e cinzentas, e as pessoas parecem muito pobres.

14. 2. 43

Consegui alcançar Korsch, que deve partir depois de amanhã. Mais gordo, a conversa entremeada com um número ainda maior de notas de rodapé, está realmente muito mudado no físico. Embora tivesse sido sempre um sujeito grandalhão, achava um jeito de parecer um pouco magro e tinha aqueles olhos intensamente azuis debaixo de sobrancelhas negras. Agora está roliço, atarracado, os olhos menores, quase astutos. Vive com os US$100 do Instituto e trabalha em seus ensaios. Isso não mudou. Ele diz mais uma vez que compõe suas dissertações científicas como se fossem poemas enquanto eu faço meus poemas como um remendão faz sapatos. No momento está interessado em geopolítica.

16. 2. 43

À noite chegam K[arl] A[ugust] Wittfogel com a mulher e Langerhans. Até W[ittfogel], que sempre foi um ginasiano meio mofino, parece agora um tanto *stout*. Deu o golpe do baú, ficou famoso como sinólogo e mantém uma espécie

de salão. Além disso, é anti-stalinista, ofício que o mantém ocupado o tempo todo. Stálin planejou conscientemente a ascensão de Hitler ao poder, destruiu, sacrificou e livrou-se do partido comunista e de todas as suas organizações. Radek disse a W[ittfogel] em [19]32: "Depois os trabalhadores alemães terão de suportar isso durante dois anos." Desde o início a aposta era que haveria uma grande guerra entre as potências ocidentais e a Alemanha. W[ittfogel] tem a veemência e o trauma do trovador decepcionado ("e *ela* se deixa foder pelo noivo"). – L[angerhans], como sempre simpático, fala do campo de concentração, onde uma vez tiveram uma temporada teatral. "A gente ia à barraca 2 à noite para ver o *Capitão de Köpenick*, ou a uma outra barraca para ver uma revista musical." Numa cadeia de Brandemburgo ouviu um preso recitar meus poemas sobre o pintor de paredes. Meu estilo de *moritaten* e esquetes serviu de modelo em toda parte. Terra da cultura. – A canção dos soldados da turfeira era conhecida e permitida

Prisioneiros alemães na Tunísia.

em todos os campos. Ali ela não lhe agradava, assemelhava-se demais a um canto de escravos. Quanto à negativa do último refrão "*nicht* mehr mit dem spaten ins moor [*não* mais com a pá no charco]", todos esperavam ansiosos por aquele *nicht* e batiam o pé com força quando chegava o *nicht*, fazendo tremer a barraca.

março, abril, maio 43

Encontro muita gente. Hauptmann vive com [N] e não tem muito tempo livre, embora queira voltar a trabalhar. Grosz é o mesmo velho Grosz, um pouco desiludido com a América. Vou à sua exposição, e suas naturezas-mortas me impressionam porque introduzem um grandioso elemento materialista, sensual na pintura alemã. Mas não vende quase nada. Wieland [Herzfelde] é dono de uma pequena filatélica; não se queixa, planeja um novo empreendimento editorial e projeta papéis timbrados, enquanto o filho contribui para a renda familiar como patinador-dançarino no gelo. Graf, que não aprendeu uma única palavra de inglês, está gordo, desconfiado, obcecado por seus clubes sociais e acredita que haverá um período reacionário que durará décadas. Sternberg não pode escrever livros em lugar de escrever artigos, mas Pustau ainda trabalha em sua autobiografia, que é interessante. Um novo conhecido, Kurt Lewin, que trabalha em Iowa, ensina "liderança" a escoteiros e operários, e me convida a visitá-lo, interessado pelo *Perverso Baal, o associal.* Weill está com um grande sucesso na Broadway, mas já não está tão certo de seu futuro aqui. Aufricht promove um encontro nosso. Weill quer produzir *Se-Tsuan* e planejamos um *Schweik*. Lenya me ajuda na gravação da "Canção de uma mãe alemã" para o Office of War Information,

música de Dessau. O escritório alemão sabota a coisa. Lenya também canta "O que o correio trouxe para a mulher do soldado" e canções da *Ópera dos três vinténs* em público; gravações são realizadas por sugestão de Aufricht. Ele também quer musicar a "Cruzada das crianças". Lorre e Bergner leram poemas. Os dois não esqueceram nada, a técnica deles continua perfeita. Estou adaptando (com Hofmann Hays) *A duquesa de Amalfi* de Webster para Bergner. Passo uma semana com Weill em New City, onde faço uma versão de *Se-Tsuan* para cá.

27. 5. 43

Voltei ontem de N.Y. Conto a Steff um pouco do plano para *Schweik*. Ele logo diz que o Schweik original não se preocuparia com as dificuldades de Baloun, provavelmente o aconselharia a se alistar no exército alemão e certamente não freqüentaria um bar como o Cálice em sua forma atual. Na verdade estas são coisas que se tornaram mais complicadas desde 1914. Ainda assim decido ali mesmo incorporar essa postura apolítica de S[chweik] ao enredo (*O salvamento do comilão Baloun*). Lendo o velho Schweik no trem, sou de novo esmagado pelo grandioso panorama traçado por Hasek e pela atitude verdadeiramente desconstrutiva do povo, que, sendo ela mesma o único elemento construtivo, não pode adotar uma atitude construtiva para com qualquer outra coisa. Em nenhuma circunstância Schweik deverá se tornar um astuto e dissimulado sabotador. Ele é apenas um oportunista especializado em explorar as pequenas ocasiões favoráveis que lhe aparecem. Na medida em que aprova qualquer modalidade de ordem, aprova honestamente a ordem existente (apesar das conseqüências lesivas para ele), inclusive uma ordem

nacionalista que ele só vivencia como uma forma de opressão. Sua sabedoria é devastadora, sua indestrutibilidade torna-o o inesgotável objeto de maus-tratos e ao mesmo tempo terreno fértil para a libertação.

28. 5. 43

Eisler critica *Simone* (ele criou uma esplêndida composição musical para o primeiro apelo do anjo) por ser em grau excessivo uma "patriota natural". Quer que se amplie o papel do *livro*. Ela é vítima de uma educação patriótica. Só deve realizar o que é exigido dela; por obediência salva a França (as posses dos possuidores) defendendo-a contra os alemães, depois não consegue salvá-la (como posses dos possuidores) ao entregá-la a eles. Para o desfecho ele quer que se elimine toda e qualquer menção aos *free French*. Rebaixada para as fileiras da soldadesca, Simone é obrigada a devolver seu livro e seu avental e adere aos fanfarrões. Seus amigos já não têm permissão de dizer coisa alguma, estão derrotados.

29. 5. 43

Sobre *Schweik*: os clássicos têm dentro de si um elemento de imitabilidade. Um clássico só é extraordinário na medida em que aperfeiçoa obras similares que o inspiraram e o tornaram possível. – Conversei com Lorre sobre Schweik. Ele se opõe à cena em que Schweik abate um cachorro roubado e o leva para a estalajadeira no Cálice a fim de que seu amigo Baloun possa comer um *gulash* decente. Lorre, é claro, precisa se reabilitar de um passado sinistro nos filmes de horror. Por isso, no momento em que aparecesse

com um embrulho todo mundo veria a carcaça descarnada do cachorro, o esqueleto na sacola de papel pardo, como ele diz. Mas os erros que decorrem desse tipo de coisa são produtivos. Assim ao mesmo tempo ele se entusiasma com o fato de Schweik ser um cinófilo. O que Schweik obviamente não é, já que seu negócio é comprar e vender cães.

8. 6. 43

Ouço o último ato de *Don Giovanni* no rádio à noite. Este cume nunca mais foi escalado de novo e surgiu bem no começo!

9. 6. 43

Termino o primeiro ato de *Schweik*. De noite aqui Kortner, Eisler, Viertel. Viertel conta como persuadiram um diretor que se queixava de alguma coisa durante uma tomada a pegar o carro e ir a um restaurante. Quando ele voltou tinha sido substituído e teve dificuldade de apanhar de volta o chapéu. Um produtor bem-intencionado recomendou a Kortner que se quisesse ajudar alguém ali no estúdio não dissesse que ele era *brilliant*, mas um *swell guy, easy to work with* [um cara bacana, com quem é fácil trabalhar]. – Eisler musicou lindamente "Numa noite de tempestade", "Miserere alemão" e "A marcha dos bezerros".

O líder dos mineiros. Greve de mineiros nos Estados Unidos dura seis meses (de maio até o fim de outubro).

Os mineiros em greve.
Não sabiam para onde o líder os tinha levado...

24. 6. 43

Schweik em grande parte concluído. Forma parelha com *Mãe Coragem*. Em contraste com o *Schweik* que escrevi para Piscator aí por volta de [19]27 – uma simples montagem do romance –, esta versão (na Segunda Guerra Mundial) é bem mais contundente, correspondendo ao que mudou da tirania institucionalizada dos Habsburgos para a invasão nazista. – O filme de Lang (chamado agora *Hangmen Also Die* [Os carrascos também morrem]) me proporcionou ócio suficiente para três peças. (*As visões de Simone Machard*, *A duquesa de Amalfi*, *Schweik*.)

25. 6. 43

Eisler compôs dois ciclos grandiosos para o *Hollywooder Liederbüchlein*, poemas de Anacreonte e Hölderlin. Isto inaugura uma possibilidade de realizar coros dramáticos, uma vez que as composições agora potencializam a totalidade dos gestos e movimentos do corpo.

26. 6. 43

Nove e meia da manhã. No rádio: Anna Seghers em coma num hospital mexicano. Encontraram-na estendida na rua ontem após ter sido atropelada, ou, como presume a polícia, atirada para fora de um carro em movimento.

28. 6. 43

Weill aqui para escolher o elenco de uma revista. Seu julgamento em questões dramáticas é bom. Por exemplo, ele sente falta do elemento de sobrevivência em *Schweik*, que eu tinha incluído no breve resumo. – Com esta finalidade planejo o encontro com o cachorro.

A bandeira é hasteada.

... nem que estiveram à beira da rebelião.

3 a 6. 7. 43

Com o escritor-produtor E[rnest] Pascal e Lorre no lago Arrow-head para tratar de um filme, *The Crouching Venus*. Um lago artificial de montanha assentado a 600m de altura nos montes cobertos de pinheiros, propriedade de uma companhia particular, com pequenos cartazes vermelhos ostentando a palavra *sold* sobre algumas árvores. Lorre anda a cavalo, nada, pilota um *speedboat*, arremessa cachimbos de barro, indeciso entre ser meu patrocinador e meu aluno.

7. 7. 43

Lendo a *History of English Dramatic Literature* de Ward. O teatro elisabetano era uma estrutura semelhante a Hollywood sob muitos aspectos. Escrita coletiva, escrita rápida por encomenda, repetida reutilização dos mesmos temas, nenhum controle dos autores sobre seus produtos, fama só entre outros escritores, depois a ação repleta de paixão, os entrechos, os novos cenários, os interesses políticos etc. O apoio da aristocracia acaba e o *box-office* se torna decisivo; as diferenças de classes se aguçam, o público é formado por classes inconciliáveis, as superiores e as inferiores (o grupo médio está preso aos negócios entre 2 e 5 da tarde). Até o curioso afastamento de Shakespeare para gerenciar uma taberna parece a fuga para o *ranch* que todo mundo aqui planeja.

9. 7. 43

Um autor e ator chinês, Tsiang, por recomendação de Piscator, me convida para a apresentação de duas peças em um ato num teatro especialmente alugado para este fim. A encenação é extraordinariamente interessante, a tentativa de combinar formas de expressão asiáticas com as nossas, com um pouco de Stanislavski no meio, mas T[siang] me saúda solenemente como o "*founder of the epic theatre*". Depois ele vem aqui em casa e demonstra alguns pontos essenciais para Helli e para mim. Mostra como os chineses, usando um pau como se fosse um fuzil, simplesmente tomam o pau como símbolo do fuzil; ele trata o pau como um fuzil, sublinha como é pesado, destaca o arredondado da coronha etc. Até este ponto é a técnica de ilusão à la Stanislavski, mas aí ele concorda comigo que a verdadeira arte começa quando o próprio fuzil é tratado como um

pau sendo tratado como fuzil, i.e., onde o próprio fuzil é objeto de estranhamento. Assim não é uma questão de o fuzil dar a impressão de ser não mais (se não menos) do que um pau, mas de fazer com que o fuzil seja alvo de comentário (ser mencionado, ser levantado e posto em discussão, ser exposto a associações, se quisermos). Como, digamos, quando se mostra que uma sentinela é influenciada por um fuzil, ou quando um civil é transformado num soldado por um fuzil. A maneira bem treinada, quase objetiva, de matar do soldado segundo comandos padronizados, do portador de armas, do criado das armas pode ser expressa dessa maneira e assim por diante.

10. 7. 43

Farrant's theater in Blackfriars must have been a small room 'not over 25 feet in width'. Burbage's in Blackfriars 66 feet by 46. The Fortune: outside measurements, 80 feet each way. Interior a square of 55 feet. 3 galleries, 12, 11 and 9 feet in height and 12 feet 6 inches in depth. Width of the stage 43 feet, it extended into the yard 40 feet. [O teatro de Farrant em Blackfriars devia ser uma pequena sala com "pouco mais de 7,50m de largura". O de Burbage em Blackfriars cerca de 20m por 14m. O Fortune: fora das medidas, cerca de 24m em cada direção. O interior um quadrado de cerca de 16m. 3 galerias, 3,60m, 3,30m e 2,70m de altura e 3,80m de profundidade. Largura do palco, cerca de 13m, estendendo-se cerca de 12m pelo pátio.]

11. 7. 43

Conversei com Lorre à noite sobre efeitos-d. Acha ele que em minhas produções (menciona a produção de *A mãe* em

Berlim) a questão da técnica dos atores foi negligenciada, exceto quando eles a dominavam de algum modo, e me aconselha pelo menos a mencionar a necessidade de maturidade técnica. É verdade que eu me contentava com o emprego de amadores ao lado de profissionais de verdade a fim de mostrar que as novas técnicas tinham aplicação geral. Com efeito, como *se comportar* no palco, como projetar texto e outras coisas na ribalta, é algo que pode ser ensinado às categorias mais baixas e médias. No entanto, o que eu quero fazer é basear o que há de especial no ator no interesse que ele desperta para o fenômeno social com que está envolvido no ato de representar.

12. 7. 43

Sobre *Schweik*: a linguagem da peça é essencialmente diferente da linguagem da tradução alemã do livro de Hasek. Elementos da Alemanha meridional foram inseridos e o gesto é sob muitos aspectos diferente. Por esta razão seria falso montar esta peça com um sotaque tcheco, i.e., a entonação não deve ser tcheca.

17. 7. 43

Na casa de Feuchtwanger encontro Lawson, que escreveu sobre teoria dramática (coisa reacionária, "volta a Gustav Freytag") e representa os pontos de vista de *New Masses*. Murrow do CIO adquiriu nova estatura e é hoje muito mais *statesmanlike* do que era; Green (AFL) deve ter atacado vigorosamente as leis antitrabalhistas aprovadas pelo Congresso etc. Na Europa serão instalados governos liberais, o ânimo do povo americano impede qualquer coisa que se assemelhe a uma política norte-africana. A União

Soviética, dizem, não estará disposta a entrar em conflito com as democracias em torno de estados socialistas.

18. 7. 43

Acho que o exército alemão será mais uma vez derrotado em solo estrangeiro. Os nervos notoriamente frágeis dos alemães se tornaram ainda mais frágeis com o fascismo, generais estão indo diretamente dos quartéis para os hospícios. Se descobrem que não têm tudo que precisam para suas operações militares capitulam onde estiverem. Hagen e Volker se tornaram especialistas em "probabilidades de prosseguimento da carnificina" e o militarismo está tão entranhado que as trinta divisões dos SS provavelmente se esconderão em sótãos se o alto comando solicitar um armistício. Os italianos, que ficaram expostos ao fascismo por um período duas vezes maior, já estão corrompidos demais para sucumbir.

18. 7. 43

Supõe-se que há agora mais de 60 mil prisioneiros de guerra alemães nos EUA; eles "mantêm a disciplina sob a autoridade de seus próprios oficiais, cantam a *Horstwessellied* etc." Pelo menos estão sendo conservados para a era do pós-guerra num estado de nazismo puro. São escassas as informações a esse respeito, e as poucas que temos falam da crença deles na vitória final de Hitler.

19. 7. 43

Lido o deprimente livro de Souvarine sobre Stálin. A transformação do revolucionário profissional num buro-

crata, e de todo um partido revolucionário numa corporação de funcionários, é posta sob uma nova luz pelo aparecimento do fascismo. Para sua tentativa de criar o capitalismo de Estado a pequena burguesia alemã tomou emprestadas certas instituições (mais material ideológico) ao proletariado russo que se esforça por criar o socialismo de Estado. No fascismo o socialismo se confronta com uma imagem especular distorcida de si mesmo. Com nenhuma de suas virtudes e todos os seus vícios.

20. 7. 43

De vez em quando penso num ciclo de *Canções do deus da fortuna*, uma obra inteiramente materialista, em louvor da "boa vida" (em ambos os sentidos). Morar numa casa, comer, beber, dormir, amar, trabalhar, pensar, todos os grandes prazeres.

20. 7. 43

A imprensa de Hearst vocifera contra a fundação em Moscou de um comitê pró-libertação da Alemanha do fascismo, comitê composto pelos refugiados e prisioneiros de guerra. Pelo que se lê nos jornais, o programa não vai além do que proporia o professor Tillich (e provavelmente Brüning também).

21. 7. 43

Nestes últimos anos todas as vezes que um trabalho era concluído havia uma pausa insuportável e dilaceradora porquanto ocorria num estado forçado de inutilidade. O escorraçado cinzelador da pedra, apegado ao hábito como

um viciado, transformou outro bloco de rocha numa estátua e agora se senta junto a ela, descansando, diz ele; esperando, como não ousa dizer. Enquanto ninguém se aproxima tudo é tolerável; só quando eles chegam e olham é que fica ruim. E obras de arte não viajam comodamente, sendo pedaços de pedra, transformados... em 10 anos escrevi as seguintes peças:

Cabeças redondas e cabeças pontudas
Terror e miséria do Terceiro Reich
Vida do físico Galileu
A alma boa de Se-Tsuan
Mãe Coragem e seus filhos
Sr. Puntilla e seu criado Matti
Ascensão de Ui
As visões de Simone Machard
A duquesa de Amalfi (adaptação)
Schweik

Repertório razoável para uma classe derrotada.

25. 7. 43

Durante o discurso do Vice-Presidente Wallace em Detroit (começo da campanha do *New Deal* para a Presidência) sob o lema *"For private enterprise and full employment!"* o programa do rádio é interrompido: o primeiro-ministro Mussolini renunciou.

Aqui à noite: Kortner, Tsiang, Winge, Viertel, Steuermann, Eisler, Kaus. Ouvimos no rádio: o socialista Benito Mussolini, que há 20 anos..., retorna à sarjeta de onde veio.

Hitler então e agora.

26. 7. 43

Hamburgo está sendo destruída. A coluna de fumaça sobre a cidade é duas vezes mais alta do que a mais alta montanha alemã, 6 mil metros. As tripulações dos bombardeiros precisam de máscara de oxigênio. Durante 72 horas houve ataques de 12 em 12 horas.

28. 7. 43

O fato de Hitler não ter conseguido fazer com que os generais defendessem o fascismo na Itália é prova da crescente fraqueza de sua posição. Por outro lado é provável que ele tire algum proveito dos distúrbios na Itália. – Na casa de Eisler aproveitei o ensejo para perguntar a Adorno e a outro tui do Instituto de Pesquisa Social o que será agora do seu economista Pollock, que esperava um século de fascismo, acreditava na economia planificada da burguesia alemã etc. Disseram que a queda de Mussolini não

prova coisa alguma. Além disso estão todos assombrados com a despreocupada facilidade com que a burguesia italiana dispensou seu "ditador" e dissolveu todas as "onipresentes" instituições fascistas etc. Quando, há um ano, expus minha opinião ao dizer que o que havia na Alemanha nada mais era do que uma superficial economia de guerra com quase nenhuma coordenação real, e uma vaguíssima intervenção estatal na economia, houve um franzir de sobrancelhas à minha volta.

29. 7. 43

É claro que existe uma coisa chamada "servilismo alemão". Há razões históricas para isto (mas explicá-lo não o elimina). Apesar disso, o enigma da resistência alemã (dois invernos na Rússia, agora outra vez na Sicília, mas também nas fábricas antifascistas da própria Alemanha) é difícil de explicar aos não-dialéticos. A concentração fascista numa única meta é uma totalidade que só esporadicamente pode ser desviada para uma totalidade de outro tipo. (Só o elemento superior está sempre visível, nunca o inferior. Na verdade o superior dirige o inferior.)

1. 8. 43

Reunião à noite na casa dos Viertel: Th[omas] Mann, H[einrich] Mann, Feuchtwanger, Bruno Frank, L[udwig] Marcuse, H[ans] Reichenbach e eu. Em quatro horas foi redigida esta declaração:

Neste momento em que a vitória das Nações Aliadas está próxima, os abaixo-assinados, escritores, cientistas e artistas de origem alemã, consideram seu dever declarar publicamente:

Saudamos o manifesto dos alemães prisioneiros de guerra e emigrados na União Soviética, exortando o povo alemão a forçar seus opressores a se renderem incondicionalmente e a lutar por uma democracia forte na Alemanha.

Também consideramos necessário distinguir claramente entre o regime de Hitler e as classes a ele associadas de um lado e o povo alemão do outro.

Estamos convencidos de que não pode haver paz duradoura no mundo sem uma democracia forte na Alemanha.

Thomas Mann Heinrich Mann Lion Feuchtwanger
Bruno Frank Bertolt Brecht Berthold Viertel
Hans Reichenbach Ludwig Marcuse.

A primeira frase foi escrita por Th[omas] Mann. Ele achava arriscada a menção à União Soviética. Na última vez que o vi, em fevereiro, ele disse, enquanto lidava com um prato de *sandwiches*, "eu gostaria que os russos chegassem a Berlim antes dos aliados". Depois descobri que naquela tarde ele havia gravado uma mensagem de congratulações ao Exército Vermelho no consulado russo, havia tomado vinho e jantado. Aqui Bruno Frank o convenceu de que não mencionar o comitê de Moscou seria esquisito, e a discussão se deu em torno de "classes a ele associadas", para o que Th[omas] sugeriu "culpadas de associação" e H[einrich] "fiadoras". No fim todos concordaram com a versão acima, e Th[omas] desceu e leu-a para as mulheres com visível satisfação.

Pilotos da Luftwaffe aprisionados pelos russos.

2. 8. 43

E hoje de manhã Th[omas} Mann telefona para Feuchtwanger: quer retirar sua assinatura porque se sente "deprimido". Estamos fazendo uma "declaração patriótica", o que equivale a "uma punhalada nas costas" dos aliados, e ele não poderia achar injusto se os "aliados decidissem punir a Alemanha durante dez ou vinte anos".

Mais uma vez a obstinada sabujice desses "pilares da cultura" me deixou momentaneamente aturdido, o cheiro de mofo que o parlamento de Frankfurt exalava ainda é suficientemente forte para imobilizar as pessoas mesmo agora. Se a imprensa de Hearst os adotar, concordarão com a afirmação de Goebbels de que Hitler e a Alemanha são uma coisa só. Não é o povo alemão, perguntam, culpado de servilismo, no mínimo por se deixar seduzir por Goebbels do mesmo modo que nós nos deixamos seduzir por Hearst? E não eram os alemães militaristas antes mesmo de Hitler? Th[omas] Mann se recorda de ter ele mesmo e 91 outros intelectuais aprovado o ataque do Kaiser à Bélgica em 1914. Essas pessoas têm de ser punidas! Como eu disse, por um momento até eu cheguei a me perguntar como "o povo alemão" poderia justificar ter tolerado não só os crimes do regime de Hitler mas também os romances do Sr Mann, especialmente quando a gente sabe que estes não têm o apoio de 20 a 30 divisões blindadas.

7. 8. 43

A posição de Hitler deve ser difícil em extremo, com a guerra no Leste perdida, o desmoronamento da Itália, a condenação de Mussolini, nenhuma defesa contra os ataques aéreos. Ele pode desabar mais dia, menos dia.

8. 8. 43

À tarde Gorelik e Tsiang aqui, Winge também. Para minha tristeza até o cético e esquerdista Gorelik apóia a tese de Vansittart. "Por que os operários na Alemanha não protestaram contra as atrocidades na Rússia?" (É de praxe aqui os escribas bem pagos que envenenam a mente das

massas americanas assinarem protestos contra isso e aquilo.) É inimaginável aqui o grau de perseguição fascista e especialmente nazista. Eles não podem compreender os 200 mil inquilinos dos campos de concentração no início da guerra, a transformação de operários em técnicos, o que dissocia o trabalho de seu objetivo etc. Depois há esse espírito combativo tremendamente encarniçado que é totalmente abstrato, matar por amor à ordem, essa fúria que opera de acordo com a lei da inércia. Gorelik destaca as insatisfatórias qualidades combativas dos italianos, Tsiang explica que os alemães (e japoneses) também combaterão melhor seus senhores quando chegar o momento. A idéia de liberdade não é uma idéia "natural". E as patifarias de um regime raramente são vistas pelos súditos desse regime como suas, ou na verdade como algo pelo qual poderiam ser considerados responsáveis, já que são de fato as vítimas de muitas dessas patifarias.

9. 8. 43

Domingo passado, quando Thomas Mann, com as mãos no colo, se reclinou e disse "Sim, vão ter de matar meio milhão na Alemanha", a declaração pareceu positivamente bestial. A fala do medalhão. Nenhum combate foi mencionado e nenhum seria exigido para tantas mortes, tratava-se de punição a sangue-frio, e por que não vingança quando até a higiene como razão teria sido bestial (pois isto seria o ressentimento de um animal)?

9. 8. 43

"Oh, regar o jardim, avivar o verde." E "A cidade natal, como a encontrarei?". Mas a obra completa de um poeta

deve ter uma história (interna) capaz de soar em harmonia ou em contraste com a história externa. Penso em coisas parecidas com as "fases" dos pintores, como vemos em nossa época em Picasso. Por mais desordenadas que sejam as impressões, por mais arbitrárias que tenham sido minhas investidas nestes anos, os poemas que escrevi sempre têm o caráter de experimentos, e os experimentos estão ordenados numa certa relação mútua, e a leitura certamente não pode gerar prazer adequado se um poema como o primeiro não puder ser apreciado como uma inovação dentro de toda a minha produção, como um *domesticum*.

10. 8. 43

Sobre a pergunta "Por que eles lutam?" – Se as organizações e os meios ao alcance de uma classe oprimida são destruídos (reformulados), tudo que resta ao indivíduo é buscar indícios de que as organizações da classe dominante estão desabando. Só quando as novas unidades em que a classe oprimida foi obrigada a se organizar começam a se desmontar (seções locais da frente de trabalho, unidades de combate da linha de frente etc.), pode ela passar a formar unidades à altura de suas necessidades, em grande parte com a função de assumir as tarefas mais gerais das unidades em desintegração, isto é, aquelas que não estão relacionadas com a luta de classes. – As acusações lançadas aos ex-socialistas incorporados aos exércitos de Hitler, inculpando-os de conivência com as atrocidades cometidas no Leste, são dolorosas; provavelmente eles se confrontam com camaradas enfurecidos pela luta de guerrilha conduzida pela população civil, o que é uma novidade. – Contam que gente da esquerda já está dizendo: "Esses operários alemães não poderão fazer objeção se tiverem de reconstruir o que destruíram na Ucrânia." Ora, se não se

tratar de reparações, e se tiverem de reconstruir nas condições que esperamos venham a prevalecer na Alemanha (sindicatos etc.), então eles pouco terão a objetar.

14. 8. 43

Helli organizou uma festa para comemorar os 65 anos de Döblin. Heinrich Mann dirigiu-lhe uma bela saudação, Kortner, Lorre, Granach leram trechos dos livros dele. Blandine Ebinger cantou *chansons* berlinenses, Steuermann executou um tema de Eisler ao piano, e no fim Döblin fez um discurso contra o relativismo moral e a favor de padrões fixos de natureza religiosa, e com isso melindrou os sentimentos irreligiosos da maioria dos convidados. Uma sensação incômoda se apossou dos seus ouvintes mais racionais, algo como o indulgente horror experimentado quando um companheiro de prisão sucumbe à tortura e fala. O fato é que Döblin recebeu alguns golpes duríssimos, a perda de dois filhos na França, uma epopéia de 2.400 páginas que nenhum editor publicará, *angina pectoris* (a grande curadora de almas) e a vida ao lado de uma mulher incrivelmente tola e vulgar. O declamador Hardt cometeu um lapso revelador. Estava recitando a "Oração de Zoroastro" de Kleist e, em vez de dizer "que eu tenha forças para relevar os erros e as tolices de minha espécie", trocou "espécie" por "esposa" no apelo solene: Döblin e a mulher tinham passado o fim de semana na casa de Hardt.

Quando Döblin começou a dizer que, a exemplo de muitos outros escritores, também ele era culpado da ascensão dos nazistas ("O senhor não disse, Sr. Thomas Mann, que ele é como um irmão, ainda que um mau irmão?", perguntou à primeira fila) e depois continuou

obstinadamente a perguntar por que era assim, por um momento tive a infantil convicção de que ele diria "porque acobertei os crimes da classe dirigente, desencorajei os oprimidos, iludi com canções os famintos" etc., mas tudo que fez foi anunciar com teimosia, sem arrependimento ou pesar, "porque não procurei Deus".

15. 8. 43

À noite aqui Tsiang, uma jovem atriz americana, um ator americano, Granach. Perguntei por que representavam. Os americanos dizem: para se expressarem, para usar as faculdades criativas etc. (A primeira resposta, "para ganhar a vida", é logo rejeitada.) Tsiang representa porque ama e odeia as pessoas, e deste modo pode mostrá-las para aprovação ou descrédito. Granach aproveita a oportunidade para consumir a totalidade de uma vida humana em três horas, tornando-se no ato um velho de 300.000 anos.

Nos Estados Unidos onde temos tanto e tão pouco teatro como na Roma antiga, o problema não consiste em não ser senão divertimento, mas em ser divertimento bem medíocre, ocasional, inconseqüente. Escapismo, mas suficiente apenas para levar a gente até o elevador, um afrodisíaco, mas suficiente apenas para um flerte etc.

20. 8. 43

Há notícias de greves, não só em Milão mas em Berlim também. De vez em quando, por um breve instante, os campos de batalha, teatros de guerra, os contornos geográficos da Europa parecem povoados. Há seres humanos em Milão e em Hamburgo...

24. 8. 43

Os grandes crimes só são possíveis porque são inacreditáveis. Trapaça banal, simples mentiras, extorsões descaradas, estas são coisas que pegam muita gente desprevenida. Os espíritos mais sutis se recusam a acreditar em trapaça tão primitiva e, quando ficam desconfiados, procuram em demasia, contando com crimes meticulosamente planejados e de complexidade exemplar. Indignados, recusam-se a "confundir" estadistas com ladrões de cavalos, generais com especuladores da bolsa de valores, e assim se mostram totalmente incapazes de entender roubos de cavalo e mercado especulativo. É óbvio que têm razão de procurar astúcia em grandes homens, mas trata-se de uma astúcia ordinária cujo uso é limitado a atividades criminais. Os golpes que desferem nem sempre são fatais. Engabelam as pessoas com belos discursos destinados não a deixar as vítimas incapacitadas para o trabalho mas simplesmente transformá-las em idiotas.

25. 8. 43

Interessante como é bem pouco o que de fato diz o texto de Gorelik sobre teatro épico, o único na América e talvez no mundo todo. Gorelik se limita quase exclusivamente à intelectualização do teatro e propõe um culto romântico da máquina. Muito pouco sobre os novos temas que têm de ser abordados, ou as novas funções sociais do teatro. Ele não dá atenção ao fato de que se dirige a um novo público que chegou ou deve chegar, não para ver o mundo interpretado, mas para vê-lo mudado. O teatro americano, no breve lapso de tempo que se seguiu ao colapso econômico de 29, quando se tornou uma espécie de instituição política, não foi além de uma espécie de remendagem, e

isto indica que Gorelik só pode fazer afirmações estéticas válidas quando descreve o teatro europeu.

27. 8. 43

Lições horripilantes: se as guerras duram muito tempo, a gente simples acaba reconhecendo a desumanidade de seus governos e a natureza imperialista da guerra, mas ao mesmo tempo aprende que o inimigo também persegue metas imperialistas. – Em seguida a um artigo no *American Mercury* sobre as intenções do governo a respeito da Alemanha, o jornalista Kingsley Smith, que dizem ser figurinha fácil no Departamento de Estado, escreveu um agora sobre a Itália. Kingsley Smith imagina que Alemanha e Itália serão governadas mais ou menos como a Índia. O primeiro resultado seria uma penúria indiana. Poucos (dos não tão poucos que condenam aqui planos tão brutais e truculentos) percebem que o fascismo proporcionou não só o máximo possível mas também o mínimo necessário de controle policial para preservar o sistema de produção predominante. E de resto a guerra era imprescindível para esses regimes.

28. 8. 43

Artigo sobre a economia de guerra na Alemanha (*The Economic Journal*): em fins de 1942 os trustes, valendo-se do Ministério da Guerra, finalmente conquistaram o comando do controle estatal. A racionalização, a especialização e a estandardização incrementaram bastante a produção. Ao que parece, os trustes já não podem ser desmontados pela burguesia. Mas tornou-se impossível submetê-los ao controle estatal.

29. 8. 43

O coração pára de bater quando se lê sobre os ataques aéreos a Berlim. Como não estão associados a operações militares, não se divisa o fim da guerra, só o fim da Alemanha.

30. 8. 43

Budzislawski reformulou a declaração de 1º de agosto para evitar referir-se às conclamações dos prisioneiros de guerra. Tillich aconselha esquecer o assunto completamente.

2. 9. 43

No *Economic Journal*, volume LI, dez. 41, colhi algumas estatísticas sem as quais os acontecimentos na URSS não são compreensíveis:

	1928	*1929*	*1930*	*1931*	*1932*
número de operários e assalariados (milhões)	11,6	12,2	14,5	19,4	22,9
assim distribuídos:					
indústria pesada	3,1	3,4	4,3	5,5	6,3
construção civil	0,7	0,9	1,6	2,5	3,1
transporte	0,3	0,4	0.8	1,6	2,4
salários anuais médios (rublos)	703	800	936	1127	1427
Fundo anual de amparo à velhice (bilhões de rublos)	8,2	9,7	13,6	21,4	32,7
número total da população (milhões)		154,3			165,7
produção bruta da indústria pesada (bilhões de rublos 1926 / 1927)	15,8	19,9	25,8	32,2	36,8

produção de bens de consumo:					
têxteis-algodão (milhões de metros)	2.742	3.068	2.351	2.272	2.417
têxteis-lã	93,2	100,6	114,5	107,9	88,7
açúcar bruto (milhares de toneladas)	1.238	823	1.507	1.486	827
produção bruta da agricultura (bilhões de rublos 1926 /1927)		14.7	14,0	13,9	13,1
produção bruta das safras (milhões de quintais métricos)	733,2	717,4	835,4	694,8	698,7
número de bovinos (milhões)	70,5	67,1	52,5	47,9	40,7
suínos	26,0	20,7	13,6	14,4	11,6
ovinos e caprinos	146,7	147,0	108,8	77,7	52,1
importação de bens de consumo (milhões de rublos)		394,2	455,0	222,5	250,5
exportação de produtos agrícolas		1572,1	1899,0	1499,1	803,4
renda nacional (bilhões de rublos 1926 /1927)	25,0	28,9	35,0	40,9	45,5
renda nacional baseada em preços correntes (bilhões de rublos)	30,0	32,6	40,7	43,8	
receita do orçamento do Estado	6,6	8,2	12,8	20,3	30,6
despesa do Estado com financiamento da economia nacional	3,8	4,8	7,7	16,5	24,8
independentes do Estado	1,4	2,0	2,6	2,9	6,2
média anual de dinheiro em circulação	1,7	2,3	3,5	4,8	6,6

4. 9. 43

Alfred Kreymborg traduziu *Schweik*. A única coisa que falta é a canção do Moldava. Estranhamente não consigo escrevê-la. Tenho o conteúdo e tenho os versos, mas juntos eles não funcionam. De vez em quando tenho uma vaga idéia das angústias dos que não têm talento.

5. 9. 43

Que desperdício esse negócio de bolar histórias para os *pictures*. É a grande roleta. E o pior é que nunca ninguém pode prever quando terá um período razoável de segurança material. Não pude terminar o romance sobre César e nem sequer comecei o romance dos tuis. O Messingkauf está uma bagunça. Eu gostaria de fazer a *Viagem do deus da fortuna*, uma coisa que é metade poesia, metade prosa, pelo menos no capítulo sobre a descoberta da alegria da criação. Etc.

6. 9. 43

Dois dias com o cônsul sueco e com Lochner e Frischauer tratando do caso de Wuolijoki, que foi presa em Helsinque. Georg Branting nos telegrafou pedindo que enviássemos declarações com nosso testemunho.

Hamburgo bombardeada.

7. 9. 43

BERLIN WIPING OUT COST SET AT $18.75 TO EACH AMERICAN

DETROIT, Sept. 6. (AP)—Secretary of the Treasury Henry Morgenthau Jr. told a Labor Day War Bond rally here today that "we want to blast the city of Berlin off the face of the map," and estimated that it would cost possibly six times as much to do this as it did to crush Hamburg.

He placed the total cost of preparation, equipment and bombing of Hamburg at $346,000,000.

"Say it costs six times as much to bomb Berlin," the Treasury Secretary said. "That will be pretty close to $18.75 for every man, wom and and child in the country—the price of a $25 bond.

9. 9. 43

Thomas Mann, segundo notícias que me chegam em primeira mão, anda dizendo por aí que "esses esquerdistas da marca de Brecht" cumprem ordens de Moscou quando tentam induzi-lo a dar declarações sobre a necessidade de fazer distinção entre Hitler e a Alemanha. Aquele réptil é incapaz de imaginar que alguém faça alguma coisa pela Alemanha (e contra Hitler) sem receber ordens de algum lugar, e espontaneamente considerando a Alemanha como coisa diferente de uma platéia lucrativa. A perfídia com que o casal Mann – sua mulher é muito ativa nessa área – espalha essas calúnias, que os dois sabem muito bem que podem causar grande estrago, é impressionante.

20. 9. 43

Isherwood vem jantar, pequenote, gentil, rijo, paciente e exasperante. Leu *A alma boa*, faz alguns elogios corteses e diz não estar contente no que se refere aos deuses. Explico-lhe que eles, como agentes de prescrições morais que se tornaram fatais, decaem por fora e por dentro durante a viagem de inspeção, até que no fim, esfomeados e num estado de total desilusão, chegam mesmo a engolir a mesquinha patifaria do último ato etc. Ele ri de quando em quando, mas muda de assunto com muita rapidez – eu esperava que ele se interessasse por traduzir a peça. Aí chega Viertel. São velhos amigos, desde Londres. A conversa passa a ser sobre os escritores ingleses da classe alta, o próprio Isherwood, Auden, Huxley. "A Índia arruinou vocês", diz Viertel. "Infectou vocês de lepra", eu digo, para ampliar o ataque. Na verdade Isherwood é budista (um pequeno sucedâneo de monge, em pé, descalço, metido num hábito, em meio ao incenso num mosteiro de Hollywood que é na realidade uma pensão), Auden um anglo-católico, Huxley um deísta da espécie mais vaga. Isherwood, que é amigo íntimo deste último, me permite zombar de suas descrições espirituosas, requintadas e sutilmente nuançadas das angústias espirituais dos parasitas, mas quando digo que ele foi "comprado", consulta o relógio e levanta-se. A gente não fala desse tipo de coisa, garçom, a conta, por favor! Tenho a mesma sensação que teria um cirurgião se o paciente se levantasse durante uma operação e fosse embora: ora, tudo que ele recebeu foi um corte.

25. 9. 43

A captura de Smolensk pelos russos alterou a situação do mundo. A instalação do comitê alemão de prisioneiros de

guerra e exilados é vista agora (como o congresso da igreja católica russa que parece estar previsto nos Balcãs) como parte da ofensiva final.

26. 9. 43

Estou compilando os poemas que escrevi aqui. ("Mas eu também a bordo do último barco", "Cruzada das crianças 1939", "Aos soldados alemães no Leste", "O que trouxe o correio para a mulher do soldado?", "Numa noite de tempestade", "O miserere alemão", "Em minha parede", "Oh, aguar o jardim", "O regresso", "Aurora".)

27. 9. 43

O Duce e o esquadrão de resgate.

Surpreendente mesmo sob todos os aspectos o modo como a política degringolou em Estados industriais extremamente civilizados como Alemanha e Itália, a ponto de

a história ser escrita no estilo de um folhetim barato. Essas classes *scratch the bottom*. Gângsteres à frente de 300 divisões motorizadas. O papa em seu esconderijo atira no irmão porteiro.

Dirty Gertie was fond name given this dilapidated dummy by Sergeant V. M. Gemelli who rescued her from wreckage of a Bizerte shop. Dummy did not inspire famed song.

30. 9. 43

Publicada em inglês *A conspiração dos carpinteiros* de Borchardt. Constato uma violenta aversão entre os emigrados, que acham a obra confusa, religiosa, reacionária, um escândalo. Ora, Borchardt, sendo, à maneira de muitos moralistas, maldoso, é um consumado provocador e, como satirista, profissionalmente inclinado ao exagero etc. etc. Mas não se deve esquecer que suas obras elevam-se bem acima das de Werfel & Cia, já que abordam as lutas sociais do nosso tempo com paixão e clareza. Na verdade

é quase somente num contexto religioso que se encontra algum paralelo com as lutas sociais no campo burguês. Basta comparar Thomas Mann com Tillich. Uma coisa como socialismo religioso existe e manifesta-se contra o clérico-fascismo. Ainda não li o livro de B[orchardt].

outubro 43

A revista *Life* divulga canções recentes dos soldados, i.e., as publicáveis.

Dirty Gertie from Bizerte
Saw ze capitaine, made ze flirty.
Captain think she veree purty;
Lose his watch and lose his shirty;
Call ze general alerte.
Ze gendarmes look for Dirty Gertie
From Casablanc' to Gulf of Serte.
Has anyone seen Dirty Gertie?

Bless all the blondies and all the brunettes.
Each lad is happy to take what he gets.
Cause we're giving the eye to them all,
The ones that attract or appall.
Maud, Maggie or Susie;
You can't be too choosey.
When you're in camp, bless 'em all.

Bless 'em all, bless 'em all
The long, the short and the tall . . .

Take me somewhere east of Ewa
Where the best ain't like the worst
Where there ain't no Doug MacArthur
And a man can drown his thirst.
Where the Army takes the medals
And the Navy takes the Queens
But the boys that take the rooking
Are the United States Marines.

Chorus:

Hit the road to Gizo Bay
Where the Jap fleet spends the day.
You can hear the duds a-chunkin'
From Rabaul to Lunga Quay.
Pack a load to Gizo Bay
Where the float-plane Zeros play
And the bombs come down like thunder
On the natives 'cross the way.

I wanted wings till I got the goddamned things.
Now I don't want them any more.
They taught me how to fly and sent me here to die.
I've had a bellyful of war.
You can leave all the Zeros to the goddamned heroes.
Distinguished Flying Crosses don't compensate for l
Oh, I wanted wings till I got the goddamned things.
Now, I don't want them any more.

These B-26's they rattle and roar,
I don't want to fly over Munda no more.
Take me back to Brisbane,
Where the brass hats clamor in vain.
Oh, ma, I'm too young to die.
I want to go home.

This bloody town's a bloody cuss,
No bloody tram, no bloody bus.
But nobody cares for bloody us.

Chorus: *Bloody, Bloody, Bloody.*

All bloody clouds, no bloody rains.
All bloody stones and no bloody drains.
The dust gets in your bloody brains.

Chorus: *Bloody, Bloody, Bloody.*

Oh, the pilots all drink
The airplanes stink
And the navvies don't know where they are
The bombardiers couldn't hit
A target when lit.
Oh, Colonel, we've been here too long.

1. 10. 43

Desencadeia-se no senado uma luta motivada pelo recrutamento de pais. O senador Wheeler, que antes de Pearl Harbor muitas vezes tomava o partido de Hitler, exige que se aprove uma lei isentando os pais do sorteio militar. Se há necessidade de mais soldados, recrutem-nos nas repartições públicas. Em geral a população atende submissa à convocação do governo. Acho simpático não haver nada

daquela revoltante hipocrisia que nos países europeus levaria estadistas ou demagogos no mínimo a promover protestos altissonantes em nome daqueles que não são considerados aptos para o serviço militar.

2. 10. 43

Encontro Renoir na casa de Eisler. Ele deplora a destruição de Nápoles. "Não poderá jamais ser reconstruída, não tinha estilo algum, apenas cresceu entre pessoas civilizadas." A conversa envereda pela arquitetura francesa. "A era da mão está dando lugar à era do cérebro. O animal mais perigoso que existe é o arquiteto. Ele destrói mais do que a guerra." É engraçado, quase emocionante, ver *monsieur* Renoir comer uma salsicha. *Seus* sentidos estão em ordem.

3. 10. 43

Se Hitler não conseguir defender o Dnieper, é bem possível que os generais alemães façam o que fizeram os italianos. Os russos com seu comitê prepararam o caminho para isto ao reconhecer os generais como parceiros da negociação, provavelmente contando com o fato de que ao destruírem sua base de massa o máximo que podem fazer é obter um adiamento da própria execução. Roosevelt e Churchill, porém, parecem preocupados, pois nesse meio-tempo – e provavelmente pela primeira vez – se declararam favoráveis à extirpação da casta militar na Alemanha. Os russos, por outro lado, apontarão as dificuldades da campanha italiana e o fato de que os aliados não poderiam saber como iniciar as operações na Europa ocidental. A verdade é que a campanha italiana parece prometer mais para a guerra na Ásia do que na Europa.

10. 10. 43

Adorno esteve aqui. Esse instituto de Frankfurt é uma mina de ouro para o *Romance dos tuis*. Os sósias dos "amigos de um levante armado" são "os generosos admiradores da idéia de materialismo". "Marx não está interessado nas coisas, só nos relacionamentos entre pessoas, que são reificadas em coisas." Muito divertido ler afirmações como "Robert Walser é muito importante, já que reflete o declínio da sociedade burguesa". Lamentavelmente essa burguesia degenera em divisões blindadas e esquadrões das SS.

12. 10. 43

Receita para o sucesso de quem escreve para o cinema: escrever tão bem quanto possível, o que quer dizer mal pra dedéu.

15. 10. 43

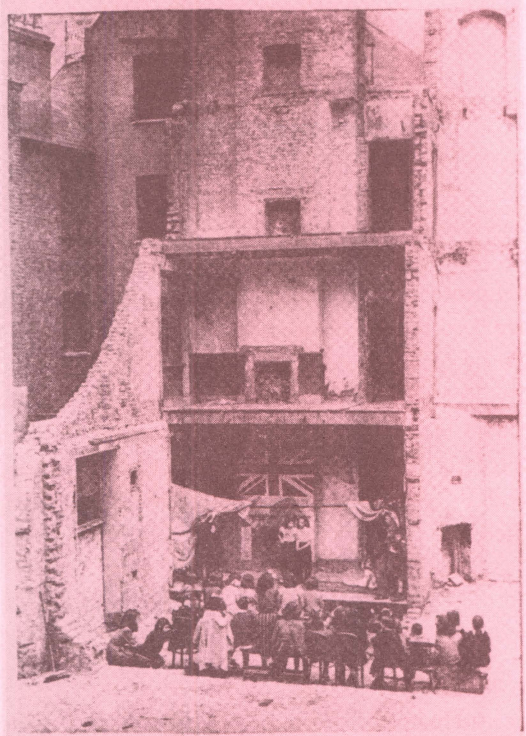
Os jornais que a gente lê, as conversas que ouve – por toda parte uma sensação desoladora, melancólica, de vazio. Durante os primeiros meses, quando o país ainda estava mal armado e pensava-se que a costa oeste estava ameaçada, havia um certo ímpeto que agora desapareceu por completo. A lembrança da Grande Guerra deprime o espírito das pessoas. A nova peça faz lembrar a antiga em cada lance, e o final infeliz que ela teve.

15. 10. 43

O ator Alexander Granach escreveu suas "memórias". Filho de judeus pobres da Galícia, ajudante de padeiro, e por fim o ator que teve as pernas quebradas numa operação

para corrigir a deformidade congênita dos joelhos e poder usar malha no palco. Lembro-me dele no papel de Shylock em Munique por volta de 1920, insolente, importuno, gritando tão alto que fazia tremer os lustres. Espetacular. As historinhas da Galícia são boas, embora não tão verdadeiras como parecem, mas como ele descreve bem a classe teatral! No fim, como clímax, revive o teatro alemão de Reinhardt igualzinho Hollywood (acertadamente). Que desastre, que confusão! Mandou quebrar as pernas para endireitá-las, depois a espinha para se deitar de costas.

In the Ruins (continued)



Children's vaudeville is presented in a natural theater in London's Aldgate. Irene Yasheim, who used to live in it, is putting across *As Time Goes By*. Notice curtain.

16. 10. 43

Lendo uma polêmica entre historiadores soviéticos da literatura sobre grandes escritores do passado, publicada aqui em 1938. Devem os Shakespeare e os Tolstói ser tratados como apologistas de sua classe ou da humanidade? Lifschitz e Nusinov produzem um material um tanto sanguinário. Lênin diz de Tolstói, e Nusinov comete a temeridade...? O promotor público é convocado a acabar com as alegações de que Shakespeare escrevia para a burguesia. Não se realizam de fato estudos adequados, ou então tomam a forma de julgamentos. O tom é assustadoramente improdutivo, rancoroso, pessoal, autoritário e servil ao mesmo tempo. Obviamente não era uma atmosfera em que pudesse prosperar uma literatura viva, combativa, exuberante. O fato é que não há romances significativos, e romances ordinários como os de Aleksei Tolstói são considerados bons. E não há arte dramática, nenhum personagem, cômico ou trágico, nenhuma qualidade filosófica em qualquer peça, e tudo isso apesar de um teatro extremamente competente. Constatações como estas normalmente servem para expor falhas arraigadas e provar que "alguma coisa deve estar podre". Por ora tudo que precisa ser dito é que os bolcheviques não tinham idéia de como incrementar uma literatura. Não há necessidade de afirmar que seus métodos neste campo fracassaram; talvez seja suficiente dizer que os métodos que decidiram empregar neste campo falharam. A situação era certamente calamitosa. A tomada do poder pelo proletariado pegou de surpresa a literatura.

Um dialético não encontraria dificuldade alguma na disputa sobre se os escritores da alta burguesia representam a humanidade ou a burguesia, visto que eram ao mesmo tempo membros da humanidade e da burguesia e, portan-

to, seres contraditórios. Representam a humanidade enquanto membros da burguesia, e a burguesia enquanto membros da humanidade em geral.

17. 10. 43

A política de arte da classe operária. Tanto para ganhar a luta pelo poder quanto para manter o poder, a classe operária precisa de realismo no pensamento e na ação, e isto nada tem de especial; a burguesia precisava de realismo e ainda precisa dele. Informes de guerra maquiados são prejudiciais aos próprios comandantes, e informes "incrementados" sobre a situação política são prejudiciais ao pessoal da bolsa de valores. Conforme suas respectivas situações, a burguesia precisa de informes secretos realistas, e o proletariado de informes públicos. Assim, o que é arte realista, digamos no teatro? Ilusionismo? Sensualismo? Tudo em prosa coloquial, com atmosfera, tão impenetrável como a própria vida? Feita tão plausivelmente que ficamos com a impressão de que as coisas são assim e só podem ser assim? E o homem é sempre vítima das condições, do clima, da propriedade, da paixão, do modo de ser das coisas? Nesse caso a verdade está sempre ali em alguma parte, mas ninguém pode chegar até ela. Arte realista é a arte que contrapõe a realidade às ideologias e torna possível sentir, pensar e agir de maneira realista.

28. 10. 43

"Helli, do you think somehow in the management of this hectic day you could do my hair [Helli, você acha que na levada desse dia tão agitado vai dar jeito de fazer meu cabelo]?" – pergunta Barbara sentada à mesa do seu aniversário.

1. 11. 43

Max Reinhardt morreu em Nova York. Em Berlim no início dos anos 20 vi quase todos os ensaios da *Peça de sonho* no Deutschen Theater. Em seu caso os elementos estilísticos envelheceram tão depressa como em outros casos de nossa época, marcada pelo tremendo abismo entre arte e vida, de tal modo que há pouca arte na vida e pouca vida na arte. Não há nada natural na arte quando a vida é algo artificial.

5. 11. 43

Uma boa peça para os alemães seria aquela em que se demonstrasse como um homem perece graças ao servilismo deles, i.e., dispõe-se a aceitar o servilismo em primeiro lugar na condição de *Führer* e mais tarde afunda com eles em conseqüência da falta de independência deles. Guerra de camponeses.

10. 11. 43

Döblin me traz *I*[*nternationale*] *L*[*iteratur*] 1943, IV, com um artigo de Becher, "Doutrina alemã", que fede a nacionalismo. Mais uma vez o nacionalismo de Hitler é ingenuamente aceito; só que Hitler prega a modalidade errada e Becher a correta. Um tipo de "nova literatura nacional alemã" precisa ser "criado". ("A literatura será nacional neste sentido, ou não existirá".) Ele exige que sejam superadas as "debilidades da chamada literatura da esquerda", debilidades que presumivelmente consistem sobretudo no fato de ser ela da esquerda. Aterradora bobagem oportunista, reformismo aplicado ao nacionalismo. A "frente

nacional pró-paz e liberdade contra Hitler" é naturalmente uma óbvia posição tática a adotar, visto que as catástrofes em escala nacional só podem ser causadas pelo nacionalismo. Deve haver oposição à propensão do nacionalismo para a fragmentação e a "desindustrialização". Mas será necessária essa gigantesca superestrutura boçal? Mesmo em Schiller, Goethe, Hölderlin o elemento nacionalista é intolerável para nós. Como é boçal esse "elemento protogermânico" em *Götz*! "Devemos mostrar vultos alemães que corporificam tudo que concebemos como representativo do novo homem alemão." Leio: "É um novo sentido de comunidade que está sendo formado, para que se cumpra a vontade da Alemanha, e que essa vontade atue por nosso intermédio, e ela é o que de mais alto vela por essa comunidade, o gênio de uma eterna Alemanha." Por favor, vizinho, me passe a vomitadeira.

11. 11. 43

Em *19th Century and After* um informe sobre o extermínio dos judeus na Polônia. Eu queria realmente que nunca mais se falasse ou escrevesse a respeito do *deutscher menschen* (leia-se *doidschen*) [homem alemão]. Só assim seríamos poupados de termos de atribuir essas características a todos nós. Todas essas expressões cunhadas por vendedores espertos que mascateiam com "erudição alemã", "espírito alemão", "cultura alemã" culminam inexoravelmente em "atrocidades alemãs". Somos a raça que tem de dar exemplo chamando nosso país de país número II, e deixar a coisa assim. A Alemanha deve se emancipar não como nação mas como povo, mais precisamente como classe operária. Não é um caso de "nunca ter sido uma nação"; era uma nação, i.e., fazia o jogo de nação para conquistar uma

posição no poder mundial e criou uma nojenta modalidade de nacionalismo.

11. 11. 43

Steff coleciona velhos discos de músicas de jazz outrora famosas. Havia aqui uma música popular que começou, escalou alguns picos e degringolou, tudo muito depressa. Estes são campos em que nada nem ninguém chega a coisa alguma. Escritores são atraídos para Hollywood após o magro volume de estréia e espremidos até a última gota. Não escrevem para ninguém. Todos bebem muito. É uma tristeza ver Döblin e Heinrich Mann nesse meio. Insucesso é o que não lhes falta. H. M[ann] não tem dinheiro nem para consultar um médico, e seu coração está muito fraco. O irmão naquela casa que construiu, com 4-5 carros, deixa-o morrer de inanição, esta é que é a verdade. Nelly, aos 45, vulgar e com uma beleza grosseira, trabalhava numa lavanderia, deu para beber. Os dois moram, entre móveis baratos e os poucos livros que Mann conseguiu salvar, num chalezinho abafado de Hollywood, sem jardim. E um dia, falando de sua volta, "poderemos levar nossas coisas, não sairá caro demais? Não quero ter de começar do zero na minha idade. Melhor ficar aqui." Mas agora sabe que não pode ficar aqui se não quiser morrer de fome. "Se eu vir outro Ebert saudando o exército invicto na porta de Brandemburgo, disparo um revólver, que não precisa forçosamente estar carregado."

7. 1. 44

O Partido Comunista Americano dirige ao heróico exército vermelho um pequeno cumprimento na forma de um haraquiri.

Meados de novembro de 43 a meados de março de 44

Em Nova York, na Rua 57 Leste, 124. Trabalhando com Hays e Bergner na *Duquesa de Amalfi*. Trabalho não terminado, já que Bergner tem pouco tempo. Criado o Conselho para uma Alemanha Democrática. Principalmente por iniciativa de Budzislavski e Tillich. – Vi *Nossa cidade*, dirigida por J[ed] Harris, uma produção progressista, Robeson como Otelo, mal numa produção infame; um musical, que era bom. – Entrei em negociação com Harris a respeito de *Galileu*, cheguei a um acordo com Weill para a peça de *Se-Tsuan* como semi-ópera. Contrato com a Broadway para um *Círculo de giz*, arranjado por Luise Rainer. Comecei a peça. – Nesse ínterim Feuchtwanger assinou contrato para a filmagem de *Simone* (devo receber US$20.000). Compro calças novas.

6. 4. 44

Jed Harris, o produtor-diretor que fez uma excelente montagem de *Nossa cidade* de Th[ornton] Wilder, está interessado em *Galileu*. Por isso dei uma outra olhada na moral que sempre achei ligeiramente preocupante. Justamente porque tentei aqui seguir a história e não tinha nenhum interesse moral, surge uma moral e com ela não estou contente. G[alileu] é tão pouco capaz de resistir a divulgar a verdade como a ingerir um prato tentador, é uma forma de prazer sensual. E constrói sua personalidade com a mesma paixão e sabedoria de sua visão do mundo.

Na realidade fraqueja duas vezes. A primeira vez quando silencia sobre a verdade, ou se retrata porque sua vida está em perigo, a segunda vez quando leva adiante e dissemina sua pesquisa embora com isso ponha a vida em risco. Sua produtividade o destrói. Agora, para minha consternação, me é dado compreender que achei correto ele se retratar em público para poder prosseguir com seu trabalho em segredo. Isso é vulgar e superficial demais. G[alileu] destruiu não só a si mesmo como pessoa mas também a parte mais valiosa de seu trabalho científico. A Igreja (i.e., as autoridades) defendeu a doutrina bíblica simplesmente para se manter, manter sua autoridade, sua capacidade de oprimir e explorar. A população se interessava pela astronomia de G[alileu] só porque sofria sob o domínio da Igreja. G[alileu] pôs em perigo o verdadeiro progresso científico quando se retratou, decepcionou o povo, a astronomia voltou a ser apenas outro tema científico, domínio dos especialistas, apolítica, isolada. A Igreja separou os "problemas" do céu dos da terra, consolidou seu domínio e depois acatou as novas soluções sem qualquer outra objeção.

10. 4. 44

Trabalhando principalmente em *O círculo de giz caucasiano*. Interessante quanta coisa é destruída quando você se vê espremido entre "encomenda" e "arte". Sem entusiasmo dramatizo nesse espaço vazio e incerto.

29. 4. 44

Laughton, que se entusiasmou de verdade com *Schweik* (lido no rascunho da tradução), fala com amargura do desprezo votado aos atores na Inglaterra. Seu avô era mordomo, o pai hoteleiro, ele mesmo chegou ao teatro com 28

anos e um ano depois era famoso. Um alfaiate de Bond Street só concordou em fazer ternos para o astro internacional de cinema se este concordasse em guardar segredo disso, pois do contrário seus fregueses *tory* não o procurariam mais. Aqui, diz Laughton, não têm nenhuma consideração a oferecer, mas pelo menos têm dinheiro. Onde mais poderia um ator viver assim, pergunta apontando para os móveis antigos, o parque com o gramado e as cabeças de serpente em granito mexicano; isso é alguma coisa. Aqui eu posso estudar Shakespeare. Lê *Medida por medida* para nós na nossa casa e *A tempestade* na sua. Sentado de pernas cruzadas num sofá branco à frente de um relógio barroco bávaro de caixa alta, de modo que só se vê sua búdica pança, lê a peça num livrinho, em parte como um *scholar*, em parte como um ator, rindo dos chistes e desculpando-se aqui e ali por não conseguir fazer a cena com perfeição. Sua leitura me leva a ver Próspero como aquele interessante retrato de Napoleão em Santa Helena, usando um chapéu de palha, com a tez amarelada e a aparência de um fazendeiro holandês. Lê Caliban com compaixão.

A legenda nazista para esta foto diz que o soldado alemão revista camponeses iugoslavos suspeitos de serem guerrilheiros. Notar os pés descalços.

Guerrilheiros italianos capturam um fascista.

8. 5. 44

As dificuldades na configuração de Azdak me detiveram durante duas semanas até que me dei conta da base social de seu comportamento. Em princípio tudo que eu tinha era sua vergonhosa manipulação das leis de modo a dar ganho de causa aos pobres. Eu sabia que não podia apenas mostrar que é preciso dobrar o direito tal como existe para que se faça justiça, mas compreendi que devia mostrar de que modo, com um juiz negligente, ignorante e corrupto, as coisas podem ter bom resultado para aqueles que de fato necessitam de justiça. Por isso é que Azdak tinha que ter aqueles traços egoístas, amorais, parasíticos, e ser o mais depravado e o mais decrépito dos juízes. Mas ainda me faltava algum fundamento básico de tipo social. E encontrei o que buscava na decepção dele com o fato de que a derrocada dos velhos senhores não trouxera um novo tempo, mas sim um tempo de novos senhores, razão pela qual ele continua a administrar a justiça burguesa, mas de maneira degenerada, subversiva, a serviço do interesse pessoal absoluto do juiz. É claro que esta explicação não deve mudar nada do que eu já tinha ali, nem deve servir para justificar Azdak.

17. 5. 44

Quando um sujeito mau de repente se torna bom quase sempre está apenas enterrando a maldade por uns tempos. Pedi a Christopher Isherwood que traduzisse o *Círculo de giz caucasiano*. Ele não topou, alegando que estava sobrecarregado de trabalho. Traduções do indiano, um livro de seu *swami*, *filmstories* etc., trabalho com Huxley. Terminou me oferecendo US$100 ou US$200 caso eu precisasse de dinheiro até a peça entrar em produção. Uma bolada, pois

sei que ele não tem muito. Meu erro foi subornar um amigo para ter outra chance com ele.

22. 5. 44

A procissão dos personagens está mais extensa. Baal, Garga, Shlink, Maë Garga, Eduard, Gaveston, Rainha Ana, Galy Gay, Begbick, Joana d'Arc, Mauler, Vlassova, Callas, Iberin, Judith Callas, Galileu, Shen Te, Sun, o Vendedor de Água, Mãe Coragem, a muda Kattrin, Puntila, Matti, Ui, Malfi, o Duque, Simone, Grusche, o Azdak.

28. 5. 44

Mas é como escrever uma peça para a estepe dos tunguses. Gorelik está aqui com um *producer-writer* chamado Auerbach, um americano que ele tem na mais alta conta. Winge conta-lhes o enredo do *Círculo de giz caucasiano.* G[orelik] pergunta o que significa, e em seguida eles começam a criticar a estrutura. Onde está o conflito, o suspense, a carne e o sangue etc.? Tento expor a complexa e audaciosa estrutura de *Hamlet. So what?* Então *Hamlet* não está estruturado (do jeito que Moss Hart consideraria estruturado). Quando entram no carro com Winge dizem: "Ele jamais será um sucesso. Não sabe criar emoções, não sabe sequer conseguir identificação, e aí passa a fabricar teoria. *He is crazy and gets worse.*" É completa a prostituição desses "artistas". A puta vende o "efeito" nu, e por isso é bem paga, já que seus clientes são impotentes. O interesse que o público encontra na vida é o do usurário, devia se chamar "juros".

6. 6. 44

Em casa depois de ver *Memphis Belle* (missão de uma fortaleza voadora enviada a Wilhelmshaven) com Homolka e Karin, e estava jogando xadrez novamente quando Eisler telefonou para me dizer que a invasão da França tinha começado. O rádio dava a notícia; uma testemunha ocular falava diretamente da Normandia.

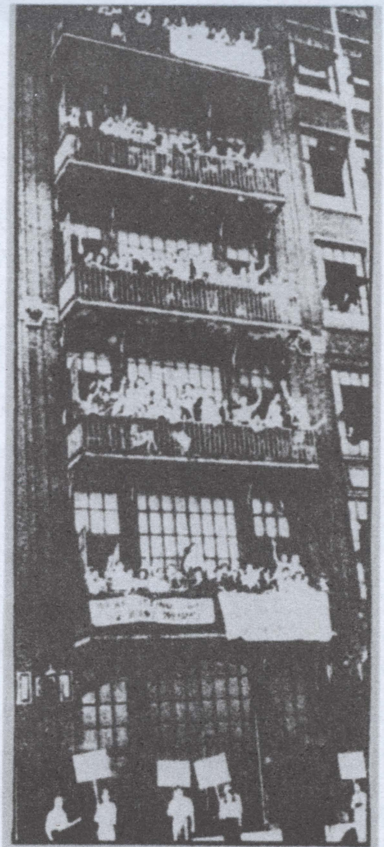
Barbara diz que a professora de *social science* nem sequer mencionou a invasão; Steff também não soube de nada na universidade. Winge conta que um homem lhe disse: "Só os estrangeiros é que se emocionam com isso e as pessoas que têm parentes no exército que anda por lá." Esta é uma reação natural e evidencia uma certa liberdade, ainda que de forma "ruim" segundo Hegel.

TRANSITION

The First Cutback Crisis

Some 8,500 men & women reported to work as usual at Brewster Aeronautical Corp.'s Long Island factories—and discovered that 4,500 had been fired that day. The sudden shock of this news stirred angry questions to which all U.S. labor wanted an answer: Was this to be the pattern of cutbacks and reconversion? Where were Washington's well-laid (or at least well-trumpeted) plans for painless transition to peacetime production?

Brewster employes dramatically forced an answer. At the urging of their union (C.I.O. United Auto Workers), all but 200 of the day shift stayed at work, even after the night shift came on. Since there was too little work for two crews, some workers played ping-pong and shuffleboard, danced to the music of piano, brass and drum. The union sent in enough sandwiches, pies, doughnuts, coffee and soda pop for a five-day siege. Some of the stay-ins crowded out on the balconies, hanging signs: "We've Got the Tools. We've got the Ability . . . but We Ain't Got the Work." Below, women pickets carried placards: "Is This What My Husband Is Fighting For?" The union proudly proclaimed the first strike-to-work in U.S. history.



Associated Press

BREWSTER STAY-INS
Who was to blame?

ster workers knew that cutbacks—and shutdowns—were inevitable. Brewster's contract had been canceled because the Navy no longer needed so many Corsairs, and because the Navy considers Brewster, harried by bad management and long strangled in one of the most rigid labor-union contracts in the U.S., the least efficient producer. (The Navy said Corsairs cost $72,000 at Brewster; $63,000 at Chance-Vought, and $57,000 at Goodyear, for identical planes.)

HEMINGWAY

Chicago Daily News

THE U.S. v. SEWELL AVERY
A Presidential directive was carried out.

British Combine

CHURCH FOR THE FRONT

The Archbishop of Canterbury is here shown blessing one of the first two motor churches ever designed for British troops at the front. The trucks, supplied by the War Office, were fitted out in spare time by members of the Royal Electrical and Mechanical Engineers, and the Auxiliary Territorial Service. Interiors are lined with polished oak; altars and hangings are red and blue, shoulder-patch colors of the 21st Army Group to which the churches are assigned. Each chapel-truck can accommodate twelve worshipers inside, carries an amplifying system.

Pope Receives Irving Berlin

ROME, June 17. (AP)—Gen. Sir Harold Alexander, Allied commander in Italy, and song writer Irving Berlin were among those given private audiences today by Pope Pius.

The Pope also received 3000 more Allied soldiers in a general audience.

Berlin's show, "This Is the Army," is now playing in Rome.

POOR PAT! POSTWAR JOB OUTLOOK BAD

A SECRET AMERICAN AIR BASE IN WESTERN CHINA, June 17. (U.P.)—Rugged 1st Lt. Pat A. Chance of 4303 Griffin Ave., Los Angeles, one of 26 American Army engineers who supervised construction of the huge B-29 bases, is worried about his postwar future.

"When the war is over," he lamented, "I know what will happen. I'll ask for a civilian job and they'll hand me a form to fill out. There'll be a dotted line—'Past experience and size of job handled'—and my answer'll have to be:

"'Built air base with 65,000 coolies and little else.'

"Then they'll shake their heads and whisper: 'Poor old Pat. He's been away too long.'"

Communist Party Quarters Raided

ROME, June 17. (AP)—American Military Police operating under the Allied Military Government entered headquarters of the Communist party in Rome June 7, searched the premises for firearms but found none, party officials said today.

There were no arrests. The Communists said the soldiers at first "acted roughly," but that an officer later expressed regrets.

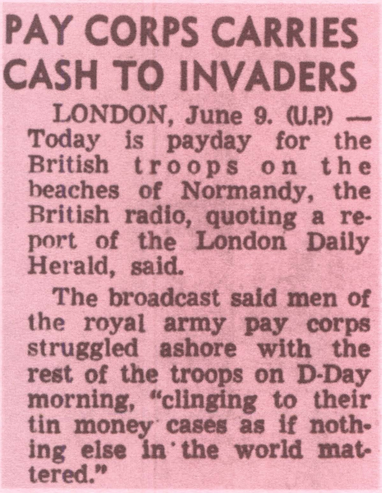
Tito Drives Nazis From Three Towns

LONDON, July 17. (AP)—Marshal Tito's Partisan forces have driven the Germans out of three Western Bosnia towns—Prozor, Bravsko and Kljuc—with heavy losses, and the Nazis are rushing up reinforcements to stem the drive, said tonight's Yugoslav communique recorded by the Ministry of Information.

The war bulletin said 800 Germans, Bulgarians and Quislings were killed as the Partisans pressed their Serbian offensive, and that much material was captured.

6. 6. 44

Acabei ontem *O círculo de giz caucasiano* e o enviei a Luise Rainer.



PAY CORPS CARRIES CASH TO INVADERS

LONDON, June 9. (U.P.) — Today is payday for the British troops on the beaches of Normandy, the British radio, quoting a report of the London Daily Herald, said.

The broadcast said men of the royal army pay corps struggled ashore with the rest of the troops on D-Day morning, "clinging to their tin money cases as if nothing else in the world mattered."

12. 6. 44

Disse a Gorelik que ele havia mudado e lhe dei algumas teses. Novamente ele respondeu com "O drama precisa de suspense, clímax e identificação" e garantiu que não podia compreeender se não sentisse empatia. Foi como falar com um muro de pedra quando expliquei que não havia muito que compreender quando se tratava de sentir empatia por uma vítima. Não há jeito de afastá-lo do interesse por *sell the story*. E por vender choques e emoções.

Pius XII

International

ROMMEL AND STAFF PLAN THE DEFENSE

". . . If we could be sure."

Sovfoto

NAZI ABATTOIR IN RUSSIA*

Snow and time blurred the evidence.

* Outside Pyatigorsk, where retreating Germans butchered 200 Russian prisoners of war and civilians. In Katyn Forest, similar pits held 12,000 bodies.

15. 6. 44

De repente não me sinto mais satisfeito com Grusha no *Círculo de giz caucasiano*. Ela devia ser simples e se parecer com a *louca Grete* de Breughel, uma besta de carga. Devia ser teimosa e não rebelde, submissa e não boa, paciente e não incorruptível etc. etc. Esta simplicidade não deve de maneira alguma ser confundida com "sabedoria" (o conhecido estereótipo), mas é inteiramente compatível com uma inclinação prática e mesmo com uma certa astúcia e alguma percepção das qualidades humanas. Grusha devia, usando abertamente o atraso de sua classe como um distintivo, permitir menos identificação e assim impor-se objetivamente como, num certo sentido, uma figura trágica ("o sal da terra"}.

Da esquerda para a direita: Churchill, Chiang Kai-Shek, Stalin.

20. 6. 44

Trabalho numa nova série de fotoepigramas. Quando examino os antigos, que em parte datam do início da guerra, me convenço de que quase não há o que cortar (politicamente nada), prova da validade de meu ponto de vista, dado o aspecto extremamente mutável da guerra. São agora cerca de 60 quadras e, junto com *Terror e miséria do Terceiro Reich*, os volumes de poesia e talvez *Cinco dificuldades ao escrever a verdade*, a obra oferece um satisfatório registro literário dos meus anos de exílio.

25. 6. 44

Horkheimer conta que o São Francisco de Hollywood, o Gschwerfel, usou em *X e o coronel*, seu sucesso na Broadway, a história de um pobre refugiado e não pagou nada ao homem. "Ergui um monumento eterno a você", disse ele, "será que isso não é suficiente?"

Diz a copla: "Grandes fogueiras ardem nas regiões árticas. / Nos fiordes solitários o clamor chega ao auge. / 'Diga, pescador, quem disparou essas fatídicas legiões?'/ 'Um sicário surgido na calada da noite.'"

3. 7. 44

O *Círculo de giz caucasiano* usa a ficção segundo a qual o cantor encena a coisa toda, i.e., ele chega sem os atores; as cenas são apenas representações dos principais episódios de sua história. Mesmo assim, o ator deve atuar como se fos-

se o diretor de uma companhia: golpeia o assoalho com um martelinho antes das entradas; deixa claro que em certos pontos está supervisionando as ações, aguardando sua próxima deixa etc. Isto é necessário para evitar os efeitos embriagadores da ilusão.

21. 7. 44

Quando retalhos de informação a respeito das sangrentas intrigas entre Hitler e os generais da nobreza rural se tornaram públicos, houve um momento em que torci por Hitler; pois quem, se não ele, vai eliminar esse bando de criminosos para nós? Primeiro ele sacrificou suas SA ao Herrenklub, agora está sacrificando o Herrenklub, e o que dizer da "plutocracia"? A burguesia alemã com seu cérebro de aristocrata está apoplética. (Os russos avançam sobre a Prússia Oriental.)

30. 7. 44

Laughton lê os três primeiros atos de *Lear* para nós (os Feuchtwanger, Tsiang, Winge, Dessau, Gorelik, Steff). Mostra-nos esplendidamente o Lear do primeiro ato, insistindo nas 10 libras de amor filial em troca de 1.000 metros quadrados de terra. Em seguida, após abrir mão do poder, a recusa a renunciar aos acessórios. Contrasta admiravelmente o apelo vazio, formal, às potências sobrenaturais com declarações simples, realistas, e sentimentos autênticos. – Depois Gorelik levanta objeções à peça quase nos mesmos termos usados em relação ao *Círculo de giz* (ação caprichosa, desarrazoada, ou comportamento no mínimo insuficientemente motivado da parte dos personagens, o "ilógico" de tudo etc.). Tsiang chama-o de

"*American bookkeeper*", que só quer ver "*American bookkeepers*" no palco. Ao mesmo tempo fica patente o apodrecimento dos pilares em que assentam as obras-primas: vi uma vez na Baviera o que os pensionistas recebem a título de caridade (quatro ovos por semana, salsichas pretas na noite de São João). Gorelik chegou tarde demais para ver esse resíduo de feudalismo. Por outro lado a cultura parece exigir grande parcela de "conhecimento prévio"...

30. 7. 44

Dessau está fazendo grande progresso no *Miserere alemão.* Para a instrumentação propus acabar com o "corpo unificado de instrumentos" e formar grupos instrumentais especiais para as peças separadas e também individualizar as passagens corais (por exemplo, dispor vários baixos uns contra os outros, uma vez que as vozes mostram grandes diferenças). De modo geral a orquestra não deve apenas servir ao texto, i.e., "vender" seu conteúdo emocional ao público.

31. 7. 44

Feuchtwanger reprova Gruscha por ser santa demais. Exige que ela tenha uma tarefa. De fato me parece um equívoco isolar sua boa ação como um acidente. Para F[euchtwanger] isso decorre simplesmente de uma característica da "bondade". Estou reescrevendo. (F[euchtwanger] é reconfortadoramente perspicaz e sabe tolerar meus insultos – quando sugere um *plot* – com paciência e cordialidade filosófica.)

julho 44

Outro dia Klemperer esteve aqui (e os Kortner). Aconselho-o a montar uma *Ópera sindical* em Berlim. Assusta-se um pouco quando sugiro que se dê algum descanso a Richard Wagner, e espanta-se, mas não fica totalmente surdo à minha análise de *Lohengrin* e seu apelo à fé no Salvador.

8 .8. 44

A reelaboração da figura de Gruscha levou três semanas, uma trabalheira e tanto, já que a figura mais simpática de Katya na primeira versão é muito mais eficaz pra cá (e agora). A inadequação de Katya só me chamou a atenção durante o confronto com Azdak no quinto ato. Eu tinha na imaginação a *louca Grete* do quadro de Breughel.

9. 8. 44

A seus atores este país não oferece fama, só *credits* e *success*. Em função disso formam-se vastos fãs-clubes de astros e estrelas, com *fanmail* e comércio de autógrafos numa escala desconhecida em outros lugares, mas isto é um culto de tipos que nada tem a ver com arte. Há apenas certos papéis em que astros e estrelas aparecem e competem entre si. Esses tipos que, como os heróis dos não menos famosos *comics*, aparecem nas mais variadas situações românticas, são escolhidos de acordo com um denominador comum e depois entregues aos cabeleireiros. De vez em quando um deles, após prolongadas discussões entre publicitários e esboços feitos pelos cabeleireiros, sofre uma mudança de personalidade; faz isto pela vida que leva, que é uma

sucessão de *parties*. Mesmo aqui personalidades mais singulares como Garbo, digamos, são eliminadas sempre que possível. Embora os filmes rendam bom dinheiro, prejudicam outros.

U.S. Navy

LISTENING TO THE A.E.F. PROGRAM
It started on D-plus-one.

10. 8. 44

Kortner e Homolka, e em menor grau Lorre, julgam este país por seu teatro, em que o divertimento noturno convencional é vendido por especuladores. Kortner foi no passado, em escala muito limitada, "politicamente consciente", Homolka era totalmente apolítico. Mas agora ambos criticam por exemplo os americanos por não serem políticos. Ambos alimentam um mito do teatro alemão na República de Weimar, medíocre como era.

14. 8. 44

Ainda, como faço há anos, mantenho um mapa da Europa na parede perto da mesa da máquina de escrever, e nele as conquistas dos nazistas estão assinaladas em vermelho vivo. Agora esse exército desmorona como as balizas do boliche. Os generais estão desertando, abandonam à própria sorte a guerra que era deles e propalam que o cabo bagunçou tudo. Que gentalha! O fato é simples: eles perderam embora contassem com todos os recursos.

15. 8. 44

Mas afinal por que os alemães continuam a lutar? Bem, a população se vê acossada pelas SS e além disso carece de vontade política em qualquer direção, despojada que foi das poucas instituições parlamentares que possuía, por mais questionáveis que fossem, e economicamente está sob o tacão das classes abastadas, como sempre esteve. Os soldados lutam pela própria vida no contexto de operações estratégicas e táticas, enquanto alimentam com sua força de trabalho a máquina de destruição, despreocupados dos resultados de seu esforço como se atuassem na máquina de produção. Em suma, os alemães ainda lutam porque as classes governantes ainda governam.

16. 8. 44

À noite Edward Steuermann, num recital em casa, toca um rondó de Mozart, uma das suítes inglesas de Bach, algumas variações de Schubert e uma sonata de Beethoven para piano. Desde menino, quando ouvi a *Paixão segundo São Mateus* na igreja dos Carmelitas Descalços, resolvi

nunca mais ir a uma coisa dessas de novo, pois detestei o estupor, o desvairado coma, em que fui embalado, e mais: achei que isso fazia mal a meu coração (dilatado pela natação e o ciclismo). Creio que agora posso ouvir Bach impunemente, mas ainda não gosto de Beethoven, daquele impulso para o sub e o sobrenatural com todos os seus concomitantes efeitos *kitsch* (para mim) e sua "confusão de sentimentos". Impulso que "rompe todos os grilhões", como o mercantilismo, e que tem a vulgaridade sentimental da populaça, com seu "ó vós, milhões, livremente unidos", em que os milhões têm um duplo sentido (como se a frase continuasse: "que o mundo inteiro beba Coca-Cola!").

20. 8. 44

Dei uma espiada no *Imoralista* de Gide, o homem que é em si mesmo um estilo. A descrição de como o imoralista cura seu corpo tuberculoso é um tanto febril e o próprio narrador de certo modo perde o fôlego, as coisas do dia-a-dia estão infectadas de tuberculose, a imoralidade não tem vigor, vê-se a si mesma como perversão – e no entanto o livro, que se encontra num estado de desintegração (o que é alguma coisa mais do que apenas contribuir para a desintegração), oferece um aperitivo. Que literatura poderia haver numa época em que o Estado entrasse em liquidação e a moral (ou melhor, o moralismo) se tivesse dissolvido. Naturalmente a literatura poderia nessa época ter se dissolvido também.

24. 8. 44

Capitulação da Romênia. Queda de Paris.

A maneira pela qual os nazistas foram expulsos de Paris aplacará os temores das classes abastadas. No fim a gendarmeria fascista entrou em greve, depois fortificou a Île de France no Sena. Não há notícia dos fascistas; donde se conclui que alguns funcionários públicos, comprometidos como colaboradores, fugiram. A França livre observa seus libertadores.

28. 8. 44

Ontem à noite uma grande parte do jardim de Laughton, sobre o qual eu tinha iniciado um poema ("Garden in progress"), veio abaixo num deslizamento de terra. Ele telefonou por volta do meio-dia para saber se podia vir pra cá à noite, e quando chegou se desculpou por dividir seus problemas com pessoas que há uma década não contam com um teto próprio. Começou imediatamente a ler capítulos da vida de Davi que está preparando para alguns discos que vai gravar (por instigação minha, diz ele), e fez uma bela leitura de passagens referentes a Davi e Jônatas. Também trouxe alguns volumes de Shakespeare e leu (ou interpretou) Osric de *Hamlet*, Jacques de *Como quiserdes* e o "clown bringing a basket" de *Antônio e Cleópatra*, papéis que gostaria de ver representados como homossexuais. Sua mulher, voltando do teatro de variedades, veio buscá-lo, e ambos ficaram algum tempo falando da catástrofe do jardim. "Desde a queda do grande abeto", diz ela, "a luz de toda a casa mudou, é uma outra casa, pode-se ver o mar!" E num tom de total reprovação acrescenta: "Tem vista para o mar!" Ao que parece, o próprio Laughton ainda não teve coragem de ir ver o estrago, e saiu de casa pelo

outro lado quando veio pra cá. "É só o começo", diz ele, "vem mais por aí, me disseram que o mar está solapando tudo. Para falar com franqueza, não quero ver ninguém no momento, estou muito envergonhado. Saiu nos jornais." Para animá-lo mostro-lhe as duas páginas da minha descrição e digo: "Seu jardim vai virar um mito e gozará de honrada fama. Dizem que a fugacidade é parte essencial da beleza, intensifica o prazer." Mas ele sabe que esse desastre irá prejudicá-lo até em sua carreira profissional. Isto sem contar o dano causado à *property*. E como ultimamente vem atravessando um mau momento e tem sido chamado de *ham* (equivalente a ator aqui, o que por si só é o beijo da morte), receia não poder mais comprar uma casa como aquela. A juventude goza de tal prestígio nestas paragens que se pode ganhar mais dinheiro com ela. Na realidade parece velho hoje. Provavelmente isso é porque Elsa Lanchester, falando de si mesma, diz: "De repente me sinto como se fosse uma velha, com dores no peito."

31. 8. 44

Em momentos de perplexidade os componentes da psique se desconectam como partes de um império mortalmente atacado. Cessa a comunicação entre as partes (de súbito fica claro que a coisa toda consiste em partes separadas), elas têm então apenas o sentido que têm para si mesmas, o que não é muito. Pode acontecer que de uma hora para outra não sou mais capaz de ver sentido em instituições como a música ou a política, vejo meus mais próximos e queridos como estranhos etc. A saúde consiste no equilíbrio.

1. 9. 44

Escrevo uma nova versão do prólogo e do epílogo (facultativo) para o *Círculo de giz*.

Curioso como a preocupação e o nervosismo fazem com que nossos ombros tombem para a frente. O que os detém em tempos normais?

3. 9. 44

Ruth é operada no Cedars of Lebanon.

5. 9. 44

Plano para o dia: levantar às 7. Jornal, rádio. Fazer café na pequena chaleira de cobre. Manhã: trabalho. Almoço leve às 12. Descanso com romance policial. Tarde: trabalho ou fazer visitas. Ceia às 7. Em seguida convidados. À noite meia página de Shakespeare ou poemas chineses de Waley. Rádio, romance policial.

10. 9. 44

Em conversa com Laughton mencionei meu velho plano de escrever uma *Vida de Confúcio*. Me lembrei de outro nos últimos dias: *Vida e morte de Rosa Luxemburg*. Me parece que as duas peças juntas formariam um todo legal. Confúcio daria uma peça satírica para montar antes de Rosa Luxemburg, com o desmascaramento confuciano do formalismo, a revolução conceitual, o estabelecimento de padrões de comportamento da época do comunismo primitivo.

12. 9. 44

A impaciência da esquerda com o operariado alemão é compreensível. Embora os marxistas devam saber que ingredientes contribuem para criar uma situação revolucionária. Além disso, os exemplos de Hungria, Itália, Espanha, China mostraram o que pode ser feito por um punhado de boçais equipados com armas, veículos e sistemas policiais moderníssimos, e no caso da Alemanha eles enfrentam um proletariado enfraquecido por ilusões e crises econômicas.

On a Paris street, a wounded Nazi . . .

. . . is pounced on by an F.F.I. woman . . .

. . . who disarms him . . .

News of the Day-International, Associated Press

. . . then helps carry him off.

16. 9. 44

Não há nada de surpreendente na derrota militar alemã na França. Não há razão para Hitler deixar entrar os exércitos anglo-americanos antes dos russos. Sem dúvida a traição é muita por parte dos generais. Se lhes resta alguma vontade de lutar, é para defender seus míseros palmos de terra na Prússia oriental contra os russos. E a maneira como tratam um país conquistado. Um quadro melancólico.

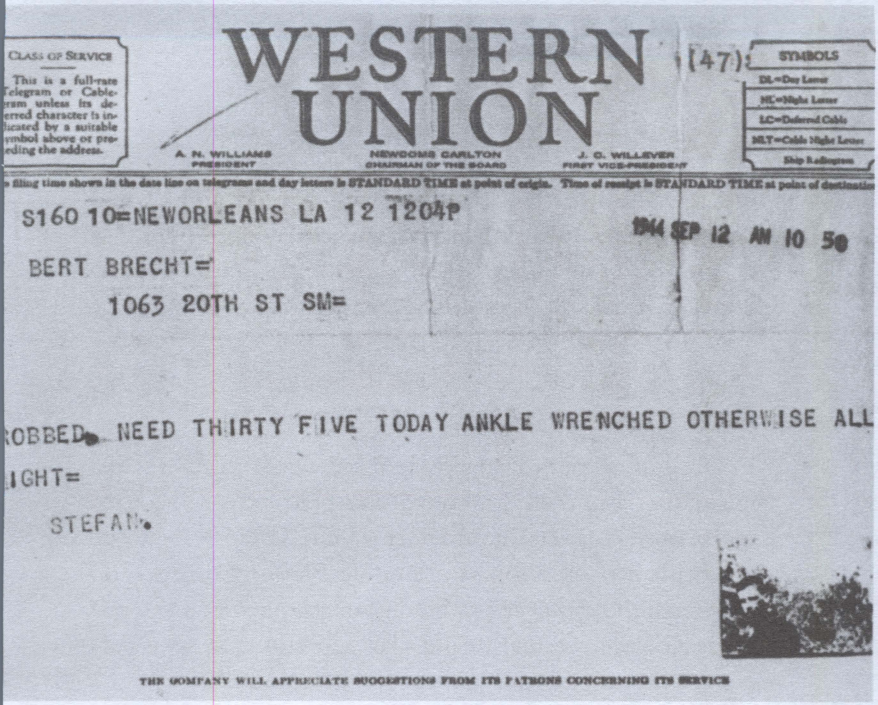
17. 9. 44

A arte alemã é difícil. Justamente nestes tempos, dos mais tenebrosos da história, precisa aprender a ser fácil, não, é claro, evitando, mas representando os tempos e seus pavores. Assim o normal deve assumir o caráter do nunca-dantes-conhecido, e coisas que nunca foram antes conhecidas devem parecer banais. O homem que encarna sangue e suor não deve suar.

Descubro isso quando chamo a atenção de Barbara, que está sapateando no quarto ao lado, para suas gotas de suor, e aconselho-a a fazer menos do que poderia em vez de tentar mais do que pode antes que possa fazer tanto quanto pode.

18. 9. 44

Steff convocado se apresenta dia 26. Decide dar uma volta pelo país e viaja para San Francisco, Saint Louis, New Orleans.



CLASS OF SERVICE
This is a full-rate Telegram or Cablegram unless its deferred character is indicated by a suitable symbol above or preceding the address.

WESTERN UNION (47)

SYMBOLS
DL=Day Letter
NL=Night Letter
LC=Deferred Cable
NLT=Cable Night Letter
Ship Radiogram

A. N. WILLIAMS PRESIDENT
NEWCOMB CARLTON CHAIRMAN OF THE BOARD
J. C. WILLEVER FIRST VICE-PRESIDENT

The filing time shown in the date line on telegrams and day letters is STANDARD TIME at point of origin. Time of receipt is STANDARD TIME at point of destination

S160 10=NEWORLEANS LA 12 1204P

1944 SEP 12 AM 10 50

BERT BRECHT=
1063 20TH ST SM=

OBBED. NEED THIRTY FIVE TODAY ANKLE WRENCHED OTHERWISE ALL
IGHT=
STEFAN.

THE COMPANY WILL APPRECIATE SUGGESTIONS FROM ITS PATRONS CONCERNING ITS SERVICE

20. 9. 44

Artigo de um tal de Bruno Bettelheim, “Behaviour in Extreme Situations”, sobre o comportamento de prisioneiros em campos de concentração. Confirma a observação de Borchardt de que os prisioneiros adotam a atitude e a maneira de falar de seus torturadores. Interessante é a rápida (galopante) perda de personalidade sofrida por aqueles que só são capazes de rejeitar o tratamento que lhes é imposto porque percebem nele um uso ilícito da lei. Outra coisa interessante é o tratamento dado pela Gestapo aos grupos de prisioneiros. (Um grupo é maltratado porque houve um apelo em seu favor.) Essas descrições

devem interessar a pessoas que se apegam ao conceito liberal da personalidade e reagem com extrema violência à supressão da liberdade pessoal na URSS. Aí o critério para medir a personalidade é a capacidade da pessoa de nadar contra a corrente. Acontece que este critério é especialmente valioso antes e durante as revoluções. Porque então a liberdade coletiva do grupo prevalece sobre a liberdade do grupo (o que é complicado durante a ditadura de classe pela necessidade de autoditadura).

26. 9. 44

Levei Steff ao ponto do bonde à beira-mar numa manhã nevoenta, já que ele foi convocado pelo exército. – Ontem à noite conversa com Eisler, Helli, Steff a respeito de um brilhante e reacionário filme de Preston Sturges e do prólogo de *O círculo de giz*. Steff gostaria que o conflito entre as aldeias fosse mais real e mais renhido, porque o colcós das cabras enfrenta um tratamento muito duro.

Stefan S. Brecht aos 20 anos.

5. 10. 44

Conversei com Dessau e Winge sobre um tema para uma ópera, *Die Judenhure Marie Sanders*. Especialmente sobre os coros. A composição do coro não deve ser rígida, uma pessoa coletiva. Os coros devem ser formados por personagens principais e secundários, dependendo de cada situação. Mesmo a incompreensibilidade deve ter origem na falta de compreensão. Etc.

18. 10. 44

A grande dialética se desdobra cada vez mais. Os russos tomam as minas de níquel finlandesas. O Irã lhes recusa a utilização dos poços de petróleo no norte do país por eles ocupado. Os legalistas espanhóis se concentram no oeste da França entre os *maquis*, e dizem que as tropas americanas vão ocupar os Pireneus. De Gaulle prepara reformas maciças destinadas a arruinar o *Comité des Forges*. As grandes propriedades polonesas vão ser desmembradas em 12 de dezembro. A Itália vegeta como colônia da coroa britânica, a Grécia, furibunda, espera seu rei. O Vaticano faz propaganda de um novo Munique baseado no fascismo clerical.

19. 10. 44

Eisler leu recentemente *Paludes* de Gide e *Tonio Kröger* de Mann e diz que este último é decepcionante. (Também tentou ler *José*, essa enciclopédia para semi-analfabetos.) Quando vamos ao fundo nessa questão descobrimos que na realidade não temos uma literatura. A burguesia preparou sua revolução na forma literária e depois vendeu-a. E o estilo que aparece mais tarde é pretensioso.

21. 10. 44

Estou escutando no rádio o *Tema com 7 variações* de Schönberg quando soa a campainha. Uma jovem anêmica, prematuramente envelhecida, de pé diante da porta pergunta: "Can I ask you for a busfare?" Apresso-me a lhe dar 10 cents e volto a ouvir a obra romântica com sua harmonia preestabelecida.

21. 10. 44

Schönberg está salvando a música clássica. Eisler costuma chamar a isso – com profundo respeito – acertar a conta da leiteira na música. Para mim há algo de circular nessa música, o movimento não leva a lugar algum, a lógica apenas satisfaz a si mesma.

outubro 44

Numa reunião de despedida de Kalatosowa, que representou em Leningrado a "esposa judia" para os soldados do *front*, inicio uma conversa com Odets. Elogio a atuação de Spencer Tracy em *A sétima cruz* por algumas expressões quase sublimes que em geral são pouco vistas aqui. Odets não havia notado e ficou aborrecido quando o aconselhei a ver o filme outra vez. Não parou de agarrar o peito e insistir em que não notara nada. Para Odets o cinema é uma espécie de máquina de choque elétrico, e ele se limita a registrar as descargas. Impossível fazê-lo entender que se pode entrar num cinema e observar cuidadosamente para ver se algum reflexo da realidade não surge inesperadamente na tela, enterrado debaixo de enredos infantis, escondido em "personagens estereotipados". Características que muito facilmente deixam de ser vistas.

22. 10. 44

Conversa com vários judeus esquerdistas na casa de Gorelik; parece haver uma nova política comunista: os judeus americanos deverão se organizar como uma minoria nacional. Alguém lamenta: "Os judeus não sabem nada de sua cultura!" Scholem Asch é uma figura literária de classe mundial. Se Heine tivesse escrito em ídiche teria sido melhor do ponto de vista judeu. Tento em vão objetar que nem o ídiche nem o hebraico é uma língua moderna plenamente desenvolvida como inglês, russo, francês, espanhol e certas línguas asiáticas. Que Schönberg, Einstein, Freud, Eisenstein, Meyerhold, Döblin, Weigel representam não a cultura judia mas outras culturas etc. etc. Que eu saiba, não há testemunho de cultura "judia" à altura do jazz ou da escultura negra ou do drama irlandês. Como no tempo de Marx, do que os judeus precisam é de se emanciparem do capitalismo (comércio) e não se refugiarem em sua "velha cultura".

MR. O'MALLEY, BARNABY AND GORGON
Miracles are promised but not performed.

fim de outubro 44

Jantar em casa de Schönberg com Dessau e os Eisler. Surpreendentemente lépido e lembrando Gandhi, Schönberg com seu casaco californiano de seda azul é uma mescla de gênio e doidice. Por exemplo, queixa-se da pequena duração dos direitos autorais relativos a trabalhos intelectuais. ("Meu filho, quando completar 45 anos, não receberá mais nenhum centavo", diz ele, como se estivesse falando de uma injustiça monstruosa.) Em seguida mais uma vez em parte, mas só em parte, com o fim de provocar, diz que, ao contrário de outros compositores (nem tantos naturalmente), acha às vezes que suas músicas soam pavorosas. Depois de compô-las tem dificuldade de entendê-las e precisa estudá-las com muito afinco. Uma corda dentro de mim "vibra por simpatia" quando ele se queixa de que em música não há material conceitual puramente musical. Assim define a forma, por exemplo: é o repouso entre duas forças que atuam uma sobre a outra. (Ao que parece, um conceito de campo.)

29. 10. 44

Queria ir buscar Steff que está de licença desde ontem. Tinha preparado tudo na sexta-feira, pneus novos no carro, permissão do *district attorney* etc. Além disso, devia ligar para Steff entre 7 e 9 horas, mas o *camp* não aceitava chamadas. Por isso não sabíamos se ele sairia. Os Frischauer, que estiveram várias vezes em Camp Roberts, garantiam que a viagem era impossível no meu velho carro (quase 420km até lá); como os anéis de segmento são novos, eu não poderia fazer mais do que 40km por hora, havia forte nevoeiro em toda a costa, meu limpador de pára-brisa tinha pifado, as luzes se apagavam de vez em quando, ter-

minei não viajando e passei todo o sábado e o domingo me perguntando se não tinha ficado em casa por puro comodismo, por incapacidade de fazer um esforço especial. De repente comecei a ver essa licença como uma fuga desesperada para a vida privada, para o domínio humano, que provavelmente era, e vi Steff voltar para os outros 4 que queria trazer consigo (no minúsculo carro cujos pneus quase certamente teriam estourado).

6. 11. 44

Freqüentes conversas sobre música (a propósito da ópera *Golias*) com Eisler e Dessau, que é muito menos desenvolvido e parece preso à rotina. A música transforma textos em prosa, até textos em versos, e depois poetiza aquela prosa. Poetiza-a e ao mesmo tempo torna-a psicológica. O ritmo é dissolvido (exceto em Stravinski e Bartok). Para o teatro épico isto é inútil.

7. 11. 44

Roosevelt está sendo eleito mais uma vez. Em casa de Pascal à noite com Laughton (Barbara também estava lá num longo preto). Groucho Marx e Chaplin lá também. Helli, Chaplin e eu éramos os únicos junto ao rádio.

15. 11. 44

Retomo as *Conversas de refugiados* e leio alguns capítulos para Winge, Dessau e Brainer, o operário austríaco que veio conosco no *Annie Johnson* e trabalha na Southern Pacific. A reação deles me desencoraja um pouco. A intenção era situar a discussão filosófica num nível "mais

baixo", mas a falta de elegância ainda me aflige. Conosco, i.e., com alemães, há um abismo que separa o vivo e realista do elegante. Além disso, estou sempre trabalhando para o teatro onde tanta coisa é uma questão de acaso e tudo, num sentido literário, está em desordem.

17. 11. 44

Agora de vez em quando esqueço uma palavra alemã, eu, que só de vez em quando me lembro de uma palavra inglesa. Quando tento encontrá-la o que me vem à mente não são palavras do alto-alemão, e sim expressões dialetais como *Dohdle* para *godfather.*

27. 11. 44

São quase onze horas da noite. Estou sentado com um uísque (o que não é freqüente) e lendo o *Diário de 1940* de Gide. É tranqüilo e é agradável estar isolado assim, mas aí não consigo resistir e ligo o rádio para ouvir o noticiário, embora não haja nele nada de novo – ouvi o das nove e meia e o das dez e meia. O fato é que não há descanso razoável a não ser o que o nosso ambiente (no sentido mais amplo) oferece. Isolar-se do mundo é imergir na furiosa torrente do vazio. Assim escrevo isto agora enquanto escuto o rádio e depois continuarei a ler Gide enquanto escuto o rádio.

28. 11. 44

Me deram de presente as *Translations from the Chinese* de Arthur Waley. Como o editor americano enfiou chinesices baratas entre os poemas tenho de colar pedaços de

papel em cima delas. Noto divertido que depois desses emplastros subiu para mim o valor dos poemas; ao investir minha própria força de trabalho eu havia provado que eram valiosos para mim.

Assombroso como este excelente sinólogo Waley é um asno! Não consegue perceber que para Po Chü-I não há diferença entre didatismo e divertimento. Não admira que achemos que o aprendizado, praticado como a compra rápida de conhecimento para fins de revenda, provoca desprazer. Em épocas mais felizes aprendizado significava uma absorção agradável das artes (no sentido baconiano). A literatura, em obras didáticas como em outras, logra intensificar nossa fruição da vida. Aguça os sentidos e transforma até a dor em prazer.

29. 11. 44

Po Chü-I: Resignation
Denk nicht vor: hast du kein glück / Kannst noch lange schauern / Denk um himmels willen nicht zurück / Erinnern ist bedauern. / Besser, du sitzt tagaus, tagein / Wie ein sack in deinem gestühle / Besser du liegst in der nacht wie ein stein / Unbewegt auf dem pfühle. / Ist's das essen: auf das maul! / Ist's der schlaf: zu die augen! / Hockst du im wagen, schafft's der gaul; / Muss zu etwas taugen.

Tradução em ritmos irregulares sem rima:

Halte deine gedanken von allem, was aus und basta ist / Denn das denken an die vergangenheit weckt bedauern. / Halte deine gedanken von allem, was kommt und nicht kommen mag / Denn das denken an die zukunft weckt unruhe. / Besser du sitzt am tag wie ein sack in deinem

stuhl / Besser du liegst bei nacht wie ein stein in deinem bett. / Wenn essen kommt, dann auf mit dem maul / wenn schlaf kommt, dann die augen zu.

30. 11. 44

Nada importante pra fazer e a velha dor de cabeça russa. Por isso faço um pouco de tradução.

Po Chü-I: Der Hut, dem Dichter geschenkt von Li Chien. Lange zurück, ein weissköpfiger herr / Machtest du zum präsent einen schwarzen florhut. / Der florhut sitzt heut noch auf meinem kopf / Du aber gingst schon zu den "unteren quellen". / Das ding ist alt, doch noch präsentabel / Der mann ist gegangen und kommt nicht wieder. / Draussen am hang scheint der mond heut nacht / Und um dein grab die äste schwanken im herbstwind.

10. 12. 44

Agora trabalho sistematicamente com Laughton na tradução e versão para o palco da *Vida do físico Galileu*. – Curioso como é difícil resolver os menores problemas (como, digamos, uma nova transição) quando se apresentam separadamente. Quando escrevemos continuamente evitamos os pontos problemáticos; aí é onde assenta a sagacidade do pensamento, e esse não se deixar envolver, não é uma decisão de capitular, pelo contrário. Apenas não cravamos o remo fundo demais, nem raso demais, pois avançar é o que importa. Num nível puramente "externo", quando minha concentração desce além de certo ponto, vou buscar minha novela policial, pois não confio mais em meus processos de pensar.

12. 12. 44

Os Eisler, Kortner, os Henried, os Thören, Kaus. É objeto de discussão a atitude dos artistas franceses refugiados em relação a De Gaulle e Vichy. Dizem que René Clair e Renoir são anti-semitas. Eisler: "Não são anti-semitas; só que não suportam judeus." Esses infelizes intelectuais! São perigosos? São perigosos, como charutos picados na sopa.

18. 12. 44

Carta a Steff:

O Instituto de Sociologia de Frankfurt (que inspirou meu *Romance dos tuis*) acaba de consolidar sua precária base financeira: os judeus de Nova York estão custeando para eles um vasto projeto de pesquisa sobre o anti-semitismo. Horkheimer e Adorno já elaboraram questionários para identificar o tipo fascista metodologicamente e sobre rigorosa base científica. Este é o tipo que é potencialmente anti-semita, e de agora em diante será possível diagnosticar a condição num estágio não virulento (e conseqüentemente tratá-la). Perguntas do tipo: "Você acredita que calamidades naturais – epidemias, terremotos etc. – estão ligadas à guerra mundial?" "Você considera que a sífilis é incurável?" Conduzi a conversa para um opúsculo de K. M[arx] sobre a questão judaica, e me foi dito outra vez que esse livrinho está obsoleto (e de resto foi escrito pelo *jovem* M[arx]). M[arx], dizem, deixou-se convencer pela distinção de Goebbels entre capital criativo e capital de rapina. Minha pergunta maldosa – se, na opinião deles, os judeus nova-iorquinos financiariam o postulado marxista se M[arx] não estivesse errado, ou se o Instituto podia provar que ele estava certo afinal – foi ignorada. (Estou quase convencido de que Adorno não incluiria esses pon-

tos em seu questionário.) M[arx] tomou o judeu em sua "forma existente" historicamente, moldada por perseguição e resistência, com sua especialização econômica, sua forçada confiança em dinheiro vivo (a necessidade de comprar a própria liberdade ou integração), seu cultivo de velhas superstições etc. etc. E M[arx] o aconselhou a se emancipar (ele mesmo demonstrou como). Adorno não *pode* fingir desapontamento, que é uma fraqueza conveniente para um teórico. Por isso tive de ir um pouco mais longe. Sugeri que atacasse o capitalismo por ter acabado com o hábito de pechinchar. O que eliminou toda a imaginação, todo o humor, todo o embate divertido, em suma toda a graça que havia no comércio. Descrevo a Adorno o desprezo que os chineses (muito mais pechinchadores do que os judeus) reservam aos mercadores ocidentais que simplesmente pagam o preço pedido e levam as mercadorias sem que nenhuma interação humana, nenhuma competição de cérebros, tenha lugar. Se a presença do vendedor é tão supérflua assim, por que não simplesmente assaltar e roubar o troço de uma vez? –

Preparativos maciços para o Natal se sucedem aqui em casa. Helli não pára de costurar casacos, blusas etc. e assar bolos de Natal. Barbara toma empréstimos que farão dela uma escrava pelos próximos 50 anos. Todos esperamos que você esteja aqui para encher o nariz com o aroma dos pinheiros no térreo e a fedentina química do primeiro andar.

20. 12. 44

Explicar a utilidade política do drama não-aristotélico é uma brincadeira de criança; os problemas começam na esfera estética. Toda uma nova experiência artística no teatro tem de se fazer compreender. Trata-se de remover a metafísica, de terrenalizar a experiência artística. O homem

não é mais o joguete de forças sobrenaturais (as Parcas, que ainda hoje controlam o *plot* na Broadway), nem de sua própria "natureza". O novo teatro cria (e deriva sua vida da) alegria de transmitir relacionamentos humanos.

dezembro 44

Trabalho sistematicamente com Laughton na versão de *Galileu*. Ele traduz frase por frase, anotando primeiro minha tosca tradução e depois a sua, ou melhor, as suas. Ao mesmo tempo fazemos alterações. As maiores dificuldades residem na fala de Galileu sobre o novo tempo na cena I, especialmente na frase "porque é assim não precisa ficar assim". As associações em inglês são bem diferentes, da mesma forma que os argumentos e o humor. Para substituir o timbre bíblico de "pois onde a fé esteve entronizada durante mil anos senta-se agora a dúvida" tentamos usar o verso branco: "blind placed faith deposed by healthy doubt!" – isto pelo menos lhe confere um timbre escolástico. Naturalmente perde-se o elemento blasfematório.

Além disso, realizo experiências fotográficas com R[uth] tendo em vista montar um arquivo em filme de minha obra. Inúmeras experiências, inclusive uma que contou com a ajuda de Reichenbach. É divertido descobrir quantas fontes de erro há nas variedades de papéis, nos tipos de filme, no equipamento de iluminação, nas lentes etc. Primeiro resultado: *Poemas do exílio*. Depois examino outra vez os *Estudos* com o mesmo fim.

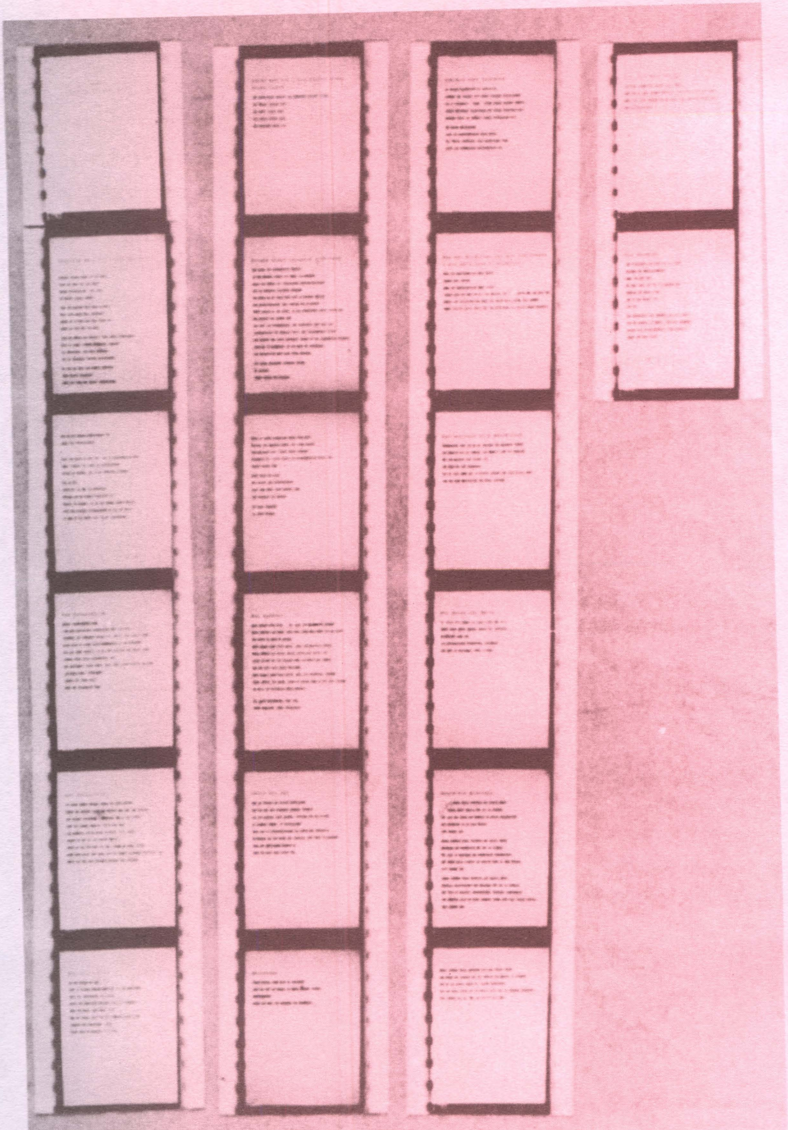
Poemas do exílio contêm:

Pensamentos sobre a duração do exílio	dos *Poemas de Svendborg*
A tempestade de neve	da coleção steffiniana
O ladrão de cereja	“ “
A coruja	“ “
1939: Do Reich vêm poucas notícias	dos *Poemas de Svendborg*
Perguntas de um operário que lê	“ “
A resposta	da coleção steffiniana
A porta	“ “
Hollywood	(novo)
Leitura sem inocência	(novo)
Ao ler que um poderoso estadista adoeceu	(novo)
Lendo o jornal enquanto prepara o chá	(novo)
A máscara do mal	(novo)
Miserere alemão	(novo)
Eu, o sobrevivente	(novo)
O regresso	(novo)

Em última análise, os poemas estão escritos numa espécie de *basic German*. Isso não corresponde de modo nenhum a uma teoria. Lendo todo esse conjunto me dou conta da falta de expressividade e de ritmo, mas, quando estou escrevendo (e corrigindo), toda palavra inusitada me fica atravessada na garganta. Poemas como “Paisagem de exílio” deixo de fora, já são ricos demais.

22. 12. 44

Os reacionários encontraram na questão polonesa um popular e duradouro pomo de discórdia. É duro fazer política sem tais pontos de dissensão, já que nem todas as disputas podem ser populares. Churchill já ameaça deixar na mão seus amigos poloneses caso Roosevelt o deixe na mão na Grécia. – A esquerda está confusa. O levante de Varsóvia, que era armado, foi a princípio estimulado pelos russos, e depois, quando o reacionário Bor começou a dominá-lo, foi tratado friamente (mesmo que se leve em consideração que ocorreu evidentemente cedo demais para a estratégia russa, de modo que se desperdiçou essa valiosa ajuda do povo para que se pudesse dar aos donos da Polônia em Londres um *claim*). A esquerda diz agora que os russos na Polônia tiveram medo das dificuldades que os britânicos enfrentaram na Grécia, e que quando se come peixe pouca diferença faz se você segura a faca na mão esquerda ou na direita.



Provas dos *Poemas do exílio*, 1944, primeira coletânea de Brecht desde 1940.

15. 1. 45

Max Gorelik, que fez um apanhado do teatro épico em *New Theaters for Old,* conduz minha atenção para um número cada vez maior de lacunas teóricas: posso ver onde ele se engana. As tentativas de Gorelik de dar uma idéia da coisa exalam um odor peculiarmente puritano, que faz lembrar o laboratório. O lado estético encolhe-se no formalismo. (O teatro para uma época científica se torna teatro científico.)

16. 1. 45

[Em] *Galileu*, com seus interiores e sua atmosfera, a estrutura das cenas, que é tirada do teatro épico, tem um efeito acentuadamente teatral.

19. 1. 45

Encontro S[idney] Hillmann do PAC e do CIO em casa de Dieterle. Acaba de chegar de um congresso sindical em Londres, uma raposa que deixou muita cauda na boca de uma armadilha de ferro. Diz ele que o sentimento geral em Londres era de que têm de ser extremamente cuidadosos desta vez, já que ficaram decepcionados com os social-democratas alemães em 1918. Leram no livro de Konrad Heiden que essa gente era muito ligada ao estado-maior. Confirmo esse fato mas previno-o contra Heiden. O SPD, tento explicar, só tinha o poder que os aliados e os imperialistas alemães lhe permitiam. – "E por que não conquistaram mais poder?", ele perguntou. "Havia um certo medo da revolução", respondi. "Não queremos mais guerra", disse ele. "Então vocês têm de abolir o sistema que significa guerra", eu disse. "Ah", fez ele, "podemos

pelo menos impedir que a Alemanha inicie apressadamente outra guerra." "Só se vocês liquidarem o sistema lá", repliquei. "Não ouvimos falar de nenhum movimento de resistência alemão", disse ele. "É", confirmei, "mas também não ouvi dizer que um movimento de resistência alemão tenha sido liquidado." – Mais uma vez é impossível retificar as idéias das pessoas acerca das condições na Alemanha se elas não estão a par de pelo menos dois dos princípios da dialética, a frase relativa às contradições que parecem unificadas e o princípio referente ao salto da quantidade para a qualidade.

20. 1. 45

De vez em quando Dessau me liga e toca para mim uma nova quadra pelo telefone. Parece um homem vindo de outro planeta.

Camponeses polacos dividindo a terra. Varsóvia caíra diante do Exército Vermelho dois meses e meio depois de sufocar o levante do gueto da cidade.

21. 1. 45

Após seu *basic training* em Camp Roberts, Steff vai para a Universidade de Chicago aprender japonês. Estamos muito contentes.

23. 1. 45

Começo a ópera *As viagens do deus da fortuna.*

24. 1. 45

Steff, com três dias de licença, deu uma festa. Indo buscar uma garota, atropela um velho que atravessava a rua. Polícia, ambulância etc. Não conta a história toda nessa noite. Leva Eisler e Brainer para a festa. Eisler diz na manhã seguinte que ele estava bem-humorado, mas ele chega depois bastante acabrunhado. É possível que o acidente lhe custe o período de estudo em Chicago.

28. 1. 45

Ainda nada da Alta Silésia sobre a atitude dos operários.

11. 2. 45

Como Laughton precisa trabalhar num filme de piratas durante oito semanas, procuro o que fazer e decido me impor uma pequena tarefa, que é a de pôr em versos o *Manifesto*, à maneira de um poema didático lucreciano. A decisão é um pouco influenciada pela possibilidade de

produzir pequenas edições fotográficas, que não somente dão a ilusão de miniaturas de livros como também prometem correspondência crítica. O *Manifesto* enquanto panfleto já é uma obra de arte, mas me parece que hoje, cem anos depois, e dotado de nova autoridade armada, seria possível revitalizar o efeito propagandístico retirando-lhe o caráter panfletário.

20. 2. 45

Dedico as manhãs ao poema. (De tarde ajudo R[uth] a organizar o arquivo.) Trabalho em pé diante de uma mesa alta na qual coloquei minha máquina de escrever, para que possa andar em volta, já que as dificuldades são enormes. Cópias fotográficas do texto original estão espalhadas por todo o recinto.

25. 2. 45

Até agora a ausência de qualquer revolta contra Hitler na A[lemanha] – fonte aqui de comentários raivosos – é para mim perfeitamente compreensível. Pela primeira vez posso (de longe) divisar possibilidades quando ouço dizer que o Reich se vê a braços com a escassez de mão-de-obra para a indústria de munições de um lado e com o desemprego do outro, porque as matérias-primas estão se esgotando, o sistema de transporte está arruinado e as fábricas têm sido bombardeadas. Em [São] Petersburgo em 1917 os operários das indústrias Putilov se rebelaram quando a burguesia os dispensou das fábricas de munições.

3. 3. 45

Feuchtwanger me diz que os hexâmetros são ruins. Isto implica muito polimento. A verdade é que eu sei muito pouco sobre isso.

4. 3. 45

Reunião na casa dos Eisler. Chaplin fez uma extraordinária imitação de Muni num filme sobre Chopin. Diz Chaplin que aos oito anos fazia um certo truque feito por Muni com um lenço: interpretava um velho infeliz numa comédia musical – a coisa mais fácil do mundo. Depois falou de um filme que está planejando sobre um barba-azul. Um homem de meia-idade, um pai de família um tanto tacanho, que mata mulheres porque é difícil para um homem de meia-idade ganhar a vida. Chaplin pretende abandonar o Carlitos dos filmes clássicos. Não se coloca só a questão de Carlitos ter de falar agora que todos os filmes são falados. Carlitos era mudo em todos os sentidos. O *lumpenproletário* se tornou vítima do New Deal. The New Deal took care of him.

5. 3. 45

Kortner, que também viu Chaplin ontem, está decepcionado com a imitação de Muni. Ficou claro que os atores característicos são antiquados, *just that*. É óbvio que Kortner formularia a questão corretamente, acho eu, se dissesse: os atores característicos sobrevivem aqui de uma forma antiquada.

Service Song

The Marines still are having a field day in PM's daily service song column and will until some Army and Navy songs come in. Here's one called *Bloody Rabaul*, from the South Pacific:

Once down to Sydney from Guinea
I strolled
From a place called Bloody Rabaul.
I met an old sergeant, he said,
"Pardon me please,
You've blood on your tunic and
mud on your knees.
Da-de-ah, Da-de-ah,
You've blood on your tunic and
mud on your knees."

• • •

Now listen here, Doggie, you
bloody damn fool
I just got back from a raid on
Rabaul
Where shrapnel is flying and com-
forts are few
And good men are dying for bas-
tards like you
Da-de-ah, Da-de-ah,
Where good men are dying for
bastards like you.

10. 3. 45

Entre o *Poema didático* e as terríveis notícias da Alemanha publicadas nos jornais. Ruínas e nenhum sinal de vida dos operários.

Brecht e Feuchtwanger em Pacific Palisades.

20. 3. 45

Ouvimos dizer que a capacidade de reconstrução da indústria é imensa, mas isto só vale em relação aos bens produzidos, e só na medida em que a maquinaria básica não for destruída. Enquando os fornos estão funcionando, os arados de trator são mais rápidos de fazer do que os arados de madeira, mas o que acontece se não estão funcionando?

Já a cultura decai com espantosa rapidez (como aconteceria com a flora artificial da Califórnia, plantada como é no deserto, se não fosse irrigada). Até grandes nações em circunstâncias difíceis não estão mais dispostas a pagar a uma dúzia de grandes cérebros sequer o salário de um funcionário de segundo escalão. Naturalmente não foi a derrota militar que permitiu ao marxismo rechaçar o proudhonismo na guerra de 1870: as pessoas mais progressistas triunfaram e com elas a teoria mais progressista. O proletariado avançou mais na França do que na Alemanha. Mas a luta gloriosa da comuna deixou a classe operária quase arruinada.

2. 4. 45

Estou trabalhando com Gorelik numa peça americana, *A esponja de vinagre*. Uma cena deve mostrar como um rapaz, para obter um emprego, tem de desempregar um velho operário. O rapaz tem de dizer por que precisa do emprego. "Não devemos falar em dinheiro, isso é execrado na Broadway", diz Gorelik sério. É um fato que o dinheiro nunca é mencionado no teatro comercial, assim como não se fala de câncer na frente de cancerosos. Um motivo possível para essa busca de emprego seria o pai ter morrido sem seguro, uma catástrofe natural em outras palavras. Para ele seria insuportável, porém, encontrar a mãe com a cabeça enfiada no fogão a gás porque não tem US$12 para pagar o salão de beleza e o patrão ameaça despedi-la – ela poderia ser uma garçonete. Inteiramente insuportável é a verdade segundo a qual o rapaz precisa do dinheiro para subsistir, e perderá a namorada se não puder pagar as entradas para o cinema.

3. 4. 45

Converso com Dieterle sobre filmes para prisioneiros de guerra nos Estados Unidos. Examinamos *O que o correio trouxe para a mulher do soldado?* e logo se arma uma discussão em torno de possíveis mal-entendidos. Não se trata de denúncia de pilhagem cometida pelo soldado. O que ele manda para casa é uma insignificância, e isso é tudo que as pessoas vão ganhar com a guerra. O tema é: as guerras de conquista não valem a pena; todas as campanhas e atrocidades não produzem o suficiente para vestir a mulher e lhe roubam o seu homem.

12. 4. 45

Morre Roosevelt. Com a morte do democrata esclarecido a liderança das democracias passa para Churchill. A namorada de Winge conta que muitas mulheres na fábrica choraram.

Gandhi envia telegrama à Sra. Roosevelt: condolências pela morte do marido. Congratulações porque o homem da paz não terá de assistir ao assassínio da paz.

fim de abril de 45

Infelizmente Auden deverá voltar para a Inglaterra antes de terminar seu trabalho (no *Círculo de giz caucasiano*).

Laughton não está disposto a reiniciar o trabalho em *Galileu*.

Em N.Y. querem montar *Master Race* para uma platéia do CIO.

2. 5. 45

> The *Herald Tribune* of April 3 reports a Russian radio broadcast of a statement by the Soviet-appointed mayor of the German town of Landsberg on the Warthe. A former member of the German labor movement who had been arrested twice by the Nazis for his political views, the new mayor, Paul Schulz by name, urged all Germans to "follow our example and liberate yourselves from Hitler." He described the aid given by the Russians in rehabilitating the captured town. Under Soviet direction, he said, the waterworks had been repaired and factories reopened to supply the 25,000 inhabitants. "Fifteen bakeries are working for the benefit of the population. New household and bread-ration cards have been issued. The labor office, the housing office, and an office for the care of refugees are busy promoting reconstruction work. Streets have been cleared up. A hospital, two maternity wards, and a children's home have been established." The military commandant of the town, Schulz emphasized, was helping the population in every way.

No dia 2 de maio Berlim se rende ao Exército Vermelho.

3. 5. 45

Ajudo Laughton a ensaiar o Gênesis para uma gravação. Seu ouvido está afinado pelo conhecido e internacionalmente difundido tom clerical, que põe tudo a perder, uma vez que a voz raramente acompanha o gesto, e fica sem graça quando tenta, i.e., tem pouca mobilidade. Aconselho-o a fazer alguns exercícios e vamos a um estúdio de gravação onde gravamos o seguinte: a) o Gênesis recitado por um francês como Jean Renoir, b) por um natural de Yorkshire (terra natal de Laughton), c) por um *cockney* (*at the beginning Mr Smith created the heaven and the earth*), d) por um colono tentando fazer com que os nativos acreditem que ele criou o mundo, e) por um mordomo (*in the*

beginning His Lordship created...), f) por um soldado "*in the foxhole*" (com "*so what*" e "*much good did it to us*" entre os atos da criação). Agora a coisa toda soa como uma mistura de primitivo rito de fertilidade e dança fálica.

8. 5. 45

A Alemanha nazista capitula incondicionalmente. O Presidente faz um discurso pelo rádio às seis da manhã. Enquanto escuto contemplo o jardim californiano florido.

12. 5. 45

Discutidos dois filmes que poderiam ser feitos para a Alemanha: *Dr Ley* e a história de uma camponesa que luta durante dois dias consigo mesma e com a família (inclusive um filho que está em casa de licença) para saber se devem dar meio pão a um prisioneiro faminto. Ela resolve partilhar o pão e leva o filho, o soldado, amarrado com cordas, aos Aliados (e à segurança) num carrinho-de-mão.

14. 5. 45

Com Laughton no texto de *Galileu*. Acrescentamos algumas coisas realmente boas, como o debate com Ludovico na cena da mancha solar.

meados de maio 1945

Nem bem o mês de maio começou
e o Reich de mil anos se esfarelou.

Lá na rua chamada Hindenburggass
rapazes de Missouri, com bazucas

e câmeras, no butim envolvidos
não acham um só boche arrependido.

Na calçada apodrecem marechais
e açougues ditam sentenças finais.

Ervas em flor. Galos apatetados.
Portas trancadas. Tetos desabados.

junho a meados de julho [45]

Em Nova York para uma encenação de *Private Life of the Master Race.* Um negócio de US$6.000. De início Piscator ia dirigir; escolheu um elenco de estudantes e emigrados (o "Agente provocador" com os Bassermann) e queria uma nova estrutura. Chamei Viertel e em poucos dias de ensaio a produção ficou pronta. A imprensa atacou a produção, poupou a peça. Ninguém analisou o conteúdo. Qualquer coisa técnica é tão cara numa produção da Broadway que só pode ser alugada para musicais.

A Broadway reflete adequadamente a vida intelectual dos Estados Unidos. Uma atriz totalmente moderna, Taylor: sua atuação é épica.

Trato com dois editores uma edição completa em inglês.

Wieland Herzfeld funda a editora Aurora (e imprime *Terror e miséria).*

Termino o primeiro esboço da *Duquesa de Amalfi* com Bergner (nos útimos dias em Vermont).

Leio o *Poema didático* para Schreiner, Walcher, Duncker. Impressão surpreendente.

De volta em 18 de julho, depois de visitar Steff em Chicago. Ele está hospitalizado em conseqüência de constantes dores de cabeça e espera ser dispensado do exército.

20. 7. 45

Eisler veio a N.Y. comigo para compor a música de *Master Race* e observar as coisas. Em N.Y. esperava-o um telegrama dizendo que voltasse imediatamente para o estúdio. Voltou numa pressa indecente, considerando que obtivera licença para se ausentar. Escreveu a música enquanto aguardava a passagem. Era lixo pra cinema, e, ante a minha insistência, reescreveu-a. Desta vez era música brilhante para teatro. – Agora Dessau se queixa de que E[isler] lhe telefonou quando voltou para Hollywood, disse que estava com os nervos em frangalhos e lhe pediu que escrevesse uns 12 minutos de música de filme para o estúdio. Ficou combinado que E[isler] racharia o cheque (US$1.000) com Dessau. D[essau] escreveu 4 minutos, mas naquela altura E[isler], já recuperado, dedidiu que a música de D[essau] não servia. D[essau] naturalmente insistiu em receber o dinheiro, apesar de tudo (para espanto de E[isler]. Tinha direito a US$200 (preço corrente), mas se contentou em pedir só US$100. 4 semanas se passaram. D[essau] estava numa situação difícil e precisava do dinheiro, e E[isler] sabia disso. Sentado no meu quarto de trabalho, com D[essau] na cozinha, E[isler] se queixava de que a música de Hollywood estava arruinando seu ouvido.

25. 7. 45

Opiniões com que tendo a não concordar:

– que a burguesia americana estará no leme por muito tempo, como se pode ver pela inexistência de qualquer partido revolucionário;

– que o fascismo não está desacreditado e as pessoas daqui não se dão conta de que é a isso que a burguesia alemã deve agradecer por sua derrocada;

– que alguma coisa parecida com literatura alemã sobreviveu à era de Hitler;

– que os russos intervirão ativamente na guerra com o Japão;

– que Hemingway tem um cérebro;

– que a América não tem arte porque é um país jovem.

30. 7. 45

Winge lê *A Duquesa de Amalfi* e ataca a introdução do tema do incesto. Por que não fazer da simples luta feudal pela terra o motivo da catástrofe? Eu defendo a idéia poética: a duquesa, punida por seu amor com a perda dos entes queridos e em seguida da própria vida, reconhece e perdoa o amor de seu irmão (incestuoso e, para ela, estranho e terrível) como um direito natural.

Voltando a *Galileu*, que ele também considera um trabalho secundário e inconseqüente (no que diz respeito à forma não defendo esta peça com particular empenho), explico-lhe que ela segue o registro histórico e foi escrita sem nenhuma intenção de provar coisa alguma, e conto-lhe como, enquanto elaboro uma versão para o palco em companhia do ator Laughton que não tem nenhum pensamento político, ao lado do tema que mostra que nesta

forma de sociedade um desejo de conhecimento pode ser fatal (de vez que a sociedade produz e pune esse desejo), emerge outro tema, a saber, o da diferença decisiva entre "progresso científico puro e simples" e progresso social e revolucionário da ciência. (G[alileu] despoja a astronomia da burguesia emergente de sua significação social-revolucionária, faz dela uma "disciplina", esteriliza-a.) Também evidencia que a classe dominante está plenamente consciente da totalidade de sua ideologia, ao menos como um fato: sabe que a cadeia que a liga à classe oprimida não é mais forte do que seu elo mais fraco. Assim, em minha produção Galileu é interessante ao menos como exemplo contrastante das parábolas. Elas são encarnações de idéias, ao passo que aqui um assunto dá origem a certas idéias.

2. 8. 45

Encontro Schönberg à porta de uma *drugstore*. Ele se queixa de suas enfermidades e da legislação dos direitos autorais, já que seu filho deixará de receber esses direitos ao completar 28 anos. É a terceira vez que o velho me fala disso. Avento a possibilidade de que dentro de 25 anos o capitalismo terá outra cara, se é que ainda existirá. Ele responde que outras formas de governo não foram suficientemente experimentadas e que ele mesmo seria a favor da monarquia, já que as repúblicas ainda não têm duzentos anos de existência. Depois disso nos despedimos com grande cortesia e levo a cerveja para casa.

3. 8. 45

Plano para a Alemanha na conferência de Potsdam. A coisa mais importante: estabelece-se a unidade econômica (e

portanto política). Ainda que seja difícil, deve ser lembrado neste momento que a A[lemanha] é um Estado capitalista que foi completamente esmagado. Só os russos poderiam instituir um governo operário, se, digamos, tivessem derrotado a Alemanha de Hitler sozinhos, mas mesmo que isso fosse possível seria difícil conduzir o país a algo que se assemelhasse ao socialismo. Mas ser condescendente com um Estado capitalista por causa de seus operários é extremamente perigoso: os russos em retirada não deixaram de pé suas fábricas, usinas hidráulicas, estradas de ferro e fazendas coletivas porque tinham esperança de reconquistá-las. Quanto às perdas territoriais, ver o *Círculo de giz*. E ainda não consigo visualizar os proletários moabitas como pastores de cabras. É claro que nós que não teríamos partilhado da vitória de Hitler partilhamos, sim, de sua derrota.

5. 8. 45

"The test of a literary critic is what he makes of an unsigned poem" (Bentley). Por trás disso está a idéia de que as obras devem ser julgadas por seus próprios méritos. E o prazer que se extrai de poemas anônimos porque são anônimos? Evidentemente são muito difíceis de julgar, ainda que sejam fáceis de saborear. A "cara" do poeta é parte do "valor" de um poema.

[3. 9. 45]

LASKI REPROVES ITALIAN SOCIALIST

Says Nenni Loses Confidence in Democracy in Advocating a Merger With Communists

By Wireless to THE NEW YORK TIMES.

ROME, Sept. 2—Prof. Harold J. Laski, chairman of the British Labor party's executive committee, came out today for a republic in Italy in the first article of a series written for the Rome political weekly Nuova Europa.

The article, under the headline "My Advice to Nenni," strongly advised Pietro Nenni, Vice Premier and leader of the Italian Socialist party, to carry out a program aimed at ending the monarchy at socialization and dissolution of the concordat with the Vatican through democratic methods in the Constituent Assembly.

At the same time Mr. Laski declared that Signor Nenni, having "lost confidence" in democracy, was heading toward the foundation of a one-party state through a merger of the Socialists with the Communists.

While paying tribute to Signor Nenni's honesty, Mr. Laski warned him against dictatorship, which, he said, would mean "mass arrests even among those who fought against * * * Mussolini."

Mr. Laski's intrusion in Italian politics got the Italian press worked up, but more in terms of Signor Nenni than of Mr. Laski.

While no paper found it worth the comment that the chairman of the Labor party executive had taken sides on the institutional question, at least to the extent giving assurance that "the United Nations will support the popular choice of a republic," nearly all went to work either for or against Signor Nenni along the lines of a crisis of the Socialist party.

Signor Nenni denied that he has "lost confidence" in democracy and insisted that the movement anticipating a merger of the Socialists and Communists was not a prelude to a new dictatorship. On the contrary, the Vice Premier wrote that the danger of a counter-revolution in Italy would continue "as long as the monarchy is spared."

While the Christian Democrat paper Popolo said that Signor Nenni might feel somewhat less enthusiastic over the British Labor victory than on the day it was announced, the independent paper Momento noted the coincidence of warnings the same day by Mr. Laski and Premier Ferruccio Parri against the solution of Italian political questions by other than strictly democratic methods.

Signor Parri, speaking in Milan at a convention of the Committees of National Liberation of the North, declared the coming elections must be conducted along democratic lines and asserted that he would be the first to "annul any election influenced by violence or the threat of violence."

The basic theme of the Laski and Parri remarks is emphasized by the incessant campaign being waged by Allied authorities, notably United States Ambassador Alexander C. Kirk, for the retention of American forces here on the ground that they are required to "stabilize" the situation this winter.

Italy whose progress toward democracy has been publicly acknowledged by the highest spokesmen of the United States, Great Britain and France, has at least the seeds of internal dissensions by which all of what has been gained can be lost.

Letters to The Times

Labor Not the Sole Factor

Congress Is Urged to Give Attention Also to Needs of Industry

TO THE EDITOR OF THE NEW YORK TIMES:

At the hearings now being conducted before the Senate Banking and Currency Committee, as reported in THE NEW YORK TIMES, much is being said as to what the Government ought to do for labor and as to what the Government ought to give to labor during the forthcoming period of reconversion unemployment. Little is being said as to how to speed the reconversion period and enable industry to reabsorb those who have been or will be released from war work and those who presently will be taking off their military uniforms.

That unemployment of sizable dimensions would be inevitable during the change-over period was obvious to any seeing eye. Yet the press and radio are now playing up this angle with extravagance, and pressure groups are making demands on Government accordingly.

During the Nineteen Thirties our Government was more social-minded and did more for labor than ever before in our history. However, despite the billions of debt that it piled up, in peacetime, mind you, there were still some seven to nine millions unemployed in 1939 when war came to Europe.

Capital Handicapped

During those same years there was generally an atmosphere of estrangement between Government and business. Name calling was indulged in. Did it ever occur to our lawmakers that business makes jobs under our capitalistic system of free enterprise, and that business, requiring the investment of risk capital, which, by the way, ofttimes is lost, will only operate and take risks when the atmosphere is friendly and opportunities for profit, all things considered, seem present?

As long as we adhere to the capitalist system in preference to any form of totalitarianism—and it's a system that has made us the richest and mightiest nation in the history of the world—why not try to make it work on all eight cylinders, instead of putting hindrances and obstacles in its path? All new proposed legislation ought to be examined with this thought in mind. Of what use will it be to hand out another two billions in unemployment insurance if in the process risk capital be again forced into hiding?

Ready to Go Ahead

Industry in this country today is raring to go after a brief period of change-over to peacetime production. It has the working capital. It has the plant. It has manifold new products and improved old products to put on the market. The pent-up demand for a variety of goods that has gone unsatisfied these many years is huge both here and abroad. Let's give business the right-of-way, subject, of course, to the standing rules and regulations. Let's remove any barricades that exist, certainly not erect new ones. Let us encourage enterprising men to enter business in search of profits. They will create jobs and produce goods and services in the process.

Labor has a stake in seeing that our present economic system function well and survive, as well as capital. Labor need only compare its lot here, under the capitalist system, with that prevailing under any other system anywhere else in the world.

A. Y. COWEN.

New York, Aug. 30, 1945.

The New York Times

ECONOMICS AND FINANCE

'Fighting Inflation' by Price Control

By HENRY HAZLITT

Endless estimates are being poured out day after day, by both Government and private soothsayers, telling us exactly how many jobs or unemployed we are going to have six months, a year or two years from now; exactly how large our national "income" or "gross national product" is going to be; exactly how many automobiles, houses and television sets are going to be produced, and so on. Most of these figures, unfortunately, are worthless. For the simple truth is that nobody knows what our future national income, employment or production is going to be unless he knows first of all what political and economic policies we are going to follow. We can run into full production or disorganized production, full employment or mass unemployment, depending upon what those policies are.

In some segments of our economy, the war controls have been removed with surprising swiftness. To that extent business has been encouraged to go ahead. But many obstacles to quick reconversion and full production remain. Of these the two most serious are the Murray so-called Full Employment Bill, described by President Truman as a "must" measure, and the retention of rigid and unrealistic price control policies by the OPA.

* * *

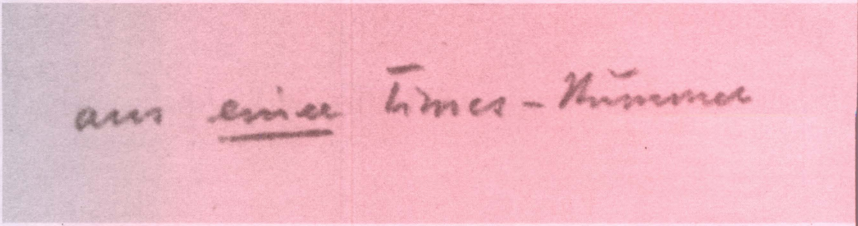
The "fight against inflation," in fact, seems to have come down to a policy on the part of the Government of prolonging the basic cause of inflation while trying to prevent or conceal the symptoms. The basic cause of inflation is the Federal deficit, which creates new monetary purchasing power through an increase in bank credit and in currency. Instead of trying to put the Federal budget into manageable shape, when through the end of the war it is at last in a position to do so, the Administration is now actually demanding a bill which proposes to achieve full employment by means of "compensatory" Government spending; that is, by means of chronic deficit financing. The whole objective of reducing or even stabilizing the huge national debt of $263,000,000,000, the whole objective of balancing the budget, the whole objective of Government economy, or of reducing Government expenditures to a point where it might be possible to reduce the unparalleled load of taxation on enterprise, seems to have been forgotten.

This drive for the Murray Full Employment Bill, of course, can only increase inflationary fears in the country. On top of this the former controls over industrial wages are being allowed to lapse. There is substantial support in Congress for increasing national minimum wage rates. The unions are about to bombard industry with demands for higher wage rates. But with all this prospective increase in purchasing power and in the cost of producing goods, final retail prices are to be held where they are. The patient's fever is being increased, but everything is to be made to look right by holding the thermometer down to normal.

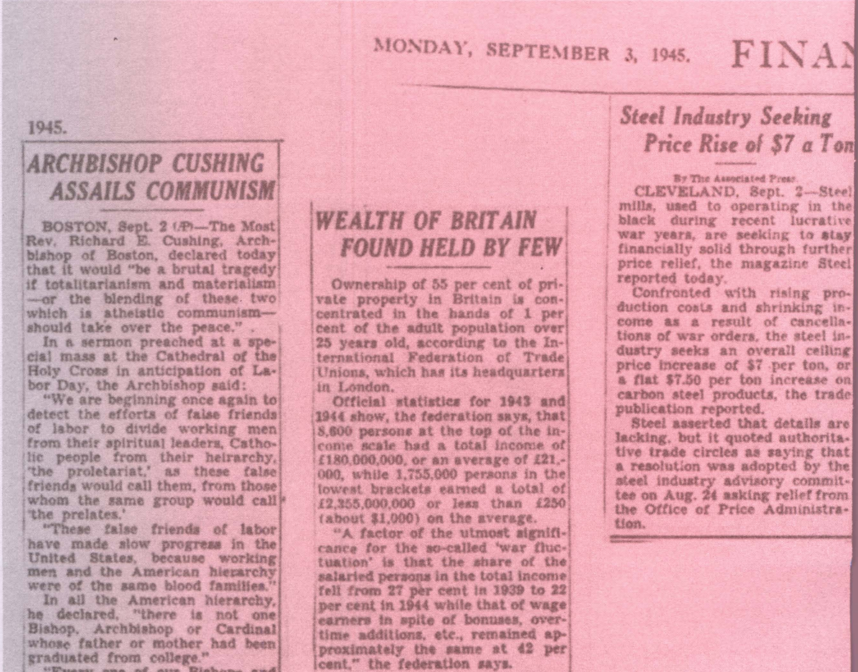
* * *

To the extent that this policy is not evaded by a growth in black markets, it means that profit margins will be cut or wiped out, that reconversion will be delayed, that production in many lines will be discouraged, that unemployment will be created by governmental policy. It appears probable, for example, that the display and sale of new automobiles will now be held up for weeks because of the red tape involved in the complex pricing formula of the Office of Price Administration. If this sort of thing were to grow, the next step, presumably, will be for the sponsors of the Murray bill to claim that private enterprise has once more failed to provide full employment and to insist that the Government step in with more Government spending or direct work relief.

We can avert these consequences only by a return to prudent Government spending, accompanied by revised tax rates that leave an incentive for risk-taking and production, and by an orderly but rapid withdrawal from price control. It is true that, when we withdraw from price control, the general level of prices is likely to rise because of the huge wartime inflation of bank credit and currency that has already taken place. But the only safe way to bring this inflation and price rise to a halt is to stop the heavy deficit financing that is its primary cause. To try to stop it by price control, while its fundamental causes remain, must lead either to one of two results. If wages also are controlled, it must lead to rationing and allocation of material and labor and so into a completely totalitarian economy. If wages are not controlled, private enterprise will not have the profit margins to permit it to operate, and the result will be mass unemployment. Our only solution, in brief, is a return to a free market economy.



"De *um* número do *Times*", diz a nota a lápis de Brecht.



MONDAY, SEPTEMBER 3, 1945. FINA

1945.

ARCHBISHOP CUSHING ASSAILS COMMUNISM

BOSTON, Sept. 2 (AP)—The Most Rev. Richard E. Cushing, Archbishop of Boston, declared today that it would "be a brutal tragedy if totalitarianism and materialism—or the blending of these two which is atheistic communism—should take over the peace."

In a sermon preached at a special mass at the Cathedral of the Holy Cross in anticipation of Labor Day, the Archbishop said:

"We are beginning once again to detect the efforts of false friends of labor to divide working men from their spiritual leaders, Catholic people from their heirarchy, 'the proletariat,' as these false friends would call them, from those whom the same group would call 'the prelates.'

"These false friends of labor have made slow progress in the United States, because working men and the American hierarchy were of the same blood families."

In all the American hierarchy, he declared, "there is not one Bishop, Archbishop or Cardinal whose father or mother had been graduated from college."

"Every one of our Bishops and Archbishops is the son of a working man and a working man's wife," he added.

"That is one reason why it has been so difficult a task for the saboteur to divide our people from us."

WEALTH OF BRITAIN FOUND HELD BY FEW

Ownership of 55 per cent of private property in Britain is concentrated in the hands of 1 per cent of the adult population over 25 years old, according to the International Federation of Trade Unions, which has its headquarters in London.

Official statistics for 1943 and 1944 show, the federation says, that 8,600 persons at the top of the income scale had a total income of £180,000,000, or an average of £21,000, while 1,755,000 persons in the lowest brackets earned a total of £2,355,000,000 or less than £250 (about $1,000) on the average.

"A factor of the utmost significance for the so-called 'war fluctuation' is that the share of the salaried persons in the total income fell from 27 per cent in 1939 to 22 per cent in 1944 while that of wage earners in spite of bonuses, overtime additions, etc., remained approximately the same at 42 per cent," the federation says.

Steel Industry Seeking Price Rise of $7 a Ton

By The Associated Press.

CLEVELAND, Sept. 2—Steel mills, used to operating in the black during recent lucrative war years, are seeking to stay financially solid through further price relief, the magazine Steel reported today.

Confronted with rising production costs and shrinking income as a result of cancellations of war orders, the steel industry seeks an overall ceiling price increase of $7 per ton, or a flat $7.50 per ton increase on carbon steel products, the trade publication reported.

Steel asserted that details are lacking, but it quoted authoritative trade circles as saying that a resolution was adopted by the steel industry advisory committee on Aug. 24 asking relief from the Office of Price Administration.

5,000 Plastic Eyes Made by Army

The Army Medical Corps has made and fitted more than 5,000 plastic artificial eyes, The Associated Press reports.

Spanish Primate Denies Church Serves Under Bondage to Franco

By PAUL P. KENNEDY

By Wireless to THE NEW YORK TIMES.

MADRID, Sept. 2—A denial that the Spanish church has been enslaved to Generalissimo Francisco Franco is contained in a pastoral letter issued by Dr. Enrique Pla y Deniel, Archbishop of Toledo and Primate of Spain, which was published here this morning. Dr. Play y Deniel openly endorses the Franco regime but he denies the accusation that the church favors totalitarianism and also disclaims any church responsibility in the affairs of State.

All Madrid morning newspapers carried the letter on the front page, but only Arriba, official Falange organ, commented editorially, declaring:

"This time it is not the propaganda organ of this or that regime, but the church primate, who has spoken on behalf of permanent truths, which tranacend all strictly political considerations."

Early in his pastoral the primate declared that when there is close concord between church and State, as in the case in Spain, one should not confuse the activities or responsibilities of the church with those of the State. "We affirm solemnly that the church in Spain has kept perfect neutrality," he said.

Praying that another civil war would not set Spain in flames, he added that while all wars are terrible, they are just when necessary and when they are "for the re-establishment of international order."

"None likes peace more than the Catholic Church, but do not fall into the error of some heretics who condemn all wars as unjust."

While there is some doubt that

E NEW YORK TIMES, M

CHURCH HELD FREE OF FRANCO BONDAGE

Continued From Page 1

the Primate commands as large a church following as Pedro Cardinal Segura y Saenz of Seville, he still has the most powerful official church position in Spain, and there is no doubt that the pastoral letter will have a tremendous effect on the political situation here.

Criticizes Foreign Critics

Formerly Bishop of Salmanca, Dr. Pla y Deniel, member of a wealthy Catalán family, was nominated as primate by General Franco in 1941 and appointed by the Vatican in the same year. He has been a close friend of General Franco since the civil war, when he loaned the general his Bishop's palace at Salamanca. His uncle, Miguel Mateuy Pla, former Mayor of Barcelona, is now chief of the Spanish mission to Paris.

In his pastoral, the Bishop says that some foreign critics of Spain and of the present regime include the Spanish Church in their criticisms. "The Spanish ecclesiastical heirarchy has not been, and will not be, the slave of anyone, nor has it defended, nor will it defend, either a statist or totalitarian conception."

He added that during his years as primate he had had almost an obsession in insisting against the enslavement of the church to any political regime.

The recently enacted Spanish bill of rights is commended by the primate as "orientation of Christian liberty as opposed to state totalitarianism."

Finally, the Primate declared: "The past civil war and crusade was an armed plebiscite, which put an end to religious persecution. None wants any unnecessary revision that would bring new civil war, with great damage to Spain and great dangers to the peace of the western nations of Europe."

10. 9. 45

A bomba atômica, em que a energia atômica faz uma estréia oportuna, impressiona a "gente simples" como coisa francamente terrível. Para quem espera com impaciência a volta de filhos e maridos, a vitória no Japão parece ter um gosto amargo. Esse superpeido soa mais alto do que todos os sinos da vitória.

(Por um momento Laughton teme ingenuamente que a ciência seja inteiramente desacreditada por isso, que o nascimento da ciência – em *Galileu* – perca toda simpatia. "The wrong kind of publicity, old man.")

20. 9. 45

Continuamos na maior parte do tempo trabalhando em *Galileu*, que o público de Laughton no hospital militar ouve com extraordinário interesse. A bomba atômica transformou de fato a relação entre sociedade e ciência num problema de vida e morte.

Nos intervalos faço com Lorre e Reyher uma cópia de *Macbeth* para o cinema. O grande motivo shakespeariano, a falibilidade do instinto (a falta de clareza na voz interior) não pode ser renovado. Dele tomo o desvalimento das fadas diante do código moral dominante, que limita o potencial criminoso da contribuição delas.

25. 9. 45

Ouvimos dizer que a *Ópera de três vinténs* foi encenada para casas cheias em Berlim, mas foi retirada de cartaz por iniciativa dos russos. A BBC (Londres) noticiou que a balada "Comida é a primeira coisa, a moral vem depois" foi o motivo do protesto. Pessoalmente, eu não teria permitido

a produção. Na ausência de qualquer movimento revolucionário, a "mensagem" da peça é puro anarquismo.

25. 9. 45

A vitória trabalhista na Grã-Bretanha me enche de sentimentos ambíguos. O protesto da massa contra o domínio *tory* provavelmente redundará numa confusa tolerância do regime por parte da máquina partidária social-democrata. O bloco "ocidental" torna-se pseudoprogressista.

2. 10. 45

Em pauta um *Prometeu*. Os deuses são ignorantes e malvados, engenhosos no exigir sacrifícios, sempre conseguem o melhor de tudo. Prometeu inventa o fogo e criminosamente entrega-o aos deuses. Eles o capturam e acorrentam para terem a certeza de que não poderá ceder sua invenção à humanidade. Durante muito tempo ele não tem notícia desse fogo, depois avista conflagrações no horizonte. Os deuses usaram o fogo para atormentar a humanidade. Os deuses aparecem apenas como coro.

5. 10. 45

Feuchtwanger está sendo pressionado pela AP, a maior agência de notícias dos Estados Unidos, a cobrir para ela os julgamentos de Nuremberg. Não como jornalista; a agência conta com dezenas de destacados repórteres no local. Apenas 4 mil palavras por semana. Ele recusa a proposta. "Não sou bom nesse tipo de coisa", explica. "Então faça o melhor que puder, você é o único a quem pediram isso", eu digo. "Superestimam esse julgamento", diz ele.

"Pela primeira vez na história recente um governo é julgado por seus crimes", pondero. "Não levam isso a sério", diz ele. "Por isso mesmo você deve ir", insisto, "para testemunhar que os crimes de um governo contra seu próprio povo são lembrados também." "Você é tão subjetivo", responde, "procure entender minhas razões." "Por mero acaso você se encontra na situação propícia para ser convidado a representar os antinazistas alemães, não tem o direito de prosseguir no seu romance", argumento; "fale mal, gagueje, deixe que o amordacem, mas pelo menos vá até lá." "Você sabe que não é covardia", ele diz. "Sei que há coisas piores", replico, "a saída fácil."

Heinrich Mann, que está com 75, quando lhe conto isto, diz que iria numa boa. Mas, é claro, ninguém o convida.

10. 10. 45

Levado por seu instinto teatral, Laughton trabalha também sem descanso nos elementos políticos de *Galileu*. Instigado por ele, arranjei espaço para a nova "linha Ludovico", e diga-se o mesmo da última cena com Galileu (entregando o livro primeiro, depois transmitindo a lição de que o livro não deve de modo algum alterar a condenação social do autor). Laughton está inteiramente disposto a atirar seu personagem aos lobos. Ele tem em mente uma espécie de Lúcifer, em quem o autodesprezo se transformou num tipo de orgulho vazio – orgulho da *magnitude* de seu crime etc. Insiste numa plena apresentação da degradação resultante do crime que desencadeou todas as facetas negativas de G[alileu]. Tudo que resta é o excelente cérebro, funcionando no vazio independentemente do controle do proprietário que está feliz por se deixar afundar.

Ele expõe esta concepção da maneira mais clara numa noite em que é chamado de *scab* ao romper um piquete formado diante do estúdio. Isto o feriu profundamente – nenhum aplauso para ele aqui.

15. 10. 45

Fiat mundus, pereat justitia! A única maneira pela qual os tribunais de De Gaule poderão se descartar de Laval é por meio de um assassinato judicial. Essa classe profundamente traiçoeira estrangula em público um dos seus, o tigre que carrega os pecados de sua classe. Laval, lembrando-se de ter ele mesmo definido as regras do jogo, violou todas elas. Não está "diante de seu criador", está diante de sua criatura. No fim grita "viva a caderneta do banco", isto é, "*vive la France*".

28. 10. 45

Einstein exige que a bomba atômica não seja passada para outros países, especialmente a Rússia. Emprega uma imagem: um homem que quer entrar numa sociedade comercial com outro homem não deve entregar metade de seu capital logo no início, pois o outro poderia se tornar seu concorrente. O "governo mundial" defendido por Einstein parece ter sido criado à imagem da Standard Oil, com administradores e administrados. – Cérebro brilhante em sua especialidade, abrigado num mau violinista e eterno colegial com uma queda para generalizar sobre política.

Os outros cientistas envolvidos na produção da bomba atômica começam a achar (seus comentários acerca do mundo exterior são vagos – não é preciso entender o mundo para destruí-lo) que a liberdade de pesquisa deve-

rá ser bastante restringida se a nova fonte de energia for tratada como monopólio dos militares. O primeiro passo de seu país para dominar o mundo é colocar um policial ao lado deles.

29. 10. 45

"The expected military advantages of uranium bombs were far more spectacular than those of a uranium power plant... such thoughts were very much in the minds of those working in this field... [As esperadas vantagens militares das bombas de urânio eram muito mais espetaculares do que as de uma central elétrica de urânio... tais pensamentos ocupavam a mente dos que trabalhavam nesse campo...]" (Relatório oficial de H. D. Smith.)

20. 11. 45

Ezra Pound foi preso na Itália e está sendo trazido para cá como traidor. Um quê de dignidade feudal adere a pessoas como George, Kipling, D'Annunzio, Pound. Vultos históricos no fim de contas, não encontráveis exatamente no mercado – mais nos templos, bem juntinho do mercado.

1. 12. 45

Galileu (versão americana) concluído (com exceção da balada). Laughton lê a peça para Helli, Eisler, Reichenbach, H[ans] Viertel, Salka Viertel, Steff, seu amigo, o jovem físico Wirtele, Feuchtwanger, Brush.

PRÓLOGO
Respeitável público da Rua Larga:
Nós o convidamos a subir a bordo
De um mundo de curvas e medidas
Onde conhecerá no berço a física.
Verá a vida do grande Galileu Galilei,
A lei da gravidade *versus* a *gratias Dei*,
A luta da ciência com a autoridade
No limiar de um Novo Tempo.
Verá a jovem ciência em flor
E verá seu pecado original.
Como precisa comer, ela se prosterna,
Segue o mau caminho, é violada.
Antes mestra da Natureza, agora é só
Outra puta barata, venal.
A verdade não é ainda mercadoria
Mas já tem a singularidade
De não ser acessível a muitos
E lhes tornar a vida penosa, não leve.
Um tal saber é atual,
O Novo Tempo passa bem depressa.
Do público esperamos atenção
Não para nós, para nosso tema, antes que
Por não ter sido aprendida a lição
Entre em cena a bomba atômica em pessoa.

2. 12. 45

Telefono para R[uth] à noite e ouço notícias lamentáveis.

10. 12. 45

A colaboração com Laughton era a colaboração clássica de nossa profissão: dramaturgo e ator. Em certos pontos ele via a peça desmoronar e nessas ocasiões se erguia como uma irremovível montanha de carne até que a alteração exigida era identificada e feita. Essa sensibilidade obstinada se mostrou mais frutífera do que suas sugestões factuais (que ele apresentava sempre com a maior circunspecção), por exemplo a substituição, no primeiro ato, de Doppone, o aluno, por Ludovico, ou a sombra da feiticeira na última cena. Ele insistiu na reformulação da primeira cena, na interrupção da terceira, na vacilação de G[alileu] na cena com o pequeno monge, na controvérsia G[alileu]-Ludovico na cena das manchas solares, na aparição positiva de Matti na cena do pátio, na completa reformulação da cena final de G[alileu]. Muitas vezes as alterações realizadas por motivos estéticos produziam um aguçamento da aresta política, e L[aughton] ficava sempre muito satisfeito com isto. O medo de L[aughton] de ofender a platéia (principalmente em questões religiosas) estava quase sempre em conflito com seu desejo de corrigir as falsas pressuposições do público – normalmente prevalecia este último desejo. L[aughton] tinha tido o primeiro contato com a peça em traduções bastante inadequadas, que pusemos de lado. Agora eu mesmo a traduzia para o inglês, frase após frase (L[aughton] não sabe uma palavra de alemão), e ele a anotava *verbatim*. Depois apresentava sugestões e encenava tudo até obter o resultado correto. Melhor dizendo, até se ver o *gestus*.

L[aughton] lê a peça para Orson Welles, que no mesmo instante aceita dirigi-la. Sua atitude é agradável, suas observações inteligentes. Pelo menos não terá medo da platéia. Entende quando eu lhe digo que quase tudo que

"não se pode fazer em Nova York também não se pode fazer em Berlim" (mas se deve).

15. 12. 45

É difícil e perigoso aprender com decepções. Exercemos influência sobre nossos semelhantes fazendo-os lembrar de certos princípios e predicados; a idéia que temos deles e que os estimula a esforços maiores é algo para o qual eles e nós contribuímos. (Muitos se tornam mentirosos inveterados porque pensam que a gente não acha possível que mintam e muitos se tornam honestos pela mesma razão.) Podia-se dizer que a incorruptibilidade torna as pessoas incorruptíveis, se a gente entende que a incorruptibilidade aumenta com o número de subornos que são recusados. O mau comportamento piora as pessoas, o bom melhora. Nossa punição para aqueles que nos decepcionam é a diminuição do que esperamos deles. A ira se traduz em indiferença. As relações são restauradas num nível mais baixo. O processo de desintegração continua, é claro. Um general rebaixado é geralmente pior como cabo do que era com todas as suas faltas como general. Aqueles cujas expectativas são frustradas são também prejudicados muito além do prejuízo imediato que sofreram. O fato mesmo de estarem propensos a apresentar contas é um mau sinal; e no futuro serão mais parcimoniosos com o crédito e assim diminuirão suas probabilidades de melhorar as pessoas.

17. 12. 45

Laughton apanhado nas maquinações de seu agente é um espetáculo instrutivo. Infatigável, leu a peça para soldados,

milionários, agentes, amigos das artes. Parece que não houve uma só resposta negativa ou mesmo fria. Aí surge a questão de produção, e o agente diz: não antes do outono, frisando o perigo da interrupção de verão. (Ele próprio quer participar do financiamento, o que leva tempo.) Welles concorda comigo que a primavera seria melhor politicamente (interesse pela luta entre os cientistas e o Estado, bomba atômica etc.); já que então não podia ser o produtor (não tem como levantar o dinheiro com tanta rapidez), põe a questão deste modo: não poderia assumir a responsabilidade perante os financiadores se a montagem fosse na primavera. Czinner tem o teatro e o dinheiro e está disposto a assumir o risco na primavera. L[aughton] "hates the sight of that man [não pode nem olhar praquele sujeito]" mas está pronto para, "if necessary, to swallow

Brecht e Charles Laughton no jardim do ator em Pacific Palisades.

him [se necessário, engoli-lo]". Uma interrupção no verão significaria não ganhar nada durante esses meses, pelo menos no cinema. Ele gostaria de me ter a seu lado, mas eu talvez não esteja aqui no outono, mas o agente diz ...

5. 1. 46

Os fascistas britânicos que publicamente apoiaram Hitler (Lord Haw-Haw e o filho [John] do ministro das Colônias Amery) vão para a forca com grande dignidade. Estão convencidos de que a burguesia britânica traiu a "civilização ocidental". E o fato é que tudo que Churchill tem para mostrar é um adiamento de três anos na invasão... A folha de serviços da burguesia francesa é igualmente deplorável; provou que ela se ajustava mais ao tacão da elite prussiana do que a plebe francesa, e da maneira mais sórdida possível... Tudo considerado, a burguesia européia deve rapidamente cancelar sua nova criação, a saber, o fascismo, e conseqüentemente abandonar toda esperança de sobreviver outros 30 mil anos. Nuremberg: a contra-revolução devora os próprios filhos. Os russos fazem o que a burguesia deixou de fazer, introduzem a reforma agrária. E o grande acontecimento: não foram destruídos. Estão mais indestrutíveis do que nunca. Por isso a ressaca é monumental.

20. 2. 47

Num semanário de Berlim, *Sonntag*, de 5. 1. 47, Becher escreve um artigo de fundo intitulado "Morte e ressurreição", que começa assim "Quando Lutero em 31 de outubro de 1517" e continua: "é inconcebível que aqueles dentre nós que são chamados pelo destino para velar por

esta nova, por esta recém-nascida Alemanha, aqueles dentre nós em quem vive a vontade do povo de renascer – é inconcebível que nós e outros como nós falhemos nessa tarefa." E "o fim da primeira metade do século 20 deve dar por encerrada para sempre a tragédia da Alemanha". E "pensemos nas gerações futuras, no começo do ano 2000, nas gerações que, na virada do século, pesarão na balança todos as nossas metas e todas as nossas realizações". E "os trinta anos de sofrimento e morte, a flor da juventude alemã abatida na Grande Guerra, milhões de vidas sacrificadas na Segunda Guerra Mundial, tudo isso terá sido em vão se nós, respondendo às necessidades do povo e do Reich, não dermos um sentido ao sofrimento inenarrável e ao nefando morticínio. Então os sinos repicarão por uma Alemanha ressurrecta. E poderemos cantar: Deus seja louvado..."

O caçador de ratos de Hamelin devia ao menos ter aprendido a assoviar.

Margaret Bourke-White-LIF

RUHR MINER AT WORK

Weak and unwilling

eaders Again Disturbed y Surplus Farm Crops

ne of the most important nomic problems facing the ted States today is the disal of surplus farm products, ert S. Goss, master of the ional Grange, told members the Wilshire Chamber of nmerce yesterday at their cheon meeting in the Chapn Park Hotel.

Since 1939 food production this country has increased 35 cent while consumption has reased only 15 per cent," Goss l. "This leaves a surplus to disposed of without upsetting economy of the farmer and the nation as a whole."

Three Plans Proposed

Four major plans to solve the blems are under way, he said. ree of them are being proed by agencies in Washing-, and he doesn't think much them. They have to do with at he calls artificial methods establishing production, prices l distribution.

The law of supply and dend still rules," Goss declared. it is not followed, it will ak us just as the farmers nt broke in 1920."

The fourth plan, backed by Grange, is an international anization of agriculturists ich held its first meeting last y to establish regulations for at foods shall be raised oughout the world. Under its ulations a world-wide agency uld establish minimum and ximum prices and buy or sell the open market to keep them thin prescribed ceilings.

Could Be Sent Out

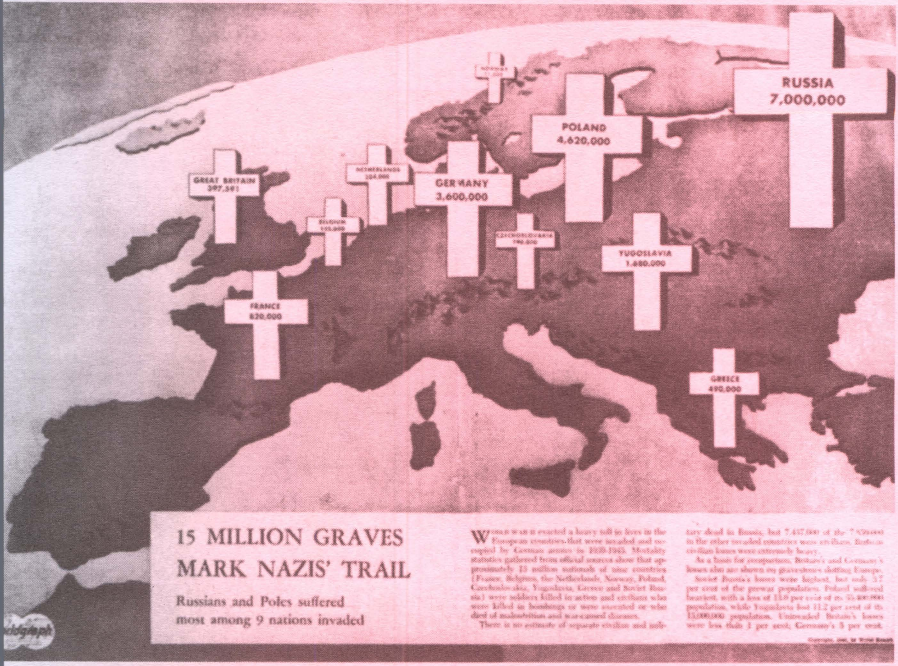
Surplus products purchased bolster prices would be nned or otherwise saved, or tributed to hungry populans in various countries which uld have to set up credits in form of other types of exange goods which they could nish at the tin or later.

Thus, he said, no surpluses would be destroyed, as has been the case in this country in the past.

"Never forget," Goss told his audience, "the farmers of the world comprise 80 per cent of the purchasing power. We must keep up that purchasing power if business is to flourish."

Goss, whose headquarters are in Washington, is in Los Angeles on a brief business trip and will return to the capital today.

WAITING FOR THE RED CROSS (IN RUMANIA)
Food for the poor, stability for the bewildered.



20. 3. 47

Escrevo "O comboio anacrônico". Uma espécie de paráfrase de "The Masque of Anarchy" de Shelley.

24. 3. 47

Leio "Erros de certas revistas literárias soviéticas" de Zhdanov. Este é o tipo de coisa que é sempre usado por intelectuais como bálsamo para a consciência quando fizeram opção por seus empregos. Sob a ditadura do proletariado a literatura deixa de funcionar como válvula de segurança; não é mais guerrilheira como é sob a expansão

anárquica das forças produtivas comandada pela burguesia. A dissolução compulsória do monopólio na educação cria uma espécie de vácuo; durante algum tempo a literatura (na medida em que continua a ser praticada como profissão) tem de enfrentar a fome de educação das massas incultas. Seus métodos mais progressistas, marcados pela contradição entre forças produtivas e modo de produção na era burguesa, são por um lado corrompidos tanto pela censura policial como pela censura do gosto exercida pelo "livre" mercado, mas por outro lado representam o resultado ímpar de desenvolvimentos passados e não podem simplesmente ser abandonados. A União Soviética, ao transformar instantaneamente a revolução burguesa numa revolução proletária, obrigou os escritores progressistas existentes a dar um salto cujo efeito em muitos casos foi o de quebrar-lhes o pescoço, ou ao menos uma perna. Numa Rússia à la Kerenski, Ehrenburg teria se tornado um nome importante na literatura mundial. Para um grande número de escritores a condição que Maiakovski vivenciou como liberdade era um estado de severa repressão. Fizeram com que Maiakovski pagasse por isto.

24. 3. 47

Terminando o roteiro de *O capote* (de Gógol) para Lorre. Nenhuma perspectiva para ele em Hollywood, penso na Suíça. Mandei *Os dois filhos* para Dudow em Berlim. – Muito impressionado com dois filmes que vi nestas últimas semanas: *Tempestade sobre a Ásia* e *Monsieur Verdoux* de Chaplin: este último devia chamar-se *The Provider.*

26. 3. 47

Embriaguez de guerra. Nos imensos exércitos populares das grandes guerras da burguesia é muitas vezes o pseudo-comunismo que a gente encontra entre os jovens da pequena burguesia. – A tarefa grandiosa em escala nacional, a gigantesca segurança econômica coletiva, a denúncia pública do lucro, o trabalho físico, o contato com a maquinaria, a higiene etc. – No caso da Alemanha, seria recompensador fazer um esforço sério em alguma etapa no sentido de detectar os elementos socialistas que o nacional-"socialismo" pôs em prática numa forma pervertida. De nenhuma outra maneira é possível explicar seu sucesso junto às massas.

27. 3. 47

Vi o filme de Malraux sobre a Espanha, *Man's Hope* (*Esperança*), que contém excelentes elementos dialéticos, é maravilhoso esteticamente e pode ser considerado uma boa contribuição para o tema do "progresso da técnica de Hollywood". O camponês que voando no bombardeiro não reconhece seus próprios campos lá embaixo é magnífico. Vi *Storm Over Mexico* (*Que viva México*) de Eisenstein, montado aqui sem a participação do diretor, a partir de uma quantidade enorme de material. Que olho tem esse homem!

29. 3. 47

Recebo um *exit and re-entry permit* para ir à Suíça.

30. 3. 47

A diferença entre realismo e naturalismo ainda não foi esclarecida.

Naturalismo	*Realismo*
A sociedade vista como um pedaço da natureza	A sociedade encarada historicamente
Segmentos da sociedade (família, escola, unidade militar etc.) são "pequenos mundos independentes"	Os "pequenos mundos" são setores da linha de frente nas grandes lutas
O meio	O sistema
Reação dos indivíduos	Causalidade social
Atmosfera	Tensões sociais
Compaixão	Crítica
Os acontecimentos devem "falar por si mesmos"	Recebem ajuda para se tornarem compreensíveis
O detalhe como um "traço"	Posto em contraste com o todo
O progresso social é recomendado	Ensinado
Cópias	Estilizações
O espectador como companheiro	O companheiro como espectador
O público é tratado como um todo	O todo é explodido
Discrição	Indiscrição
O homem e o mundo do ponto de vista do indivíduo	Do ponto de vista dos muitos

O naturalismo é um sucedâneo do realismo.

3. 4. 47

Visitamos um escritor que repetiu a conhecida tese que diz que o trabalhador americano rejeita o marxismo porque foi subornado pela prosperidade (criada pelo "imperialismo cultural da burguesia"), razão por que devemos nos voltar para outras camadas. "Graças aos nossos filmes, jornais, dramas radiofônicos, fizemos dele o que ele é." O que me interessa nesta declaração é o "nós"; primeiro ele disse que se tratava do nós editorial, depois disse que queria deixar registrada sua própria cumplicidade. Minha impressão foi de que esta era outra das bem conhecidas aparências da "nação". "Você sabe que nossos operários especulam na bolsa de valores e jogam nas corridas de cavalos, e você sabe quanto se gasta com bebidas alcoólicas neste país? Eu conheci um fabricante de botões de Nova York que comprou todos os botões que conseguiu em 1917 e depois se suicidou em 1929 porque tinha perdido um milhão na bolsa!" No momento trata de combater o anti-semitismo dos gentios com o filossemitismo dos judeus. Eles devem estudar e acentuar sua peculiaridade cultural. "O proletariado alemão era o mais bem organizado da Europa e foi doutrinado pelo marxismo; no entanto tornou-se vítima do anti-semitismo e seguidor de Hitler." Quando nós alemães falávamos do papel da desunião, exceto no contexto do parlamentarismo, ou do derrotismo na questão do desemprego, estávamos "romantizando" o operário alemão.

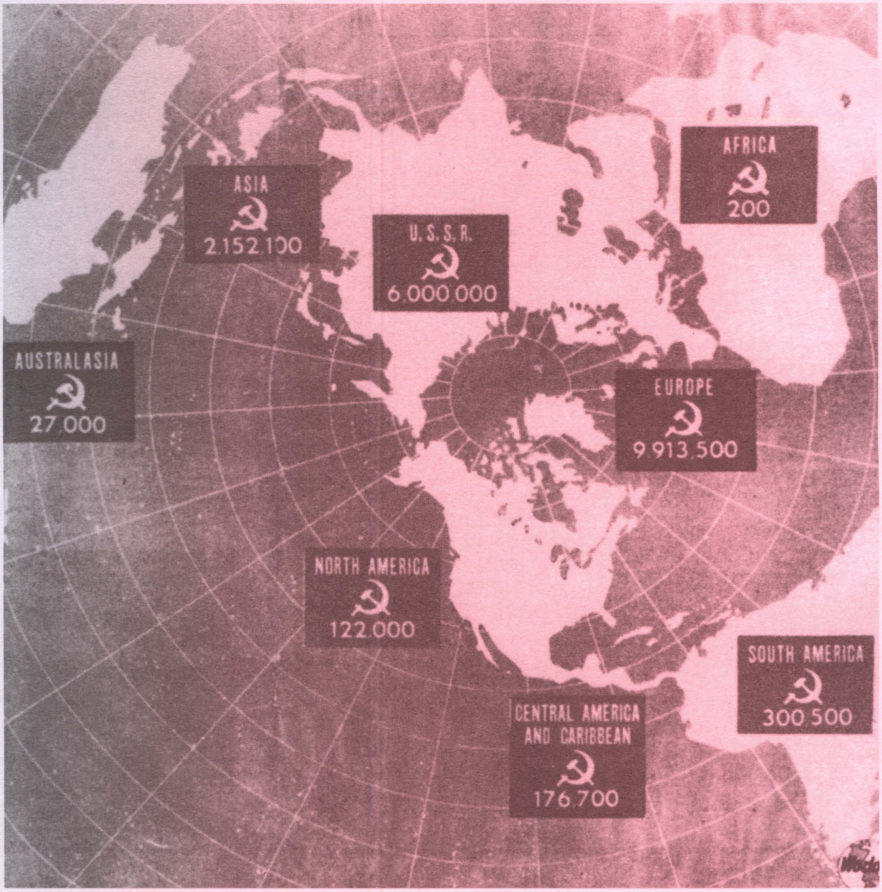
WORLD STRENGTH OF COMMUNISTS

All the Communist Party members in the world could not elect a U. S. President. Figures released in London, at a congress of the British Communist Party, showed that Communist and other parties that "base themselves on Marxism" have 18,692,000 members scattered through 57 countries. That total is 6,000,000 less than the vote cast for the winning candidate in the 1944 U. S. presidential election.

The Worldgraph reproduces these figures on Communist Party strength. An added column shows the percentage of the total population of each country that its Communist Party membership represents.

The figures bring into sharp relief a cardinal difference between Communist and democratic political organization. Russian Communists rigidly limit the size of their party, set an annual quota for the admission of new members. Thus, the one and all-powerful political party includes only 3 per cent of the country's population.

Under similar organization, Czechoslovakia's 7 per cent of Communists is far in excess of the proportion needed to rule the country. A dozen other countries, including France and Italy, equal or exceed the Russian ratio of party strength. In general, this strength is highest in states neighboring Russia, falls off to one tenth of 1 per cent in Britain, one twentieth of 1 per cent in the U. S.

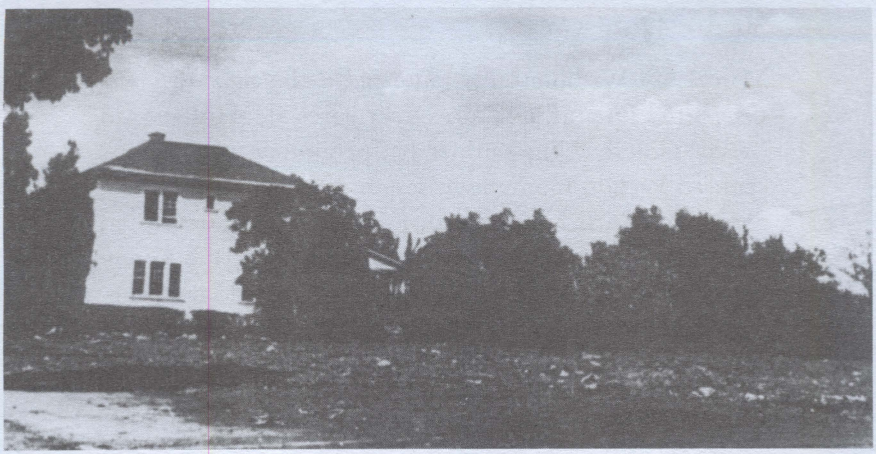

ASIA
2.152.100
U.S.S.R.
6.000.000
AFRICA
200
AUSTRALASIA
27.000
EUROPE
9.913.500
NORTH AMERICA
122.000
SOUTH AMERICA
300.500
CENTRAL AMERICA AND CARIBBEAN
176.700

15. 9. 47

Lendo o *Livro alemão de Stanislavski* (Ottofritz Gaillard, Valentin). Agora estão pondo isto em prática numa escola de arte dramática em Weimar. Pode-se imaginar, é claro, que isso tem um valor relativo. Também aqui nos Estados Unidos o stanislavskismo representa um protesto contra o teatro comercial: um punhado de atores respeitáveis constrói um templo, mas, como não podia deixar de acontecer, no mercado. O que é notável é como os alemães conseguiram conservar intacto, em toda a sua inteireza, o sistema da burguesia progressista russa da era czarista. Entre os exercícios (situações dramatizadas) ainda tenho que descobrir um único exemplo extraído da luta de classes. (Noiva se arrumando em sua penteadeira recebe uma carta...) O realismo é peculiar. A "realidade" se transforma num culto rebuscado. Em geral tem a ver com emoções subjetivas que são filtradas das influências do mundo exterior enquanto são elaboradas em exercícios de tipo jesuítico voltados para a auto-sugestão. Em parte alguma se recomenda a observação, a não ser a auto-observação. O mundo exterior reflete-se exclusivamente em percepções sensórias. Instintos e reações psíquicas compulsivas nunca são questionados. Tudo tem a ver com atos de criação, o ator cria a partir de si mesmo. Tudo nos faz lembrar muito Ernst Mach. Nenhuma dialética. (Uma definição de "dialética": a conceituação da dialética [a arte de alcançar a verdade via afirmação e contestação], que foi elevada a sistema pelo filósofo Hegel, pode ser encontrada no tópico "tese".

Brecht e o filho Stefan em Nova York.

Brecht depondo perante a Comissão de Atividades Antiamericanas do Senado. Dois dias depois voltou para a Europa.



Santa Monica, Rua 26, 1063 (1942-7). Foto: Ruth Berlau.

Outubro de 1947. Fazendo as malás. Foto: Ruth Berlau.

30. 10. 47

Manhã em Washington perante o *Un-American Activities Committee.*Depois que dois escritores de Hollywood (Lester Cole e Ring Lardner Jr), perguntados se pertenciam ao Partido Comunista, responderam dizendo que a pergunta era inconstitucional, fui chamado ao banco das testemunhas, seguido pelos advogados dos 19, Bob Kenny e Bartley C. Crum, aos quais não tive permissão de recorrer. Cerca de 80 jornalistas, duas estações de rádio, um cinejornal, fotógrafos, nas galerias gente de teatro da Broadway que se comporta como observadores amistosos. Como ficara acertado com os outros 18 e seus advogados, eu, na condição de estrangeiro, respondo à pergunta com um "não", o que no caso é a pura verdade. O promotor Stripling lê trechos de *A medida* e me convida a fazer um resumo do enredo. Eu o remeto ao modelo japonês, defino o conteúdo como dedicação a uma idéia, e rejeito a interpretação de que o tema é assassinato disciplinar, salientando que se trata de auto-extinção. Admito que a base do meu teatro é marxista e afirmo que as peças, sobretudo as de conteúdo histórico, não podem ser escritas inteligivelmente em nenhuma outra moldura. A audiência é excessivamente cortês e termina sem indiciamento. Me beneficio do fato de quase não ter nada a ver com Hollywood, de nunca ter participado da política americana e do fato de que meus antecessores se recusaram a testemunhar. – Os 18 estão muito satisfeitos com minhas declarações e também os advogados. Saio de Washington imediatamente, junto com Losey e Hambleton, que tinham vindo comigo. À noite ouço partes do meu depoimento no rádio ao lado de Helli e dos Budzislavski.

31. 10. 47

De manhã encontro Laughton, que já está andando por aí com a barba de Galileu; está satisfeito porque não haverá necessidade de coragem especial para montar a peça, já que, como ele diz, não há manchetes a meu respeito. – De tarde tomo o avião para Paris.

1. 11. 47

Vôo rotineiro. No Le Bourget encontro Ella Winter e Donald Ogden Stewart no aeroporto. Nos hospedamos em hotéis contíguos. Decido aguardar Anna Seghers que é esperada na segunda-feira.

Paris suja, empobrecida, é um imenso mercado negro. Convidado para um verdadeiro banquete com os Stewart. Encontro Joe Forster, o simpático redator-chefe de *New Masses*, que quer falar com Picasso.

3. 11. 47

Segunda-feira. À noite no teatro de Barrault *O processo* de Kafka na versão de André Gide. Produção vistosa, cheia de truques, em vez de uma representação da confusão apenas uma representação confusa; tentativa de infundir medo na platéia. De Gaulle *ante portas.*

4. 11. 47

Anna Seghers, cabelos brancos, mas bem conservado o belo rosto. Berlim é um sabá de bruxas em que elas ainda não têm sequer cabos de vassoura. Anna está em visita aos filhos que estudam em Paris e ela mesma também precisa

se recuperar. Para preservar seu passaporte mexicano não mora no setor russo, por isso não goza dos privilégios sem os quais é impossível trabalhar. Quer que seus livros sejam lidos fora das zonas russas também. Parece perturbada pelas intrigas, suspeitas e ações de espionagem.

Eu a incentivo a escrever as 100 novelas que me prometeu há 12 anos.

5. 11. 47

Quarta-feira. Parto para Zurique de manhã. Encontro Cas[par Neher] à noite.

Notas

Werner Hecht, Reinaldo Guarany e José Laurenio de Melo

21. 7. 41 – Martha Feuchtwanger, mulher de Lion Feuchtwanger (1884-1958), romancista alemão e ex-editor com Brecht e Will Bredel da revista *Das Wort,* a mais importante publicação antifascista dos escritores alemães no exílio (ver B. Brecht, *Diário de trabalho,* vol. 1, janeiro 39 e pp. 199 e 200). O casal residia agora em Pacific Palisades, Los Angeles, e lá permaneceria até a morte de Lion em 1958. Lion havia posto o dinheiro ganho com o trabalho na revista à disposição de Brecht para as despesas de viagem. Ver também B. Brecht, *Diário de Trabalho,* vol. 1, *passim.* / Alexander Granach (1890-1945): ator polonês de grande projeção no teatro dos primeiros anos da década de 1930, emigrou para a União Soviética após a ascensão do nazismo e foi diretor do Teatro Nacional Judeu em Kiev. Preso nos expurgos de 1937 (ver B. Brecht, *Diário de trabalho,* vol. 1, janeiro 39 e pp. 199 e 200) e libertado graças à interferência de Feuchtwanger, viajou para os Estados Unidos em 1938. Em Hollywood trabalhou como coadjuvante em numerosos filmes. / Elisabeth Hauptmann tinha sido importante colaboradora de Brecht na Alemanha antes que ele se exilasse. Um ano depois da chegada de Hitler ao poder e após ter tido a casa vasculhada pelos nazistas várias vezes e passar algum tempo numa prisão, ela decidiu juntar-se à irmã nos Estados Unidos. Foi sucedida na colaboração com Brecht por Margaret Steffin (ver B. Brecht, *Diário de trabalho,* vol. 1, 25. 7. 38, p. 196 e *passim*).

1. 8. 41 – Erna Budzislavski, secretária do diretor de cinema William Dieterle, alugou para os Brecht uma casa em Argyle Avenue 1954, Hollywood. Antes de terminar o mês eles se mudaram para a Rua 25, em Santa Monica, onde o aluguel custava US$48,50 por mês. / Grete: Margaret Steffin, ver B. Brecht, *Diário de trabalho,* vol. 1, 13. 7. 41.

9. 8. 41 – William Dieterle (1893-1972), nascido na Alemanha e ator em Berlim desde adolescente, atuou na companhia de Max

Reinhardt. Em 1932 chegou a Holllywood, onde se destacou como diretor e produtor, notabilizando-se pelos filmes biográficos que fez na década de 1930 sobre Pasteur, Zola, Juarez e Paul Ehrlich. Teve atuação destacada junto às autoridades americanas no sentido de assegurar a entrada no país de fugitivos alemães do nazismo.

agosto 41 – A morte de Walter Benjamin ocorrera quase um ano antes, na noite de 26 de setembro de 1940. Ele estava a caminho dos Estados Unidos, após passar três meses internado na França no início da guerra. Ver também B. Brecht, *Diário de trabalho*, vol. 1, 25. 7. 38, p. 196 e *passim*. / O Instituto de Pesquisas Sociais de Frankfurt, dirigido por Max Horkheimer (1895-1973), transferiu-se para os Estados Unidos em 1934 e encontrou guarida na Universidade de Colúmbia. Em 1941 foi levado para a Califórnia. / Günther Stern: ver *infra*, 18. 1. 42. / Rolf Nürnberg: crítico de teatro em Berlim, também emigrado. / Friedrich Pollock (1894-1973), economista, ligado ao Instituto de Pesquisas Sociais. / Tuis: ver B. Brecht, *Diário de trabalho*, vol. 1, 16. 8. 38 e p. 197. / A posição de Brecht levou Horkheimer a esclarecer que não era milionário nem professor e que a confortável situação financeira do Instituto se devia à colaboração recebida da fundação instituída e mantida pela família euro-argentina de Felix Weil (que também ajudara a financiar a editora Malik de Hertzfelde e o teatro de Piscator em Berlim), cujos recursos eram administrados desde 1930 por um banco holandês, a salvo portanto do confisco dos nazistas.

4. 10. 41 – Ferdinand Reyer: roteirista de Hollywood que Brecht conheceu em Copenhague em 1938 e que o estimulou a escrever histórias para o cinema.

8. 10. 41 – Horácio (65-8. a.C.): poeta latino, autor de sátiras, odes, epístolas e de uma *Ars poetica* de larga influência na poesia européia clássica. / Augusto (63 a.C-14 d.C.): título honorífico dado a Júlio César Otaviano, primeiro imperador de Roma. / Adolf Hitler (1889-1945): político alemão nascido na Áustria. De origem modesta, não concluiu os estudos colegiais nem conseguiu realizar o sonho de ser admitido na escola de belas-artes de Viena. Ao irromper a Primeira Guerra Mundial (1914), era desenhista de cartões-postais. Decidiu então alistar-se como voluntário num regimento de reserva da infantaria da Baviera. Ao terminar o conflito (1918) tinha alcançado o posto de cabo e recebido a condecoração da Cruz

de Ferro. Em 1919 aderiu ao Partido Alemão dos Trabalhadores. Guindado no ano seguinte ao posto de chefe da seção de propaganda do partido, mudou-lhe o nome para Partido Nacional-Socialista Alemão dos Trabalhadores. (Do adjetivo Nationalsozialistische proveio a abreviatura *nazi* ou *nazista*, que tornou conhecida a nova agremiação). Em 1923, já dirigente máximo do partido, tentou em Munique um malogrado golpe de Estado. Na prisão escreveu o livro *Minha luta*, em que expôs a doutrina do nazismo, ou seja, um ultranacionalismo racista e ferozmente anti-semita, baseado na idéia de superioridade da raça "ariana". Valendo-se de uma propaganda demagógica que fazia prosélitos no seio das massas de desempregados e junto a uma classe média empobrecida e temerosa do comunismo, alcançou com seu partido mais de seis milhões de votos nas eleições de 1930. E três anos depois foi chamado pelo presidente Hindenburg a constituir o novo governo. Com a morte de Hindenburg em 1934, Hitler, que já era chanceler, assume também a presidência e se torna comandante supremo das forças armadas. À frente de um regime ditatorial, tratou de eliminar adversários, suprimir a oposição e intimidar de forma violenta todo e qualquer indício de resistência interna. Estavam criadas as condições para a partir de 1938 dar os primeiros passos no sentido de conquistar na Europa do Leste o chamado "espaço vital" de que, segundo ele, carecia a Alemanha. Anexando e invadindo territórios estrangeiros, consegue deflagrar em setembro de 1939 a Segunda Guerra Mundial. Derrotado ao fim de quase seis anos de um conflito em que morreram mais de 50 milhões de pessoas nas zonas de combate e nos campos de extermínio criados e mantidos pelos nazistas, Hitler suicida-se num *bunker* da chancelaria em Berlim, a 30 de abril de 1945. / César (Caius Julius Caesar, 101-44 a.C.): estadista, militar e historiador romano. Embora de origem patrícia, tomou posição a favor da plebe contra a aristocracia. Numa carreira meteórica alcançou um grande triunfo ao conquistar toda a Gália para Roma. As reformas a que submeteu o Estado desagradaram os aristocratas, que o assassinaram numa sessão do senado. São lidos ainda hoje os comentários que escreveu à guerra gaulesa (*De bello gallia*) e à guerra civil (*De bello civili*). / Maquiavel (Niccolo Machiavelli, 1469-1527): escritor e político italiano. Como secretário da chancelaria de Florença, fez várias viagens pela Europa em missão diplomática. Com a volta dos Médici ao governo de Flo-

rença, perdeu o posto. No ostracismo escreveu *O príncipe*, que se tornou uma espécie de guia para o exercício do poder. Mas o teatro também lhe deve uma obra-prima da comédia: *A mandrágora*. / Theodor Mommsen (1817-1903): historiador alemão cujas pesquisas epigráficas e filológicas lhe permitiram renovar o estudo da antiguidade romana. Sua obra capital é justamente a *História de Roma* em 3 volumes publicados de 1854 a 1856.

20.10. 41– Herman J. Mankiewicz (1897-1953): roteirista americano, em Hollywood desde 1926. Colaborou com Orson Welles no roteiro de *Cidadão Kane*. / Ben Hecht (1894-1964): escritor e crítico de teatro americano. Começou a escrever roteiros para os estúdios de Hollywood ainda no período do cinema mudo. / Crise de 29: a crise econômica mundial de 1929-1933, também conhecida como "a grande depressão", que afetou todos os países capitalistas e se fez sentir também nas colônias e nos países em desenvolvimento. / New Deal: ver B. Brecht, *Diário de trabalho*, vol. 1, 5. 3. 39 e p. 201. / Mitridates VI Eupátor (c. 115 a.C.) , rei do Ponto, na Ásia Menor. Inimigo declarado de Roma, contra a qual vivia em permanente estado de guerra, teve de enfrentar a revolta do próprio filho ao projetar uma grande invasão da Itália. Frustrado e derrotado, preferiu a morte à escravidão, mas como se prevenira tomando uma grande quantidade de substâncias medicamentosas contra venenos, não conseguiu se matar apesar de ingeri-los e teve de ser morto por um escravo que, cumprindo ordens suas, o apunhalou.

21. 10. 41 – Jano: deus romano, representado como bifronte (com duas faces), i.e., olhando ao mesmo tempo para a frente e para trás, ou, segundo alguns autores, conhecendo o passado e prevendo o futuro. / Fritz Lang (1890-1976): cineasta nascido em Viena e consagrado no cinema alemão como realizador de *Dr Mabuse, o jogador* (1922), *Metropolis* (1926), *M, o vampiro de Düsseldorf* (1931). Após a vitória dos nazistas na Alemanha, foge para a França, passa algum tempo em Paris e em 1934 chega finalmente a Hollywood. De sua fase americana a crítica destaca *Fúria* (1936), *O diabo feito mulher* (1951) e filmes policiais como *Um retrato de mulher* (1944) e *Os corruptos* (1953).

25. 10. 41 – Os Döblin: o escritor alemão Alfred Döblin e família. Descendente de modestos comerciantes judeus, A. Döblin (1878-1957) foi no início de sua carreira literária um dos expoentes do

expressionismo, sendo mesmo co-fundador da revista *Der Sturm* (1910). Alcança renome internacional em 1929 ao publicar o romance *Berlim Alexanderplatz* (trad. de Lya Luft, Rio de Janeiro, Editora Rocco, 1995), marcado por inovações na técnica narrativa. No exílio Döblin abandonou o ideário socialista e se converteu ao catolicismo. Escreveu ainda duas monumentais trilogias romanescas, a primeira a respeito da colonização dos índios sul-americanos e a segunda tendo por tema a posição do escritor em face da história. / Heinrich Mann: ver B. Brecht, *Diário de trabalho*, vol. 1, 18. 8. 38 e p. 198.

26. 10. 41 – Hans Reichenbach (1891-1953), filósofo e lógico alemão de origem judia. De 1930 a 1938 foi editor da importante revista *Erkenntnis* (Conhecimento), veículo comum aos dois famosos Círculos de Viena e Berlim, referências nas áreas de filosofia e ciências. Em 1958 publicou *A filosofia do espaço e do tempo*. / Albert Einstein (1879-1955), físico alemão de origem judia. Naturalizou-se americano em 1940. Autor da *teoria da relatividade*, marco da ciência moderna, distinguiu-se também na defesa de uma paz duradoura após a Segunda Guerra Mundial. / August Strindberg: ver B. Brecht, *Diário de trabalho*, vol. 1, 17. 10. 40 e p. 210.

27. 10. 41 – Korsch: ver B. Brecht, *Diário de trabalho*, vol. l, fevereiro 39 e p. 200. / Salka Viertel: mulher do diretor austríaco de teatro e cinema Berthold Viertel, que chegou a Hollywood em 1931. O casal e seus filhos Hans e Peter eram bons amigos dos Brecht. Ela era irmã do pianista Edward Steuermann, integrante do círculo de Schönberg. / Garbo: Greta Garbo, atriz sueca que entre 1926 e 1941 ocupa uma posição ímpar no estrelato de Hollywood. / Mme Curie: uma das mais eminentes cientistas de todos os tempos. Nascida na Polônia em 1867 com o nome de Marya Sklodowska, foi estudar na Sorbonne de Paris em 1891. Ali obteve em 1893 o grau de doutor em ciências físicas e em 1894 em ciências matemáticas. Um ano depois casou-se com o célebre físico Pierre Curie. Unindo esforços e experiências, o casal passou a estudar as substâncias capazes de emitir radiações. A pesquisa culminou em 1898 com a descoberta de um elemento mais ativo do que todos os já estudados, a que deram o nome de rádio. Em 1903 Pierre e Marie Curie receberam com outro físico francês, Henri Becquerel, o Prêmio Nobel de física pelas descobertas no campo da radioatividade. Após a morte de Pierre em 1906, vítima de atropelamento,

Mme Curie dedicou todas as suas energias ao objetivo de isolar o rádio, conseguindo em 1910 obter o rádio no estado metálico. No ano seguinte foi novamente agraciada com um Nobel, desta vez de química. Com a filha mais velha, Irène, Mme Curie organizou o Institut du Radium, que se tornou um grande centro de pesquisas de física nuclear e de química. Trabalhadora infatigável, faleceu na Suíça em 1934. / Ludwig Hardt (1886-1947) era um famoso declamador que morava então em Pacific Palisades. / Rainer Maria Rilke (1875-1926): natural de Praga, é considerado um dos maiores poetas de língua alemã do século 20. Deixou uma obra extensa em que se destacam *Os cadernos de Malte Laurids Brigge* (romance, 1910), os *Sonetos a Orfeu* (1923), as *Elegias de Duíno* (1923) e as *Cartas a um jovem poeta* (1929). / Goethe: ver B. Brecht, *Diário de trabalho*, vol. 1, 18. 8. 38, p. 198 e *passim*. / Hafiz: poeta lírico persa (c.1325-c.1390), cuja coletânea de poemas intitulada *Divã* serviu de modelo ao *Divã ocidental-oriental* de Goethe.

1. 11. 41 – Laval: ver B. Brecht, *Diário de trabalho*, vol. 1, 16. 7. 40, e p. 207. / Daladier, Chamberlain: ver B. Brecht, *Diário de trabalho*, vol. 1, pp. 198 e 199. / Lord Halifax (1881-1959): titular do Ministério do Exterior do Reino Unido, coube-lhe assegurar a Hitler que os britânicos não se oporiam a mudanças territoriais na Europa Central, o que deixou o caminho livre para a Alemanha anexar a Áustria em 11 de março de 1938. / Gustav Stresemann: homem público alemão que em 1923 se tornou chanceler e dois anos depois assinou importantes tratados melhorando as relações de seu país com a França e a Grã-Bretanha. / Heinrich Brüning: estadista alemão, chefiou um governo de minoria que caiu em 1932, oito meses antes de Hitler chegar ao poder na Alemanha.

14. 11. 41 – Fritz Kortner: ator alemão que em 1923 fez o papel de Shlink na peça de Brecht, *Na selva das cidades*; trabalhou no cinema de vários países e fez muitos filmes em Hollywood. / Oskar Homolka: ator vienense; no palco desde 1918, foi o primeiro *Baal* de Brecht, em 1926; em Hollywood celebrizou-se como ator característico. / Bruno Frank: romancista e dramaturgo austríaco. / Rolf Nürnberg: ver *supra*, agosto 41, nota. / Peter Lorre (1904-1964): notável ator característico húngaro, cuja aparência tímida podia ser amistosa ou sinistra; em 1932 interpretou Galy Gay em *Um homem é um homem*, de Brecht; fez seus primeiros filmes na Alemanha, entre eles o clássico *M, o vampiro de Düsseldorf*, de Fritz

Lang; trabalhou na Inglaterra onde foi dirigido por Hitchcock na primeira versão de *O homem que sabia demais*; estabeleceu-se finalmente em Hollywood, tomando parte em mais de quarenta filmes.

16. 11. 41 – Existem aproximadamente cinqüenta páginas de notas e fragmentos relacionados com o projeto "Deus da Fortuna", material que se constituiu num plano para uma ópera com Paul Dessau. / Esta sessão realizada em 15 de novembro parece ter sido o primeiro *Künstlerabend* promovido pelo Clube Judaico de Los Angeles. Foi presidido por Leopold Jessner, oriundo do Berlin Staatstheater, Bruno Frank e Leo Reuss. Ernst Deutsch e Helene Thimig (Sra Max Reinhardt) figuravam entre os mais ilustres atores exilados nos Estados Unidos.

18. 11. 41 – Tersites: segundo Homero, na *Ilíada*, um dos gregos que participaram da expedição a Tróia, embora fosse um crítico rancoroso de todos os chefes gregos; por ter zombado de Aquiles, foi morto por este num acesso de cólera. / Franklin Delano Roosevelt (1882-1945) foi eleito pela terceira vez consecutiva Presidente dos Estados Unidos em 1940. / Sinclair Lewis (1885-1951): escritor norte-americano, crítico ferino de vários aspectos da vida nos EUA, ganhou o Nobel de literatura de 1930 e deixou, entre outros, os romances *Babbit*, impiedoso retrato de um conformista, e *Elmer Gantry*, desmascaramento da mistificação religiosa. / Wendell Wilkie (1892-1944): político norte-americano, candidato derrotado às eleições presidenciais de 1940. / *Der Stürmer*. Ver B. Brecht, *Diário de trabalho*, vol. 1, 11. 12. 40 e p. 212.

20. 11. 41 – Elisabeth Bergner, brilhante atriz alemã que fez sucesso no cinema inglês da década de 1930, teve poucas oportunidades no cinema americano. / Helli: Helen Weigel (1900-1970), atriz austríaca e mulher de Brecht. Ver também B. Brecht, *Diário de trabalho*, vol. 1, 11.9.39 e pp. 202 e 203. / Thomas Heywood (1574-c.1641), dramaturgo inglês, autor de uma obra extensa e variada.

21. 11. 41 – Fritzi Massary: atriz e cantora. / Os "Garotos levados" (Die bösen Buben) eram um número de cabaré criado por Meinhard e Bernauer em Berlim antes da Primeira Guerra Mundial. / Max Reinhardt (1873-1943): produtor austríaco de teatro e cinema. Exerceu grande influência sobre os filmes expressionistas. / Não há registro da realização de uma "noite de Brecht".

22. 11. 41 – Clarence Muse, ator negro americano, pretendia criar um Teatro Negro Nacional que contava com o apoio do cantor e ator negro Paul Robeson.

2. 12. 41 – A comédia chegou a ter o título de "Bermuda Troubles", mas não teve maior desenvolvimento. / O ator alemão Robert Thören, trabalhando então como roteirista para a MGM, foi um dos mais bem-sucedidos colegas de Brecht.

3. 12. 41 – Tendo sido obrigada a recuar para a fronteira do Egito na primavera, a British Western Desert Force, agora rebatizada como Oitavo Exército, atacou o Afrika-Korps de Rommel em 18 de novembro e engajou-se numa batalha de três semanas antes de avançar novamente para Benghazi. Nesse ínterim o Exército Vermelho havia rechaçado os alemães de Rostov-sobre-o-Don e os expulsara de Leningrado e Moscou. Hitler se autonomeou então Comandante Supremo.

5. 12. 41 – Lilli Laté era secretária de Fritz Lang. Barbara é a filha de Brecht, então com onze anos. / Steff: o filho de Brecht, de dezessete anos.

8. 12. 41 – Boyer: o astro do cinema francês Charles Boyer, que chegou a Hollywood no início da década de 1930 e lá trabalhou em numerosos filmes até o final da década de 1960. / Nesse dia Brecht deu os primeiros passos com vistas à sua naturalização, mas não foi adiante. / Os japoneses tinham bombardeado Pearl Harbor e a Malásia no dia anterior. Estados Unidos e Grã-Bretanha declararam guerra ao Japão; no dia 11 Alemanha e Itália declararam guerra aos Estados Unidos. No dia 9 Brecht escreveu a Archibald MacLeish oferecendo-se para tomar parte nas transmissões radiofônicas para a Alemanha, mas não obteve resposta.

9. 12. 41 – Adolf: Adolf Hitler. / Hiro: Hirohito, então imperador do Japão.

17. 12. 41 – Não há no arquivo de Brecht material relacionado com os projetos de Kortner e Boyer. "Bermuda Troubles" ocupa duas páginas em *GW Texte für Filme II*, "Der Schneeman" uma página no arquivo e "Der Brotköning lernt backen", quinze. / O plano de *Jeanne d'Arc* já estava na cabeça de Brecht em 7 de julho de 1940. Agora iria ocupá-lo durante algumas semanas, com o título primeiro de *As vozes* e depois *As visões de Simone Machard*.

25. 12. 41 – Paul Czinner: diretor e produtor húngaro, com longa atuação no cinema inglês; era o marido de Elisabeth Bergner.

26. 12. 41 – O Marechal Walther von Brauchitsch (1881-1948) tinha sido o comandante-chefe do exército alemão desde 1938. / Caso Dreyfus: processo judicial que dividiu a opinião pública francesa entre 1894 e 1914. Em dezembro de 1894 o capitão Alfred Dreyfus (1859-1935) é condenado por um conselho de guerra sob a acusação de haver transmitido informações sigilosas ao adido militar alemão em Paris. Embora restassem fortes dúvidas quanto aos fundamentos da acusação, não foi possível promover de imediato a revisão do processo. Algum tempo depois, uma parte do país, mobilizada pelos argumentos dos republicanos de esquerda, passa a exigir a revisão. Em setembro de 1898, cerca de oito meses depois de ter o escritor Émile Zola publicado seu famoso "J'accuse" dirigido ao estado-maior, descobre-se que a peça decisiva do processo é uma falsificação inventada por um coronel que, ao ser preso, confessa e depois se suicida. Diante disso o governo determina que se proceda à revisão. Cinde-se então a França entre *dreyfusards*, que no bojo da campanha pela revisão revelam tendências antimilitaristas, e *antidreyfusards*, que em nome da honra do exército se opõem à revisão e reacendem a campanha anti-semita (o capitão Dreyfus é descendente de judeus alsacianos). A corte de cassação submete Dreyfus ao conselho de guerra de Rennes. Em setembro de 1899 ele é condenado novamente, mas com circunstâncias atenuantes. O Presidente da República, Émile Lobet, indulta-o então. Em julho de 1906 Dreyfus é reabilitado pela corte de cassação, nomeado comandante de batalhão e agraciado com a Legião de Honra. Em 1930 a publicação dos *Carnets* do adido militar alemão prova em definitivo a inocência de Dreyfus.

28. 12. 41 – Hans (John) Winge era um amigo austríaco dos Brecht.

29. 12. 41 – Benito Mussolini (1883-1945): homem público italiano, fundador do fascismo. Militante socialista na juventude, passou a defender em 1914 uma política nacionalista e militarista. Terminada a Primeira Guerra Mundial, fundou em 1919 os Fasci di Combattimento (grupos de combate) em Milão, núcleo do partido fascista. Após organizar a "marcha sobre Roma", é incumbido pelo rei Vittorio Emanuele de formar em 1922 um novo governo. Obtendo plenos poderes a partir de 1925, exerce uma ditadura sem

disfarce e toma para si o título de *Il Duce*, o chefe. A essa altura conta com o apoio da classe média urbana e rural conservadora, amedrontada com a vitória dos comunistas na União Soviética. Por sua vez as corporações profissionais, controladas pelo governo, tomam o lugar dos sindicatos. Após a conquista da Etiópia (1935-36), Mussolini rompe com as democracias ocidentais e forma o eixo Roma-Berlim. Em 1940 lança a Itália na guerra ao lado da Alemanha hitlerista. Em 1943 é destituído pelos chefes fascistas e preso por ordem do rei. Libertado pelos alemães, implanta no norte da Itália uma "república social italiana" que não sobrevive, porém, à derrocada alemã. Finalmente, em 28 de abril de 1945, Mussolini é executado por combatentes da resistência italiana.

31. 12. 41 – Erich Maria Remarque (1898-1970): escritor alemão que se tornou um dos mais populares do mundo ao publicar em 1929 o romance *Nada de novo na frente ocidental,* em que narra as experiências de um grupo de soldados alemães durante a Primeira Guerra Mundial. Considerando-o antimilitarista, os nazistas queimaram publicamente seus livros em 1933. / Lupe Velez (1909-1944): atriz mexicana que fez carreira em Hollywood. / Hanns Heinz Ewers (1871-1943): romancista e autor dramático alemão, cultor do gênero fantástico. Um de seus livros mais conhecidos é *A Mandrágora, história de um ser animado.*

6. 1. 42 – *Education for Death*, de Gregor Althawin Ziemer, foi publicado em Nova York em 1941.

18. 1. 42 – Theodor Wiesengrund-Adorno (1903-1969): filósofo e musicólogo, emigrou para os Estados Unidos em 1934. Foi editor de textos de Walter Benjamin e colaborador de Hanns Eisler no livro *Composing for the Films* (1947); foi consultor de Thomas Mann quando este escrevia o romance *Dr. Faustus* e tornou-se o mais íntimo colaborador de Horkheimer no Instituto de Pesquisa Social depois da Segunda Guerra Mundial. Escreveu vários ensaios e resenhas sobre as obras compostas por Kurt Weill em parceria com Brecht. / Richard Wagner (1813-1883): compositor alemão que com seu gênio poderoso modificou a concepção de ópera vigente no seu tempo. Ele mesmo escrevia seus libretos, geralmente inspirados nos mitos e lendas nacionais da Alemanha. Legou ao mundo óperas como *Lohengrin*, *Tristão e Isolda*, *Os mestres-cantores de Nuremberg*, *O anel do Nibelungo*. / György Lukács: ver B. Brecht,

Diário de trabalho, vol. 1, julho 38, p. 195 e *passim*. / Ernst Bloch (1885-1977), que emigrou da Tchecoslováquia para os Estados Unidos em 1938, era um marxista independente, de tendência utópica, e velho amigo de Lukács e Hanns Eisler. / Günther Stern, outro filósofo do círculo de Frankfurt, trabalhava como faxineiro num depósito de roupa usada de Hollywood. Em 1938 havia escrito um ensaio notável sobre fotomontagem a propósito de uma exposição da obra de John Heartfield. Como Bloch, ele se tornaria fundador da casa editora Aurora-Verlag.

24. 1. 42 – Emil Ludwig (1881-1948): escritor alemão, autor de biografias de vultos notáveis da história como Goethe, Napoleão, Lincoln, Bolívar etc. / Frank Warschauer (1892-1940) foi um bom amigo de Brecht na Berlim da década de 1920. Foi subeditor da revista de música *Anbruch* e colaborador de *Mass und Wert* e *Weltbühne*. Emigrou em 1933 para a Tchecoslováquia e em 1938 de lá para a Holanda, onde se matou.

25. 1. 42 – Lênin, pseudônimo de Vladimir Ilitch Ulianov (1870-1924): estadista russo. Militante revolucionário desde a juventude e marxista convicto, teve de se exilar pela primeira vez em 1900. Na Suíça fundou o jornal *Iskra*, baluarte da concepção bolchevista da organização revolucionária, sobre a qual publicou em 1902 o livro *Que fazer?* Após o fracasso da revolução de 1905, exilou-se de novo. Regressou à Rússia em abril de 1917 e em outubro do mesmo ano chefiou a revolução vitoriosa. Assinada a paz com os alemães em 1918, organizou o chamado "comunismo de guerra", esmagou a contra-revolução e em seguida estabeleceu a NEP (Nova Política Econômica). Em 1922 transformou o antigo império dos czares na União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS). Considerado um dos grandes teóricos do marxismo, Lênin é autor de *Materialismo e empiriocriticismo* (1909), *Imperialismo, etapa superior do capitalismo* (1917), *O Estado e a revolução* (1918) e *O esquerdismo, doença infantil do comunismo* (1920). / Kremlin: antiga fortaleza e bairro central de Moscou, na margem esquerda do rio Moscova.

1. 2. 42 – Ruth Berlau: atriz dinamarquesa, colaboradora e amante de Brecht. Emigrou para a América no mesmo navio em que viajaram os Brecht. Ver também B. Brecht, *Diário de trabalho*, vol. 1, 13. 8. 38 e pp. 195 e 198. / Livro das mutações: ver B. Brecht, *Diário de trabalho*, vol. 1, 25. 5. 39 e p. 202.

7. 2. 42 – Herbert Kline fez alguns documentários famosos, inclusive o mencionado aqui com o romancista John Steinbeck (*The Forgotten Village*, 1941), *Heart of Spain* (com o fotógrafo Henri Cartier-Bresson, 1937) e *Crisis* (1938-9) sobre o Acordo de Munique. Foi Kline quem, em 1942, apresentou o crítico de teatro Eric Bentley a Brecht.

13. 2. 42 – Reyher: ver 4.10.41 (nota). / Os couraçados *Scharnhorst*, *Gneisenau* e *Prinz Eugen* da marinha alemã tinham conseguido partir de Brest e alcançar águas territoriais no Báltico. Dois dias depois Cingapura se renderia aos japoneses. Na África o marechal Rommel iniciara a ofensiva que empurraria o Oitavo Exército inglês de volta a El Alamein em fins de junho. / Nos Estados Unidos William S. Knudsen, presidente da General Motors desde 1937, tinha assumido em 1941, a convite do Presidente Roosevelt, o cargo de Diretor-Geral do Escritório de Administração da Produção e lá permaneceria até o fim da guerra em 1945. Morreu em 1948.

19. 2. 42 – Ludwig Renn, presidente do Comitê Alemão Livre do México, era autor do romance *Krieg* sobre a Primeira Guerra Mundial, publicado em 1929. Combateu na Guerra Civil Espanhola (junho de 1936-março de 1939) como chefe do Estado-Maior da 11ª Brigada Internacional. Membro da aristocracia saxônia bem como do KPD (Partido Comunista Alemão), seu verdadeiro nome era Vieth von Golssenau. / O redator-chefe de *Freies Deutschland* era Alexander Abusch, que mais tarde desempenharia importante papel nas questões culturais da Alemanha Oriental. / Kisch: o jornalista Egon Erwin Kisch, natural de Praga (1885-1948). / O escritor Gustav Regler (1898-1963), da região do Saar, também participou das Brigadas Internacionais da Guerra Civil Espanhola, mas posteriormente deixou o KPD; emigrou para o México em 1941.

20. 2. 42 – Coronel Blimp: personagem popular criado pelo cartunista neozelandês David Low (1891-1963) na imprensa londrina à época da Segunda Guerra Mundial. Com sua bigodeira áspera e grossa, era comumente visto enrolado numa toalha pontificando num banho turco.

15. 3. 42 – Frank Wedekind: ver B. Brecht, *Diário de trabalho*, vol. 1, 7. 4. 41 e p. 213. / Arch Oboler: escritor, produtor, diretor, com

longa carreira também no rádio americano, e autor de roteiros para filmes da MGM.

16. 3. 42 – Grete: Margaret Steffin. Ver *supra*, 21. 1. 41 (nota). / Cas: Caspar Neher, colega de escola de Brecht e seu artista plástico preferido. Neher permaneceu na Alemanha durante a Segunda Guerra Mundial.

17. 3. 42 – Werner Heisenberg (1901-1976): ganhador do prêmio Nobel de física de 1932. Ao enunciar em 1927 o "princípio da indeterminação", abriu novos horizontes não só para a física teórica e experimental mas também para a teoria do conhecimento. Publicou vários trabalhos sobre os átomos e a mecânica quântica.

22. 3. 42 – Maximilien de Robespierre (1758-1794): político francês que, após a queda da monarquia na chamada "segunda Revolução Francesa" (agosto de 1792), aderiu à Comuna de Paris e se tornou um dos chefes do governo revolucionário. Participou do Comitê de Salvação Pública e da campanha do Terror. No auge de sua ditadura, fundou o culto do Ser Supremo. A conspiração dos inimigos levou-o à prisão. Foi guilhotinado, juntamente com vinte outros correligionários, em 28 de julho de 1794. / Napoleão Bonaparte (1769-1821): imperador dos franceses de 1804 a 1815. / Potsdam: o palácio da realeza prussiana a sudoeste de Berlim. / Schwabing: o bairro dos artistas de Munique. Alusão às ambições de Hitler como governante e como artista.

23. 3. 42 – Ljungdal: ver B. Brecht, *Diário de Brecht*, vol. 1, 29. 1. 40 e p. 204. / Diderot: ver B. Brecht, *Diário de trabalho*, vol. 1, 1. 10. 40 e p. 209. / Meleagro de Gádara (135 a.C.-60 a.C.): poeta elegíaco grego e compilador da antologia de epigramas intitulada *Stéphanos* (A coroa de flores). / Prater: parque de Viena.

24. 3. 42 – O filme de William Dieterle chamou-se *Syncopation*. Parece não ter tido ampla distribuição.

25. 3. 42 – Presume-se que o *Times* aqui mencionado seja o *Los Angeles Times*.

26. 3. 42 – Edvard Benes (1884-1948): sociólogo e estadista tchecoslovaco. Presidente da república de 1935 a outubro de 1938, quando o acordo de Munique submeteu a Tchecoslováquia à Alemanha hitlerista. Benes demitiu-se então e foi lecionar filosofia numa universidade dos Estados Unidos. Ao estourar a Segunda

Guerra Mundial, retornou à Europa e assumiu em Londres a chefia do governo tchecoslovaco no exílio (1941). Terminada a guerra, exerceu a presidência da república de 1945-1948. / Daladier: ver *supra*, 11. 1. 41, nota. / Manchucuo: nome adotado pela Manchúria de 1932 a 1945, quando o Japão a manteve separada da China. A Manchúria reincorporou-se à China após a derrota do Japão em 1945. / Chamberlain: ver *supra*, 11. 1. 41, nota. / Rudolf Hesse: ver B. Brecht, *Diário de trabalho*, vol. 1, 12. 5. 41 e p. 214. / Max Planck (1858-1947): físico alemão, criador da teoria dos quanta. Ganhador do prêmio Nobel de física de 1918. / *Curfew*: toque de recolher. O toque de recolher foi imposto no decorrer de março e durou menos de um ano. Determinava que os *enemy aliens* (estrangeiros [oriundos de países] inimigos) desocupassem as ruas entre as 8 da noite e as 6 da manhã.

27. 3. 42 – Wiesegrund-Adorno: ver *supra*, 18. 1. 42, nota. / Charles Chaplin (1889-1977): ator e cineasta inglês, nascido em Londres. Em Hollywood, onde chegou em 1910, criou um dos personagens mais populares da história do cinema, Carlitos, presente na quase totalidade dos seus filmes. / A conversa aqui referida tem como pano de fundo o livro que por essa época o músico Hanns Eisler escrevia em colaboração com o filósofo Adorno (ver *supra*, 18. 1. 42, nota). Provavelmente Adorno deu então a Brecht uma primeira idéia das conclusões a que ele e Eisler haviam chegado. É possível que o trecho transcrito em inglês, com o uso de expressões inusitadas como, por exemplo, "hear stripe" (em vez de "sound track"), pertença a uma versão inicial do livro. O prefácio escrito em 1944 pelos autores assinala "a afinidade de muitos de nossos pensamentos com os do escritor B. Brecht. Foi ele o primeiro a expor essas teses acerca do caráter *gestic* da música que – embora provenientes do teatro – se mostraram extremamente férteis quando aplicadas ao cinema."

3. 4. 42 – Charles Baudelaire (1821-1867): poeta e crítico francês, considerado o criador da poesia moderna. Além dos poemas de *As flores do mal*, deixou os *Pequenos poemas em prosa* e textos críticos hoje enfeixados nos volumes *A arte romântica* e *Curiosidades estéticas*. / Edgar Allan Poe (1809-1849): poeta e ficcionista americano, autor do poema "O corvo", um dos mais célebres da literatura ocidental, e de narrativas fantásticas como as reunidas em *Histórias extraordinárias*. Traduzido por Baudelaire, Poe exerceu grande

influência sobre a poesia francesa do período que se estende do simbolismo à modernidade. / Franz Kafka (1883-1924): escritor judeu tcheco de língua alemã, cuja obra, aberta a interpretações as mais variadas, enfoca o absurdo da existência: *O processo*, *O castelo*, *A metamorfose*. / Heinrich Heine: ver B. Brecht, *Diário de trabalho*, vol. 1, 22. 8. 40 e pp. 207 e 208. / Cabeças goebbelizadas: cabeças imbuídas das idéias de Joseph Paul Goebbels (1897-1945), jornalista alemão que foi ministro da Propaganda e da Informação de Hitler. Como este, suicidou-se ao constatar a derrota da Alemanha.

8. 4. 42 – "Talvez fosse possível prever": os britânicos chegaram mesmo a contratar um astrólogo para tentar descobrir o que o astrólogo de Hitler poderia prever para este.

11. 4. 42 – Este argumento ou roteiro não foi encontrado entre os papéis de Brecht. / Billy Wilder: roteirista e diretor de origem austro-húngara, em Hollywood desde 1934. Escreveu e dirigiu, entre outros filmes, *Crepúsculo dos deuses*, *O pecado mora ao lado* e *Quanto mais quente melhor*.

14. 4. 42 – O Deão de Canterbury era Hewlett Johnson. Joseph Davis era o embaixador dos Estados Unidos na União Soviética.

15. 4. 42 – Kurt Weill: ver *supra*, 18. 1. 42, nota; ver também B. Brecht, *Diário de trabalho*, vol. 1, 7. 10. 40 e p. 209. / O semanário *Neue Volkszeitung* circulou de 1933 a 1949. Gerhart H. Seiger, jornalista da geração de Brecht, chegou aos Estados Unidos em 1934 e dois anos depois foi promovido a redator-chefe do jornal.

16. 4. 42 – Otto Bauer era o líder do Partido Socialista Austríaco (-SPÖ). / A Southern Railway: Brecht presumivelmente queria se referir à Southern Pacific.

17. 4. 42 – Arthur Conan Doyle (1859-1930): escritor britânico nascido na Escócia, criador dos romances policiais em que se destaca o detetive Sherlock Holmes. / Georges Simenon (1903-1989): escritor belga de língua francesa. Autor de contos e peças teatrais, é conhecido principalmente pelo grande número de romances policiais cujas intrigas são desvendadas pelo comissário Maigret.

20. 4. 42 – Brecht fala aqui do quinteto de Eisler intitulado *Fourteen Ways of Describing the Rain* ("quatorze", não "quinze"), composto em 1941 para o filme *Rain* de Jori Ivens e dedicado ao compositor Arnold Schönberg pelo seu septuagésimo aniversário.

21. 4. 42 – Franz Werfel (1890-1945): escritor judeu de língua alemã, nascido em Praga. Publicou poemas, dramas e romances; entre estes últimos *Os quarenta dias de Musa Dagh*.

27. 4. 42 – *Timão de Atenas*, peça de William Shakespeare.

2. 5. 42 – O filme soviético *O deputado da Frota do Báltico* foi dirigido por Josif Kheifitz e Aleksandr Zarkhi em 1937. / O Rockefeller Music Fund pagou a Brecht US$250 em 13 de maio pela ajuda nas pesquisas de Eisler.

7. 5. 42 – Erwin Kalser foi um dos atores que trabalharam com Piscator em Berlim antes de 1933, quando emigrou para a Suíça. Nos Estados Unidos trabalhou no National Theater de Nova York e depois voltou para a Suíça. / *Fausto*, peça de Goethe. / Carl Gustaf Emil Mannerheim (1867-1951): general finlandês que comandou as forças vitoriosas na guerra de independência da Finlândia contra a Rússia (1917). Foi regente em 1918 e presidente da república de 1944 a 1946. / Hella Wuolijoki: ver B. Brecht, *Diário de trabalho*, vol. 1, 6. 5. 40, p. 205 e *passim*.

9. 5. 42 – A canção de Brecht, para a qual Kurt Weill, Paul Dessau e Hanns Eisler compuseram música, foi publicada no semanário *Freies Deutschland*, editado no México, em 5 de março. / Arnold Schönberg (1874-1951): compositor judeu austríaco e teórico da atonalidade baseada no dodecafonismo serial. Em 1933, com a instalação da ditadura nazista, foi demitido da direção da Academia das Artes de Berlim. Partiu então para a França e depois para os Estados Unidos, onde em 1936 se tornou professor da Universidade da Califórnia em Los Angeles. De seu espólio musical fazem parte obras notáveis como o sexteto para cordas *Noite transfigurada* (1899), o oratório profano *Gurrelieder* (1900), *Pierrot lunaire* (1920), onde faz uso sistemático do *Sprechgesang* (canto falado), a cantata *Um sobrevivente de Varsóvia* (1947) e a ópera inacabada *Moisés e Aarão* (1951).

10. 5. 42 – Lear: *Rei Lear*, peça de William Shakespeare.

15. 5. 42 – Max Reinhardt e sua mulher, Helene Thimig (1889-1974), chegaram a Los Angeles após a queda da Áustria em 1938 e iniciaram em Hollywood uma Workshop for Stage, Screen and Drama que fechou as portas dois anos depois. De volta a Viena no pós-guerra, Helene Thimig foi de 1948 a 1959 diretora do Reinhardtseminar e professora da Academia de Música e Artes Cênicas. / Coriolanos: referência ao general romano Coriolano, do

século V a. C., cuja história foi narrada por Plutarco e dramatizada por William Shakespeare na peça que leva este nome.

16. 5. 42 – O título correto do livro de Charles Singer é *A Short History of Scientific Ideas* (edição ampliada, Londres, 1960).

20. 5. 42 – *Woyzeck*: peça da autoria do poeta alemão Georg Büchner (1813-1837). Transformada em ópera pelo compositor austríaco Alban Berg (1885-1935), passou a chamar-se *Wozzeck*.

28. 5. 42 – Reinhard Heydrich (1904-1942), o "Reich Protektor" da Boêmia, braço direito do comandante da Gestapo, Himmler, e famoso pela crueldade, foi ferido um dia antes num atentado promovido pela resistência em Praga e morreu no hospital em 4 de junho. Em represália, seis dias depois os nazistas mataram mais de 2.000 tchecoslovacos, dizimando praticamente as populações de Lídice e Lezháky.

30. 5. 42 – Clifford Odets (1906-1963): dramaturgo norte-americano, autor de *Waiting for Lefty* (1935) e *Wake and Sing* (1935), peças de cunho social. / Julius Streicher (1885-1946): deputado nazista e diretor do semanário anti-semita *Der Stürmer*. Inspirou as leis promulgadas em Nuremberg pelo partido nazista, em setembro de 1935, que privaram os judeus da cidadania alemã. Terminado o conflito mundial, foi julgado e executado como criminoso de guerra. / Hermann Wilhelm Göring (1893-1946): militar e político alemão, era o segundo homem da hierarquia nazista, logo abaixo de Hitler. Marechal do Terceiro Reich, comandou a força aérea alemã na Segunda Guerra Mundial. Julgado e condenado em 1946 pelo tribunal internacional de Nuremberg, preferiu envenenar-se a morrer na forca. / Goebbels: ver *supra*, 3. 4. 42, nota. / Thyssen: família de industriais alemães. August Thyssen (1842-1926), fundou em Mülheim uma usina metalúrgica em 1867; em 1871 constituiu a Thyssen & Co. K.G., que deu origem a um importante conglomerado, o August Thyssen-Hütte A.G. Seu filho, Fritz Thyssen (1873–1951), filiou-se inicialmente ao partido nazista, mas rompeu com Hitler após o pacto germano-soviético. Preso na França pelos alemães em 1940, foi internado no campo de concentração de Dachau, de onde foi libertado pelos Aliados no fim da guerra. / O incêndio do Reichstag (parlamento), ocorrido em fevereiro de 1933 e atribuído aos comunistas pela máquina de propaganda nazista, serviu para justificar as medidas violentas tomadas contra os partidos de esquerda. / Ernst Röhm

(1887-1934): militar e político alemão. Em 1921 criou as S.A. (Stürmabteilungen), tropas de choque de uma força paramilitar privada do partido nazista. Por fazer oposição a Hitler, foi executado junto com sua facção política no massacre de 29 de junho de 1934, conhecido como "a noite dos longos punhais". / *Putsch* da cervejaria: fracassado golpe de Estado organizado por Adolf Hitler com apoio do general Erich F.W. Ludendorff, ex-chefe do estado-maior alemão na Primeira Guerra Mundial, numa cervejaria de Munique em 8 de novembro de 1923. / Tchekov: ver B. Brecht, *Diário de trabalho*, vol. 1, 17. 10. 40 e p. 210.

31. 5. 42 – John L. Lewis, presidente dos United Mineworkers desde 1920, ajudou a fundar em 1935 o CIO (Congress for Industrial Organization), que passou a organizar os trabalhadores das grandes fábricas por indústria, e não por ofício. / Fortinbras: personagem que aparece no desfecho do *Hamlet* shakespeariano para reivindicar seus direitos ao trono da Dinamarca.

1. 6. 42 – Jean Renoir (1894-1979): cineasta francês, diretor de algumas obras-primas do cinema como *A grande ilusão* e *A regra do jogo*. / Anna May Wong (1902-1960): atriz americana de origem chinesa com participação em muitos filmes de Hollywood nas décadas de 1930 e 1940.

5. 6. 42 – Klabund: pseudônimo do poeta alemão Alfred Henschke (1890-1928), um dos mais populares do grupo expressionista. Sua peça *O círculo de giz*, baseada num conto chinês do século 14, obteve grande sucesso quando foi montada por Max Reinhardt no Deutsches Theater de Berlim em 1925, com Elizabeth Bergner à frente do elenco. / Gestapo (abreviatura de **Ge**heime **Sta**ats**po**lizei, polícia secreta de Estado): seção da polícia de segurança do Terceiro Reich, foi de 1936 a 1945 o instrumento mais temível do regime policial nazista.

8. 6. 42 – Hermann Kesten foi diretor do departamento editorial da Kiepenheuer Verlag, que publicou os *Versuche* de Brecht. Apesar da manifesta antipatia de Brecht por Kesten, foi este o responsável pelo lançamento da primeira edição alemã do *Romance de três vinténs*. / Joseph Roth (1894-1939): escritor judeu austríaco, autor de uma trilogia sobre a Áustria no período da monarquia habsbúrgica: *A fuga sem fim* (1928), *A marcha de Radetzky* (1932) e *O mausoléu dos capuchinhos* (1938).

9. 6. 42 – Stefan George: ver B. Brecht, *Diário de trabalho*, vol. 1, 22. 8. 40 e p. 208. / Paul von Hindenburg (1847-1934): militar e estadista alemão, chefiou o Estado-Maior das forças armadas de seu país durante parte da Primeira Guerra Mundial (1916-1918). Chegou à presidência da Alemanha em 1925 e em 1932 nomeou Hitler para o cargo de chanceler.

12. 6. 42 – T. S. Eliot (1888-1965): escritor inglês de origem americana. Poeta, dramaturgo e ensaísta, é autor de *The Waste Land* e *Four Quartets*, marcos da poesia de língua inglesa no século 20. / W. H. Auden (1907-1973): poeta inglês, naturalizado americano. Sua obra, notada inicialmente pelo engajamento social e político, inflete mais tarde na direção de uma religiosidade que se faz presente sobretudo nos livros *The Age of Anxiety* e *Nones*.

16. 6. 42 – Herbert Marcuse (1898-1979): filósofo alemão de origem judia. Emigrou para os Estados Unidos após a instalação do nazismo na Alemanha. Seus livros *Razão e revolução* e *O homem unidimensional* põem em questão a civilização industrial de meados do século 20. / Henry Agard Wallace (1888-1965): vice-presidente dos Estados Unidos no terceiro período (1940-1944) da presidência de Franklin Delano Roosevelt.

18. 6. 42 – Paul Henried: ator austríaco. Emigrou para a Inglarerra em 1935 e chegou a Hollywood em 1941. Viveu um líder da resistência no filme *Casablanca* (1942). / Craque da Bolsa: referência ao *crash* da bolsa de Nova York na terça-feira 29 de outubro de 1929; ver *supra*, 20. 10. 41, nota sobre "crise de 29".

20. 6. 42 – Foi no correr de junho que Brecht escreveu uma carta demonstrando extrema exasperação com Ruth Berlau, a quem pergunta se pretende transformar o exílio "numa história de amor sem fim".

27. 6. 42 – Numa entrevista concedida a James K. Lyon em 1971 (ver James K. Lyon, *Bertolt Brecht in America*), Fritz Lang contou que desde que fez *Man Hunt* (*O homem que quis matar Hitler*) para a 20th Century Fox em 1941 vinha atuando como colaborador independente. Os Brecht eram seus vizinhos em Santa Monica; Lilli Laté, amiga e secretária de Lang, ajudava a levantar dinheiro para eles; o próprio Lang e Brecht costumavam caminhar juntos na praia. Um produtor expatriado, Arnold Pressburger, vinha desde algum tempo sondando o diretor sobre a realização de um filme, e o assassina-

to de Heydrich (ver 28. 5. 42) pareceu a Lang um bom tema no qual Brecht podia se encaixar. "Brecht aceitou na hora. Daí a dias, quatro ou cinco no máximo, produzimos um primeiro esboço. Eu estava certo de que podia vender a Arnold Pressburger a idéia de fazer esse filme. . ." Tendo convencido Pressburger de que Brecht era essencial ao projeto, conseguiu-lhe um contrato de roteirista no valor de US$7.500, o que era duas vezes mais do que Brecht havia pedido. Após onze meses nos Estados Unidos, este foi o primeiro trabalho sério de Brecht em Hollywood.

28. 6. 42 – Erwin Rommel (1891-1944): marechal alemão, comandante do Afrika Korps que durante a Segunda Guerra Mundial travou com o Oitavo Exército Britânico um duelo que se estendeu por 27 meses (de fevereiro de 1941 a maio de 1943). / RAF (Royal Air Force): nome dado desde 1918 à força aérea britânica.

29. 6. 42 – Karl Koch: ver B. Brecht, *Diário de trabalho*, vol. 1, 26. 1. 40 e p. 204.

30. 6. 42 – Munique: ver B. Brecht, *Diário de trabalho*, vol. 1, p. 198, nota de 25. 9. 38.

2. 7. 42 – *The Face of Fascism* era outro título do filme de Vsevolod I. Pudovkin e Yuri Tarachi, *Os assassinos estão soltos* (1942), baseado em cinco cenas (não "contos") da peça *Terror e miséria do Terceiro Reich* de Brecht.

8. 7. 42 – Brecht provavelmente se refere ao movimento de resistência sérvio conduzido pelo Coronel Dragoljub (Draza) Mihailovic (1898-1946), ministro da Guerra do governo exilado em Londres, movimento que em 1943 seria desacreditado por ter colaborado com alemães e italianos. Depois disso os Aliados passaram a apoiar a guerrilha multinacional comandada por Josip Broz (Tito), que não era sérvio.

11. 7. 42 – RKO (Radio-Keith-Orpheum): uma das cinco grandes companhias de Hollywood na década de 1940. / Gable: Clark Gable (1901-1960), galã americano que manteve sua popularidade no cinema durante trinta anos, sendo conhecido como o "rei de Hollywood". Atuou em *Aconteceu naquela noite* (1934), *E o vento levou* (1939) e *Os desajustados* (1960).

15. 7. 42 – Gorelik: ver B. Brecht, *Diário de trabalho*, vol. 1, 4. 3. 41 e pp. 212 e 213. / Candel: não identificado. / *Petróleo*: com este título Brecht está na verdade designando a peça de Leo Lania,

Konjunktur, sobre o negócio do petróleo, montada por Piscator em abril de 1928. Brecht esteve envolvido nesta montagem na condição de membro do "coletivo dramatúrgico", assim como já se envolvera em *As aventuras do bravo soldado Schweik,* de Hasek, que a precedeu. / Erwin Piscator (1893-1966): encenador e diretor de teatro alemão. Criador do teatro político proletário, valia-se de inovações técnicas para revelar a imbricação das questões políticas, sociais e estéticas. / *Os últimos dias da humanidade*: título da peça documentária épica do escritor austríaco Karl Kraus (1874-1936).

18. 7. 42 – Gabriele d'Annunzio, pseudônimo de Gaetano Rapagnetta (1863-1938): escritor italiano, autor de poesias (*Canto novo*), peças teatrais (*A filha de Iório)* e romances (*O prazer* e *O fogo*). / Louis B. Mayer (1885-1957) fundou com Samuel Goldwyn (1884-?) a companhia cinematográfica Metro-Goldwyn-Mayer em 1924, da qual foi por muito tempo chefe de produção. / Fiume: cidade situada à margem do Adriático. A 12 de setembro de 1919 o escritor Gabriele d'Annunzio, à frente de uma pequena tropa, invade Fiume, ameaçada de ocupação por franceses e ingleses, e se proclama regente da cidade. Para alguns admiradores do poeta, o gesto concorreu para garantir à Itália a anexação da cidade, mas a verdade é que só em 1924, após longas negociações, os iugoslavos concordaram em renunciar a Fiume. / Eleonora Duse (1858-1924): atriz italiana. Filha de atores ambulantes, estreou no palco aos quatro anos. Chamou a atenção da crítica no papel de Thérèse Raquin, personagem de Émile Zola. Estudiosa da arte dramática, renovou seu repertório e se aproximou dos autores modernos, Ibsen em especial. Em 1897 uniu-se a Gabriele D'Annunzio, de quem representou vários personagens.

29. 7. 42 – A casa de Schönberg ficava na verdade em Brentwood. / A ópera inacabada de Schönberg é provavelmente *Moisés e Aarão*. / O concurso para completar a *Sinfonia inacabada* de Schubert realizou-se em 1928.

12. 8. 42 – Ernst Toch (1887-1964): compositor vienense. Autodidata, tomou parte nos festivais de "Neue Musik" da década de 1920, criando com o romancista alemão Alfred Döblin a cantata *Das Wasser*. Emigrou em 1933 para a Inglaterra, onde compôs trilhas sonoras para filmes do produtor-diretor Alexander Korda, mas logo se transferiu para os Estados Unidos. Lecionou inicialmente na New School, foi professor da University of Southern

California e fez música para filmes dos estúdios Paramount e Columbia.

14. 8. 42 – *Messingkauf*: ver B. Brecht, *Diário de trabalho*, vol. 1, 12. 2. 39, 2. 8. 40, 3. 8. 40, 19. 8. 40 e p. 207.

17. 8. 42 – Lucrécio (c. 98-55 a.C.): poeta-filósofo latino, autor do poema didático *De rerum natura* (Da natureza das coisas).

21. 8. 42 – Morgenstern: não identificado. / Gina Kaus era roteirista. / George Grosz (1893-1959): desenhista e pintor alemão que se naturalizou americano em 1938; ligado ao expressionismo, foi um crítico cruel da burguesia.

22. 8. 42 – Thornton Wilder (1897-1975): escritor americano cuja peça *Nossa cidade* se tornou um êxito mundial nas décadas de 1940 e 1950. / Johannes R. Becher era um dos intelectuais mais influentes do Partido Comunista Alemão.

7. 9. 42 – Thomas Jefferson (1743-1826): estadista americano. Autor da Declaração de Independência dos Estados Unidos, foi vice-presidente (1797) e presidente da república de 1801 a 1809. / Benjamin Franklin (1706-1790): estadista, físico e publicista americano. Pregou a independência das colônias inglesas da América e foi deputado ao primeiro Congresso americano. Inventou o para-raios. / Andrew Jackson (1767-1845): político e militar americano. Aos 13 anos participou da primeira guerra da independência de seu país. Foi deputado, senador e em 1828 tornou-se o sétimo presidente dos Estados Unidos. / George Washington (1732-1799): estadista americano. Representante de Virginia no Congresso de Philadelphia em 1774, recebeu em 1775 o comando-em-chefe do exército continental. Com a ajuda da França derrotou os ingleses. É considerado o herói da independência americana.

17. 10. 42 – Presumivelmente Brecht lê os *Commentaires à Radio-Moscou* do escritor e político francês Jean-Richard Bloch (1884-1947), o romance *A queda de Paris* do escritor soviético Ilia Ehrenburg (1891-1967) e os escritos do jornalista Pierre van Paassen sobre a derrocada da França em 1940. / A associação Langnam era um lóbi dos industriais da Westphalia. / O Herrenklub era um clube de cavalheiros berlinenses com fortes associações direitistas. Entre seus sócios havia certo número de Junkers, i.e., latifundiários prussianos. / A carta datilografada de Ruth Berlau ao "liebe Bertolt", vazada em alemão estropiado, relata as impressões

de um "mietung" público que contou com a presença de Chaplin e Orson Welles. Este último, que leu um breve discurso, parecia adoentado, "fatblass". Chaplin, porém, falou de improviso e causou excelente impressão; disse que era "eine citisens der welt" e fez com os dedos o V da Vitória. Não há na carta referência às nove animadas mulheres de macacão (e um homem) cuja foto Brecht colou na mesma página do original. / Maksim Litvinov (1876-1951) foi ministro do exterior da União Soviética de 1930 até a primavera de 1939. / O filme *Missão em Moscou*, lançado em 1943, baseou-se no livro homônimo de Joseph Davies, embaixador americano na União Soviética, e foi dirigido por Michael Curtiz.

18. 10. 42 – *Quisling*: Vidkun Quisling (1887-1945), político norueguês que em 1º de fevereiro de 1942 aceitou chefiar o governo fantoche imposto a seu país pelas forças invasoras nazistas. Executado após a libertação. Ainda em vida Quisling virou sinônimo de traidor.

22. 10. 42 – Teatro Rose: mais ou menos a partir de 1880 a família Rose criou e começou a administrar um grande teatro com esse nome na zona leste de Berlim, onde os clássicos eram montados para o grande público.

24. 10. 42 – Murmansk, no extremo norte da então União Soviética, perto da fronteira com a Finlândia, era o principal porto para os navios que se dirigiam à Rússia.

16. 11. 42 – *Fra Diavolo*: ópera-cômica do compositor francês Esprit Auber (1782-1871). / *Carmen*: ópera do compositor francês Georges Bizet (1838-1875). / Borchardt: Hans Hermann Borchardt (1888-1951), amigo de Brecht, tinha sido preso pelos russos quando ensinava em Minsk e deportado para a Alemanha, onde foi parar nos campos de concentração de Mauthausen e Dachau. Graças a Brecht e outros amigos, foi solto e conseguiu chegar aos Estados Unidos.

19. 11. 42 – Gustav Glück e sua mulher também moravam em Santa Monica.

10. 12. 42 – O livro de Léon Trotski, *Über Lenin*, foi publicado pela Neuer Deutsche Verlag em Berlim em 1924. Lênin tinha morrido em janeiro daquele ano. Por essa época Trotski já se posicionara a favor da tese da "revolução permanente", batendo de frente com Stálin. Seu livro, portanto, não teve divulgação alguma na União Soviética.

11. 12. 42 – Herbert Jhering (1888-1977) foi o grande patrono de Brecht entre os críticos de teatro de Berlim antes da era hitlerista. Continuou na Alemanha depois de 1933, mas foi expulso da Câmara de Escritores e impedido de publicar. Em 1942 tornou-se o principal conselheiro literário ou dramatúrgico do Burgtheater de Viena, dirigido por Lothar Müthel. Em 1945 voltou para a Alemanha e ajudou a reerguer os teatros de Berlim Oriental. / Hans Johst (1890– ?): dramaturgo nazista; é de uma de suas peças a famosa tirada: "Quando ouço a palavra cultura, saco do meu revólver."

12. 12. 42 – Ovídio (em latim Publius Ovidius Naso: 43 a.C.– 18 d.C.): poeta latino cuja obra influenciou largamente a poesia do Ocidente. As *Metamorfoses*, os *Fastos*, as *Heróides* e *A arte de amar* são livros muito lidos ainda hoje.

17. 12. 42 – Diktonius: ver B. Brecht, *Diário de trabalho*, vol. 1, 6. 5. 40 e p. 205. / Ludwig Ganghofer (1855-1920): romancista e dramaturgo bávaro, muito popular em sua época.

31. 12. 42 – Os Donath: o ator austríaco Ludwig Donath (1900-1967) e sua mulher, estabelecidos em Hollywood desde a década de 1930.

5. 1. 43 – Os Wendel: alusão a François de Wendel, proprietário de jazidas de minérios, presidente do Comité des Forges e governador do Banco da França. Na verdade, François de Wendel não tinha simpatia pelos nazistas nem por Pétain, embora mostrasse preferência pela velha ordem na França. / Os Pétain: ver B. Brecht, *Diário de trabalho*, vol. 1, 6. 7. 40 e p. 206.

20. 1. 43 – Na entrevista concedida a James K. Lyon (ver *supra*, 27. 6. 42, nota) Lang culpou-se por não ter percebido a deterioração das relações entre Brecht e Wexley. Ao mesmo tempo reconheceu que as exigências de aumento de remuneração por parte de Brecht eram recebidas com hostilidade pelo produtor Pressburger, que se sentia como se estivesse sendo chantageado. Por esse motivo Pressburger se recusou a testemunhar no sindicato dos roteiristas sobre a contribuição de Brecht para o roteiro, embora Lang e Eisler argumentassem que Brecht tinha direito pelo menos ao crédito de co-autor. Os árbitros nomeados pelo sindicato julgaram então favoravelmente a Wexley argumentando (diz Lang) que mais cedo ou mais tarde Brecht voltaria para a Alemanha e podia portanto prescindir do crédito, ao passo que para Wexley ser reconhecido como

único autor era muito importante do ponto de vista profissional. O encontro deles um dia antes foi a última vez que Lang viu Brecht.

12. 2. 43 – Não há neste diário nem nas cartas uma só indicação de que Brecht iria passar três meses em Nova York. Mas segundo James K. Lyon, Brecht tinha escrito em novembro a Ruth Berlau pedindo que lhe conseguisse um convite de Piscator, já que precisava de permissão oficial para fazer a viagem. Piscator não só anuiu como acenou também com a possibilidade de montagem de *A alma boa de Se-Tsuan* na New School, onde ainda poderia fazer uma palestra. Isto aconteceu pouco depois da capitulação do Marechal-de-Campo Friedrich Paulus e do exército alemão em Stalingrado (31 de janeiro de 1943).

16. 2. 43 – Karl Wittfogel (1896-1988): dramaturgo e membro do Partido Comunista Alemão. Em 1920 na Alemanha teve uma de suas peças curtas montadas por Piscator no Teatro Proletário de Berlim. Nos Estados Unidos tornou-se cidadão norte-americano e um zeloso anti-stalinista. Em 1937 publicou o livro *Oriental Despotism*. / Heinz Langerhans fora apresentado a Brecht por Korsch em Berlim. Como Wittfogel, Langerhans estivera num campo de concentração nazista. / Karl Radek (pseudônimo de Karl Bernardovitch Sobelsohn): líder bolchevista. / O pintor de paredes: era assim que Brecht costumava se referir a Hitler.

março, abril, maio 43 – Elizabeth Hauptmann: ver *supra*, 21. 7. 41, nota. / George Grosz: ver *supra*, 21. 8. 42, nota. / Wieland Herzfelde (1896– ?): ver B. Brecht, *Diário de trabalho*, vol. 1, 23. 4. 39. Herzfelde deixara de publicar livros desde que emigrou da Tchecoslováquia em 1939; era dono da livraria Seven Seas Books. / Oskar Maria Graf (1894-1967): um dos colaboradores de Wieland Herzfelde, tinha sido preso após participar do Soviete da Baviera em 1919. Emigrou para Viena em 1934. Em 1938 estava em Nova York, onde era presidente da German-American Writers Association. / Fritz Sternberg: economista conhecido por suas previsões do iminente colapso da Alemanha nazista. / Erna von Pustau: colega de Fritz Sternberg. / Kurt Weill: ver *supra*, 15. 4. 42, nota. / Josef Aufricht (1898-1972): arrendatário do Theater am Schiffbauerdamm de 1928 a 1931, foi o produtor de *A ópera de três vinténs* em Berlim e Paris bem como de outras peças de Brecht. / Lotte Lenya (1900-?) debutou como cantora na estréia de *A ópera de três vinténs* em 1928 em Berlim. / Paul Dessau (1894-1979):

compositor e regente alemão. Nos Estados Unidos desde 1933, em 1942 iniciou com Brecht uma longa colaboração que prosseguiu depois que ambos se estabeleceram em Berlim Oriental em 1948. / Peter Lorre: ver *supra*, 14. 11. 41, nota. / Elisabeth Bergner: ver *supra*, 20. 11. 41, nota. / John Webster (1580-1624): dramaturgo inglês cujas peças, inspiradas em crimes célebres da Renascença italiana, consagraram a chamada "tragédia sangrenta".

27. 5. 43 – *Schweik*: ver B. Brecht, *Diário de trabalho*, vol. 1, 10. 9. 38 e p. 198.

25. 6. 43 – Anacreonte (séc. VI a. C.): poeta lírico grego, autor de hinos, elegias, epigramas e poemas satíricos e jocosos. / Hölderlin: ver B. Brecht, *Diário de trabalho*, vol. 1, 22. 8. 40 e p. 208.

26. 6. 43 – Anna Seghers, pseudônimo de Netty Radvanyi (1900-?): romancista alemã. Filiada ao Partido Comunista Alemão, foi encarcerada pelos nazistas em 1933, mas conseguiu fugir para a França e depois para o México, onde chegou em 1941. Escreveu, entre outros romances, *A revolta dos pescadores* e *A sétima cruz*.

3 a 6. 7. 43 – Nada se sabe a respeito do projeto do filme *The Crouching Venus*.

7. 7. 43 – O livro de A. W. Ward, em três volumes, publicado em 1899, vai até a morte da Rainha Ana.

17. 7. 43 – John Howard Lawson: ver B. Brecht, *Diário de trabalho*, vol. 1, 16. 4. 41 e p. 214. / Gustav Freytag (1816-1895): romancista e historiador alemão que dedicou toda a sua obra à defesa dos direitos da burguesia alemã. / *New Masses*: ver B. Brecht, *Diário de trabalho*, vol. 1, 16. 4. 41 e p. 214. / CIO: ver *supra*, 31. 5. 42, nota. / AFL: American Federation of Labor.

18. 7. 43 – *Horstwessellied*: canção que os nazistas alemães adotaram como segundo hino nacional; letra escrita pelo "mártir" nazista Horst Wessel (1907-1930) para uma melodia tradicional.

19. 7. 43 – O livro de Boris Souvarine, *Staline, aperçu historique du bolchévisme*, foi publicado em Paris em 1935.

20. 7. 43 – William Randolph Hearst (1863-1951): editor norte-americano de jornais e revistas de cunho sensacionalista. Diz-se que a figura de Hearst inspirou a criação do protagonista do filme *Cidadão Kane*. / O Comitê Alemanha Livre foi criado em 12/13 de julho em Krasnogorsk perto de Moscou, onde havia um centro de

reeducação de prisioneiros de guerra alemães. O centro e o comitê foram organizados e dirigidos por intelectuais do Partido Comunista Alemão exilados na URSS. Essas pessoas tinham se distinguido na guerra psicológica da linha de frente do Exército Vermelho e contavam com o apoio dos russos. Muitos oficiais alemães aderiram ao comitê e foram seguidos no ano seguinte pelo próprio marechal-de-campo Paulus. Não havia organização similar nos outros países aliados. / Paul Tillich (1886-1965): teólogo protestante nascido na Alemanha e exilado nos Estados Unidos. Professor na Universidade de Chicago, desempenhou importante papel na criação do Conselho para uma Alemanha Democrática em 1944. / Heinrich Brüning (1885-1970): político alemão, chefe do Centro Católico, foi chanceler da república alemã de 1930 a 1932. Com a vitória de Hitler na Alemanha, exilou-se nos Estados Unidos e em 1943 era professor na Universidade de Harvard.

8. 8. 43 – Robert Gilbert Vansittart (1881-1957) foi o principal conselheiro diplomático do Ministério do Exterior do Reino Unido no período de 1937 a 1941. Francófilo, celebrizou-se por sua recusa a fazer distinção entre o regime de Hitler e o povo alemão.

9. 8. 43 – Pablo Ruiz Picasso (1881-1973): pintor, desenhista, gravador e escultor espanhol que exerceu decisiva influência sobre a evolução da arte do século 20.

14. 8. 43 – Blandine Ebinger (mulher do compositor Friedrich Holländer) era uma cantora de cabaré que Brecht conhecia desde a década de 1920. / Berndt Wilhelm Heinrich von Kleist (1777-1811): poeta trágico alemão, autor de dramas históricos. / O escritor Alfred Döblin se convertera ao catolicismo. / Thomas Mann tinha escrito um artigo intitulado "Irmão Hitler".

30. 8. 43 – O jornalista Hermann Bodzislavski (1901-?) tinha sido colaborador da revista *Weltbühne* de Berlim até 1933, quando fugiu para Praga e se tornou editor da *Neue Weltbühne*. Em 1940 emigrou para os Estados Unidos e lá se tornou assistente de Dorothy Thompson, colunista do *New York Herald-Tribune*, ardorosa defensora de Roosevelt e generosa incentivadora da emigração antinazista. Bodzislavski iria assumir a secretaria do Novo Conselho para uma Alemanha Democrática. Em 1949 Dorothy Thompson escreveria um artigo sobre ele para o *Saturday Evening Post* intitulado "Como fui ludibriada por um comunista".

4. 9. 43 – A "Canção do Moldava" (nome alemão do Vlatva, o rio que banha Praga) iria ser a canção-tema de *Schweik na Segunda Guerra Mundial*.

6. 9. 43 – O senador sueco George Branting havia ajudado os Brecht a se transferirem para a Suécia em 1939 e dali para a Finlândia, onde Hella Wuolijoki passara a cuidar deles. Já na guerra fino-soviética do inverno de 1939/40 ela tentara promover negociações de paz por intermédio de sua amiga Alexandra Kollontai, notável bolchevista da velha guarda que era embaixadora da União Soviética em Estocolmo. Após a viagem dos Brecht para a América e a participação da Finlândia na invasão alemã da URSS, os russos fizeram descer de pára-quedas em território finlandês a filha de uma velha amiga de Wuolijoki com o fim de reatar as negociações através dela. Em razão disso Wuolijoki foi presa e acusada de alta traição. Louis Lochner, veterano jornalista da Associated Press que em 1948 organizou, junto com o jornalista Willi Frischauer, a edição de trechos selecionados dos diários de Goebbels, esteve envolvido na organização do movimento americano para libertá-la, movimento que recebeu a adesão de Brecht; ela mesma escreveu que três ex-ministros do Exterior deram testemunho de sua profunda preocupação pelos interesses da Finlândia. O resultado foi que ela escapou da pena de morte por um voto, mas passou outros dez meses na prisão, além dos oito cumpridos desde que foi detida.

20. 9. 43 – Christopher Isherwood (1904-?): romancista inglês que emigrou para os Estados Unidos no início da Segunda Guerra Mundial e chegou à Califórnia em 1940. Traduziu para o inglês as canções da *Ópera de três vinténs*. Seus romances passados em Berlim foram transformados por John van Druten numa peça de teatro intitulada *I am a Camera,* que mais tarde se transmudou no musical *Cabaret* e no filme do mesmo nome.

27. 9. 43 – *Scratch the bottom*: é presumível que Brecht quisesse dizer "*scrape the bottom of the barrel*", i.e., buscar os últimos recursos.

30. 9. 43 – Borchardt: ver *supra,* 16. 11. 42, nota. / Franz Werfel (ver *supra*, 21. 4. 42, nota) escreveu o prefácio do romance de Borchardt.

2. 10. 43 – Renoir: o cineasta Jean Renoir. Ver também B. Brecht, *Diário de trabalho*, vol. 1, 26. 1. 40 e p. 240. / Nápoles foi tomada pelos Aliados em 30 de setembro.

10. 10. 43 – Robert Walser (1878-1956): romancista suíço, considerado precursor e parente espiritual de Kafka, que era um leitor assíduo de suas obras.

16. 10. 43 – A polêmica é provavelmente aquela que teve curso no periódico moscovita *Literaturnyi kritik* acerca do "realismo socialista" proclamado de maneira meio vaga no Primeiro Congresso de Escritores Soviéticos de 1934 e mais tarde discutido exaustivamente num encontro realizado na Casa dos Escritores Soviéticos em março de 1936. Conforme estudiosos da literatura soviética, Isaac Nusinov, do Instituto de Professores Vermelhos, argumentava que o novo dogma só podia ser implementado por escritores de origem proletária; Mikhail Lifschitz, aliado de Lukács no Instituto Marx-Engels-Lênin, atacou essa "sociologia vulgar", como a denominou. Posicionando-se a favor da "herança cultural" e do populismo (ou acessibilidade a um público de massa), pregou o abandono do "formalismo, do naturalismo e da bobagem esquerdista radical". Sua postura foi apoiada pelo *Pravda* num editorial de 8 de agosto de 1936, que deu origem à condenação dessas características de todas as artes de vanguarda, primeiro por parte do que Brecht chamava a "panelinha de Moscou", formada por exilados alemães e húngaros, e mais tarde pela direita do partido no mundo inteiro. / Aleksei Tolstói (1883-1945): escritor soviético, autor do romance *O caminho do sofrimento*, retrato da vida dos intelectuais russos durante a revolução soviética, e de romances históricos como *Ivan o Terrível.*

1. 11. 43 – A montagem de Max Reinhardt da *Peça de sonho* do dramaturgo sueco August Strindberg, com Werner Kraus e Helene e Hermann Thimig, estreou em 13 de dezembro de 1921.

10. 11. 43 – Becher: ver *supra*, 22. 8. 42, nota. / *Götz von Berlichingen* é um drama em prosa escrito por Goethe em 1773, inspirado nas estórias de cavalaria da Idade Média.

11. 11. 43 – O historiador Golo Mann, filho do romancista Thomas Mann, reagiu a esta e a outras críticas de Brecht publicando no semanário *Die Zeit* de Hamburgo um artigo em que negou a existência dos "4-5 carros". Disse também que desde que o contrato de Heinrich Mann com a Warner Brothers expirou (no outono de 1941), ele vinha recebendo do irmão uma ajuda de no mínimo US$150 mensais e assegurou que era simplesmente insensata a idéia de deixá-lo morrer de inanição. / Friedrich Ebert (1871-1925):

estadista alemão. Presidente do Partido Socialista, tornou-se em 1919 o primeiro presidente da República Alemã.

7. 1. 44 – O Partido Comunista Americano se dissolveu durante seu 12º Congresso. Isto ocorreu semanas depois da Conferência de Teerã, realizada de 28 de novembro a 1º de dezembro de 1943, em que pela primeira vez se reuniram os três principais chefes de Estado aliados na Segunda Guerra Mundial – Churchill, Roosevelt e Stalin – com a finalidade de debater a abertura de uma "segunda frente" na Europa Ocidental.

Meados de novembro de 43 a meados de março de 44 – Brecht viajou de trem no dia 15 de novembro, e desta vez ficou em Nova York treze semanas. Parece que a primeira tarefa era revisar *A Duquesa de Amalfi* com Hofmann Hays para atender às exigências de Elisabeth Bergner (ela e o marido estavam então no Oriente). Hays, porém, largou a tarefa quando soube que o poeta W.H. Auden fora convidado a colaborar. Embora Brecht continuasse a trabalhar esporadicamente no apartamento da atriz, parece que Auden nunca esteve de fato envolvido no projeto. Por outro lado, a revisão não foi concluída nem a produção estava encaminhada. / Budzislavski: ver *supra*, 30. 8. 43, nota. / Tillich: ver *supra*, 20. 7. 42, nota. / *Nossa cidade*: ver *supra*, 22. 8. 42, nota. / Paul Robeson (1898-?): ator e cantor negro americano, atuante desde a década de 1920 no teatro e a partir de 1933 no cinema. / Luise Rainer (1910-?): atriz austríaca, que em 1935 fez sua estréia no cinema americano. Era casada com o dramaturgo Clifford Odets. / Em fevereiro Brecht recebeu a notícia de que Feuchtwanger vendera os direitos de filmagem de seu romance *Simone*, baseada na peça *Simone Machard*, escrita em colaboração com Brecht. Generosamente Feuchtwanger propôs dividir os US$50.000 da venda entre ele mesmo, Brecht e Ruth Berlau (que fora incluída no contrato da peça). A condição era que, sem permissão da MGM, não houvesse montagem da peça pelos próximos três anos e meio. Mas o filme nunca foi feito.

6. 4. 44 – A estréia de *Galileu* ocorrera – também em Zurique – em 9 de setembro de 1943, e o "me é dado compreender" de Brecht deve referir-se a resenhas suíças como a de Bernard Diebold que deu o que na opinão de Brecht era a interpretação errada.

29. 4. 44 – Brecht conheceu pessoalmente o ator inglês Charles Laughton (1899-1962) na casa de Salka Viertel logo depois de vol-

tar de Nova York. Laughton e a mulher, a atriz inglesa Elsa Lanchester, possuíam uma casa na vizinhança, em Pacific Palisades. / *Medida por medida* e *A tempestade*: peças de William Shakespeare. Próspero e Caliban: personagens de *A tempestade*.

8. 5. 44 – Azdak: personagem da peça de Brecht, *O círculo de giz caucasiano*. A fonte da peça foi um conto do próprio Brecht intitulado "O círculo de giz de Augsburg". O primeiro texto da peça ficou pronto em 5 de junho, mas houve mais duas versões, uma concluída no início de setembro e a outra pouco antes do fim do ano.

28. 5. 44 – Moss Hart (1904-1961): dramaturgo, produtor teatral e roteirista americano, muito atuante em Hollywood nas décadas de 1930 e 1940.

6. 6. 44 – Partindo de solo inglês, dez divisões – cinco norte-americanas, três britânicas e duas canadenses – atravessam o Canal da Mancha, desembarcam na costa da Normandia e estabelecem uma cabeça-de-ponte no solo da França ocupada pelos exércitos de Hitler. A progressão das tropas aliadas permite a abertura da tão esperada segunda frente que iria enfraquecer à resistência alemã e abreviar a duração da guerra.

15. 6. 44 – Pieter Breughel ou Bruegel (1525-1569), conhecido como Breughel ou Bruegel o Velho: pintor flamengo em cuja obra ganham especial relevo as cenas e paisagens de sua terra natal e os quadros de cunho moralista e satírico.

20. 6. 44 – Trata-se dos epigramas da cartilha de guerra (*Kriegsfibel*) mencionada em 18. 10. 42. Após a morte de Brecht, Hans Eisler musicaria quinze *Bilder aus der Kriegsfibel* para solistas, coro masculino, instrumentos de sopro, percussão e contrabaixo. Vinte e oito, acompanhados por projeções das imagens correspondentes, passaram a constituir a segunda seção da cantata *Deutsches Miserere* de Paul Dessau.

25. 6. 44 – O São Francisco de Hollywood: possível alusão sarcástica a Franz Werfel (ver *supra*, 21. 4. 42, nota), cujo romance sobre Lourdes, *A canção de Bernadete*, tornou o autor mundialmente conhecido. A peça *Jacobowsky e o coronel*, que Werfel escreveu nos Estados Unidos, foi adaptada para a Broadway pelo comediógrafo americano S. N. Behrman, que depois disso passou a figurar (nas inúmeras montagens da peça em língua inglesa) como o principal autor.

21. 7. 44 – No dia anterior o Coronel von Stauffenberg tinha feito sua malograda tentativa de mandar pelos ares Hitler e seu quartel-general prussiano. / Suas SA: tropas de assalto; ver B. Brecht, *Diário de trabalho,* vol. 1, 22. 7. 38 e p. 195. / Herrenklub: ver *supra*, 17.10.42, nota. / Nesta altura os soviéticos avançavam sobre a Polônia e tomaram Brest-Litovsk no dia 28.

30. 7. 44 – *Lear*: a peça de Shakespeare, *Rei Lear*. / O compositor Paul Dessau (1894-1975), alemão refugiado nos Estados Unidos desde 1933, se mudara para a Costa Oeste logo depois do encontro com Brecht em Nova York no ano anterior, encontro que marcou o início de uma colaboração que se estenderia pelo resto da vida de Brecht, complementando e não apenas substituindo as de Kurt Weill e Hanns Eisler, que, ao contrário de Dessau, não sofria com a escassez de encomendas de composição. Dessau trabalhava parte do tempo como jardineiro.

Julho 44 – Otto Klemperer (1885-1973): compositor e regente polonês que emigrou para os Estados Unidos em 1933 e assumiu a direção da orquestra de Los Angeles.

14. 8. 44 – O Sétimo Exército dos Estados Unidos avançava em território francês, deixando para trás a cabeça-de-ponte da Normandia. Um dia depois o Sexto Exército desembarcaria no sul da França. / O cabo: alusão a Hitler que no fim da Primeira Guerra Mundial chegou ao posto de cabo do exército alemão; ver *supra*, 8. 10. 41, nota.

15. 8. 44 – As SS: *S*chutz*s*taffel, tropas paramilitares da Alemanha hitlerista que no decurso do regime nazista suplantaram as SA, que eram mais antigas.

16. 8. 44 – Edward Steuernann: ver *supra*, 27. 10. 41, nota.

20. 8. 44 – André Gide: ver B. Brecht, *Diário de Trabalho*, vol. 1, 18. 8. 38 e p. 198. A primeira edição, limitada, de *O imoralista* apareceu em 1902.

24. 8. 44 – Com sua adesão ao Eixo Roma-Berlim-Tóquio, em novembro de 1940, a Romênia subordinou sua economia ao esforço de guerra da Alemanha, situação que perdurou até 23 de agosto de 1944 quando uma insurreição armada em Bucarest levou à cessação das hostilidades contra a União Soviética e ao fim do estado de guerra com os Aliados. / A queda de Paris se deu em 25 de agos-

to e no dia seguinte a guarnição alemã da cidade se rendeu ao General Leclerc.

3. 9. 44 – Ruth: Ruth Berlau. Este registro se refere ao nascimento prematuro do filho de Brecht, Michel, que teve pouco tempo de vida. Ao sair da maternidade, Ruth Berlau hospedou-se na casa de Salka Viertel em Santa Monica e só voltaria para Nova York em 31 de março de 1945.

5. 9. 44 – Arthur Waley: notável tradutor inglês, especialista em línguas e literaturas orientais, autor do livro *A Hundred and Seventy Chinese Poems,* publicado em Londres em 1918.

10. 9. 44 – Sobre o plano de escrever uma vida de Confúcio, ver B. Brecht, vol. 1, 11. 11. 40, 25. 12. 40, 14. 1. 41 e p. 211. / Rosa Luxemburg (1871-1919): socialista alemã nascida na Polônia de pais judeus. Doutora em economia política, foi um dos líderes da social-democracia alemã. Contrária à guerra de 1914, esteve presa de 1915 a 1918. Na prisão fundou o grupo Spartakus, cuja ação revolucionária produziu a insurreição spartakista, no curso da qual foi fuzilada por grupos de extrema-direita. Estudiosa da economia capitalista, publicou em 1913 *A acumulação do capital.*

18. 9. 44 – Texto do telegrama: Roubado preciso trinta cinco hoje tornozelo torcido quanto ao mais tudo bem = Stefan.

20. 9. 44 – Bruno Bettelheim, psicanalista austríaco, uns cinco anos mais moço do que Brecht, chegara aos Estados Unidos em 1939 após deixar um campo de concentração nazista. Em 1944 lecionava na Universidade de Chicago. / Borchardt: ver *supra,* 16. 11. 42, nota.

26. 9. 44 – Preston Sturges (pseudônimo de Edmond P. Biden, 1898-1959): dramaturgo, roteirista e diretor de cinema americano, célebre pelas comédias que dirigiu na década de 1940; em 1944 rodou três filmes: *Papai por acaso*, *Herói de mentira* e *Triunfo sobre a dor.*

5. 10. 44 – Em 1935, por ocasião das leis de Nuremberg que codificaram o anti-semitismo nazista, Brecht escreveu a "Balada de Marie Sanders, a puta do judeu", que Hanns Eisler logo musicou para voz e pequena orquestra. O projeto de ópera não parece ter ido além de seis páginas manuscritas que se encontram no Arquivo Brecht.

18. 10. 44 – *Maquis:* denominação dada aos franceses engajados na resistência armada à ocupação alemã na Segunda Guerra Mundial.

/ Charles De Gaulle (1890-1970): militar e estadista francês. General de brigada durante a batalha da França (maio de 1940), subsecretário da Defesa nacional no gabinete Reynaud, recusa o armistício com a Alemanha nazista e lança de Londres, a 18 de junho, um apelo à resistência. Persistente em seu propósito de não pactuar com o inimigo, não demora a ser reconhecido como o líder da França livre. Em 1943 cria em Argel o Comitê francês de libertação nacional, embrião do governo provisório da República francesa que se instala na França em agosto de 1944 sob sua presidência. Partidário do regime presidencialista, demite-se em janeiro de 1946. No ano seguinte funda um partido político, o Rassemblement du Peuple Français (RPF) e retira-se da vida pública em 1953 para se consagrar à redação de suas memórias de guerra. Em maio de 1958 retorna ao poder em meio à crise gerada pela guerra de independência da Argélia, até então colônia francesa, e consegue aprovar uma nova constituição de caráter presidencialista. Em 1959, já como Presidente da V República, empenha-se em resolver o litígio argelino e por fim, em 1962, reconhece a independência da Argélia. Reeleito em 1965, promove uma política exterior independente num período marcado pelo confronto entre EUA e URSS. Em abril de 1969 deixa o poder após ser derrotado num referendo popular sobre regionalização e reforma do Senado. / Comité des Forges: ver *supra*, 5. 1. 43, nota. / Novo Munique: referência ao pacto firmado em Munique em 30 de setembro de 1938 por Hitler, Mussolini, Edouard Daladier, primeiro-ministro da França, e Arthur Neville Chamberlain, primeiro-ministro da Inglaterra. Ao reconhecer a incorporação da região dos sudetos, na Tchecoslováquia, à Alemanha, o acordo acabou servindo aos desígnios de Hitler de ocupar toda a Tchecoslováquia.

19. 10. 44 – *José*: Brecht se refere à tetralogia bíblica de Thomas Mann: *José e seus irmãos*, *O jovem José*, *José no Egito* e *José o provedor*.

Outubro 44 – O romance de Anna Seghers (ver *supra*, 26. 6. 43, nota), *A sétima cruz*, foi filmado para a Metro-Goldwyn-Mayer pelo diretor Fred Zinnemann, austríaco emigrado nos Estados Unidos desde 1929, que contou com outro emigrado, Karl Freund, na direção de fotografia. Spencer Tracy fez o personagem central Georg Heisler; Granach e Felix Bressart obtiveram papéis de coadjuvantes; Helene Weigel, num pequeno papel mudo, teve sua única atuação no cinema em cinco anos em Los Angeles.

22. 10. 44 – Scholem Asch (1880-1957): escritor judeu, nascido na Polônia. Ainda que escrevendo em ídiche, impôs-se à atenção de leitores do mundo inteiro. Seu primeiro sucesso foi no teatro com a peça *O Deus da vingança*. Seus romances mais lidos são *A aldeia*, *Motke o ladrão* e *O nazareno*. / Heine: ver *Diário de trabalho*, vol. 1, 22. 8. 40 e pp. 207 e 208. / Schönberg: ver *supra*, 9. 5. 42, nota. / Einstein: ver *supra*, 26. 10. 41, nota. / Sigmund Freud (1856-1939): neurologista e psiquiatra judeu austríaco, fundador da psicanálise; autor de *A interpretação dos sonhos*, *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, *Totem e tabu*, *Mal-estar na civilização*, entre muitos outros. / Sergei Mikhailovitch Eisenstein (1898-1948): cineasta soviético, extraordinário realizador de *A greve*, *O encouraçado Potemkin*, *Outubro*, *Ivan o Terrível* e grande teórico do cinema, autor de livros indispensáveis como *O sentido do filme* e *A forma do filme*. / Meyerhold: ver B. Brecht, *Diário de trabalho*, vol. 1, janeiro 39 e p. 200. / Döblin: ver *supra*, 25. 10. 41, nota. / Weigel: ver Helli, *supra*, 20. 11. 41, nota.

29. 10. 44 – Frischauer: ver *supra*, 6. 9. 43, nota.

6. 11. 44 – Brecht e Eisler parecem ter trabalhado no projeto da ópera *Golias* durante boa parte do tempo que passaram juntos na primavera e no verão de 1937 na Dinamarca. Dos quatro atos planejados supõe-se que um estava pronto. O material existente no Arquivo Brecht monta a cerca de 150 páginas, salpicadas de indícios de interferência de Margaret Steffin. Os dois colaboradores não parecem ter retomado o trabalho depois que Eisler viajou para Praga em outubro. No início do ano seguinte Eisler emigrou para os Estados Unidos. / Igor Stravinski (1882-1971): compositor russo e um dos músicos mais influentes da primeira metade do século 20. Entre 1910 e 1913 colabora com os Ballets Russes de Diaghilev, para os quais compõe *O pássaro de fogo*, *Petrouchka* e *A sagração da primavera*. Daí por diante sua trajetória é assinalada por fases que se estendem do neoclassicismo ao dodecafonismo. / Béla Bartók (1881-1945): compositor e pianista húngaro, cuja obra representa um raro equilíbrio entre a exploração das várias vertentes do modernismo internacional e a prospecção da música popular húngara, com resultados sempre fascinantes, como testemunham a *Cantata profana*, a *Música para cordas, percussão e celesta*, a *Sonata para dois pianos e percussão* e o *Concerto para orquestra*.

7. 11. 44 – Franklin Delano Roosevelt é eleito por ampla maioria para o quarto mandato consecutivo de presidente dos Estados Unidos, derrotando o candidato do Partido Republicano Thomas E. Dewey. / Pascal: Ernest Pascal, produtor de teatro e cinema. / Groucho Marx (1895-1977): o mais moço dos Irmãos Marx (os outros eram Chico (1891-1961) e Harpo (1893-1964). Oriundos do *vaudeville*, os irmãos chegaram a Hollywood após sucesso na Broadway. Brilharam em filmes das décadas de 1930 e 40, burlescos e delirantes: *Os gênios da pelota, Diabo a quatro, Uma noite na ópera* e outros.

28. 11. 44 – Arthur Waley: ver *supra*, 5. 9. 44, nota.

29. 11. 44 – Po Chü-i: Resignação / Não penses que não tens sorte / Podes ainda vibrar por muito tempo / Não recordes o que passou / Recordar é lamentar. / Melhor sentar dias a fio / Feito um saco na tua cadeira / Melhor deitar à noite feito uma pedra / Imóvel na tua almofada. / É a comida? Mete na boca! / É o sono? Fecha os olhos! Abanca-te na carroça, transporte é com o matungo; / Para isso ele deve servir. / Afasta teu pensamento de tudo que está feito e acabado / Pois pensar no passado causa pesar e dor / Afasta teu pensamento de tudo que vem e pode não vir / Pois pensar no futuro gera inquietação. / Melhor ficar sentado o dia todo feito um saco na tua cadeira / Melhor deitar à noite feito uma pedra na tua cama. / Quando vier a comida, abre então a boca / Quando o sono chegar, fecha então os olhos.

30. 11. 44 – O chapéu dado ao poeta por Li Chien / Há muito muito tempo, a um senhor encanecido / deste de presente um chapéu preto. / O chapéu ainda está na minha cabeça / Mas tu já chegaste às "fontes inferiores". / O objeto envelheceu, mas ainda tem serventia; / O homem vai embora e não volta nunca mais. / Lá fora a lua banha o morro esta noite / E o vento do outono estremece as árvores sobre a tua cova.

12. 12. 44 – Vichy: alusão ao governo de Vichy, i.e., o governo estabelecido na cidade de Vichy e chefiado pelo marechal Pétain de 1940 a 1944, período da ocupação da França pelos exércitos de Hitler. / René Clair (1898-1981): cineasta francês, realizador de filmes memoráveis como *História de um chapéu de palha, Sob os tetos de Paris, A nós a liberdade, O silêncio é de ouro* e *As grandes manobras.*

20. 12. 44 – Parcas: na mitologia latina três divindades do destino: Cloto, Láquesis e Átropos. Cloto tecia os fios da vida, Láquesis decidia da extensão de cada fio e Átropos cortava o fio.

22. 12. 44 – O levante popular de Varsóvia foi chefiado pelo General Bor-Komarowski, que contava com o apoio do governo polonês no exílio em Londres. Iniciado em 1º de agosto, o levante durou 63 dias, sendo esmagado pelas tropas de ocupação nazistas, que ainda arrasaram a capital polonesa. / Na Grécia formava-se um conflito entre comunistas e outros elementos da Resistência, e os russos haviam reconhecido que a responsabilidade de lidar com esse problema era da Grã-Bretanha.

19. 1. 45 – O encontro com Sidney Hillmann, líder sindical ligado ao CIO (ver *supra*, 31. 5. 42, nota) relacionava-se com a formação de uma confederação sindical internacional no pós-guerra. / PAC: Political Action Committee. / Konrad Heiden, socialista suíço, havia publicado uma biografia de Hitler que era muito lida.

28. 1. 45 – Brecht depositava esperanças no encontro do Exército Vermelho com os mineiros da Silésia. Como Breslau (que se tornaria Wroclaw), a área seria anexada à Polônia.

11. 2. 45 – *Manifesto*: o *Manifesto comunista* de Marx e Engels (fevereiro de 1848). Brecht começava então a versificar esse texto em hexâmetros alemães, seguindo o modelo do épico filosófico do poeta latino Lucrécio *Sobre a natureza das coisas* (c. 55 a.C.).

4. 3. 45 – Muni: Paul Muni, pseudônimo de Muni Weisenfreund (1896-1967): ator americano que se distinguiu no cinema ao viver os protagonistas dos filmes biográficos dirigidos por William Dieterle (*A história de Louis Pasteur*, *A vida de Emile Zola*, *Juarez*) na década de 1930. A imitação feita por Chaplin é de Muni no papel do mentor de Chopin em *À noite sonhamos* (1944). Seguramente o filme planejado por Chaplin é *Monsieur Verdoux*, realizado em 1947.

20. 3. 45 – Proudhonismo: doutrina do teórico socialista francês Pierre Joseph Proudhon (1809-1865), autor de *Que é a propriedade?* (1840) e *Sistema das contradições econômicas ou Filosofia da miséria* (1846), que Marx refutou no livro *Miséria da filosofia* (1847).

12. 4. 45 – Mohandas Karamchand Gandhi, chamado Mahatma ("a Grande Alma") (1869-1948): filósofo e estadista indiano. Ao mesmo tempo que pauta sua ação política pelo princípio da resistência

passiva e da não-violência, incentiva a não-cooperação com os britânicos, prega o boicote e organiza greves. Preso várias vezes, faz em 1932 uma greve de fome que chama a atenção do mundo para a causa da independência da Índia, que só seria vitoriosa em 1947. Em 1948 Gandhi é assassinado por um fanático hindu em meio à luta que se seguiu à divisão do subcontinente indiano entre Índia e Paquistão.

fim de abril de 45 – *Master Race* é o título da versão, para a época da guerra, de *Terror e miséria do Terceiro Reich* (ver *supra*, 20. 6. 42).

8. 5. 45 – Em conseqüência da morte de Franklin Delano Roosevelt aos 63 anos em 12 de abril, assume a presidência dos Estados Unidos o vice-presidente Harry S. Truman (1884-1972). O Exército Vermelho havia tomado Berlim e Viena (onde instalou um governo provisório chefiado pelo socialista Karl Renner); Hitler e Goebbels se tinham suicidado. Mussolini fora morto pelos italianos e o comandante-chefe da SS na Itália se rendera. Restava aos generais dos exércitos da Alemanha nazista na Europa a capitulação incondicional.

12. 5. 45 – O projeto do filme sobre Dr. Ley não teve prosseguimento. Quanto ao outro filme Brecht escreveu a história "Os dois filhos", que em 1969 virou parte do filme de episódios *Em nosso tempo*, dirigido por Helmuth Nitzschke (com Felicitas Ritsch e Ekkehard Schall; Narradora: Helene Weigel).

meados de maio de 1945 – Sob o título de "Epistel an die Augsburger" (Epístola aos augsburgenses) o poema consta das *Gesammelte Werke*, 10, p. 933. Fazia mais de doze anos que Brecht não ia à sua cidade natal.

junho a meados de julho [45] – O entusiasmo de Brecht pela estrela do teatro americano Laurette Taylor (1884-1946) baseava-se na atuação dela na peça *The Glass Menagerie* de Tennessee Williams (1911-1983). / Um dos "dois editores" era Reynal & Hitchcock, que publicaria em 1947 uma edição bilíngüe de *Selected Poems* traduzidos por Hofmann Hays; o outro era New Directions, que já publicara *The Private Life of the Master Race*, contendo importante ensaio introdutório de Eric Bentley sobre o autor.

3. 8. 45 – Enquanto se desenrolava em Potsdam a Conferência dos Aliados vitoriosos (RU, EUA, URSS), que estiveram reunidos de 17 de julho a 2 de agosto, o Partido Trabalhista venceu as eleições

gerais britânicas. Os conservadores Winston Churchill e Anthony Eden foram substituídos respectivamente por Clement Atlee, primeiro-ministro, e Ernest Bevin, ministro do Exterior. A questão do futuro governo alemão não foi solucionada, mas como o governo polonês de Varsóvia acabava de ser reconhecido, houve acordo a respeito das fronteiras polaco-germânicas: Pomerânia e Silésia passavam para a Polônia e a Prússia Oriental ficava com os russos. As reparações germânicas devidas à URSS e à Polônia viriam da zona de ocupação soviética, mais 25% do capital industrial excedente que viriam do resto da Alemanha. / Moabita: um distrito proletário no centro-oeste de Berlim, ao norte do Tiergarten (Jardim Zoológico).

10. 9. 45 – A primeira bomba atômica foi lançada sobre Hiroshima em 6 de agosto. A segunda, sobre Nagasaki, em 9 de agosto. A URSS declarou guerra ao Japão e no dia 14 o Japão se rendeu, encerrando assim a Segunda Guerra Mundial.

20. 9. 45 – A estória destinada ao cinema era *All Our Yesterdays*, transposição do entrecho de *Macbeth* para os matadouros de Chicago, com um Duncan que lembra Puntilla e um detetive chamado Inspetor Duffy. Os vinte e cinco episódios do texto inglês constam de *Texte für Filme II*, com tradução alemã (não de Brecht); indiscutivelmente foi escrita por Ferdinand Reyher. O papel de Machacek, "um magarefe ligeiramente supersticioso", destinava-se a Peter Lorre, que parece ter participado do projeto no início, embora seu nome como um dos autores tenha sido suprimido. Parece ter havido negociações com a Columbia e sinais de interesse da parte do diretor Lewis Milestone, mas só isso.

25. 9. 45 – *A ópera de três vinténs*, dirigida por Karl Heinz Martin, abriu a primeira temporada do pós-guerra no Hebbel-Theater de Berlim no setor americano. Parece que o próprio Brecht não tinha sido consultado; e foi ele quem tentou suspender a representação, escrevendo para o American Theatre Officer e o diretor Martin nesse sentido. Mas a peça ainda era apresentada em janeiro, não havendo registro de interdição.

2. 10. 45 – Trata-se de um projeto antigo. O catálogo do Arquivo Brecht lista quatro páginas de breves apontamentos.

15. 10. 45 – De Gaulle: ver *supra*, 18. 10. 44, nota. / Pierre Laval: ver B. Brecht, *Diário de trabalho*, vol. 1, 16. 7. 40 e p. 207.

20. 11. 45 – O poeta e crítico literário norte-americano Ezra Pound (1885-1972), primeiro nome da vanguarda literária de língua inglesa, vivia na Itália desde 1924 e apoiava o regime fascista de Mussolini. Julgado por traição por um tribunal americano, foi recolhido a um manicômio onde passou 13 anos. / Stefan George: ver B. Brecht, *Diário de trabalho*, vol. 1, 22. 8. 40 e p. 208. / Rudyard Kipling, ver B. Brecht, *Diário de trabalho*, vol. 1, 3. 8. 38 e p. 197. / D'Annunzio: ver *supra*, 18. 7. 42, nota.

1. 12. 45 – Morton Wirtele, amigo dos Brecht em Santa Monica, seria nomeado professor de meteorologia na Universidade da Califórnia em Los Angeles (UCLA). / Albert Brush, jovem poeta amigo de Charles Laughton, colaborou na elaboração dos versos da tradução da peça para o inglês.

5. 1. 46 – William Joyce ("Lord Haw-Haw") fazia transmissões radiofônicas da Alemanha para os britânicos. Ele e John Amery foram executados como traidores.

20. 2. 47 – *Sonntag* era o semanário da Kulturbund, ou Liga da Cultura, da qual Johannes R. Becher era presidente. O jornal e a Liga tinham sede no setor soviético de Berlim. O objetivo da Liga era atrair todas as facções dos quatro setores, mas no outono seguinte ela seria impedida de operar no setor ocidental. O nacionalismo de Becher concordava com a nova linha do Partido da Unidade Socialista sobre a reunificação da Alemanha, a que se opunham as potências ocidentais. / Martim ou Martinho Lutero (1483-1546): teólogo alemão. Monge agostiniano, notável pregador e preletor da Sagrada Escritura, devoto e zeloso, escandaliza-se com o secularismo da Igreja de Roma e investe contra o que chama de "tráfico de indulgências" (doação de grandes somas para obras pias em troca da remissão total ou parcial dos pecados do doador) praticado pela alta hierarquia do clero católico. Exortado a se retratar, recusa-se, queima a bula pontificial em praça pública e é excomungado (1520). Inicia assim um grande movimento religioso que irá consagrá-lo como o maior impulsionador da Reforma protestante. Lutero é também um escritor poderoso. Seus textos e sobretudo sua tradução da Bíblia o colocam entre os primeiros grandes prosadores do alemão moderno. / O caçador de ratos: alusão ao flautista de Hamelin, i.e., à lenda do forasteiro que com uma flauta dotada de mágicos poderes livra a cidade de Hamelin, na Baixa Saxônia, Alemanha, de uma praga de ratos e que, por não receber o paga-

mento ajustado com o prefeito e o conselho municipal, enfeitiça com sua flauta todas as crianças da cidade e some com elas.

20. 3. 47 – Shelley: ver B. Brecht, *Diário de trabalho*, vol. 1, 16. 8. 38 e p. 197.

24. 3. 47 – A partir do Congresso de Escritores Soviéticos de 1934 Andrei A. Zhdanov (1896-1948), braço direito de Stálin e chefe do partido em Leningrado, passou a ditar a política nas artes da União Soviética. / Aleksandr F. Kerenski (1881-1970): político russo. Ligado aos trabalhistas do Partido Social-Revolucionário, foi um dos líderes da revolução de fevereiro de 1917. Em julho assumiu a chefia do governo mas foi deposto durante a revolução de outubro comandada por Lênin. Conseguiu fugir, exilou-se na França, depois no Reino Unido e em 1940 nos Estados Unidos onde permaneceu até morrer. / Ilia Ehrenburg (1891-1967): jornalista e escritor soviético. Estreou como romancista em 1921 com o livro *Julio Jurenito*, a que se seguiram romances e contos destinados a mostrar o lado positivo da vida soviética, o que lhe valeu ter sido duas vezes agraciado com o prêmio Stálin de literatura. Mesmo assim foi dos primeiros a publicar um romance anti-stalinista, *O degelo*. Depois disso dedicou-se às suas memórias, hoje consideradas sua obra principal. / Vladimir Maiakovski (1893-1930): apontado como o maior poeta russo moderno, participou inicialmente do grupo cubo-futurista. Em 1920 começou a praticar uma poesia de propaganda revolucionária, dois anos depois fundou a revista *Lef* (*Liévi Front [Frente de esquerda]*) e passou a viajar pelo país, fazendo conferências e lendo seus poemas para grandes auditórios populares. Viajou também pelo mundo: Espanha, México, Estados Unidos. Posicionando-se muito à frente de seu tempo como revolucionário e como poeta, sofreu incompreensões e ataques, que o levaram ao suicídio aos 37 anos. / Nikolai Gógol (1809-1852): escritor russo, autor do romance *Almas mortas* e das novelas *Taras Bulba*, *O capote* e *O nariz*. / Dudow: ver B. Brecht, *Diário de trabalho*, vol. 1, 15. 8. 38 e p. 197. / *Tempestade sobre a Ásia*, filme dirigido por Vsevolod I. Pudovkin (1893-1953) na União Soviética em 1928.

27. 3. 47 – André Malraux (1901-1976): escritor e homem público francês, autor dos romances *A condição humana* e *A esperança*, entre outros. Lutou na Guerra Civil Espanhola (1936-1939) do lado dos republicanos e foi Ministro da Cultura da França de 1959 a 1969.

Fascinado pelo cinema, escreveu em 1939 um importante ensaio sobre o tema: *Esquisse d'une psychologie du cinéma.*

15. 9. 47 – O *Livro alemão de Stanislavski*, compilado e publicado sob os auspícios das autoridades soviéticas, seria a bíblia do realismo socialista no teatro da Alemanha Oriental. Maxim Vallentin havia dirigido um grupo de agitação e propaganda na Ucrânia antes dos expurgos na União Soviética, foi preso em 1937 e passou a guerra na URSS. Com Gaillard e Otto Lang fundou em Weimar uma nova escola de teatro que depois se transformou no "Instituto pró-Renovação Metódica do Teatro Alemão". Em 1952 iria assumir a direção do novo Teatro Maxim Gorki em Berlim Oriental. Sobre Stanislavski ver ainda B. Brecht, *Diário de trabalho*, vol. 1, 12.9.38 e p. 198. / Ernst Mach (1838-1916): físico e filósofo austríaco. Suas experiências na área da física o convenceram de que o observador/experimentador é um dependente dos órgãos dos sentidos. Isto o levou a proclamar o relativismo do conhecimento científico.

30. 10. 47 – Em 1947, na vigência da "guerra fria" (expressão cunhada pelo governo americano para indicar o esforço no sentido de conter a expansão da URSS), Hollywood foi invadida pela Comissão de Atividades Antiamericanas (*Un-American Activities Committee)*, chefiada pelo senador Joseph McCarthy, à cata de indícios e provas da influência comunista na indústria cinematográfica. Roteiristas, diretores, técnicos e atores foram objeto de perseguições; muitos foram despedidos dos empregos, ou tiveram os nomes incluídos em listas negras, outros viram-se obrigados a sair do país e alguns foram constrangidos a delatar colegas de trabalho. / Joseph Losey (1909-1984) e Hambleton foram respectivamente diretor e produtor de *Galileu,* cuja estréia se daria em Nova York em 9 de dezembro. Passada a caça às bruxas promovida pelo macarthismo, Losey viajou para a Grã-Bretanha, onde se estabeleceu e retomou sua carreira de cineasta.

1. 11. 47 – Donald Ogden Stewart (1894-?) Dramaturgo e roteirista americano. Ganhou um Oscar com o roteiro de *The Philadelphia Story* (*Núpcias de escândalo*), filme dirigido por George Cukor (1940). Ele e a mulher australiana Ella Winter eram vizinhos dos Viertel em Santa Monica até serem alvo das inquirições da Comissão de Atividades Antiamericanas. Emigraram para a Inglaterra. Estavam entre os poucos amigos íntimos não alemães dos Brecht. / Anna Seghers: ver *supra*, 26. 6. 43, nota.

3. 11. 47 – Jean-Louis Barrault (1910-?), ator de teatro e cinema e encenador francês. Famoso também fora da França por sua atuação no filme *Les enfants du paradis* (*O Boulevard do Crime)*, dirigido em 1944 por Marcel Carné, administrava o Théâtre Marigny com Madeleine Renaud, sua mulher. / Kafka: ver *supra*, 3. 4. 42, nota. / Gide: ver B. Brecht, *Diário de trabalho*, vol. 1, 18. 8. 38 e pp. 198 e 199.

4. 11. 47 – Anna Seghers se exilou na França em 1933 e lá ficou até fugir para o México em 1940, onde escreveu seus principais romances. Também tomou parte no debate de Moscou sobre o "realismo", como testemunha sua correspondência com o amigo Lukács, na qual reclamava maior tolerância.

5. 11. 47 – Brecht tinha escrito a seu velho amigo em abril de 1946 na esperança de contar com ele para a cenografia de *Galileu* na montagem de Nova York. Na ocasião Neher se encontrava em Zurique, onde dividia com Teo Otto a função de principal cenógrafo do Zurich Schauspiellhaus, para o qual já havia feito o cenário da segunda produção de *Mãe Coragem*. Em janeiro de 1947 realizara a cenografia para a montagem em Basiléia de *Terror e miséria do Terceiro Reich*, para cujas cenas tinha feito algumas projeções memoráveis. Também fazia parte de um novo triunvirato (com o diretor Oskar Fritz Schuh e o compositor Gottfried von Einem) que visava reviver os Festivais de Salzburgo. Nesse meio tempo Brecht confiava que lhe ofereceriam o uso do velho Theater am Schiffbauerdamm em Berlim para "certas coisas". A partir dessa noite ele e Neher se encontrariam diariamente até o fim do mês. Imeditamente entrou em contato com Wälterlin e Hirschfeld do Schauspielhaus (onde *Mãe Coragem*, *A alma boa de Se-Tsuan* e a primeira versão de *Galileu* tiveram sua *première* mundial) e conheceu outros autores como Zuckmayer, Erich Kästner e o arquiteto Max Frisch.

Este livro foi impresso na Editora JPA Ltda.,
Av. Brasil, 10.600 – Rio de Janeiro – RJ,
para a Editora Rocco Ltda.